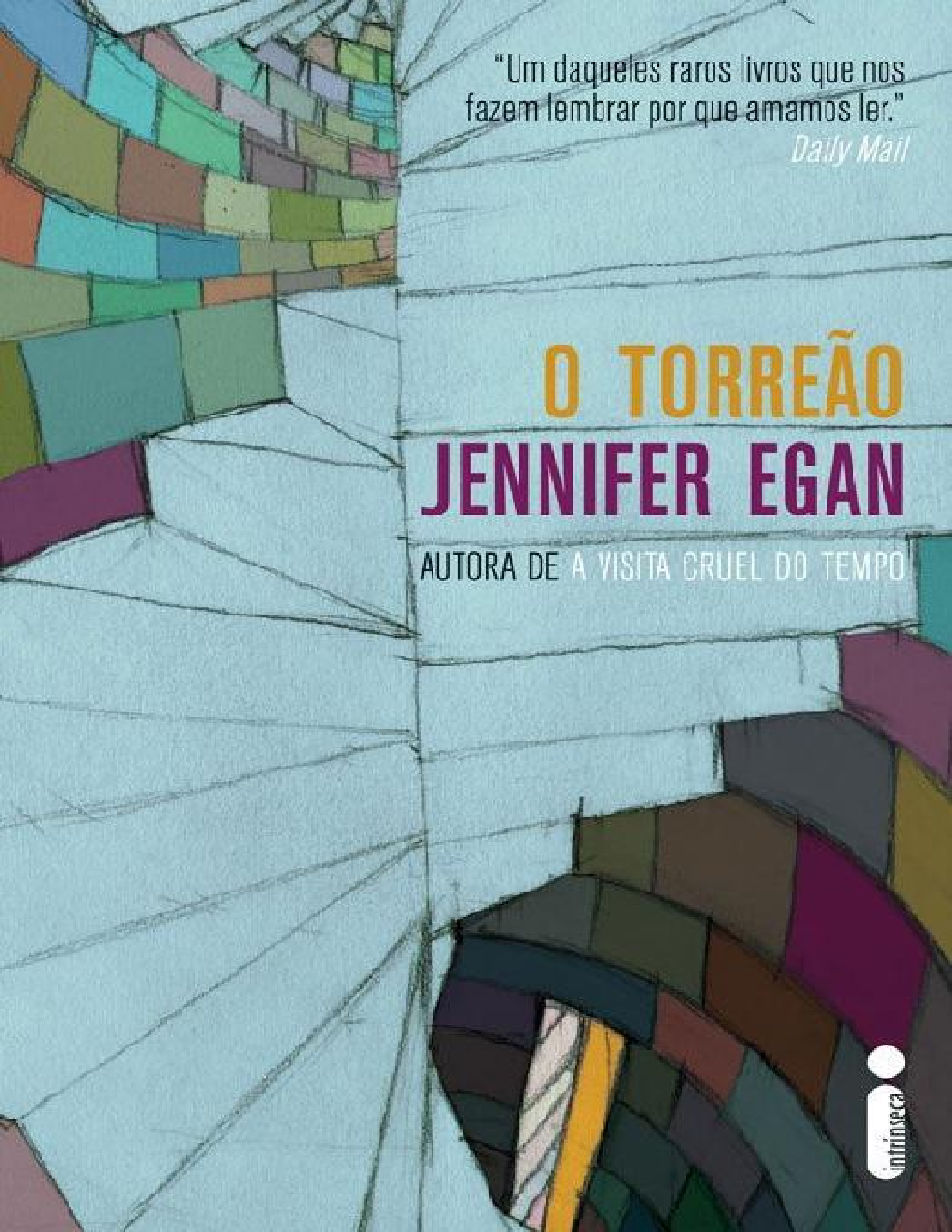




"Um daqueles raros livros que nos
fazem lembrar por que amamos ler."

Daily Mail

O TORREÃO

JENNIFER EGAN

AUTORA DE A VISITA CRUEL DO TEMPO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Entrar no torreão não
era nada óbvio. Embaixo, não havia
porta nenhuma — só uma estreita escada
de pedra que envolvia a edificação
pelo lado de fora, sem corrimão.

“Um romance experimental envolto em veludo gótico, com passos cuidadosamente calculados como num *thriller* clássico.”

The Seattle Times

“DESLUMBRANTE.”

People Magazine

“Envolvente, perspicaz e muitas vezes engraçado, tão fluido que nos faz ter a sensação de afundar na vida dos personagens estranha e lindamente desenhados.”

USA Today

“Os acontecimentos narrados são tão impressionantes e provocativos, o humor tão irônico, o prazer de ler tão intenso, que o leitor se sente impelido a começar o livro novamente, num impulso que é recompensado. Egan é magistral ao escrever uma história sutil e misteriosa. Satiricamente sublime.”

Chicago Tribune

“Um romance tão ousado como *O torreão* nos faz pensar sobre uma das mais complexas formas de mistério: o mistério da percepção, aquela fronteira incerta onde realidade e imaginação se encontram. Um suspense irresistível, que nos mostra como é viver fora de categorias e existir em situações irrealis, em sonhos e nas experiências dos outros.”

Los Angeles Times

“O livro inteiro é surpreendente, mas não nos damos conta do quanto até chegar ao final.”

The Philadelphia Inquirer

“SE O JOSEPH K., DE KAFKA, E A ALICE, DE LEWISS CARROLL, TIVESSEM UM FILHO, ELE PROVAVELMENTE SERIA O DANNY, DE JENNIFER EGAN. NÃO IMPORTA QUANTOS SÍMBOLOS OU TRAMAS MALUCAS EGAN EQUI-LIBRE, ELA MANTÉM A AÇÃO E A IRONIA MORDAZ DA HISTÓRIA.”

The Boston Globe

“Inteligente, intenso e extremamente intuitivo.”

The New York Observer

O TORREÃO

JENNIFER EGAN

TRADUÇÃO DE RUBENS FIGUEIREDO



Copyright © 2006 Jennifer Egan

TÍTULO ORIGINAL
The Keep

PREPARAÇÃO
Julia Sobral

REVISÃO
Taís Monteiro
Bruno Fiuza

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-196-7

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-050 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Para os meninos
Manu e Raoul

AGRADECIMENTOS

Meus mais fortes agradecimentos àqueles que me ouviram, leram, tranquilizaram, abrigaram, inspiraram, informaram e ajudaram de algum outro modo enquanto eu trabalhava neste livro: David Herskovits, Amanda Urban, Jennifer Smith, Jordan Pavlin, Lisa Fugurd, Kay Kimpton, Don Lee, Monica Adler, David Rosenstock, Genevieve Field, Ruth Danon, Elizabeth Tippens, Peggy Reed, Julie Mars, David Hogan, Alexander Busansky e o Dorothy and Lewis B. Cullman Center for Scholars and Writers da Biblioteca Pública de Nova York.

PARTE UM

CAPÍTULO UM

O castelo estava caindo aos pedaços, mas às duas da madrugada, sob um luar inútil, Danny não conseguia ver isso. O que via parecia sólido como o diabo: duas torres redondas com um arco entre elas e, na frente desse arco, um portão de ferro que dava a impressão de não ser aberto havia trezentos anos, ou quem sabe nunca o tivessem feito.

Danny jamais tinha estado num castelo, nunca visitara aquela parte do mundo, mas algo naquilo tudo lhe era familiar. Ele parecia ter uma lembrança muito antiga daquele lugar, não exatamente como se já tivesse estado ali, mas como se tivesse sonhado ou lido num livro. No topo das torres havia aqueles dentes quadrados que as crianças põem nos castelos quando os desenham. O ar estava frio, enfumaçado, como se o outono já houvesse chegado, embora fossem meados de agosto e as pessoas em Nova York se vestissem com roupas leves. As árvores estavam perdendo as folhas — Danny sentia como elas pousavam em seu cabelo e ouvia seu estalo embaixo das botas. Estava procurando uma campainha na porta, uma aldraba, uma luz: algum jeito de entrar ali, ou ao menos um jeito de achar o caminho para entrar. Estava ficando pessimista.

Danny esperara duas horas numa pequena cidade melancólica no fundo de um vale pelo ônibus que o levaria àquele castelo, um ônibus que parecia que não ia chegar nunca, até que ele levantou a cabeça e avistou sua forma negra contra o céu. Depois, começou a caminhar, puxando sua mala Samsonite e sua antena parabólica por uns três quilômetros morro acima, com as minúsculas rodinhas da mala se agarrando em pedras, raízes e tocas de coelho. O fato de ele mancar também não ajudava. A viagem toda tinha sido daquele jeito: uma chatice depois da outra, começando com o avião que ia

partir de madrugada do aeroporto Kennedy, que foi rebocado para um local descampado após uma ameaça de bomba, rodeado por caminhões com luzes vermelhas que piscavam e por mangueiras gigantescas, o que foi reconfortante, até as pessoas perceberem que o trabalho de todos eles era garantir que a bola de fogo só incinerasse os pobres babacas que já estavam a bordo do avião. Assim, Danny perdera sua conexão para Praga e o trem para o maldito lugar onde estava agora, alguma cidade de nome meio alemão, mas que parecia não ficar na Alemanha. Nem em qualquer outro lugar, na verdade — Danny não conseguia encontrá-la nem na internet, embora não tivesse certeza da grafia. Ao falar ao telefone com seu primo Howie, que era dono do castelo e pagara as despesas da viagem de Danny para que ele ajudasse na reforma, tentou definir alguns detalhes.

Danny: Até agora ainda não saquei — seu hotel fica na Áustria, na Alemanha ou na República Tcheca?

Howie: Para dizer a verdade, nem eu mesmo tenho certeza. Essas fronteiras vivem deslizando para lá e para cá.

Danny (pensando): *É mesmo?*

Howie: Mas, lembre, ainda não é um hotel. Neste momento, não passa de um velho...

A ligação caiu. Quando Danny tentou ligar de novo, não conseguiu.

Mas suas passagens chegaram na semana seguinte (o carimbo postal estava borrado) — avião, trem, ônibus — e, vendo que estava desempregado e que tinha de cair fora de Nova York bem depressa por causa de um mal-entendido no restaurante onde trabalhara, ser pago para ir a algum lugar — qualquer lugar, até a maldita Lua — não era algo que Danny pudesse recusar.

Ele estava quinze horas atrasado.

Deixou sua Samsonite e sua antena parabólica no portão e deu a volta na torre esquerda (Danny fazia questão de ir para a esquerda quando tinha essa opção, só porque a maioria das pessoas ia para a direita). Um muro fazia uma curva a partir da torre e seguia para dentro da mata, e Danny acompanhou esse muro até que a mata se fechou em torno dele. Andava às cegas. Ouvia asas batendo e patinhas correndo e, à medida que caminhava, as árvores

iam ficando cada vez mais próximas do muro, até que finalmente ele precisou se espremer entre elas, com medo de ficar perdido caso deixasse de ter contato com o muro. E então aconteceu uma coisa boa: as árvores pressionaram o muro, romperam a parede e ofereceram a Danny um caminho para subir e entrar.

Aquilo não foi fácil. O muro tinha seis metros de altura, era chapiscado, friável, atravancado por troncos de árvore esmagados no meio da alvenaria, e Danny tinha um joelho problemático por causa de um ferimento relacionado ao mal-entendido no trabalho. Além do mais, suas botas não eram exatamente feitas para escaladas — eram botas urbanas, da moda, a meio caminho entre o bico fino e o quadrado —, eram botas da sorte, ou ao menos assim pensara Danny, muito tempo atrás, quando as comprara. Estavam precisando de solas novas. Escorregavam até no concreto plano da cidade, por isso a imagem de Danny rastejando e subindo aos trancos e barrancos os seis metros do muro meio desmoronado não era uma coisa que ele gostaria de ver transmitida na televisão. Mas afinal conseguiu, ofegante, suando, arrastando a perna dolorida, e se içou para cima de uma espécie de passarela que corria no alto do muro. Sacudiu a poeira das calças e ficou de pé.

Era uma dessas visões que fazem a gente se sentir Deus por um segundo. Os muros do castelo pareciam de prata sob o luar, estendiam-se morro acima com seu incerto formato oval, do tamanho de um campo de futebol americano. Havia torres redondas a cada cinquenta metros, mais ou menos. Abaixo de Danny, dentro dos muros, tudo estava preto — puro, como um lago ou o espaço sideral. Ele sentia a curva do vasto céu acima da cabeça, repleto de nuvens purpúreas esfarrapadas. O castelo propriamente dito estava lá atrás, onde Danny havia começado seu caminho: um aglomerado de edificações e torres amontoadas. Mas a torre mais alta se erguia à parte, estreita e quadrada, com uma luz vermelha brilhando em uma janela no topo.

Olhar para baixo fez alguma coisa funcionar melhor para Danny. Quando chegou a Nova York, ele e os amigos tentaram achar um nome para o relacionamento que almejavam estabelecer entre eles e o Universo. Mas a língua inglesa se revelou escassa: *perspectiva*, *visão*, *conhecimento*, *sabedoria* — aquelas palavras eram todas

pesadas demais ou leves demais. Assim, Danny e seus amigos inventaram um nome: *alto*. O verdadeiro *alto* agia de duas maneiras: você via, mas também podia *ser visto*, você conhecia e era conhecido. Reconhecimento de mão dupla. Parado em cima do muro do castelo, Danny sentiu-se *alto* — a palavra ainda estava em sua cabeça depois de tantos anos, muito embora os amigos já tivessem ido havia muito tempo. Provavelmente, já eram adultos.

Danny gostaria de ter trazido sua antena parabólica para o alto daquele muro. Estava bastante impaciente para fazer umas ligações — parecia uma necessidade primitiva, como uma ânsia para rir, espirrar ou comer. Ficou tão desconcentrado que escorregou muro abaixo e voltou pelo caminho que acabara de fazer, entre as árvores espremidas, e a terra e o musgo se avolumaram embaixo de suas unhas um tanto compridas. Mas na hora em que conseguiu voltar ao portão, seu *alto* tinha sumido e tudo o que Danny sentia era cansaço. Deixou a antena parabólica dentro da caixa e achou um local plano ao pé de uma árvore para se deitar. Fez uma pilha de folhas. Danny já tinha dormido ao ar livre algumas vezes, quando a situação ficou feia em Nova York, mas isso era totalmente diferente. Tirou seu casaco de veludo, virou-o pelo avesso, enrolou-o em forma de travesseiro e o colocou ao pé da árvore. Deitou-se sobre as folhas, de barriga para cima, e cruzou os braços sobre o peito. Mais folhas estavam caindo. Danny observou-as rodopiando, rodando contra o fundo formado pelos galhos meio pelados e pelas nuvens púrpura, e sentiu os olhos começarem a rolar para trás, para dentro da cabeça. Estava tentando encontrar algumas frases engraçadas para dizer a Howie...

Como: *Ei, cara, seu tapete de entrada está precisando de um trato.*

Ou então: *Você está me pagando para eu estar aqui, mas imagino que não vai querer pagar seus hóspedes.*

Ou talvez: *Acredite em mim, uma iluminação externa vai mudar sua vida.*

... só para ter o que dizer no caso de surgir um silêncio. Danny estava nervoso de reencontrar seu primo depois de tanto tempo. Não conseguia imaginar adulto o Howie que ele conhecera quando menino — com aquele formato de pera, típico de gordura de

menina, que a gente vê em certos meninos, grandes pneus transbordando da parte de trás de seu jeans. Pele suada e pálida e um bocado de cabelo preto em volta do rosto. Aos sete ou oito anos, Danny e Howie inventaram uma brincadeira que jogavam toda vez que se encontravam nos feriados e nos piqueniques de família. Chamava-se Zeus Terminal e tinha um herói (Zeus) e também monstros, missões, fugas, viagens de avião, homens maus, bolas de fogo e perseguições em alta velocidade. Podiam brincar em qualquer lugar, desde uma garagem até um barco velho, ou embaixo de uma mesa de jantar na sala, usando qualquer coisa que encontrassem: canudos, penas, pratos de papel, embalagens de doces, fios de lã, selos, velas, grampos, o que você quisesse. Howie era quem criava a maior parte do jogo. Fechava os olhos como se estivesse vendo um filme por trás das pálpebras, um filme que ele queria que Danny visse também: Muito bem, então Zeus dispara Balas Incandescentes nos inimigos, o que faz a pele deles brilhar, e assim Zeus pode ver os inimigos no meio das árvores e então — bum! — lança os inimigos com Cordas Elétricas Atordoantes!

Às vezes obrigava Danny a conduzir a narração — Agora você fala: como era o calabouço de tortura submarino? — e Danny começava a inventar: pedras, algas, cestos cheios de globos oculares humanos. Mergulhava tão fundo na brincadeira que até esquecia quem ele mesmo era e, quando seus pais diziam Está na hora de ir para casa, o choque de ser arrancado dali tão brutalmente levava Danny a se jogar no chão aos pés deles e implorar mais meia hora, *por favor!* Mais vinte minutos, dez, cinco, *por favor*, só mais um minuto, *por favor, por favor, por favor!* Desesperado por ser arrancado do mundo que ele e Howie tinham criado.

Os outros primos achavam que Howie era um esquisito, um fracassado, ainda por cima era filho adotivo, e tratavam de manter certa distância: sobretudo Rafe, que nem era o primo mais velho, mas era aquele a quem todo mundo obedecia. É muita bondade sua brincar com Howie, dizia a mãe de Danny. Pelo que sei, ele não tem muitos amigos. Mas Danny não estava tentando ser bonzinho. Ele se importava com o que os outros primos pensavam, mas nada podia se comparar à diversão de Zeus Terminal.

Quando eram adolescentes, Howie mudou — *do dia para a noite*, foi o que todo mundo disse. Teve uma *experiência traumática*, sua doçura se esvaiu e ele se tornou volúvel, ansioso, sempre balançando um pé e resmungando baixinho a letra de alguma música do King Crimson. Levava consigo um caderninho, mesmo no Dia de Ação de Graças o caderninho estava lá no seu colo com um guardanapo por cima para impedir os respingos do molho. Howie fazia riscos naquele caderno com um lápis fino e suado, enquanto olhava em volta para diversos membros da família como se estivesse tentando decidir como e quando teriam de morrer. Mas ninguém nunca prestava muita atenção em Howie. E, depois da mudança, do *incidente traumático*, Danny passou a fingir que não prestava atenção nele.

É claro que falavam sobre Howie quando ele não estava presente, ah, é claro. Os problemas de Howie eram um dos temas prediletos da família e, por trás do movimento das cabeças que balançavam e dos *ah, como isso é triste*, dava para perceber a alegria por dentro querendo sair, porque afinal não é verdade que toda família adora ter à mão uma pessoa que fez tantas merdas inacreditáveis que todos os outros se sentem cidadãos exemplares em comparação com ela? Se Danny fechasse os olhos e escutasse com toda a atenção, ainda conseguia captar alguns daqueles murmúrios de tanto tempo atrás, como se fosse uma estação de rádio que mal se ouve: *o problema de Howie drogas soube que ele foi preso um rapaz tão feioso desculpe mas será que May não poderia obrigar Howie a fazer uma dieta ele é um adolescente não é mais do que isso eu tenho adolescentes você tem adolescentes eu culpo Norm por ter insistido na adoção nunca se sabe o que a gente está pegando tudo depende dos genes é o que andam descobrindo tem gente que é má ou não é má mas a gente até sabe que não é exatamente má mas justamente, é isso mesmo: problema.*

Danny às vezes tinha uma sensação esquisita quando entreouvia aquelas conversas ao entrar em casa e sua mãe estava falando ao telefone com uma de suas tias a respeito de Howie. O barro nas chuteiras depois de ganhar um jogo, sua namorada Shannon Shank, que tinha os melhores peitos da equipe de animadoras de torcida e talvez da escola inteira, sempre pronta para

pagar um boquete no quarto dele, porque ela fazia isso toda vez que ele ganhava, e graças a Deus ele ganhava bastante. *Oi, mãe.* Aquele quadrado de azul-arroxeadado, quase noite do lado de fora da janela da cozinha. Merda, Danny sofria ao se lembrar dessas coisas, o cheiro do ensopado de atum da mãe. Ele gostava de ouvir aquelas coisas sobre Howie porque o faziam lembrar quem *ele* era, Danny King, *ummeninotãobom*, era o que todo mundo dizia e o que todo mundo sempre dissera, mas mesmo assim Danny gostava de ouvir aquilo de novo, saber daquilo de novo. Não se cansava de ouvir.

Aquela era a memória número um. Danny meio que se afundou naquela lembrança, deitado embaixo da árvore, mas logo seu corpo inteiro ficou tenso, a tal ponto que ele não conseguiu mais ficar deitado. Levantou-se, sacudi os gravetos que haviam ficado grudados na calça e ficou irritado porque não gostava de se lembrar das coisas. *Andar para trás*, era como Danny via aquilo, e já era um desperdício de recursos preciosos em qualquer lugar e a qualquer momento, mas num lugar para onde passara vinte e quatro horas tentando escapar era simplesmente ridículo demais.

Danny sacudi seu casaco, jogou-o por cima dos braços e começou a caminhar outra vez, depressa. Dessa vez, foi para a direita. A princípio, só havia floresta à sua volta, mas as árvores começaram a rarear e a ladeira embaixo de seus pés tornou-se mais íngreme, até que Danny teve de andar com a perna ruim arqueada, o que fazia disparar estilhaços de dor de seu joelho até a virilha. E depois o morro descia bruscamente como se alguém o tivesse cortado com uma faca e Danny se viu parado na beira de um penhasco com o muro do castelo a prumo bem na beiradinha, e assim o muro e o penhasco formavam uma única linha vertical apontada para cima, na direção do céu. Danny parou abruptamente e olhou pela beirada do penhasco. Lá embaixo, bem lá para baixo: árvores, negras e cerradas, com umas luzes amontoadas no meio, no que devia ser a cidade onde ele havia esperado pelo ônibus.

Alto: ele estava no meio de um fim de mundo desgraçado. Era uma coisa radical e Danny gostava de coisas radicais. Elas o distraíam.

Se eu fosse você, providenciava um depósito em dinheiro vivo, antes de pedir às pessoas que saiam por aí explorando cavernas.

Danny inclinou a cabeça para trás. Nuvens tinham sobrepujado as estrelas. O muro parecia mais alto desse lado do castelo. Fazia uma curva para dentro e depois de novo para fora, rumo ao topo, e a cada tantos metros havia um vão estreito um pouco acima da cabeça de Danny. Ele parou e observou melhor uma daquelas aberturas — fendas verticais e horizontais em forma de cruz — e nas centenas de anos desde que aquelas fendas haviam sido abertas, a chuva e a neve e o que mais vocês imaginarem deviam ter aberto um pouco mais aquela ali. Por falar em chuva, uma leve garoa começava a cair, pouco mais forte do que uma neblina, mas o cabelo de Danny fazia uma coisa esquisita quando ficava molhado, uma coisa que ele não conseguia consertar sem seu secador de cabelo e sem uma espécie de creme que estava guardado na Samsonite, e ele não queria que Howie visse aquela coisa esquisita. Queria sair de debaixo daquela merda de chuva. Então Danny se agarrou a uns pedaços quebrados na parede e usou seu pé grande e seus dedos ossudos para subir até a fenda. Enfiou a cabeça no vão para ver se cabia e coube, com um pouquinho só de espaço de sobra, em que mal cabiam os ombros, a parte mais larga de seu corpo, que ele girou e deslizou para dentro, como se enfiasse uma chave numa fechadura. O resto foi fácil. Um homem adulto médio teria de tomar uma pílula de encolhimento para passar por aquele buraco, mas Danny tinha um corpo alto, mas também flexível, adaptável, que podia ser enrolado feito um chiclete, e depois desenrolado. E foi o que aconteceu dessa vez: ele se desembrulhou em um monte suado sobre um piso úmido de pedra.

Estava numa espécie de porão muito antigo, sem luz nenhuma, e com um cheiro do qual Danny não gostou: cheiro de caverna. Um teto baixo bateu na sua testa algumas vezes e então ele tentou andar com os joelhos dobrados, mas aquilo fazia seu joelho ruim doer demais. Ficou parado e se ergueu bem devagar, enquanto ouvia sons de pequenas criaturas correndo, e sentiu uma pontada de medo nas entranhas, como se alguém torcesse um pano sujo. Em seguida se lembrou: em seu chaveiro havia uma pequena lanterna, dos tempos em que frequentava boates — ao iluminar os

olhos de alguém com a lanterna podia ver se a pessoa estava drogada de ecstasy, heroína ou cetamina. Danny acendeu a lanterninha e apontou o pequeno facho para a escuridão: paredes de pedra, pedra escorregadia sob os pés. Movimento pelas paredes. A respiração de Danny tornou-se rápida e superficial, e então ele tentou desacelerá-la. O medo era perigoso. Deixava entrar o *verme*: mais uma palavra que Danny e seus amigos tinham inventado muitos anos antes, fumando baseado, cheirando carreiras de cocaína e se perguntando como chamar aquele negócio que acontecia com as pessoas quando elas perdiam a confiança e ficavam falsas, esquisitas, ansiosas. Seria a *paranoia*? Baixa *autoestima*? *Insegurança*? *Pânico*? Aquelas palavras eram todas rasas demais. Porém o *verme*, que foi a palavra que acabaram escolhendo, era tridimensional: rastejava para dentro das pessoas e começava a comer, até que tudo vinha abaixo, a vida deles por completo, e elas acabavam ficando tensas, ou voltando para a casa dos pais, ou sendo internadas no hospital Bellevue ou, no caso de uma garota que todos eles conheciam, pulando do alto da ponte de Manhattan.

Estava andando para trás outra vez. E aquilo não estava ajudando em nada, só servia para piorar as coisas.

Danny pegou seu celular e o abriu. Ele não tinha cobertura internacional, mas o telefone acendeu, procurando o sinal, e só de ver aquilo Danny se acalmou um pouco, como se o telefone tivesse poderes especiais — como se fosse um Estabilizador de Campo de Força remanescente do Zeus Terminal. De fato, ele não estava conectado a ninguém naquele exato momento, mas de maneira geral estava tão conectado que sua conectividade o transportava através dos tempos de seca em túneis de metrô ou em certas construções profundas, quando ele não conseguia de fato ligar para ninguém. Ele tinha trezentos e quatro nomes de usuários de mensagens instantâneas e uma lista de cento e oitenta amigos. E por isso havia alugado uma antena parabólica para aquela viagem — uma chatice de se carregar, um pesadelo para a segurança do aeroporto, mas que garantia não só o funcionamento do telefone celular como também o acesso à internet sem fio em qualquer lugar do planeta Terra. Danny precisava daquilo. Seu cérebro se recusava

a ficar trancado na câmara de eco de sua cabeça — ela se derramava, transbordava e se despejava mundo afora, até tocar mil pessoas que nada tinham a ver com Danny. Quando seu cérebro não tinha a possibilidade de fazer isso, se Danny o mantivesse trancado dentro do próprio crânio, uma pressão começava a se formar e a crescer.

Ele recomeçou a andar, segurando o telefone com uma das mãos, enquanto a outra ficava erguida à frente, no ar, então ele saberia quando se abaixar. O lugar parecia uma masmorra, exceto pelo fato de Danny se lembrar de alguma forma que as masmorras nos velhos castelos costumavam ficar na torre — talvez fosse aquela coisa quadrada e alta que ele tinha visto do muro, com a luz vermelha bem lá em cima: a masmorra. O mais provável é que aquele lugar tivesse sido uma galeria de esgoto.

Se quer saber minha opinião, acho que a Mãe Terra bem que podia usar um enxaguante bucal.

Mas essa não era uma fala de Danny, era de Howie. Ele estava adentrando a memória número dois, e é melhor eu dizer logo isso para vocês de maneira direta, porque eu não sei como poderia levar o sujeito a entrar e sair de todas essas lembranças suavemente, de forma que ninguém perceba todo esse entra e sai. Rafe entrou primeiro com a lanterna, depois foi Howie. Danny foi por último. Todos estavam bem bêbados, Howie porque seus primos o tinham escolhido para escapulir do piquenique com eles, Danny porque não havia emoção maior no mundo do que ser cúmplice de Rafe num crime, e Rafe — bem, o negócio maravilhoso no Rafe era que nunca se sabia por que ele fazia alguma coisa.

Vamos mostrar a caverna para Howie.

Rafe tinha dito aquilo bem baixo, olhando de lado para Danny, por entre aqueles cílios compridos que ele tinha. E Danny foi em frente, sabendo que dali iam sair mais coisas.

Howie tropeçava no escuro. Trazia um caderno preso embaixo do cotovelo. Fazia mais de um ano que eles não brincavam de Zeus Terminal. O jogo foi interrompido sem conversas — numa noite de Natal, Danny simplesmente evitou Howie e saiu com outros primos. Howie tentou se aproximar algumas vezes, chamar a atenção de Danny, mas desistiu sem grande dificuldade.

Danny: Esse caderno está atrapalhando seu equilíbrio, Howie.

Howie: Eu sei, mas preciso dele.

Precisa por quê?

Para quando eu tiver uma ideia.

Rafe se virou e apontou o facho da lanterna bem para a cara de Howie. Ele fechou os olhos.

Rafe: Do que você está falando? Que história é essa de ter uma ideia?

Howie: Para *Dungeons and Dragons*, masmorras e dragões, o jogo de RPG. Eu sou o senhor da masmorra.

Rafe desviou o facho da lanterna. Com quem você joga?

Meus amigos.

Danny sentiu-se um pouco chocado ao ouvir aquilo. *Dungeons and Dragons*. Ele tinha uma espécie de memória corporal de Zeus Terminal, a sensação de se dissolver naquele jogo. E descobriu que o jogo não tinha parado. Havia continuado sem ele.

Rafe: Tem certeza de que tem amigos, Howie?

Você não é meu amigo, Rafe? E depois Howie riu e todos riram. Ele estava fazendo uma piada.

Rafe: Esse moleque é bem engraçado, na verdade.

O que fez Danny se perguntar se aquilo poderia bastar — o fato de estarem na caverna bloqueada por tábuas, um lugar onde ninguém tinha permissão de entrar. E se não acontecer mais nada? Danny desejou isso com toda sua força.

A caverna se organizava da seguinte maneira: primeiro um grande salão redondo com uma pontinha de luz do dia, depois uma abertura pela qual a pessoa tinha de se curvar para passar e chegar a outro salão que era escuro, e depois um buraco por onde a pessoa rastejava para entrar no salão número três, onde ficava a piscina natural. Danny não tinha a menor ideia do que havia além dali.

Todos ficaram calados quando viram a piscina: um verde leitoso, esbranquiçado, que captava o facho de luz da lanterna de Rafe e rabiscava com ele as paredes. Devia ter uns dois metros de largura e era transparente, profunda.

Howie: Merda, gente. Que merda. Abriu seu caderninho e anotou alguma coisa.

Danny: Você trouxe um lápis?

Howie levantou o lápis. Era um desses pequenos lápis verdes que dão para as pessoas no *country club* para que elas assinem a conta. Ele disse: Antigamente eu trazia uma caneta, mas sempre acabava vazando na minha calça.

Rafe deu uma grande gargalhada e Howie riu também, mas depois parou, porque talvez ele não devesse rir tanto quanto Rafe.

Danny: O que você escreveu?

Howie olhou para ele: Por quê?

Sei lá. Fiquei curioso.

Escrevi *piscina verde*.

Rafe: E você chama isso de ideia?

Ficaram calados. Danny sentiu uma pressão aumentando dentro da caverna, como se alguém tivesse feito uma pergunta para ele e já estivesse ficando de saco cheio de esperar a resposta. Rafe. Pois bem: perguntar por que o primo mais velho de Danny tinha tanto poder sobre ele é o mesmo que perguntar por que o sol brilha ou por que o capim cresce. Existem pessoas que são capazes de levar as outras a fazerem certas coisas, só isso. Às vezes nem precisam pedir. Às vezes nem precisam saber o que querem que os outros façam.

Danny foi até a beira da piscina. Howie, disse ele, tem uma coisa brilhando lá no fundo. Está vendo?

Howie se aproximou e olhou. Não.

Lá, olhe, lá embaixo.

Danny se agachou junto à piscina e Howie também, oscilando na ponta dos pés grandes.

Danny pôs a mão nas costas do primo. Sentiu a maciez de Howie, como ele era quente através da camisa. Talvez Danny nunca tivesse tocado no primo antes, ou quem sabe foi só o fato de descobrir naquele momento que Howie era uma pessoa que tinha um cérebro e um coração, as mesmas coisas que Danny tinha. Howie apertou seu caderno debaixo do braço. Danny viu as páginas tremendo e entendeu que o primo estava com medo — Howie sentia o perigo à sua volta. Talvez tivesse conhecimento desde o início. Mas virou o rosto para Danny com uma expressão de confiança total, como se soubesse que Danny iria protegê-lo. Como se os dois

se compreendessem mutuamente. Aconteceu mais depressa do que estou fazendo parecer: Howie olhou para Danny e Danny fechou os olhos e empurrou-o dentro da piscina. Mas mesmo assim está lento demais: Olhar. Fechar. Empurrar.

Ou só *empurrar*.

Houve o peso dos braços e das pernas de Howie, que se debatiam e tentavam se agarrar, mas nenhum barulho que Danny conseguisse recordar, nem mesmo o som da água espirrando. Howie deve ter gritado, mas Danny não ouviu nem um pio, só o barulho que ele e Rafe fizeram quando escapuliram dali e correram feito loucos, enquanto o facho da lanterna de Rafe produzia um efeito estroboscópico nas paredes e os dois saíram voando da caverna, dando de cara com uma lufada de ar quente, desceram os dois morros grandes e voltaram para o piquenique (onde ninguém notara a falta deles), Danny sentindo uma espécie de anel em volta dele e de Rafe, um anel luminoso que os mantinha unidos. Não disseram nenhuma palavra sobre o que tinham feito até algumas horas depois, quando o piquenique já estava terminando.

Danny: Merda. Onde diabo ele se meteu?

Rafe: Pode estar bem embaixo da gente.

Danny olhou para o capim. Como assim? Bem embaixo da gente?

Rafe estava rindo. Estou querendo dizer que a gente não sabe para que lado ele foi.

Na hora em que todo mundo começou a se afastar à procura de Howie, alguma coisa rastejou de forma sorrateira para dentro do cérebro de Danny e ele começou a pensar nos desenhos que aqueles túneis formavam, em todos os caminhos por onde Howie podia ter ido cada vez mais fundo nas cavernas, embaixo dos morros. O estado de espírito geral era de calma. Howie tinha se perdido por aí, era o que todo mundo parecia pensar — ele era gordo, era esquisito, não tinha nenhum vínculo de sangue com a família, e ninguém estava culpando Danny de nada. Mas a tia May parecia mais apavorada do que qualquer outro adulto que Danny já vira na vida, tinha a mão no pescoço como se soubesse que havia perdido seu menino, seu único filho, e, ao ver a que ponto as coisas tinham chegado, Danny ficou ainda mais amedrontado de dizer

aquilo que ele sabia que tinha de dizer — *A gente fez uma brincadeira com ele, eu e Rafe; deixamos Howie lá dentro das cavernas* —, porque aquele punhado de palavras mudaria tudo: todo mundo ia saber o que ele tinha feito e Rafe ia saber que ele tinha contado e daí para a frente a mente de Danny ficava vazia. Então ele esperou mais um segundo antes de abrir a boca, e depois mais um segundo, mais um, e outro mais, e cada segundo que esperava parecia enfiar uma coisa pontuda mais fundo em Danny. Aí, ficou escuro. Seu pai colocou a mão na cabeça de Danny (*ummeninotãobom*) e disse Já tem muita gente procurando, meu filho. Você tem um jogo amanhã.

Voltando para casa, Danny não conseguia se aquecer. Puxava os cobertores velhos por cima do corpo e segurava o cachorro no colo, mas os dentes batiam com tanta força que a irmã chegou a reclamar do barulho e sua mãe disse Parece que você está ficando gripado, meu anjo. Quando a gente chegar em casa, vou preparar um banho de banheira bem quente para você.

* * *

Danny voltou sozinho para as cavernas algumas vezes depois disso. Subira os morros sozinho até a entrada bloqueada por tábuas, e misturada ao barulho do capim seco estava a voz de seu primo que berrava embaixo da terra: *não e por favor e socorro*. E Danny pensava: Tudo bem, agora — *agora!* —, e sentia uma coisa subindo por dentro, diante da ideia de finalmente dizer as palavras que vinha guardando dentro de si durante todo aquele tempo: *Howie está nas cavernas; deixamos ele lá dentro das cavernas, eu e Rafe*, e só de imaginar isso Danny sentia uma onda de alívio tão intensa que parecia que ia desmaiar, e ao mesmo tempo sentia uma mudança à sua volta, como se o céu e a terra estivessem trocando de lugar um com o outro e uma espécie de vida diferente fosse surgir, leve e clara, algum futuro que até aquele momento ele não percebeu que tinha perdido.

Mas era tarde demais. Demais mesmo, tarde demais para coisas do gênero. Encontraram Howie nas cavernas três dias depois,

semiconsciente. Toda noite, Danny esperava ouvir a batida forte do pai na porta de seu quarto e ensaiava freneticamente suas desculpas — *Foi Rafe e Sou só uma criança* — até que as duas desculpas se embolavam uma na outra — *foi Rafe sou só uma criança foiRafesousóumacriança* — e aquele embolado rodava em sua cabeça até quando estava fazendo o dever de casa ou vendo televisão ou estava sentado na privada, *foiRafesousóumacriança*, até dar a impressão de que tudo na vida de Danny era a testemunha de que ele precisava para provar que ele continuava a ser ele mesmo, Danny King, exatamente como antes: *Olhe, fiz um gol! Olhe, estou com meus amigos!* Mas ele não estava cem por cento presente no que fazia, estava de olho, também, torcendo para que todos estivessem convencidos. E eles estavam.

E depois de meses e meses daquele fingimento todo, Danny começou a acreditar de novo naquilo. Todas as coisas normais que tinham acontecido com ele desde o episódio da caverna criaram uma crosta por cima daquele dia e a crosta ficou cada vez mais grossa, até que Danny quase esqueceu o que havia por baixo dela.

E quando Howie melhorou, quando ele finalmente pôde ficar sozinho num quarto sem a mãe, quando voltou a conseguir dormir com as luzes apagadas, ele estava diferente. Depois do *incidente traumático*, sua docilidade tinha ido embora, ele começou a se drogar e acabou comprando um revólver e tentando assaltar uma loja de conveniência, e foi mandado para um reformatório.

Depois que Rafe morreu, três anos mais tarde (matando também duas garotas de sua turma de faculdade em Michigan que estavam com ele em sua caminhonete), os piqueniques de família acabaram. E quando recomeçaram, Danny já não visitava mais os pais.

Essa era a memória número dois.

* * *

Então agora vamos voltar ao Danny, caminhando de braços levantados e com seu telefone celular, atravessando o porão ou a masmorra ou o que quer que fosse aquilo, no castelo que pertencia a Howie. Tinha viajado de muito longe para encontrar o primo ali e

suas razões eram práticas: ganhar dinheiro, cair fora do inferno que era Nova York. Mas Danny também estava curioso. Porque, ao longo dos anos, notícias sobre Howie continuavam chegando através desse aparelho de radiodifusão de altíssima velocidade chamado família:

1. Corretor de ações
2. Chicago
3. Riqueza absurda
4. Casamento, filhos
5. Aposentadoria aos trinta e quatro

E toda vez que uma dessas migalhas de notícia chegava a Danny, ele pensava *Está vendo, ele está bem. Ele está legal. Está ótimo!* e sentia um tranco de alívio, e depois outro tranco que o obrigava a se sentar onde quer que estivesse e olhar fixamente para o espaço vazio. Porque não acontecera com Danny uma coisa que deveria ter acontecido. Ou talvez tivessem acontecido as coisas erradas, ou talvez muitas coisas pequenas tivessem acontecido, em vez de uma única coisa grande, ou talvez não tivessem acontecido coisas pequenas suficientes para *se combinarem* em uma coisa grande.

Final das contas: Danny não sabia por que tinha feito toda aquela viagem até o castelo de Howie. Por que eu fiz uma oficina de textos? Pensei que era para me livrar de meu colega de quarto, Davis, mas estou começando a achar que havia outro motivo por trás desse.

Você? Quem diabo é você? É o que alguém deve estar dizendo bem agora. Bem, sou o cara que está falando. Tem sempre alguém encarregado de falar, só que muitas vezes a gente não tem a menor ideia de quem é, nem de quais são seus motivos. Minha professora, Holly, me ensinou isso.

Comecei a frequentar o curso de má vontade. Na segunda aula, escrevi um conto sobre um cara que trepa com a professora da oficina de textos no cubículo onde se guardam as vassouras e o material de faxina, até que a porta se abre de repente e todas as vassouras, os escovões e os baldes pulam para fora e as bundas

peladas dos dois ficam brilhando sob a luz e os dois acabam sendo pegos. Arranquei um bocado de risadas enquanto estava lendo, mas quando terminei de ler a sala ficou em silêncio.

Muito bem, disse Holly. Reações?

Ninguém tem reação nenhuma.

Vamos lá, gente. Nosso trabalho é ajudar Ray a fazer o melhor texto possível. Alguma coisa me diz que talvez ainda não seja isso.

Mais silêncio. Por fim, eu digo: Foi só uma piada.

Ninguém está rindo, disse ela.

Eles estavam, falei. Eles riram.

É isso que você é, Ray? Uma piada?

Penso: *Que porra é essa?* Ela está me encarando, mas eu não consigo me obrigar a encará-la de volta.

Ela diz: Aposto que tem gente lá fora que me responderia assim: É isso mesmo, Ray é uma piada. Gente que me diria que você é uma porcaria. Estou certa?

Dessa vez há murmúrios: *Oh* e *Merda* e *E agora, consegue sair dessa, senhor Ray?*, e eu sei que eles estão esperando que eu fique puto, e eu sei que eu devo ficar puto e eu estou puto, mas não é só isso. Tem outra coisa.

Ali está a porta, ela me diz, e aponta. Por que não vai embora de uma vez?

Não me mexo. Poderia sair pela porta, mas aí eu teria de parar no corredor e ficar esperando.

Que tal aquele portão? Ela está apontando para fora da janela, dessa vez. O portão fica iluminado de noite: arame farpado enrolado no alto, a torre com um atirador de elite lá em cima. Ou que tal as portas das celas?, ela pergunta. Ou os portões dos blocos? Ou as portas dos chuveiros? Ou as portas do refeitório, ou as portas da entrada das visitas? Com que frequência os senhores encostam na maçaneta de uma porta? É o que estou perguntando.

No instante em que vi Holly, eu logo soube que ela nunca tinha dado aula numa prisão. Não era a aparência dela — ela não é nenhuma criança e a gente logo percebe que a vida dela não foi nenhuma moleza. Mas as pessoas que dão aulas em prisões têm uma camada espessa em volta delas, que Holly não tinha. Posso ouvir quão nervosa está, como se tivesse planejado cada palavra

daquele discurso sobre as portas. Mas a loucura é que ela está certa. Na última vez em que fiquei em liberdade, eu ficava parado na frente das portas e esperava que elas se abrissem. A gente esquece como é abrir uma porta sozinho.

Ela diz Meu trabalho é mostrar a vocês uma porta que vocês possam abrir. E bate com a mão no topo da cabeça. Uma porta que leva vocês para qualquer lugar aonde quiserem ir, diz ela. É para isso que estou aqui e, se isso não interessa a você, então por favor nos poupe, porque essa subvenção só cobre dez alunos e a gente só se encontra uma vez por semana, e eu não vou desperdiçar o tempo de todo mundo com babaquices como disputas de poder.

Ela anda até minha mesa e olha para baixo. Olho para ela também. Quero dizer: Já ouvi um bocado de discursos motivacionais vagabundos na minha vida, mas esse foi fora de série. Uma porta em nossas cabeças, *ora, francamente*. Mas enquanto ela estava falando, senti alguma coisa disparar dentro do meu peito.

Você pode esperar lá fora, diz ela. São só mais dez minutos.

Acho que vou ficar.

Entreolhamo-nos. Muito bem, diz ela.

* * *

Então, quando Danny finalmente avistou uma luz no porão daquele castelo e se deu conta de que era uma porta com uma luz que vinha do outro lado, quando o coração disparou no peito e ele foi até lá e empurrou a porta e ela se abriu, dando para uma escada em curva com uma luz acesa, eu sei como foi. Não porque eu seja Danny ou ele seja eu, nenhuma merda dessas — tudo isto é só uma história que um cara me contou. Eu sei, porque depois que Holly falou da tal porta dentro da cabeça da gente, alguma coisa aconteceu comigo. A porta não era real, não havia nenhuma porta de verdade, era só *linguagem figurada*. Quer dizer que era só uma palavra. Um som. *Porta*. Mas eu a abri e saí por ela.

CAPÍTULO DOIS

Havia uma relação entre o novo Howie e aquele de que Danny se lembrava de quando era criança, mas era uma relação remota. Para começar, esse novo cara era louro. Será que o cabelo pode passar de castanho para louro? De louro para castanho, Danny sabia muito como era — metade das garotas com quem tinha transado dizia que era *tão loura que você nem pode acreditar quão loura eu era quando menina*, razão pela qual elas gastavam metade do salário fazendo luzes, tentando recuperar seu estado original e legítimo. Mas de castanho para louro? Danny nunca tinha ouvido falar. A resposta óbvia era que Howie descoloria o cabelo, mas não parecia descolorido, e esse novo Howie (salvo que ele não era mais Howie, era *Howard*; foi a primeira coisa que ele disse para Danny logo de manhã cedo, antes mesmo de lhe dar um grande abraço) não parecia ser um cara que descoloria o cabelo.

O novo Howie era um sujeito em forma. Sarado, até. Pneus, forma de pera típica de mulher — tudo aquilo tinha sumido. Lipoaspiração? Exercícios? O passar do tempo? Quem vai saber? Além de tudo, ele estava bronzeado. Essa parte de fato espantou Danny, porque o velho Howie era branco de uma forma que parecia se dever a algo mais profundo do que apenas não tomar sol. Parecia um cara em quem o sol não tocava. E agora: rosto e braços bronzeados, pernas bronzeadas (estava de bermudas cáqui) — até mãos bronzeadas, com uns pelos louros que só podiam ser de verdade, não é? Porque, afinal, quem descoloriria os pelos das *mãos*?

A maior mudança de todas não era física: Howard tinha poder. E poder era uma coisa que Danny compreendia muito bem — era uma das muitas habilidades que havia adquirido em Nova York, depois

de anos de estudo, treinamento e prática, habilidades que se combinavam para formar um currículo tão especializado que tinha de ser redigido com tinta invisível, de modo que quando seu pai (por exemplo) desse uma espiada, tudo o que veria seria uma folha de papel em branco. Danny era capaz de entrar numa sala e saber logo quem tinha poder, assim como as pessoas sabem só pela sensação do ar se vai nevar ou não. Caso a pessoa que tivesse poder não estivesse *dentro* da sala, Danny sabia disso também e, quando ela aparecia, Danny em geral era capaz de identificá-la antes mesmo que ela abrisse a boca — às vezes até antes de passar totalmente pela porta. Tudo estava na maneira como os outros na sala reagiam. E quem estava na sala com Howard era:

1. Ann, sua esposa. Cabelo castanho-escuro lustroso, cortado em forma de cuia, traços triangulares, olhos grandes e cinzentos. Era bonita, mas não da maneira como Danny imaginava que devia ser a esposa de um corretor de ações. Não tinha maquiagem nenhuma e seu jeans e seu suéter marrom eram o contrário do que se entende por sexy. Estava deitada de costas sobre o chão cinzento de pedra, deixando que um bebê de pijama cor-de-rosa (o que Danny entendeu como um sinal de que era uma menina) fingisse dar uns passinhos, apoiado sobre a barriga dela.
2. Trabalhadores. Eram jovens, usavam máscaras contra poeira, estavam ocupados com alguma coisa em algum lugar e, no intervalo do que quer que estivessem fazendo, entravam abruptamente na cozinha através de uma porta dupla de vaivém. Às vezes levavam ferramentas. Howard tinha dito para Danny que eles eram estudantes de pós-graduação do MBA da Universidade de Illinois e também da faculdade de hotelaria de Cornell. A reforma de Howard era o projeto de verão deles — em outras palavras, estavam fazendo aquilo para ganhar créditos. Mas para Danny parecia que o que estavam aprendendo de fato era carpintaria.

3. Mick, um “velho amigo” de Howard. Danny tinha conhecido aquele cara na noite anterior — foi ele que finalmente deu as caras depois que Danny gritou *A/ô-ô-ô-ô* durante Deus sabe quanto tempo naquela escadaria circular onde nenhuma das portas tinha maçaneta. Havia algo de ameaçador em Mick. Tinha ombros bem largos, corpo forte, mas quase doentio, nada além de músculos soldados uns aos outros. Mick não sorriu nenhuma vez durante todo o tempo em que conduzia Danny a seu quarto e, quando se esticou para puxar a cortina de veludo que rodeava a cama grande e muito antiga, Danny percebeu um monte de marcas antigas de injeção em seus braços (agora não dava para ver aquelas marcas, ele estava de manga comprida). Mick era o braço direito de Howard; Danny entendeu aquilo no segundo em que estava na sala com os dois. Pessoas poderosas ou tinham um braço direito ou precisavam de um, ou então as duas coisas — o que significa que precisam de um além daquele que têm no momento.

Essas eram todas as pessoas no aposento.

Só que o lugar continua a ser uma lacuna. Aquelas pessoas estavam numa grande cozinha medieval. Tinha uma lareira de tijolos onde cabia uma pessoa de pé, com um caldeirão do tamanho de uma banheira pendurado num gancho. Tinha uma tapeçaria na parede que representava um rei que metia uma lança em algo que parecia um leão. Tinha duas mesas de madeira compridas e com bancos, onde alguns dos estudantes de pós-graduação começavam a retirar suas máscaras contra poeira para descansar. Tinha um fogão alemão de última geração, onde Howard estava mexendo uma enorme frigideira cheia de ovos.

Uma brisa entrou por quatro pequenas janelas cheias de vidros em forma de diamantes. Danny abriu uma das mais largas, inclinou-se para fora e um cheiro de planta envolveu seu rosto, um cheiro que vinha de alguns andares abaixo, onde aquele preto que ele tinha visto na noite anterior, quando olhou do alto do muro, agora

tinha se transformado num verde tão denso que ele nem conseguia enxergar o chão que havia por baixo. Erguendo-se daquele verde, talvez a uns trinta metros de altura, estava a torre que Danny avistara na noite anterior. Era quadrada, reta e estranhamente majestosa.

Howard estava contando para Danny como havia comprado o castelo de uma empresa hoteleira alemã.

Howard: Tinham reformado talvez um terço, ou menos que isso, só dois andares de quartos na ala sul — que é onde todos nós dormimos —, e depois esta cozinha, o salão principal e duas escadarias nas torres. Então passaram a ter problemas de fluxo de caixa e as obras começaram a sofrer interrupções durante alguns anos, e, quando estavam já à beira da falência, passaram a propriedade para nós.

Ann (do chão): Por menos de dois terços do que pagaram, sem falar de todas as melhorias que fizeram!

Howard: Era um negócio que não podíamos recusar. Mas significava que tínhamos de abrir mão do castelo predileto de Ann. Na Bulgária.

Ann: Nossa, como era bonito.

Estavam conversando numa boa, sendo gentis, explicando-se da maneira como as pessoas fazem quando encontram alguém pela primeira vez. E em geral Danny se dava bem com as pessoas. Era mais uma de suas habilidades invisíveis: tinha um radar para sacar como as pessoas queriam que falassem com elas e Danny podia passar do estilo de uma pessoa para o estilo de outra, sem pensar. Mas naquele instante seu radar estava fraco, sem sinal, ou quem sabe ele precisasse ser reconfigurado e reprogramado naquele território novo, assim como sua antena parabólica. Em resumo: Danny se sentia desconfortável com Howard. Mas *desconfortável* soa muito leve e o que Danny sentia não era nada leve, era péssimo. Ele não conseguia definir o que havia de péssimo ali. Não conseguia sequer dizer quais eram os sintomas, exceto um: ele queria ir embora. Já.

Aquilo pegou Danny de surpresa. Ele tinha recebido muitos telefonemas e e-mails de Howard para combinar o trabalho no castelo, e tudo aquilo tinha corrido muito bem. Mas estar na

presença física do sujeito já era uma coisa bem diferente. Algo dentro de Danny congelou no minuto em que Howard apareceu em seu quarto naquela manhã.

Howard: Ah, cara, olha só para você!

Danny: Olha só para você!

Howard: Não sei se teria conseguido reconhecer você, meu velho.

Idem.

Meu Deus, quanto tempo passou. Nem sei quanto.

Danny: Um tempo assustadoramente longo.

Howard: Eu nem quero saber... vou me sentir velho.

Danny: Digamos que faz muito tempo e pronto.

E durante toda a conversa, uma frase vociferava dentro do cérebro de Danny: *O que diabo eu estou fazendo aqui?*

Não tinha certeza de onde se instalar na cozinha medieval de Howard, então ficou parado junto à janela. Sentiu uma comichão na pele dos braços, o que lhe deu uma esperança. Mais uma habilidade invisível (era um currículo muito extenso): Danny era capaz de sentir na superfície da pele quando estava em um lugar com acesso a internet sem fio. Nos bíceps, sobretudo, e na nuca também. Aquele talento prestara serviços incríveis para Danny em Nova York, onde ele conseguia ver os e-mails o dia inteiro sem ter de pagar nada por isso. Naquela manhã ele tinha acordado em sua grande cama medieval e, na mesma hora, teve a tal sensação, como uns arrepios na pele ou um braço dormente. Mas, no final das contas, Danny tinha se enganado: quando abriu seu laptop, não havia sinal, nem sequer uma centelha. Não havia nem uma tomada de telefone no quarto. A primeira coisa que planejava fazer depois do café da manhã era instalar sua antena parabólica — no alto daquela torre, se possível.

Havia um telescópio perto da janela, e Danny ajustou sua posição e olhou através dele. As pedras da torre, arenosas e cheias de buraquinhos, irromperam diante de seus olhos como se estivessem a centímetros de distância de seu rosto. Os cantos pareciam corroídos. As janelas eram pequenas e pontudas. Danny apontou o telescópio para a janela mais alta, procurando a luz

vermelha que tinha visto na noite anterior, mas, se ela ainda estava acesa, ele não conseguiu vê-la.

Danny: Que tipo de torre é aquela?

Howard não escutou, mas seu velho amigo, sim — Mick, que estava enchendo copos com água numa das mesas compridas. Ele foi até a janela e olhou para fora.

Mick: É o torreão.

Danny: Era uma masmorra?

A pergunta arrancou o primeiro sorriso que Danny viu em Mick. O sorriso alargou seu rosto sinistro e tornou-o bonito, mesmo através dos anos de consumo de drogas.

Mick: Não, não era uma masmorra. O torreão é o lugar onde todo mundo se entocava quando o castelo era invadido. Uma espécie de último refúgio. O baluarte.

Danny olhou de novo pelo telescópio. Sentiu uma tensão vindo de Mick, mesmo parado. Danny não sabia nada sobre o sujeito, a não ser o fato de que era o braço direito de Howard. No entanto, aquilo já era alguma coisa, e uma coisa até importante, porque a *aleatoriedade* e o *caos* (palavras de seu pai) dos dezoito anos que Danny passou em Nova York desapareciam quando a gente encarava a questão em termos de preencher aquela vaga de braço direito: ele tinha se enfiado naqueles lugares vagos perto de pessoas poderosas muitas e muitas vezes, até aquilo virar quase uma segunda natureza para ele. Mas Danny estava desistindo daquela história. Por alguma razão, nunca dava certo, e parecia que sempre terminava em violência.

Danny percebeu alguma coisa se mexendo numa janela do torreão — não no topo, mas um andar abaixo. Abaixou o telescópio só um pouco e esperou. Lá estava outra vez: uma cortina se mexeu, depois foi empurrada para o lado e Danny avistou uma garota jovem, de cabelo comprido e louro. Só um relance e ela sumiu. Danny se virou para perguntar a Mick quem era ela, mas Mick tinha ido embora.

Um garoto entrou de repente na cozinha com uma viseira de plástico e uma armadura cinza, trazendo na mão uma espada de plástico. Uma garota que parecia ser sua babá entrou atrás dele. Howard apresentou-a a Danny como Nora. Tinha dreadlocks de

menina branca e um piercing na língua — Danny percebeu a cintilação e o estalido quando ela falou olá. As mãos dela tremiam muito. Danny ficou tão aliviado de ver uma colega estilo foragida que teve de reprimir um sorrisinho irônico. Garotas com dreadlocks não curtiam sorrisinhos irônicos.

Danny: Será que a gente já não se viu antes?

Nora: Só em seus sonhos.

Ela deu um sorriso furtivo (não irônico) e espreitou Danny com o canto dos olhos. O que Nora viu foi o seguinte: muitas roupas pretas que cobriam muita pele branca que Danny fazia ficar ainda mais branca com talco Johnson para bebês. Cabelo liso e tingido de preto que alcançava dois centímetros do pescoço. Uma argola de estanho numa orelha, com um rubi encravado. Hoje (não sempre), batom cor de barro. Era esse o estilo de Danny, um dos muitos estilos que adotara ao longo dos anos. No início, encarava seu estilo como sendo sua essência, a expressão perfeita de quem era por dentro, mas de uns tempos para cá os estilos começaram a dar a impressão de que eram disfarces, distrações por trás das quais Danny podia se movimentar sem ser visto. Ele se enxergava com mais clareza quando ficava nu na frente do espelho e via os restos deixados pelas muitas identidades que havia experimentado: um ás de espadas tatuado na bunda, do tempo em que era produtor de uma boate de bissexuais; uma queimadura de cigarro na mão esquerda, do tempo em que o fotógrafo de quem ele era assistente ficou puto da vida no laboratório escuro; uma cicatriz profunda na testa, da vez em que deu de cara na barbatana de um peixe-espada preso na parede no dia em que a empresa de internet em que ele trabalhava abriu o capital; um calombo na têmpora no lugar onde o agiota a quem ele tinha pedido dinheiro, em vez de pedir para o pai, bateu com toda a força com um molho de chaves; um defeito permanente no pulso; queimaduras de gordura no antebraço; um caroço nos colhões por causa de um piercing infeccionado; um dedo mindinho que não dobrava na mão esquerda; um lóbulo de orelha rasgado... vocês entenderam. E agora, ainda por cima, aquela perna manca, que Danny rezava para não ser permanente. Quando ofereceu a Martha Mueller, sua ex-namorada, um passeio guiado por aquelas cicatrizes, Danny se sentiu muito macho — seus

ferimentos de guerra, pensava ele, e por isso ficou muito surpreso quando Martha falou, Meu pobrezinho, e beijou sua testa com muita brandura, o que seria uma coisa perfeitamente normal para uma namorada fazer, mas não no caso de Martha. *Meu pobrezinho*. E, sem nenhum motivo, faltou muito pouco para Danny se desmanchar em lágrimas.

O menino bateu forte com a espada contra a mesa perto de Danny e berrou *lááá!* Danny deu um pulo. O menino levantou os olhos para ele, o que significou que inclinou a cabeça para trás até um ponto em que ela pareceu ficar prestes a se descolar do pescoço.

Menino (com voz abafada): Sou o Rei Artur.

Danny não respondeu. O menino levantou sua viseira e Danny deu uma espiada na sua cara: pele branca, cachos castanhos e macios. Howie.

Menino: Ele não fala inglês, mãe?

Isso provocou uma risada geral na sala.

Ann: É claro que fala inglês. É o primo do papai, Danny. Danny, este é o Benjy.

Benjy: Por que ele não fala?

Mais uma risada. Danny sentiu a pontada de raiva que sempre vinha quando esperavam que ele achasse que alguma criança era uma fofura.

Danny: Não devo ter nada para dizer.

Benjy: Podia dizer oi.

Oi, Benjy.

Oi, Danny. Tenho quatro anos e três meses.

Danny não falou nada. Não gostava de crianças e os pais de crianças também não figuravam em sua lista de predileções. Por mais legal que a pessoa tivesse sido um dia, bastava ter um filho para virar mais um babaca enfiador de colheradas de papinha em uma pequena boca raivosa, um sujeito com chupetas dentro do bolso, marcas de catarro nas mangas e uma cara de pateta feliz, que Danny só conseguia pensar que fosse uma espécie de estado de choque, como aquelas pessoas que ficam sentadas contando piadas depois que suas pernas foram arrancadas por uma bomba.

O menino continuava olhando para Danny. Danny tentou encarar o menino, mas não conseguiu. Crianças o deixavam nervoso.

Benjy: Por que você usa batom?

Isso provocou a maior risada até então.

Ann: *Benjy!* Mas ela também estava rindo.

Danny: Por que sua babá tem dreadlocks roxos?

Ela acha bonito.

Pois é, é isso aí.

Você acha esse batom bonito?

Acho.

Benjy: Eu não gosto.

Ann: Benjy, agora já chega. Isso é falta de educação. Ela se curvou e falou bem no rosto de garoto. Peça desculpas.

Benjy: Não.

Ann: Então você vai ficar de castigo.

Benjy: *Não!*

Danny: Ei, deixa para lá. Abanou a mão como se não fosse nada demais, só que no fundo estava furioso. Benjy levantou os olhos para Danny e Danny olhou de volta para o menino.

Howard: Muito bem, pessoal. Vamos comer enquanto está quente.

Mick tocou uma campainha do lado de fora de uma das janelas e o som deslizou pelo ar. Mais estudantes de pós-graduação entraram aos borbotões, talvez uns vinte ao todo. Todo mundo encheu seu prato junto ao fogão — ovos mexidos com cogumelos, torradas feitas no forno, três tipos de melão — e levou o prato para as mesas compridas. Danny levou seu prato para a mesa onde os estudantes de pós-graduação estavam sentados, longe de Benjy, Ann, Nora e (assim ele esperava) Howard, que ainda estava perto do fogão. Danny observou seu primo, à procura de algum elo — a maneira como aquele cara se mexia, o som de sua voz, alguma coisa — com o Howie de que ele se lembrava. Só que não conseguiu encontrar nada.

Eram os ovos mexidos mais saborosos que ele já tinha comido na vida.

Danny observou os estudantes de pós-graduação tentando descobrir em que faixa etária ele se enquadrava. Danny gostava de

ser o mais jovem onde quer que estivesse, mas aos trinta e seis anos (completados na semana anterior) aquilo estava se tornando uma coisa bastante difícil. Danny tinha passado do ponto em que podia negar que havia pessoas mais jovens que ele em Nova York que eram tecnicamente adultas, ou seja, tinham empregos, apartamentos, namorados ou namoradas, ou até maridos e esposas. No início, havia só quatro ou cinco adultos que eram mais jovens do que Danny, depois, de uma hora para outra, eram centenas, milhares, uma porra de uma geração inteira, e isso o deixava aterrorizado: sobretudo as garotas, com seus sutiãs pretos, suas bolsas abarrotadas de camisinhas multicoloridas e ideias exatas do que gostavam na cama. Aquilo o deixava aterrorizado porque, se aquelas pessoas eram adultas, então ele também devia ser. Ele era uma espécie de adulto, mas que espécie? Os amigos de Danny eram todos jovens — eles *ficavam* jovens, porque, no momento em que se casavam e começavam a ter filhos, as amizades morriam e eram substituídas por outras novas, com gente que não estava fazendo aquela merda. Era da natureza de Danny ser um novato na brincadeira de viver em Nova York — ele precisava ser jovem, do contrário nada nele faria nenhum sentido e ele seria um fracasso, um perdedor, um cara que não tinha feito nada, todas aquelas coisas que seu pai vivia falando. Mas Danny evitava tais pensamentos. Eram perigosos.

Alguém estava falando com ele, um aluno de pós-graduação à sua esquerda, um dos mais velhos (só isso fez com que Danny gostasse dele), um pouco grisalho nas têmporas. Steve. Tinha um aperto de mão vigoroso.

Steve: Você faz parte da equipe?

Danny: Eu... eu acho que sim. Sou primo de Howard.

Steve sorriu. Veio se juntar à revolução? O fim da vida tal como a conhecemos?

Danny: Você se refere... ao hotel?

Isso, o hotel. Só que... obviamente, isto é só o início.

Danny: O início de quê?

Steve ficou desconcertado, assimilando o fato de que Danny não sabia de nada. Em seguida, tomou cuidado. Falou: É só que Howard tem outros objetivos além de simplesmente o lucro. Muitos de nós

aqui estamos no ramo da responsabilidade social, portanto essa é uma chance de observar isso acontecer do zero.

Danny: Há quanto tempo está aqui?

Steve parou para pensar um minuto, depois gritou para a outra extremidade da mesa: Mick, quantos dias?

Mick (instantaneamente, sem erguer os olhos): Trinta e oito.

Danny: E o que vocês têm feito, exatamente?

Steve: Bem, é difícil apontar uma coisa só. Nós temos... temos feito uma porção de reuniões, temos conversado, temos trabalhado bastante no planejamento...

Carpintaria! Outra pessoa falou, e isso provocou uma gargalhada.

Steve: Pois é, carpintaria. Uma coisinha aqui, outra ali, não concorda, Mick?

Mick ergueu os olhos, ainda mastigando. Seus olhos eram muito azuis. Os outros estudantes de pós-graduação, todos eles, pareciam escutar. Ele disse: Eu concordo.

Houve uma pausa que pareceu pressurizada.

Danny: Então, vocês estão, digamos assim, reformando o prédio fisicamente.

Outra pausa. Steve olhou para Mick.

Mick: A coisa está um pouco difusa até agora. O que estamos fazendo.

Howard (do fogão): Como é?

Mick estava de costas para Howard, mas não se virou. Em vez disso, respondeu em voz alta, num tom que Danny supôs que era para ser leve e divertido, mas que acabou soando mais pesado: Seu primo estava se perguntando o que temos feito durante todas essas semanas. Eu disse para ele que as coisas têm estado meio difusas.

Howard virou-se para olhar para Mick. Difusas como?

A sala ficou em silêncio, escutando. Mick parecia estar se debatendo. No sentido de que temos feito coisas pequenas, uma porção de coisas pequenas, mas nada realmente grande.

Ele estava violando uma regra básica da forma como se lida com gente poderosa: não se pode contradizê-las em público. Danny tinha aprendido aquilo algumas vezes.

Howard caminhou até a mesa, com a espátula na mão. Seus olhos moveram-se por sobre o grupo de um jeito que parecia incomodado e Danny sentiu uma centelha de alguma coisa — algum elo entre esse Howard e o Howie de que se lembrava.

Howard: Quais são as coisas grandes que você gostaria de fazer, Mick?

Mick: Posso pensar em cinquenta. Poderíamos começar a reformar a ala norte. Poderíamos esvaziar a piscina e começar a trabalhar no mármore em volta. Poderíamos escavar a capela — já fizemos uma limpeza ao redor dos túmulos, mas o negócio continua soterrado até a metade. E além disso há o torreão...

Howard: Não podemos tocar no torreão.

Eu sei que a gente não pode *entrar* lá, mas a gente poderia trabalhar na parte externa. Poderia limpar em volta da base, poderia...

Não podemos tocar no torreão, Mick.

A voz aguda e preocupada de Benjy interveio: Pai, vocês estão brigando?

Mick: Estou pensando no moral, Howard.

Papai, vocês estão...

Howard: No moral de quem? No seu?

Papai...

Ann: Shhhh! Havia dor no rosto dela. Danny sentiu-se responsável, como se ele tivesse começado aquilo. Percebeu que estava suando.

Howard: Muito bem, escute. Vamos falar as coisas claramente, todo mundo. Como anda o moral de vocês?

Houve uma pausa — longa demais, pensou Danny.

Por fim, Steve, ao lado de Danny, falou: Está bom.

Bom, disse alguém na outra mesa, seguido por um *muito bom* e depois *ótimo* e *excelente*, e num instante se formou um coral de felicidade, porque dizer essas coisas dava uma sensação tão boa que eles tinham vontade de continuar dizendo, sobretudo quando aquilo dava ao Howard tamanho ar de alívio.

Howard: Acho que esse é um problema seu, Mick.

Mick: Está bem.

Ninguém se mexeu. Howard ficou parado como se estivesse esperando.

Por fim, Ann falou: Mas, afinal, o objetivo não é que todo mundo fique satisfeito?

Howard: Só uma pessoa *não está* satisfeita.

Ele acreditava mesmo naquilo? Danny não conseguia saber. O poder era solitário — essa era uma regra universal. E por isso o braço direito era tão importante.

Mick se levantou. Parecia um pau-mandado. Levou seus pratos para um lava-louça gigantesco, botou a louça lá dentro e saiu da cozinha pela porta de vaivém. Uma espécie de tensão saiu junto com ele e as pessoas começaram a conversar outra vez.

Benjy: Mamãe, ele está triste? O tio Mick está triste?

Ann: Não sei.

Ele está bravo?

Não sei.

Quero falar com ele.

Ann: Está bem. Pode ir.

O menino disparou para fora da cozinha, esquecendo a espada. Sua voz ecoou pelo corredor, *tio Miiiiick*, e depois houve algum tipo de resposta.

Os estudantes de pós-graduação estavam se reunindo em torno de Howard, perto do fogão, e enchiam de novo seus pratos com ovos mexidos. Eles concordavam com Mick, mas Howard tinha o poder.

Por fim, Howard levou um prato para a mesa e se sentou. Depois de todo seu trabalho para cozinhar, ele se empenhou em comer, como se a comida, no entanto, não tivesse sabor nenhum e não passasse de um meio para encher a barriga. Mantinha um braço em torno do prato, como se alguém pudesse arrancá-lo da sua frente. Danny observava o primo, perturbado. Sentia que estava vendo uma versão anterior de Howard, uma parte que não encaixava com o que ele era agora. Ann deslizou no banco para junto de Howard e pôs o braço em volta dele. Howard terminou de comer e empurrou o prato para longe.

As pessoas começavam a se retirar. Danny levou seu prato para o lava-louça e ficou parado ali, imaginando se seria uma grosseria

se ele também se retirasse. Não queria ficar sozinho com Howard, mas não tinha para onde ir, na verdade — nem sequer sabia se conseguiria achar o caminho de volta passando por todos aqueles corredores, portas e curvas até o quarto onde tinha dormido.

Howard: Danny, espere.

Danny voltou para a mesa devagar. Ann continuava ali, e Nora também, além de quatro ou cinco estudantes de pós-graduação. O bebê estava usando o banco para ficar de pé. Os joelhos de seu pijama cor-de-rosa estavam sujos.

Danny sentou-se de frente para Howard.

Howard: Como vão seus pais, Danny? A discussão com Mick tinha tirado alguma coisa de dentro dele e sua voz estava abafada e monótona.

Danny: Vão bem, eu acho. Não tenho encontrado muito com eles.

Howard: Sempre gostei do seu pai.

Danny: Pois é. Eu não sou um dos primeiros da lista dele ultimamente.

Howard ergueu os olhos: Como assim?

Merda, por que foi falar aquilo? Para que tentar explicar a Howard, e logo a Howard, como havia partido o coração do pai não só uma vez, mas muitas e muitas vezes, começando pelo dia em que se recusou a estudar em Michigan (a *alma mater* do pai) e foi para a Universidade de Nova York, que era desafiadora e instigante e todo esse papo furado, mas também era perigosa, porque a “autoinvestigação” é sempre uma coisa perigosa para o bonito perfil que a gente acha que tem. E o perfil de Danny se revelou mais apagado do que o da maioria das pessoas — parecia tão sem propósito em Nova York quanto as camisas polo que ele retirou de sua mala no quarto de um alojamento perto da Washington Square e nunca mais usou. E quando seus pais vieram visitá-lo, seu pai ficou parado naquele quarto de alojamento, em seu suéter verde-claro, segurando as bolas de futebol de Danny dentro de um saco de rede, e disse: Nosso hotel fica bem do lado do Central Park. A gente podia jogar uma bolinha no domingo de manhã.

Danny: Legal. Ele estava calçando suas botas novas.

Houve uma pausa longa.

Pai: Mas ninguém é obrigado.

Danny: É. Acho que não, então.

Pai: Mesmo?

Voltou-se para Danny, chocado, como se alguém tivesse dado um esbarrão nele no meio da rua. O cabelo do pai já era branco, sua pele estava barbeada e tão lisa que parecia a de uma criança de cinco anos. E ele ficou assim, num estado de surpresa constante ao longo dos primeiros anos de Danny em Nova York, até que Danny largou a universidade no terceiro ano, ocasião em que a surpresa do pai se transformou em uma profunda e triste decepção. Danny não sabia o que ainda poderia surpreender o pai.

Howard: Sempre tive a impressão de que você e seu pai eram muito próximos.

Danny: É. A gente era mesmo.

Danny costumava acreditar que os dois voltariam a ficar próximos um dia, mas parou. Porque todas as coisas que Danny tinha conquistado na vida — o *alto*, as relações sociais, o acesso ao poder, saber como conseguir um táxi numa tempestade, a mecânica de subornar o *maître* de um restaurante para conseguir uma mesa e onde encontrar sapatos bons em bairros distantes (era o equivalente a ter um doutorado, tudo o que Danny sabia, e ainda por cima ele era *conhecido*, amplamente conhecido, portanto, quando caminhava pelo Lower Broadway, não era nada anormal para ele reconhecer *todos os rostos* — é o que acontece quando a pessoa foi testa de ferro de boates e restaurantes por tanto tempo, como Danny tinha sido. Às vezes ele se cansava daquilo: ter de cumprimentar com um aceno de cabeça ou dizer oi todas as vezes, e decidia que só ia cumprimentar as pessoas que conhecia de verdade, que era quase ninguém, mas Danny não podia fazer isso, evitar as pessoas, a visão de um rosto que se virava para ele era uma coisa que era incapaz de rejeitar) —, tudo aquilo, tanta coisa! tudo, é o que parecia a Danny num bom dia, tudo o que a gente podia querer ou precisar saber no mundo era a mesma coisa que nada — literalmente *nada* — aos olhos do pai. Não existia. Uma página em branco. E Danny não conseguia encarar aquilo. Era o tipo de pensamento que abria caminho para o verme, e o verme devorava as pessoas vivas.

Howard: Então, olha só. Obviamente a noite passada foi uma chatice para você e eu peço desculpas. Deixamos o portão destrancado, mas o problema é que não tem luz nenhuma lá fora e ainda nem tem fiação para pôr uma lâmpada.

Danny: Ah, esquece.

Howard: Mas eu... eu, ainda assim, gostaria de saber quais são suas impressões. Só do que você viu, ao chegar aqui pela primeira vez.

Danny: Claro.

Howard inclinou-se sobre a mesa na direção de Danny, que teve de reprimir um impulso para se afastar.

Howard: Só... vendo o castelo. O que você achou dele?

E foi nessa hora, pela primeira vez, que Danny percebeu um elo entre aquele novo cara e o menino de que ele se lembrava. Foi a expressão no rosto de Howard que provocou aquilo. Seus olhos não estavam fechados como ficavam quando fazia Danny falar de um castelo de gelo em Plutão, onde um bando de piratas se abrigava. Mas o jeito como uma pessoa fica quando espera que lhe contem uma história, que o distraiam, a expressão com que a gente fica nessa hora — foi o que Danny viu, e se lembrou. E aquilo o deixou extremamente aliviado.

Então ele abriu o jogo para Howard: a espera pelo ônibus naquela cidadezinha miserável, e depois olhar para cima. Ver o castelo negro contra o céu arroxeadado.

Howard absorvia cada palavra. E depois? Você foi caminhando. E o que foi que viu?

Pegara um caderninho amarelo no bolso do short e começara a escrever. Danny contou tudo: Caminhada. Morro. Portão. Árvores. Muro. Vista. Pareceu fácil, como se eles já tivessem feito aquilo antes. Tinham feito aquilo durante anos. O que levou Danny a se perguntar se todo aquele projeto do castelo não era mais uma espécie de jogo para Howard. Talvez não fosse necessário inventar coisas quando se tinha tanto dinheiro no bolso: era só ir em frente e comprá-las.

A última pessoa a sair da cozinha foi Nora, com o bebê no colo. Danny sentiu, fisicamente, quando eles saíram. Agora ele e Howard estavam sozinhos.

Howard: Então você entrou por uma seteira — incrível! E como era lá?

Danny: Arcadas. Água pingando. Acho que deve ter sido uma galeria de esgoto. Deixou de fora a parte sobre o medo que sentiu.

Howard: Por quê? Fedia?

Danny: Não especialmente. Tinha cheiro de caverna.

Ele soube talvez meio segundo antes de pronunciar que aquela era a última palavra que queria usar. E a essa altura a palavra já tinha escapado: *caverna*.

O rosto de Danny ficou quente. Obrigou-se a olhar para Howard, mas seu primo estava olhando para a janela. A luz batia em seu rosto e ressaltava rugas profundas, como se alguém as tivesse riscado com um lápis. E foi naquele instante que, pela primeira vez, Danny reconheceu fisicamente o primo. Os olhos o traíram, os mesmos olhos castanhos e tristes. Era Howie.

Danny esperou. O que mais podia fazer?

Howard: Que cheiro tem uma caverna, afinal?

Olhou para Danny, deu um sorriso irônico e aquilo tudo foi embora, passou. Passou como se nunca tivesse acontecido. Howard deixou para lá e Danny sentiu um jato de alívio tão forte que pareceu uma explosão de oxigênio dentro de sua cabeça. Na verdade, chegou a rir.

Howard: Continue a contar, meu velho. Quero ouvir o resto.

CAPÍTULO TRÊS

Danny tentou fugir depois do café da manhã a fim de montar sua antena parabólica. A necessidade de fazer contato estava virando uma coisa desconfortável, que tirava sua concentração, feito uma dor de cabeça, um machucado num dedo do pé ou alguma outra coisa física de pequena importância, mas que depois de um tempo começa a apagar todo o resto. Porém, Howard quis oferecer a Danny um *tour* pelo castelo e Danny fez aquilo que em geral acabava fazendo quando lidava com gente poderosa: obedeceu.

A primeira parte do passeio foi aquilo que já se espera que seja um castelo medieval, se a pessoa algum dia parou para pensar no assunto, é claro. Armaduras. Marcas de fogo nas paredes causadas por antigos lampiões. Um cômodo destinado à oração com vitral na janela. O salão principal foi o que mais impressionou Danny: tinha uma mesa comprida e entalhada, vigas douradas no teto e candelabros repletos de lâmpadas em forma de chamas de vela. Parecia que tinha entrado num outro século, mas nada ali era real — os alemães tinham reformado os cômodos e enchido tudo com antiguidades. Danny poderia saber disso só pelo cheiro: tapete novo, tinta fresca. Ele sempre prestava atenção aos cheiros, porque eles revelavam a verdade mesmo quando as pessoas estavam mentindo.

Howard: Aqui está tudo o que os alemães fizeram. Agora vamos ver como era antes.

Do salão principal, Howard levou Danny para o lado de fora por uma curta passarela que tinha uma vista do alto para os dois lados e usou uma chave para abrir mais uma porta. Conduziu Danny para dentro e Danny se viu num lugar escuro e frio, onde tudo parecia destruído: paredes quebradas, portas faltando, pilhas de escombros

em todo canto, como se tivesse acontecido algum tipo de violência. E os cheiros: ferrugem, mofo, podridão. O aspecto que tinha e a sensação que dava eram tão diferentes de tudo o que haviam acabado de ver que Danny demorou um tempo para se dar conta de que as dimensões eram idênticas: janelas, arcadas, corredores, portas — era como uma imagem espelhada do corredor onde ficava o quarto de Danny, só que em outra época.

Danny: Uau.

Howard estava sorrindo, balançando o corpo, apoiado na ponta dos calcanhares. Ninguém toca nesta parte do castelo há oitenta e oito anos. Incrível, não acha?

Danny empurrou e abriu o que ainda restava das portas, presas nas dobradiças, e penetrou em cômodos onde o vento soprava através do vão vazio das janelas e onde a mobília tinha sido estraçalhada por animais. Num quarto, centenas de pássaros brancos haviam se aninhados juntos, com um som parecido com uma respiração ofegante, o ar estava carregado com o cheiro de enxofre deles. Montes de excrementos em toda parte, penas flutuando. Pareciam pombos, mas não do tipo que a gente vê em Nova York. Eram de um roxo-esbranquiçado, e tinham tufo de penas em volta das patas.

Howard: Estamos quase certos de que são descendentes de pombos-correio. Usados para enviar mensagens em tempos de guerra.

O jeito ansioso e tristonho de Howard sumira. Mais do que sumido, ele estava beirando alguma coisa semelhante à euforia. O castelo causara aquilo. Todas as imagens e os sons do local pareciam empolgar e estimular Howard: ele estava apaixonado por aquilo, nunca se fartava. Mas os cômodos em ruínas desanimaram Danny. Ele sentiu aquilo na mesma hora, uma espécie de pancada no estômago. Havia pequenas coisas, resquícios daqueles anos passados: o chapéu de um homem que ainda pendia num gancho, um pote de vidro aberto diante de um espelho embaçado, uma luva que pendia para fora de uma gaveta. Uma garrafa de vinho numa bandeja com uma taça, flocos marrons encrespados na parte de dentro. Danny podia até ouvir o verme roendo por baixo de tudo, devorando tudo.

Danny: Quem morava aqui?

Howard: Uma família, os Von Ausbinker. Mantiveram-se firmes neste lugar durante novecentos anos. Pense nisso um segundo, *novecentos*. É mais do que nossa mente consegue apreender.

Danny: E por que foram embora?

Howard: Bem, os filhos morreram. Essa foi a razão imediata. Mas o dinheiro também foi um fator, tenho certeza. É difícil imaginar quanto custa manter um lugar deste tamanho, mas estou aprendendo bem depressa.

Comparada com as antiguidades medievais dos aposentos vizinhos, a tralha naqueles cômodos abandonados era na verdade moderna — não moderna feito coisas de hoje, mas relativamente moderna. Danny viu uma máquina de escrever e uma máquina de costura, velhas, sem tomada, mas mesmo assim. Causou a Danny uma sensação esquisita o fato de o passado tão distante se encontrar em perfeito estado, mas quanto mais perto a gente chegava dos dias de hoje, mais depressa as coisas decaíam para a condição de ruína.

O corredor estava quase escuro, por isso Danny não viu o grande telefone pendurado numa parede, até que quase o ultrapassou. O fone era um cone preto preso num gancho — Danny levantou a trava, agarrou o fone, encostou-o à orelha e escutou, de olhos fechados. Seria aquilo um suspiro de vida, o estalo ecoante de uma ligação? Ou não era nada? E aquele pequeno gosto, aquele estalo que talvez não fosse sequer um estalo, fez Danny se dar conta de que ele não tinha mais tempo. Precisava voltar a entrar em contato *já*, senão alguma coisa terrível ia acontecer: sua cabeça ia explodir, um quarto ia se encher de água até o teto, uma grande lâmina giratória começaria a serrar sua coluna. Durante talvez uns trinta segundos, Danny sentiu-se desesperado — tudo o que queria era escapar de Howard e montar logo sua antena parabólica.

Howard: O que houve?

Danny recolocou o cone no lugar com todo o cuidado. Nada. Estou legal. E obrigou-se a se acalmar. Dezoito anos em Nova York tinham ensinado a Danny como fazer isso.

Havia furos no telhado no fim do corredor, o que deixava entrar um pouco de sol e aquecia o ambiente. E depois veio um cômodo

sem telhado nenhum, só o céu aberto sobre uma estrutura meio rosada, que um dia tinha sido uma cama. Agora era um canteiro de samambaias. O cômodo ficava a meio caminho entre o exterior e o interior: uma árvore tinha se enfiado através da parede e esquilos travavam uma guerra em cima de um tapete podre. Lutavam corpo a corpo em disputa pelo que parecia ser uma bola de papel machê, e uns pedacinhos de madeira saíam voando. Um deles acertou a bota de Danny, que se abaixou e o pegou. Tinha uma cor vermelha desbotada, era a lasca de um tabuleiro de ludo.

Danny: Que trabalho monstruoso, tentar pôr este lugar em boas condições.

Howard: Nem me fale. Embora provavelmente eu vá deixar uma parte do castelo assim mesmo.

Danny virou-se. Está falando sério?

Totalmente. É evocativo. É... história. Entende?

Danny não entendia. Então quando vai trazer as equipes de construção?

Howard riu. Parece até os garotos falando. Ou melhor, não garotos, você entende, estudantes. Minha *equipe*. Eles querem que tudo aconteça já. Eu também era assim, mas fiquei adepto no longo prazo.

Danny: E o que isso quer dizer?

Howard: Quer dizer que a gente espera a oportunidade. Espera o momento certo. Passei anos fazendo o trabalho mais escroto, mais insignificante que se pode imaginar, dinheiro gerando dinheiro gerando dinheiro numa gigantesca torre de merda. Não estou dizendo que não houve bons momentos — onde há dinheiro, há sempre bons momentos —, mas qualquer brutamontes pode ser corretor de ações. Fiz isso por uma única razão: para ganhar tanta grana que eu pudesse pendurar as chuteiras aos trinta e cinco anos e fazer o que eu bem entendesse para o resto da minha vida.

Danny: Parece legal.

Howard: E foi o que fiz. Foi para isso (acenou com o braço para as luminárias mortas que balançavam, penduradas nos fios, e para os pedaços enrolados de papel de parede sobre o piso deformado), foi para isso que eu enchi minha cabeça com lixo durante todos

esses anos. E agora não vou me apressar por causa de um bando de pirralhos.

Danny: Este hotel.

Sim.

Danny: Mas é mais do que um hotel.

Howard sorriu: Fico feliz de ver que você sacou isso.

Pássaros estavam fazendo barulho nas árvores acima de suas cabeças, sacudindo galhos e folhas por cima da estrutura cor-de-rosa sobre a qual, antigamente, alguém costumava se deitar, puxar a coberta por cima do corpo e fechar os olhos.

Howard: Enfim, vamos lá para fora. Quero lhe mostrar o jardim.

Danny ficou muito contente de sair dali. Seguiu Howard de volta pelo corredor escuro e desceu uma escada em curva igual àquela onde Danny tinha ficado perdido na noite anterior, salvo que essa agora não tinha luz nenhuma e fedia a água misturada com fuligem. Howard tinha uma lanterna, e os dois desceram os degraus devagar. Na parte de baixo havia pichações nas paredes em um idioma que Danny não conseguiu identificar. Havia também latas de cerveja, camisinhas, sujeiras de restos de fogueiras.

Danny: Quem fez tudo isso?

Howard: Garotos da região, muitas farras ao longo dos anos. Pilharam alguns dos cômodos lá embaixo, mas acho que ficaram com medo de descer muito fundo. Sorte nossa.

Lá embaixo, finalmente, havia alguma luz. Os degraus davam num cômodo que estava em construção: andaimes nas paredes, um piso de madeira parcialmente colocado. Um par de velhas portas de vidro levava ao lado de fora.

Howard: Era aqui que os alemães estavam quando a grana acabou. Ele abriu as portas com um tranco violento, caquinhos de vidro tilintavam no chão, e Danny foi na frente, pisando naquele oceano de folhas frio e verde que ele observara lá de cima durante a manhã inteira.

Howard: No tempo em que este castelo funcionava, lá adiante ficavam uma padaria, o estábulo, o alojamento onde os cavaleiros dormiam. Mais tarde, arrancaram o calçamento e transformaram tudo num grande jardim: paisagismo, pomares, chafarizes, a coisa toda. Tem muito disso ainda enterrado aqui embaixo, se você olhar.

Enterrado, sem dúvida nenhuma. Danny podia sentir o sol tentando abrir caminho através das camadas de sombra, mas a terra era fria e preta, marcada pelos detritos de trilhas feitas com algo branco. Conchas espatifadas, era o que parecia. Danny seguiu Howard por uma daquelas trilhas, passou por fósseis de árvores e estátuas quebradas, esverdeadas pelo limo, um banco engolido por flores cinzentas.

Howard: Agora vamos chegar à coisa que realmente mexeu comigo. Quando vi isto, pensei logo: *Tenho de comprar este lugar*.

Tinham chegado a uma espécie de muro feito de ciprestes. Era alto e sólido e em outros tempos provavelmente fora liso, mas agora parecia uma almofada gigantesca, com o estofado saindo. Danny seguiu Howard através de uma abertura nos ciprestes, que parecia ter sido feita recentemente, e, quando se espremeu para sair do outro lado, sentiu o sol bater na sua cara. Estava numa clareira com piso de mármore manchado. No meio havia uma piscina redonda, talvez com uns doze metros de largura. A água era preta e tinha uma espuma grossa. De início, Danny não percebeu, mas o fedor se fez sentir logo depois: o cheiro de algo que vinha do fundo da terra e encontrava o ar livre, um cheiro repleto de metal, proteína e sangue.

Mick estava do outro lado da piscina, de quatro, esfregando o mármore com uma espécie de escova comprida. Não levantou os olhos.

Howard: Havia uma torre exatamente no local onde está a piscina. Redonda... está vendo essas pedras quebradas em volta da borda? Havia um poço e então, depois que a torre desabou, construíram uma piscina nas ruínas. Engenhoso, não é? Em todo caso, foi aí que eles se afogaram.

Danny: Quem se afogou? O cheiro estava fazendo seu nariz escorrer.

Os gêmeos dos Von Ausbinker. Um menino e uma menina, dez anos de idade. Ninguém sabe na verdade o que aconteceu. Olhou bem para Danny. Alergia?

O cheiro.

Meu olfato é muito ruim. Às vezes acho que isso é uma bênção.

Estavam andando devagar na direção de Mick. O cara estava sem camisa, e esfregava o chão com tanta força que o suor escorria

pelo seu torso. E que torso. Cem anos de exercícios físicos orientados por um professor particular não conseguiriam deixar Danny daquele jeito, nem perto daquilo. Mick os fitou com os olhos semicerrados.

Howard: Essa escova está funcionando melhor do que o líquido.

Mick: Pois é, olhe só isto. Levantou-se, mostrando para eles um pedaço branco, lustroso e sem manchas.

Howard: Uau.

Mick: Imagine só quando tudo ficar assim.

Howard: Só não tente fazer tudo sozinho. Peça ajuda a alguém.

Não havia nem sinal do conflito ocorrido na cozinha, nenhum traço. Danny se perguntou se o próprio nervosismo não teria feito com que exagerasse a situação. Ou será que faziam aquilo todos os dias?

Howard: Eu estava contando para Danny o caso dos gêmeos.

Mick olhou de relance para Danny — um olhar frio e vazio que o deixou nervoso, como se tudo o que houvesse de errado fosse culpa dele. Que merda é essa? Danny tentou atrair o olhar do cara e encará-lo também, mas Mick logo voltou à sua esfregação.

Danny: Você soube da história dos gêmeos pelos alemães?

Howard: Um pouco, mas a maior parte — Howard respirou fundo, demoradamente, e olhou para longe —, ainda resta um membro da família na propriedade. Pode-se dizer que eu a herdei. Uma baronesa. Ela mora naquela torre... o torreão, é como chamam. É a parte mais antiga do castelo.

Danny acompanhou o olhar de Howard, e lá estava ele, o torreão. Erguendo-se acima das árvores, quase branco ao sol do meio-dia.

Danny: Eu adoraria ir lá em cima. Pensava em sua antena parabólica.

Howard soltou um riso abafado. Ouviu isso, Mick?

Mick confirmou com um gesto de cabeça.

Howard: Eu gostaria muito de poder levar você lá em cima, Danny. Infelizmente, a baronesa é... como devo dizer?... não é inteiramente favorável a nosso projeto.

Danny: Ela é jovem, não é? Bonita?

Mick e Howard se entreolharam e começaram a rir.

Howard: O que levou você a achar isso?

Danny não respondeu. A risada deles o deixara com raiva.

Howard: Ela é... hum...

Mick: Muito, muito velha mesmo.

Howard: Vamos lá, você que é o cara dos números, desembucha logo.

Mick: Noventa e oito. A gente acha.

Howard: Mas não parece ter mais de noventa. Os dois gargalharam com aquilo. Danny olhou para o torreão e pensou na garota que ele tinha visto na janela. Obviamente, Howard e Mick não sabiam a respeito dela e Danny com certeza não ia contar nada para eles.

Por fim, Howard se recompôs e esfregou os olhos molhados. Desculpe, Danny. Mas se soubesse o que essa vaca fez a gente passar...

Mick: E ainda não acabou.

Howard: Não, não acabou mesmo. O riso se apagou dentro dele e ele passou a mão pelo cabelo.

Mick: Ainda acho que a gente devia começar a trabalhar no torreão. Só na parte externa. Por que deixar que ela dê as ordens?

Howard: Talvez você tenha razão. Pensando bem.

Mick voltou a esfregar, movendo sua escova sobre o mármore.

Howard virou-se para Danny. E então? Está começando a sacar o espírito da coisa?

Danny: O espírito da coisa?

Deste lugar.

Eu... eu acho que ainda estou me acostumando.

Howard: Não o material, nem as construções, ou os cômodos, nem nada disso, mas a *sensação*. Toda essa... história que pressiona por debaixo da terra.

Ele olhava de maneira firme para Danny. E o que Danny sentia não era a pressão da história, mas a sensação que sempre tinha quando a atenção de uma pessoa poderosa estava concentrada só nele — feito uma chicotada de toalha no ar, bem perto do rosto dele.

Howard: O que quero dizer é isto. Mick, pare um pouco. Olhe só. Escute bem.

Mick parou de esfregar. Howard segurou os ombros de Danny. A pressão de suas mãos quase chegava a doer, mas o que surpreendeu Danny foi o calor que emanava delas. Não admira que o cara estivesse de bermuda.

Howard: Está ouvindo esses barulhos? Insetos, pássaros, mas não é bem isso. Algo por trás deles, está ouvindo? É... o quê? Um zumbido, quase. Mas não exatamente.

O calor das mãos de Howard atravessou e encharcou o casaco e a camisa de Danny e estava enchendo seus braços. Não tinha se dado conta de que estava com frio, mas estava — desde a hora em que tinham entrado na parte arruinada do castelo. Danny prestou atenção e não ouviu nada, mas era uma espécie de nada diferente daquela a que estava acostumado. A maioria dos silêncios é feito uma pausa, uma área branca no meio do barulho rotineiro, mas aquele silêncio era denso, como só se ouve em Nova York logo depois de uma nevasca. Era ainda mais silencioso do que isso.

Howard: Não quero perder isto. Quero que isto seja a *essência* do lugar. Não apenas mais um resort. E largou os ombros de Danny. As veias saltavam nos braços e no pescoço de Howard. Danny sabia que era melhor ele entender aquilo, ou fazer uma cara de quem entendia.

Danny: Você quer que a essência do hotel seja o silêncio?

De certo modo, sim. Nada de televisão, isso é ponto pacífico. E cada vez mais acho que não vai ter nenhum telefone também.

Em nenhuma circunstância?

Se eu conseguir fazer com que dê certo.

Então vai ser como um... retiro? Um lugar aonde as pessoas vão para fazer ioga e coisas assim?

Não exatamente. Não.

Mick: Posso?

Howard: Sim, vá em frente.

Mick recomeçou a esfregar. Gostava de estar constantemente ocupado, aquilo estava bem claro. Um braço direito perfeito.

Howard: Pense nos tempos medievais, Danny, na época em que este castelo foi construído. As pessoas viviam vendo fantasmas, tendo visões... Achavam que Cristo estava sentado com eles à mesa de jantar, achavam que havia anjos e demônios voando ao

redor. Nós não vemos mais essas coisas. Por quê? Será que tudo isso acontecia antigamente e de repente parou? Pouco provável. Será que na época medieval todo mundo era maluco? Duvido. Mas a *imaginação* deles era mais ativa. A vida interior deles era rica e estranha.

(Não houve pausa na fala de Howard, mas estou fazendo uma pausa aqui para dizer a vocês que Danny não estava prestando atenção. A menção a telefones, ou à falta de telefones, o fez lembrar que estava fora de contato por tempo demais, talvez uma hora, àquela altura, e o fato de tanto tempo já ter passado tornava fácil imaginar quanto tempo mais ainda podia passar, e depois mais tempo ainda, e Danny sabia por experiência própria que quando alguém saía da roda era só uma questão de dias até parecer que nunca tinha existido. Tudo mudava, se movia, se reorganizava, o lugar de ninguém ficava reservado. Para Danny, a ideia de sumir daquele jeito era pior do que morrer. Se a gente está morto, tudo bem. Mas estar vivo e invisível, inacessível, inencontrável — seria como aqueles pesadelos que Danny tinha, nos quais não conseguia se mexer, parecia estar morto, e todo mundo achava que estava morto mesmo, mas ele ainda conseguia sentir e ouvir tudo o que acontecia. E bem no meio do pensamento sobre aquele assunto, Danny percebeu que Howard estava dizendo algo importante. Dava para ver pela maneira como as palavras se precipitavam para fora do primo, como se estivessem se libertando. Então Danny começou a prestar atenção.)

Howard: *Imaginação!* Salvou minha vida. Eu era um menino gordo, adotado, não tinha muitos amigos. Mas inventava coisas. Tinha uma vida dentro da cabeça que nada tinha a ver com a minha vida. E quanto às pessoas dos tempos medievais? A vida toda, só viam uma cidadezinha de merda, os filhos pegavam um resfriado e morriam, aos trinta anos só lhes restavam três dentes na boca. As pessoas tinham de fazer alguma coisa para dar uma agitada na vida, senão acabavam morrendo de tristeza e de tédio. Então, Cristo vinha jantar. Bruxas e gnomos se escondiam pelos cantos. As pessoas olhavam para o céu e viam anjos. E minha ideia... meu, meu... plano, minha...

Mick: Missão. Não fez nenhuma pausa em sua esfregação.

Minha *missão* é trazer um pouco disso de volta. Deixar que as pessoas sejam turistas de suas próprias imaginações. E, por favor, não venha me dizer *como na Disneylândia*, porque isso é exatamente o contrário do que estou falando.

Danny: Eu não ia dizer isso.

Howard: As pessoas estão entediadas. Estão mortas! Vá a um shopping e dê uma olhada nas caras. Fiz isso durante anos... Ia de carro para os shoppings no fim de semana e ficava lá sentado, só observando as pessoas, tentando entender aquilo. O que está faltando? Do que elas precisam? Qual será o próximo passo? E então, um dia, entendi: *imaginação*. Perdemos a capacidade de inventar coisas. Passamos esse trabalho para a indústria do entretenimento, e ficamos sentados por aí babando na camisa, enquanto eles fazem isso por nós.

Howard andava de lá para cá, se virava, agitava os braços. A suave escovação de Mick preenchia o ambiente.

Danny: E você acha que as pessoas vão pagar por isso?

A pergunta soou meio grosseira, mas Howard pareceu adorar. Excelente pergunta! A única pergunta, do ponto de vista dos negócios. A resposta é sempre a mesma, Danny: depende da qualidade do trabalho que nós fizemos.

Será que esse *nós* incluía Danny? Ele não tinha certeza. Howard e Mick pareciam irmãos.

Aí estão vocês!

Era Ann, passando pelos ciprestes rumo à luz do sol. Tinha trocado de roupa e usava uma saia verde comprida que se prendeu nos ramos, por isso ela teve de parar e soltá-la. Estava com uma blusa preta sem mangas, que fazia seus ombros parecerem muito brancos.

Ann: Querido marido, pensei que íamos levar Benjy para a cidade.

Howard: Meu Deus, que horas são? Comecei a mostrar para Danny...

Mick vestiu a camisa e se levantou. Vou voltar lá para dentro. Devo dizer para Benjy que você já está indo?

Howard: Só mais alguns minutos. Obrigado.

Mick pegou sua bolsa de ferramentas e seguiu na direção dos ciprestes. Depois daquele primeiro olhar hostil, ele não olhou mais para Danny, nem de relance. Quando Mick foi embora, Ann fechou os olhos e se espreguiçou.

Ann: O sol está gostoso. É difícil achar um lugar em que a gente possa realmente sentir o sol na pele. E então, Danny? O que acha de nosso pequeno reino? Ou ducado. Ou feudo, como quiser.

Howard: Baronato. E deu uma risada vazia.

Ann: É claro.

Danny: É incrível. Mas eu... ainda não entendi direito a questão do hotel. Quero dizer, a pessoa reserva um quarto e vem para cá. E aí, o que é que *acontece*?

Ninguém parecia ter uma resposta pronta.

Ann: Vou dizer para você como é que eu imagino. Posso?

Howard: Por favor.

Ann: Uma mulher viaja para cá sozinha. Está infeliz, está... mal. Talvez seu casamento esteja com problemas; talvez ela esteja sozinha. Seja lá o que for, ela está anestesiada, morta para si mesma. Então ela preenche a ficha na recepção, deixa a bagagem no quarto, depois atravessa o jardim e vem para esta piscina — não sei por que, mas eu sempre imagino isso acontecendo de noite (Ann dava passos rumo à beirada da piscina enquanto falava, seu cabelo escuro brilhando arroxeadado à luz do sol) —, e a piscina está toda iluminada e a água está limpa, obviamente, e está quente, tem de estar quente, porque aqui de noite está sempre frio, até no verão, e ela mergulha (Ann ergueu os braços num V branco acima da cabeça e esticou seu corpo comprido e reto, fechando os olhos) e isso... isso *faz* alguma coisa com ela. Estar naquela água produz um efeito: a acorda. E, quando ela sai da piscina, sente-se forte outra vez. Como se estivesse pronta para recomeçar sua vida.

Ann deixou os braços caírem para junto do corpo e sorriu para Danny, encabulada. Ele pensou: *É coisa demais para se exigir de uma piscina*, mas não disse. Na verdade, não sentiu isso. Enquanto Ann estava falando, ele ficou estranhamente envolvido.

Howard: Sabe como eu imagino? A Piscina da Imaginação. A gente mergulha e... bum!... nossa imaginação é libertada: nos pertence outra vez, não é de Hollywood, não é das redes de TV,

nem da Lifetime TV nem da *Vanity Fair* nem de qualquer videogame babaca no qual a gente fica viciado. *A gente* inventa, *a gente* conta a história, e depois está livre. Pode fazer o que quiser. Virou-se para Danny. A Piscina da Imaginação. O que você acha?

Danny estava achando algumas coisinhas:

1. Que Howard estava começando a parecer meio maluco. Muitos poderosos eram doidos mesmo, Danny não sabia direito por quê. Mas será que Ann também era maluca? E quanto ao Mick? Sem falar de todos os estudantes de pós-graduação. Seria possível que *todos* fossem malucos?
2. Que aquele hotel era a coisa mais parecida com o inferno que Danny podia imaginar.
3. Que ele precisava instalar sua antena parabólica.

Danny: Acho que estou me perguntado...

Howard: Diga.

...o que você quer que eu faça. Quero dizer, é um projeto tão... grandioso e você já tem tanta gente trabalhando nele... Não parece estar faltando nada, na verdade.

Howard olhou para seu relógio de pulso. Ann, você não quer levar Benjy à cidade e depois eu encontro com vocês lá?

Ann: Está perguntando o que eu quero ou dizendo o que vai acontecer?

Danny: Howard, vá com ela, por favor. Minha agenda... quero dizer, obviamente não tenho agenda nenhuma.

Não, eu prefiro... desculpe, meu bem.

Ann: Tudo bem. A gente se vê por aí.

Saiu rapidamente, em silêncio, sua saia verde desaparecendo entre os ciprestes. O silêncio se instalou nos ouvidos de Danny feito uma cola. Howard esfregou o pé sobre o mármore escovado. Quando voltou a olhar para Danny, estava sério.

Howard: Dei a impressão errada para você. Tem uma coisa faltando.

Danny: O quê?

Howard: Eu não sei. Estou tentando entender o que é. Venha cá, vamos andar. Vamos... Está a fim de subir num muro? Lá de cima a gente tem uma vista incrível.

Danny estava totalmente a fim de subir — por causa da antena parabólica. Foi atrás de Howard e passaram por outra brecha entre os ciprestes. Uns dez metros depois das árvores, havia uma parte quebrada do muro, como a que Danny tinha escalado na noite anterior. Howard subiu correndo sem parar, galgando que nem um bode, em sua bermuda e com suas botas de caminhada, enquanto Danny bufava atrás, em seu casaco de veludo e suas botas escorregadias, tentando não parecer tão ridículo. Mas não tinha importância — Howard não estava olhando para ele. Estava assimilando a paisagem.

O muro era construído feito um sanduíche, duas camadas de pedra com um monte de cascalhos de concreto no meio, mas, diferentemente da parte do muro que Danny tinha escalado na noite anterior, esses cascalhos estavam desmoronando, por isso era preciso se agarrar a uma camada externa do muro para não cair no vazio e torcer o tornozelo. Portanto: nada de antena parabólica. Ainda assim, a vista era fantástica. Atrás de Danny ficava o penhasco de onde ele tinha olhado para o vale na noite anterior; dentro dos muros, à esquerda, ficava o conjunto das edificações do castelo; e bem na frente estava o torreão. Abaixo, a piscina preta parecia uma cratera, um buraco esmurrado na terra.

Howard: Vejo tudo isso, Danny, e me encho de admiração e respeito, mas continuo do lado de fora. Existe uma entrada que não consigo encontrar. E não tenho a menor ideia de onde procurar.

Como você sabe que ela existe?

Howard virou-se para Danny. Eu sinto. Bem aqui. Socou a própria barriga com uma força que teria feito Danny sentir ânsia de vômito. É um... não sei o que é. Um mapa. Uma pista. Uma chave. Pode até não ser uma coisa. Pode ser uma ideia.

Danny: E... outras pessoas também sentem isso?

Howard: Elas sentem alguma coisa. Estão todas inquietas. Querem que eu as conduza numa direção bem definida, e não consigo fazer isso. Estou travado. Enquanto falava, Howard fitava a distância, e Danny acompanhou seu olhar na direção do torreão.

Danny: Tem alguma coisa a ver com a velha senhora que mora lá dentro?

Pode ser. Às vezes eu acho que é o torreão propriamente dito. Era o coração do castelo antigamente e eu não consigo ter acesso a ele. Ou então pode ser uma coisa completamente diferente. Mas preciso de uma resposta — essa coisa tem de funcionar. Pus meu casamento em risco, arrastei toda essa gente para cá. Tudo o que tenho na vida está envolvido por este castelo. Logo, tem de dar certo. *Tem de dar certo.*

Virou-se para Danny com uma expressão que não chegava a ser desesperada, mas faltava pouco. Uma expressão faminta. Howard precisava de alguma coisa.

Danny: Hoje de manhã, quando eu estava olhando pelo telescópio, vi alguém lá dentro. Dentro do torreão. Mas ela era jovem.

Howard: Não tem ninguém jovem lá.

Eu a vi. Loura, bonita... ela era jovem, Howard. Bem naquela janela ali.

Apontou para o torreão, mas Howard não olhou. Estava olhando para Danny. E pela primeira vez em um bom tempo estava sorrindo.

Howard: Estou espantado que esteja acontecendo tão cedo.

Do que você está falando?

O rosto de Howard estava corado. Acontece com todo mundo que vem para cá. Senti isso logo na primeira vez, com Ann... menos de uma hora depois de chegar, notei que minha percepção começava a oscilar, a se modificar, quase como se eu estivesse sonhando.

Danny sentiu seu corpo ficando frio e paralisado. Você quer dizer que estou tendo alucinações?

Quero dizer que a baronesa é uma bruxa velha que mais parece um defunto do que uma pessoa viva. Estou dizendo que não há mais ninguém naquele torreão. E estou dizendo que isso, o que aconteceu com você quando olhou pelo telescópio, é a própria razão de ser de nosso hotel. É isso, *bangue!* Você entendeu tudo.

Danny: Está bem.

O verme tinha aberto seu caminho para dentro dele. Bastou apenas a comichão de uma ideia feia — Howard estava fodendo

com sua cabeça — para acabar com seu estado de dormência. No geral, Danny era bastante resistente ao verme e ele tinha também o dom de diminuir o ritmo do verme nas outras pessoas, lembrando a elas que só porque viam quatro carros de cor laranja num intervalo de uma hora, isso não significava que policiais disfarçados estavam vigiando o apartamento delas para darem uma batida; ou que ouvir um cara rindo na vitrine de uma lanchonete Starbucks bem na hora em que você está passando não era prova de que ele tinha passado a noite anterior trepando com sua namorada. Mas ainda assim Danny não era totalmente imune ao verme, ninguém era.

Howard: Posso ver que você não acredita em mim, Danny. Não culpo você por isso. Faça só o seguinte... fique do meu lado. Mantenha a mente aberta.

Tudo bem.

O olhar de Howard varreu sua propriedade, os muros externos, altos e quadrados, com suas torres redondas a cada cinquenta metros, a vegetação selvagem dentro deles, o aglomerado das edificações do castelo. Tinha tanta coisa quebrada, desmoronada ou à beira de desmoronar que quase dava para sentir a força da gravidade puxando, forçando aquilo tudo de volta para dentro da terra. A coisa toda parecia uma loucura para Danny, uma aventura condenada.

Howard: Falei com meus pais uns dias atrás, Danny, e eles me contaram que você se meteu em algum tipo de encrenca em Nova York.

Então agora a família andava fofocando sobre *e/e*. Mas Danny já sabia.

Tive uma reação instintiva: trazer Danny para cá. Puro instinto. Ele precisa de algo, eu preciso de algo... talvez as duas partes se encaixem. Mas vou dizer uma coisa para você: tomo todas minhas decisões desse jeito. E ninguém ganha o dinheiro que eu ganhei se não tiver um instinto do cacete.

Danny: Bem, meu instinto costuma sempre me ferrar. Assim, temos seu instinto de me trazer para cá contra meu instinto de vir para cá.

Howard riu. Foi uma grande risada alegre, do tipo que a gente se alegra de provocar em alguém. Danny sentiu o verme começar a

relaxar.

Howard: Então, onde está o conflito? Se eu ganhar, você ganha também.

CAPÍTULO QUATRO

O que eu quero saber, diz Tom-Tom, depois que li meu troço na aula, é qual desses palhaços é você.

Palhaços? E olho para ele com os olhos semicerrados. Palhaços são um tema sensível para o Tom-Tom. Estou surpreso por ele ter levantado o assunto.

Tudo bem, diz ele. Babacas.

Vamos com calma, diz Holly. Não por causa da palavra *babacas* — isso é quase uma forma educada de falar —, mas porque ele está falando aquilo a respeito de uma coisa que eu escrevi. E na lista das regras de Holly, *Respeitar o trabalho dos outros* vem antes de *Nenhum contato físico* — mais uma coisa que mostra que ela nunca deu aula numa prisão antes.

Tom-Tom é um cara de quem ninguém gosta, mas isso não quer dizer nada. Tom-Tom é um cara que *gosta* do fato de ninguém gostar dele, porque isso significa que ele deve ter razão a respeito de o mundo ser um enorme monte de merda. Acho que dá para dizer que Tom-Tom gosta mais de ter razão do que de que gostem dele.

Eu já sabia quem ele era por causa dos lagartos. Temos um programa de répteis no qual os presos mantêm os ovos debaixo de luzes e depois cuidam dos bebês lagartos ou do que for, até que estejam grandes o bastante para serem vendidos numa loja de animais domésticos. Tom-Tom é o nosso homem dos lagartos. Eles são de tamanho médio, o verde mais brilhante que já se viu. Tom-Tom os leva para fora, presos em coleiras feitas de cordas, e os deixa correr pela terra. Esfrega as cabecinhas lustrosas com o dedo e beija os lábios dos lagartinhos.

Um ano atrás, mais ou menos, um espetáculo de horrores chamado Quince foi até o lugar onde os lagartos de Tom-Tom estavam brincando no pátio e meteu a bota na cabeça de um deles, esmagou o bicho com toda a frieza. Isso aconteceu no tempo em que tudo o que eu fazia na vida era ficar sentado — *depressão, preguiça, desânimo, ser um maldito dedo-duro*, o motivo por que eu vivia tão parado dependia da pessoa a quem você perguntava. Naquele dia eu estava num banco a uns vinte metros de Tom-Tom, do outro lado de um alambrado. Ele devia ter ficado de joelhos e agradecido a Deus o fato de Quince, naquele dia, ter resolvido esmagar só um lagarto e mais nada, mas assim que Quince foi embora, o rosto de Tom-Tom fez algo que eu nunca tinha visto exatamente antes: o rosto de Tom-Tom se contorceu e desmoronou, como se tivesse uma bota esmagando a cabeça *dele*, e seus lábios se encolheram para dentro de um jeito que a boca virou um buraco preto aberto, mas não saiu nenhum som lá de dentro. A princípio, achei que ele estivesse tendo um ataque cardíaco ou um derrame, sei lá, mas depois entendi que eu estava vendo a pura infelicidade, do tipo que as pessoas só demonstram quando acham que estão sozinhas.

Então Tom-Tom me viu através do alambrado. Por uma fração de segundo, pensei: *estou morto*. E eu estaria morto mesmo, nem se discute, se ele fosse um presidiário de verdade. Mas Tom-Tom não é um presidiário, ele é um viciado em metanfetamina que adora répteis e detesta todo o resto.

Quem disse que algum desses babacas sou eu?, pergunto agora para Tom-Tom.

Bem, tenho certeza de que você não inventou essa merda toda.

Pois eu inventei sim, digo, porque quero que Holly ache isso. Senão tudo aquilo não passa de uma história que um cara me contou, e então por que ficar impressionada com esse cara e não comigo?

Ninguém pode inventar uma merda dessas, diz Tom-Tom. É ridículo demais.

Mais ridículo do que entrar num banco vestindo uma fantasia de palhaço e atirar em três pessoas?, diz Hamsam, e a sala se enche de risadinhas abafadas. Tem uma coisa engraçada entre mim e

Hamsam: somos amigos, mas quase nunca nos falamos. Talvez seja por isso que somos amigos.

Vá se foder, seu merda, diz Tom-Tom, mas suas orelhas ficam cor-de-rosa.

Escrevo: *merda*.

Ei, Holly adverte Hamsam com uma voz pungente, nossos crimes ficam lá fora, lembra? Mas Holly está olhando para Tom-Tom e dá para ver que ela está pensando: *Fantasia de palhaço?*

Supostos crimes, diz Allan Barba, nosso cérebro residente.

Nossos crimes? Tom-Tom está sorrindo para Holly e seu sorriso parece o sorriso de um lagarto. Foi isso que você falou? *Nossos crimes?*

Só para ser gentil, responde Holly. Tenho de reconhecer que ela aprende depressa.

Tentei de tudo para fazer com que ela olhasse para mim: ficar calado, fazer perguntas, rir, me espreguiçar, estalar os dedos. Toda semana levo alguma coisa para ler, e, depois que leio, ela olha de relance na minha direção porque é obrigada, mas seus olhos não fazem contato comigo — estão olhando meio para o lado, ou para trás de mim, ou até através de mim. Acho que o troço que escrevi sobre o cara que trepa com a professora da oficina de textos deixou Holly nervosa. E tenho vontade de dizer para ela: Ei, gata, não era você, ok? *Aquela* professora era uma loura de verdade, sem falar que tinha menos de trinta anos, não tinha nenhuma ruga em volta dos olhos e tinha umas curvas no corpo que você não teria nunca, nem se comesse barras de chocolate dia e noite, e, além do mais, ela usava *vestidos* — já ouviu falar desse tipo de roupa? E tinha cheiro de morango. Ou de manga. Ou de alcaçuz. Eu não sei. Mas estar aqui dentro muda tudo. Coisas que a gente diria que são comuns ou até completamente invisíveis no mundo do lado de fora aqui dentro viram coisas preciosas, com utilidades mágicas que a gente nunca imaginou. Uma caneta quebrada é uma máquina de tatuagem. Um pente de plástico é uma ferramenta, ou seja, uma faca. Umas ameixas e um pedaço de pão vão virar a birta da semana que vem. Um pacote de refresco em pó é tintura de cabelo, um duto de ventilação é um telefone. Dois cliques de papel num soquete de lâmpada e mais um grafite de lápis permitem que a

gente acenda o cigarro. E uma garota feito Holly, para quem a gente talvez nem levantasse os olhos no mundo do lado de fora, aqui dentro é uma princesa.

Não acho que você seja gentil, diz Tom-Tom para ela. Acho que você é culpada, como todos nós.

Fale por você mesmo, diz Hamsam, e alguns caras batem com a mão nas suas mesas para indicar que estão de acordo.

Holly sorri para Tom-Tom. Tem as sobrancelhas claras, os olhos vermelhos. Seu nariz é comprido e meio pontudo. Tem lábios bonitos, isso eu reconheço nela; são cor-de-rosa e têm um formato delicado e bem desenhado, mesmo sem batom, que ela nunca usa. Nenhuma maquiagem, de nenhum tipo. Eu a observo atentamente, o que é uma coisa que se pode fazer com uma pessoa que nunca olha para a gente, e quando Tom-Tom diz que ela é culpada, uma espécie de ondulação acontece no rosto de Holly, e através daquela ondulação capto alguma coisa que não tinha notado antes, mas agora me dou conta de que aquilo esteve ali o tempo todo, desde o primeiro dia. Dor.

Fale para nós sobre seus crimes, Holly T. Farrel, diz Tom-Tom.

Ela ainda está sorrindo. Não são nem um pouco da sua conta, Tom, diz ela.

* * *

Isso é um dia. Os dias se misturam. Tudo o que a gente quer é que as semanas e os meses e os anos passem e que assim o tempo passado aqui dentro possa terminar como um sonho ruim e a gente possa então voltar para a vida real, porém, quanto mais tempo a gente fica aqui, mais é a antiga vida que começa a parecer um sonho. É claro que eu a quero de volta, mas o problema é: quando a gente tem o mesmo sonho duas vezes?

Nada muda aqui dentro: quatrocentos e vinte e cinco passos para o lugar onde trabalho na manutenção (andando sempre no lado direito da linha amarela que percorre o meio de todos os corredores), trezentos e vinte passos de lá até o rango, cento e trinta e dois passos do rango até o bloco D. Luzes apagadas às

onze da noite, acesas de novo às cinco da manhã, para a primeira contagem. Quatro outras contagens, uma delas com todo mundo de pé, às quatro da tarde, em nossas celas. Três sessões por semana na sala de musculação. Quatro embrulhos por ano pelo correio, mas para mim em geral é menos do que isso, porque a única família que tenho está muito longe, então meus embrulhos são sempre coisas que eu mesmo encomendo.

Minha cela: um metro e oitenta por três metros, duas bandejas de metal pregadas na parede com colchões por cima, que parecem almofadas velhas, coladas com esparadrapo, retiradas de cadeiras de varanda. Ninguém nunca quer ficar com a parte de cima do beliche — as pessoas se esfaqueiam por causa dos beliches de baixo —, mas eu gosto do beliche de cima porque me dá a melhor visão de nossa janela: doze centímetros de largura, sessenta de altura. Tem um tipo de vidro especial que embaça o que está do lado de fora e deixa tudo com uma forma cinzenta e turva, talvez para evitar que a gente planeje uma grande fuga, ou talvez porque uma janela através da qual se possa realmente ver as coisas seja bom demais para a gente. Mas saca só isso: depois daquela segunda aula com Holly, em que a porta dentro da minha cabeça se abriu, fiquei sentado em meu beliche, olhei bem para a janela e de repente consegui enxergar através do vidro e ver o pátio lá embaixo: concreto, cercas, caras à toa ao ar livre. Eu quase dei um grito. Mas me contive, porque movimentos ou barulhos bruscos não são uma boa ideia perto do meu companheiro de cela, Davis.

Hoje em dia posso ficar no meu beliche durante horas olhando para aquelas figuras que se mexem no cinza. Eu as observo como jamais poderia fazer se elas soubessem que estou ali, e reparo as coisas: como Allan Barba alisa sua barba. Como Hamsam caminha feito um chimpanzé. Como Cherry se vira para a cerca e chora quando não tem ninguém olhando. Como Tom-Tom deixa os lagartos sentarem atrás de suas orelhas e subirem pelo seu rabo de cavalo. É melhor do que televisão.

Que diabo você fica olhando assim o tempo todo?, Davis me pergunta.

Nada.

Então por que fica olhando?

Por que está interessado no que eu faço?

Não dou a mínima para o que você faz ou deixa de fazer.

Ótimo. E eu continuo olhando, e Davis continua zanzando, o que, num espaço deste tamanho, significa dar um passo na direção da janela e depois um passo de volta, da janela para cá, e olhar fixamente para mim. Davis é faxineiro, portanto está sempre se mexendo. Varre, passa o esfregão nos corredores dos pavimentos e em troca os guardas nunca vêm revirar as coisas em nossa cela e Davis pode estocar um monte de bagulhos embaixo de seu beliche, um espaço cuja metade pertence oficialmente a mim. Só Deus sabe o que ele enfiou lá embaixo — canivetes, contrabando, até uma bomba, sabe lá? Ele enfia uma toalha de mesa xadrez, vermelha e branca, embaixo do colchão, de modo que ela fica pendurada para fora e vai até o chão, para cobrir o que ele guarda ali embaixo, seja lá o que for. Nunca levantei a toalha de mesa (Davis fica logo com raiva só de eu chegar perto dela), mas tenho curiosidade.

Tenho certas razões para perguntar, diz ele.

Perguntar o quê?

O que você tanto fica olhando.

E que razões são essas?

Primeiro você responde a minha pergunta, depois eu respondo a sua.

Minha resposta é nada. Estou olhando para nada.

Papo furado. Ninguém olha para nada.

Não, *você* não olha para nada, Davis. Mas *eu* olho para nada.

Bem, é um jeito muito besta de usar seu tempo.

No que diz respeito a Davis, tudo o que faço aqui é desperdiçar um tempo valioso. O dia inteiro de Davis é organizado por minutos — cacete, pelo que sei, ele deve ter reservado cinco minutos extras para me perturbar com essa história da janela. Logo que nos puseram juntos pela primeira vez, ele me deu aulas de autoaprimoramento, de edificação pessoal, de espírito empreendedor, de como sair da lama, esse tipo de papo, e depois, a certa altura, concluiu que não adiantava nada. Mas a parte engraçada é a seguinte: eu me matriculei nas aulas de Holly para ficar livre do Davis uma noite por semana. E, desde que comecei a ter aquelas aulas, tudo parece diferente — mais brilhante, mais

definido, um pouco estranho, como se eu estivesse começando a ficar doente.

Davis tem um projeto que ele mesmo inventou e que me enlouquece, embora eu tente não dar essa satisfação a ele: Davis faz uma série mínima de setecentas flexões em nossa cela. Não tenho nada contra a pessoa querer ficar em forma, mas qual é... *setecentas*? Estamos falando de um grau de gemidos, suores, grunhidos e (nas últimas cem) gritos de misericórdia que já seria duro de aguentar no espaço enorme de uma academia. Nesta minúscula gaiola, vira um espetáculo de horrores. E eu nem me refiro aqui à gritaria histérica de todo mundo no pavimento sobre o que devo estar fazendo com Davis para ele uivar daquele jeito. Estou falando mesmo da barulheira do troço.

Mas na mesma ocasião em que a questão do vidro da nossa janela se resolveu, os exercícios de Davis começaram a me afetar de um jeito diferente. Aconteceu quando eu ouvi as palavras dele. Quanto mais esgotado e destruído Davis fica por causa de suas flexões, mais as palavras normais que todo mundo fala no dia a dia começam a se misturar com palavras antigas que ele devia ter usado em algum momento anterior da vida dele: *estúpido* e *consolo* e *bunda-mole* e *é a mãe* — palavras que eram sobras de uma vida que ficara para trás havia muito tempo. E quando percebi as palavras antigas que Davis usa, comecei a ouvir essas palavras em toda parte, porque este lugar é um poço de palavras — as palavras ficam presas aqui, elas empacam no momento em que o relógio de nossas vidas antigas para. E assim, quando estoura uma briga, eu já não me afasto como fazia antes, eu me meto no bolo de gente e espero que essas palavras-fantasmas comecem a pipocar. Já ouvi *cabeçudo*, *pateta*, *bacana*, já ouvi *tira* e *assassino de Jesus* e *nazista* e *crioulo* e *careta* e *arranca-rabo* e *fracote* e *bizarro* e *filhinho de mamãe* e *mata-rato* e *boneca* e *festeiro* e *piloto* e *cruzado no queixo* (não esqueça que temos aqui condenados com próteses no quadril e próteses nos dentes que podem contar boas histórias sobre mendicância na Bowery, se a gente der um bom incentivo para eles), e eu vou anotando essas expressões, engaiolo todas dentro da minha cabeça e assim as reservo. Porque cada uma delas tem o DNA de uma vida inteira dentro de si, uma vida na qual essas

palavras se encaixavam e faziam sentido, porque todas as outras pessoas também falavam assim. Eu reservo essas palavras e mais tarde abro o diário que Holly pediu para a gente escrever e anoto as palavras uma por uma. E por algum motivo isso me deixa de bom humor, como dinheiro guardado no banco.

* * *

Na aula seguinte, leio de novo e Mel é o primeiro a falar, o que é surpreendente, porque Mel quase não fala. Hamsam não está presente.

Eu tenho uma reação, diz Mel. Na verdade, tenho um problema, Srta. Holly.

Mande lá, diz Holly.

Mel pigarreia e diz, de maneira meio formal, Eu gostaria de saber o que vai acontecer depois.

Holly espera, ela está esperando mais alguma coisa e, quando Mel não fala mais nada, ela entende que *isso* é o tal problema a que ele se refere e sorri. Mel, diz ela, isso é uma coisa positiva; significa que a história envolveu você.

Não, diz Mel, não é nada positivo. Ele tem uma voz fraca e ofegante, uma voz de quem tem pressão alta que combina bem com seu corpo, que parece ficar mais gordo a cada semana. Como ele consegue fazer isso com a porcaria que servem aqui para comer é uma coisa que eu não sei. Mel diz, Isso não é positivo porque me deixa incomodado.

Ninguém quer deixar Mel incomodado. Ele é grande, burro e perigoso. Correm rumores de que tentou matar a esposa moendo trezentos comprimidos de vitamina C e polvilhando sobre as roupas e sobre o travesseiro dela, porque alguém falou para ele que a vitamina C era tóxica quando a pessoa inalava.

Defina a palavra *incomodado*, Mel, diz Holly.

Eu quero dizer que eu tenho uma sensação incômoda dentro de mim, assim feito um vazio, uma sensação de decepção, como se eu quisesse saber o que vai acontecer e me sentisse mal porque não sei, como se Ray estivesse escondendo uma coisa de mim. E

depois começo a ter uma sensação de raiva e fico puto, com o perdão da palavra, Srta. Holly.

Parece que você está descrevendo uma *expectativa*, diz Holly. E isso não é um problema, Mel. É isso que um escritor mais deseja alcançar e é para isso que ele vive.

Isso é um problema porque ficar incomodado não é uma coisa de que eu gosto, diz Mel. Quanto mais baixa é sua voz, mais sério ele está falando. Vamos lá, Ray, conte logo o que aconteceu depois.

Mel, diz Holly, e ela ri como se não acreditasse naquilo. Você não pode exigir isso. Não é justo.

Eu digo que o que não é justo é Ray me deixar esperando.

Tom-Tom está sentado do meu lado. Toda semana ele escolhe essa mesa, sabe-se lá por quê. Agora está se contorcendo e agitado, e por fim se vira para mim e diz, Vamos lá, Ray. Conte para a gente o que acontece depois. Você estava *lá*, não é?

Olho para ele e sorrio. Não sei por que gosto de deixar Tom-Tom irritado. Talvez porque seja uma coisa muito fácil.

Olhe só, Ray não vai contar, diz Tom-Tom. Prefere ficar aí sentado com esse sorrisinho de comedor de merda na cara.

Com o perdão da palavra, diz o Cherry, e ele e Allan Barba começam a rir.

Anoto em meu caderno *sorrisinho de comedor de merda*.

Mel faz pouco-caso das risadas. Você não tem nenhum motivo para não me contar o que acontece, Ray, diz ele, e a voz de Mel é manteiga derretendo numa frigideira. Com o que eu estou sentindo nesse momento, diz ele, vou ficar pessoalmente ofendido se você não contar.

Não tenho nenhum interesse em ofender pessoalmente Mel. Ele ficou na solitária por três meses depois de apunhalar um cara chamado Julian Sanchez com uma escova de dentes que ele transformara em faca raspando a ponta no chão. Para sorte de Sanchez, no calor da briga, Mel usou acidentalmente a outra ponta da escova, onde ficam as cerdas.

Mas quando eu começo a contar, não é para deixar Mel feliz. Faço isso por Holly, para fazer com que ela olhe para mim. Ficar do lado de dentro faz a gente voltar a ser criancinha: os caras se matam uns aos outros por causa de uma vaga para jogar voleibol,

jogam a comida longe e mijam e cagam, porque afinal de contas o que mais a gente tem para fazer? O que mais a gente tem aqui? E eu preciso da atenção de Holly, só isso. Eu preciso.

Bem, digo, o que acontece depois é que Danny vai montar a tal antena parabólica que ele trouxe e ligar para sua ex-namorada, Martha Mueller.

Muito bem, diz Mel. E ele diz o quê?

Você não precisa fazer isso, Ray, diz Holly, olhando para minha esquerda.

O importante, conto para Mel, é que Danny quer voltar com Martha. Mas ela não vai voltar.

Eu preciso das *palavras*, diz Mel. Agora você está só fazendo barulho nos meus ouvidos.

Holly espera, mas não está contente.

Está certo, digo para Mel. Aqui estão algumas palavras: “Oi, Martha, é Danny... Pois é, consegui chegar e estou aqui neste castelo velho com meu primo e outras pessoas, e estou pensando em você.” Tenho uma reação de calor na minha cara, mas vou em frente. “Eu estava querendo que a gente... eu esperava que a gente pudesse...” Agora estou gaguejando, tenho dificuldade para encontrar as palavras, e os caras riem feito loucos. Holly também, ela não consegue se conter. “Eu tinha esperança de que a gente pudesse começar do zero...” Ah, cacete, eu resmungo, porque estou tendo um derrame, estou morrendo de vergonha. Não consigo fazer isso, Mel.

Ele é o único que não está rindo. Estava ficando legal, diz ele. Até o *Ah, cacete*.

Então esqueça que eu disse *ah, cacete*. Não vou escrever *ah, cacete*.

Mel crava seus olhinhos vazios e malvados em cima de mim. Ray, diz ele, como se estivesse falando com um gatinho. Antes, você estava pintando um quadro. Você tinha um clima e tudo mais. Agora você está só falando da boca para fora. Seu coração não está no que você fala, cara, não está mais pintando um quadro, e essa merda me deixa *incomodado*. Perdoe a palavra, Srta. Holly.

Nós estamos andando em círculos, diz Holly. Digo que temos de ir em frente.

Ninguém vai em frente enquanto Mel não autorizar. Ele olha para mim. Continue, Ray.

Acabei, digo. É melhor pedir ao palhaço. Nem olho para Tom-Tom.

Mel diz alguma coisa, mas sua voz é como uma asa de borboleta adejando e eu não consigo ouvir nada. Holly dá um passo na direção da mesa, onde ela guarda um cordão com o interruptor que aciona o sinal de emergência que todos eles usam em volta do pescoço. Ela tira o cordão do pescoço assim que entra na sala de aula, toda semana. Coloca em cima da mesa, acho que é para mostrar que confia em nós. Agora ela hesita. Se apertar o botão, a aula acaba, e ela detesta perder uma aula. Dá para ver. Todo mundo é precioso para ela.

Sente-se, Tom, diz Holly, porque agora ele está de pé.

Só estou esticando as pernas um pouquinho, responde Tom-Tom, e sorri para Holly com seu medonho sorriso de lagarto, e eu penso em como ela fica pequena naquelas calças folgadas que usa, e naquela hora entendo que o propósito daquela roupa é fazer Holly parecer e se sentir que nem um homem, ou até um menino, esconder o que há de feminino por baixo daquilo, para que ela não se sinta fraca. Na hora em que Tom-Tom se vira para mim, é tarde demais. Holly já está longe do cordão com o alarme e Mel também se levantou, movimentando-se rápido para um sujeito tão gordo.

Eu podia parar esse negócio de cem maneiras diferentes. Mesmo agora, com todo mundo em movimento. É assim que funciona a violência: um silêncio lento surge em volta e de repente há todo esse espaço para movimentar e reordenar as coisas, ou para pôr um fim nelas. Ou talvez essa seja a impressão que dá depois, quando a gente gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente. Sinto que Mel e Tom-Tom estão me observando, esperando um sinal mesmo enquanto se movimentam, mas não dou nenhum sinal para eles. Porque eu quero isso. Alguma coisa dentro de mim está pressionando nessa direção. Sinto o mistério disso na hora em que Mel agarra minha mesa e a vira de cabeça para baixo, e minha cabeça bate no chão e fico ali estirado, de olhos fechados, e umas faíscas elétricas voam em redor, contra o fundo preto: fiz

uma coisa acontecer e ela está acontecendo agora, e eu não sei o que é.

Holly está assustada, posso sentir pelo cheiro. Ela fica de joelhos e põe a mão na minha cabeça, eu sinto a pele dela, a palma da mão e os dedos finos e quentes na minha testa, e ligado aos dedos está um corpo com vida, que pressiona de dentro para fora dele. Holly Farrel. A mão dela na minha testa. O bizarro e o terrível deste lugar é que uma coisa à toa, uma mão numa testa, possa ter tanta importância assim.

Espero o máximo que posso. Então abro os olhos e olho para Holly. Ela olha para mim: olhos suaves, preocupados e vermelhos. Azul-claros.

Chega de drama, diz ela. De pé. E vai ao encontro dos guardas na porta.

A aula termina mais cedo nesse dia.

CAPÍTULO CINCO

Finalmente, Howard foi à cidade. Depois que ele saiu, Danny rastreou o quarto onde tinha dormido, juntou as peças de sua antena parabólica e arrastou tudo pelo jardim até a piscina redonda. Deu a volta na piscina, tentando adivinhar que ponto proporcionava à sua antena a melhor mira para aquele vão oval e azul do céu. Agora que estava sozinho, Danny notou como a luz do sol era clara e quente, repleta de insetos que zumbiam. E também como o capim tinha se espremido para crescer entre uma placa de mármore e outra em torno da piscina e feito sua superfície ficar desnivelada, como se estivessem boiando na água. Havia um banco de mármore perto da piscina e, de frente para o banco, do outro lado, havia uma cabeça esculpida, com uma bica seca no lugar da boca. Danny percebeu que era uma Medusa, sua cabeça enfurecida envolta em serpentes de mármore.

O fedor da piscina não o incomodava agora, talvez porque ele estivesse prestes a ligar o telefone. Como um telefone celular via satélite podia afetar o olfato do Danny?, alguém deve estar se perguntando. Bom, ele morou numa porção de lugares desde que se mudou para Nova York: uns bonitos (quando era a casa de outra pessoa) e outros umas porcarias (quando era a casa dele mesmo), mas nenhum nunca pareceu um lar. Por muito tempo, isso incomodou Danny, até que certo dia, dois verões atrás, ele estava atravessando a Washington Square falando no celular com seu amigo Zach, que estava em Machu Picchu ao meio de uma tempestade de neve, e de repente aquilo bateu na sua cabeça — pam! Ele estava em casa *bem naquele instante*. Não na Washington Square, onde a habitual multidão de turistas estava às gargalhadas com algum comediante vagabundo dentro do chafariz vazio, não no

Peru, aonde nunca tinha ido em toda a vida, mas *nos dois lugares ao mesmo tempo*. Estar num lugar, mas não completamente: isso era estar em casa, para Danny, e com toda a certeza do mundo era um lugar mais fácil de conseguir do que um apartamento decente. Tudo de que precisava era um telefone celular, ou de acesso à internet, ou das duas coisas ao mesmo tempo, ou mesmo só um plano para ir embora de onde quer que ele estivesse e ir para outro lugar muito, muito em breve. Estar num lugar e *pensar* em outro lugar podia dar a ele a sensação de estar em casa, e era por isso que saber que ele estava prestes a pôr o telefone para funcionar fazia o cheiro da piscina parecer fraco, uma coisa que ele já tinha deixado para trás.

Escolheu um local perto da Medusa e meteu mãos à obra. Danny não era nenhum engenheiro, mas sabia seguir a orientação de um manual e dar conta do recado. Instalou aquela geringonça, um guarda-chuva comprido e fechado, que era a antena propriamente dita, mais um tripé, mais um teclado pequeno, mais o telefone propriamente dito, que era pesado e gordo como eram os telefones celulares dez anos atrás. Depois, começou a fazer a programação, voltando atrás a cada beco sem saída: códigos errados de países, telefonistas estrangeiros, gravações em idiomas que não entendia. Não tinha importância. Ele estava ouvindo *alguma coisa*, estava conectado a *alguém*, e a alegria daquilo, após quase setenta e duas horas de isolamento total, fazia Danny enfrentar os percalços com um sorriso.

Uma hora depois, estava digitando a senha da sua caixa de mensagens em Nova York, meio tonto com a quantidade de dióxido de carbono que se acumulava em seu peito toda vez que passava muito tempo sem checar seus recados. Cada nova mensagem que começava fazia o coração de Danny se esticar como se estivesse tentando alcançar algo. E toda vez, assim que se dava conta do que era a mensagem, sentia um baque de decepção. Mãe: Onde você está agora? naquela voz desgastada com que Danny já estava tão acostumado, que já quase não o fazia se sentir culpado. Cobradores de contas atrasadas, que ele tratava de identificar com duas palavras ou menos, e deletava a mensagem. Sua irmã Ingrid, a espiã (de que outra maneira seus pais poderiam ter adivinhado,

vinte e quatro horas depois da última visita da irmã, que o restaurante onde ele era o *maître* não passava de um “ponto de encontro de mafiosos”?), *Só para saber como você está*. Sei, tudo bem. Uma dezena de amigos falando de bares, festas e boates, tudo muito legal, mas nada que fosse *a coisa*. Danny não tinha a menor ideia do que era a coisa. Tudo o que sabia era que vivia mais ou menos num estado constante de expectativa de alguma coisa, a qualquer dia, a qualquer hora, uma coisa capaz de mudar tudo, virar o mundo de cabeça para baixo e pôr a vida toda de Danny em perspectiva, como uma história de sucesso absoluto, porque toda reviravolta e guinada, todo impasse e fracasso sempre teriam levado a isso. Coisas inesperadas podiam afetá-lo como se fossem a coisa, de início: uma garota a quem ele tinha se esquecido de dar seu número de telefone de repente, sem mais nem menos, telefonava para ele; um amigo com um tipo de plano genial para ganhar dinheiro; ou, melhor ainda, uma pessoa de quem nunca tinha ouvido falar e que *queria conversar*. Danny chegava a ter uma verdadeira queda de pressão por causa de mensagens desse tipo, mas assim que retornava a ligação e descobria os detalhes, via que se tratava apenas de mais projetos, possibilidades, planos que no final das contas se resumiam apenas a deixar as coisas exatamente como estavam.

Danny programou sua caixa de mensagens de Nova York para encaminhar suas ligações diretamente para o novo telefone. Em seguida, preparou sua nova caixa de mensagens de voz e começou a ligar: Zach, Tammy, Koos, Hifi, Donald, Noon, Camilla, Wally. Na maior parte dos casos, deixou recados — o importante era mandar o número novo para a maior quantidade possível de telefones, e fazer isso aliviou uma pressão que vinha aumentando dentro de Danny durante as muitas horas que passou sem fazer contatos. Só conseguiu falar com pessoas de verdade em, talvez, um quinto das vezes, e as conversas foram algo assim:

Danny: Oieaí?

Amigo: Danny, meu garoto. Está na área de novo?

Danny: Qualquer dia desses. Qualquer dia.

O que era falso — ele nem tinha passagem de volta —, mas Danny sabia que a melhor maneira de se manter na frente e no centro da cabeça das pessoas era agir como se tivesse acabado de partir, por mais longe que estivesse na realidade. E enquanto ele punha em dia as setenta e duas horas de fofoca, também absorvia o ruído de Nova York, que vazava da *periferia* das fofocas, o que criava um equilíbrio perfeito com a piscina, as árvores e o zumbido baixinho. Ele estava em casa.

Esperou um pouco antes de digitar o número do trabalho de Martha Mueller. Ele gostava de se aquecer um pouco antes.

Martha: Escritório do Sr. Jacobson. O telefone fixo de Martha tornava a ligação de Danny ainda melhor; a voz arranhada de Martha soava tão profunda e suave no ouvido de Danny que parecia que ela estava falando de dentro do cérebro dele.

Danny disse: Martha.

Ela baixou a voz: Meu bem, você está longe daqui?

Muito longe.

Aqueles caras passaram na frente da minha casa de novo hoje de manhã. No Lincoln preto. Falei para eles que você tinha ido embora.

Diga tim-tim por tim-tim o que você falou.

Falei: “Ele foi embora. Agora me deixem em paz, seus merdas.”

Alguma coisa assim.

Eu não diria *seus merdas* para esses caras.

Tarde demais.

E o que eles disseram?

“Boceta”, eu acho que foi isso. Já estavam subindo o vidro da janela do carro.

Danny: Você ficou assustada? Ele gostou da ideia.

Martha bufou. Se eu tivesse vinte e dois anos e fosse loura, teria ficado assustada.

Ela estava com quarenta e cinco anos, de longe a mulher mais velha com quem Danny já fora para a cama. Ele a conheceu numa fila de um caixa eletrônico e a seguiu até o ponto de ônibus. Primeiro, foi só o perfume dela, se bem que depois ficou esclarecido que ela nem usava perfume, ela colocava sálvia fresca em suas calcinhas. Tinha cabelos vermelhos com um bocado de pedaços

brancos. Três semanas antes, tinha terminado o namoro com Danny dizendo que a imagem dos dois juntos era uma coisa grotesca. Mesmo assim, ainda transaram algumas vezes depois disso — ela era frenética e sacana na cama. Um *Cai fora, seu mané* vindo de Martha era uma cantada.

Danny: Martha...

Pare.

Martha tinha razão, ele ia falar aquilo mesmo. E falou: Eu amo você.

Por favor.

E você me ama.

Você está perdendo o controle.

Danny pôde ouvi-la acender um cigarro. Era uma secretária-atriz veterana. Quando o escritório onde ela havia trabalhado durante quinze anos passou a proibir que os funcionários fumassem, ela continuou a fumar até que a demitissem, depois usou o desemprego para cavar um lugar na Philip Morris.

Martha (exalando fumaça): Não é amor, é um tipo de ilusão erótica.

Danny: É isso que é o amor.

Martha: Admita que está entediado, Danny.

Com você?

Com esta conversa.

Normalmente, aquilo acabava em sexo. Danny percebeu que estava rangendo os dentes e passou pela sua cabeça que podia se masturbar ali mesmo, com a voz áspera de Martha em seu ouvido. Mas bastou olhar para aquela piscina rançosa que o ímpeto logo murchou.

Danny: Estou o contrário de entediado. Podia continuar o resto da vida.

Ele amava Martha. Ela tinha um rosto esperto, orgulhoso, e uma penugem de pelos invisíveis por todo o corpo. Ela fazia as outras mulheres com quem Danny tinha dormido antes — modelos ou garotas que podiam muito bem ser modelos (virariam mais tarde, poderiam ser, gostariam de ser, achavam que eram, orgulhavam-se de não ser etc.), garotas com rostos elásticos que comiam um bocado de pipocas e pimentões e balançavam a cabeça

afirmativamente com ar respeitoso toda vez que ele desandava a falar de seus planos para ganhar dinheiro, ao passo que Martha disse uma vez: Você pode descobrir que isso é papo furado desperdiçando um bom naco de sua vida, ou então pode simplesmente admitir isso agora, já, e deixar logo para lá — fazia todas elas parecerem permutáveis. E algum milagre havia conduzido Danny através daquele amontoado de garotas idênticas até Martha.

Martha: Como vai o joelho?

Dói.

Já foi a um médico?

Quando eu ia fazer isso?

Ele fez um estalo engraçado.

Não me lembro de estalo nenhum.

Na hora em que o cara gordão segurou você numa chave de braço e o outro começou a pisar no seu...

Sei, sei. Mas, Martha...

Vou desligar.

Não!

O equilíbrio estava começando a vacilar. Estar em casa significava estar numa mistura de lugares iguais, feito uma gangorra com duas crianças que têm exatamente o mesmo peso. Estar *somente* onde a gente estava era incompleto, mas *não estar nem um pouco* onde a gente estava (porque a gente está ficando perturbado com a conversa ao telefone celular) era absurdamente perigoso. É nessas horas que o sujeito começa a andar no meio dos carros. E Danny estava ficando perturbado. Tinha começado a andar de um lado para outro.

Martha: Tenho quarenta e cinco anos. Meus peitos estão ficando caídos... tenho gatos, puxa vida! E agora parece que nem a fertilização *in vitro* funciona com mulheres da minha idade, tudo depende de uma doadora de óvulos, na melhor hipótese, o que significa que nunca vou ter filhos ou ao menos filhos que sejam meus de verdade, e homens, homens jovens sobretudo, desejam fundamentalmente disseminar seu esperma. Contra isso você não pode argumentar nada, Danny, é um fato biológico.

Danny: Mas você não quer ter filhos! Eu não quero ter filhos! Adoro o fato de você não poder ter filhos porque isso significa que eu nunca terei de ter filhos. Da minha parte, é um fator positivo!

Martha: Você está dizendo isso agora.

Danny: E quando mais é que eu posso dizer? É agora que estamos conversando. Tudo o que tenho é o agora!

Martha: Mas você mesmo ainda é uma criança.

Danny ficou parado. Aquelas eram as palavras que ele nunca se cansava de ouvir — as palavras pelas quais esperava, que ele desejava. Ouvi-las de Martha agora foi como ser atravessado por um espeto de churrasco. Danny começou a andar para lá e para cá outra vez, mas na mesma hora seu pé bateu em alguma coisa e ele perdeu o equilíbrio — merda, ele tinha esquecido onde estava e agora aquela piscina pútrida estava olhando para ele de soslaio; Danny estava caindo na direção da piscina! Ele se debateu na direção oposta e, sabe-se lá como, conseguiu pular sobre o mármore e o ombro esquerdo recebeu todo o impacto de seu peso. A dor disparou lágrimas para dentro de seus olhos.

Voz miúda: O que aconteceu? Danny? Era Martha, dentro do telefone, o qual tinha voado e caído a certa distância. Danny tateou até pegá-lo com o braço que não estava paralisado. Os ciprestes escuros e o céu azul giravam loucamente acima de sua cabeça.

Martha: O que está acontecendo? Você está bem? Ela não parecia assustada exatamente, mas apreensiva. Danny sentia dor demais para poder apreciar aquilo.

Estou legal. Ele estava ofegante. O suor formigava embaixo de seus braços e na região da virilha. Ergueu-se com dificuldade até ficar sentado.

Martha: Fale comigo. É seu joelho?

Ela se preocupava com ele, aquilo era óbvio. Danny vivia descobrindo aquilo justamente na hora em que menos esperava, bem na hora em que tinha desistido de Martha, e depois, assim que ele entendia tudo, ela o fazia esquecer outra vez. Agora Danny teve um desses segundos de clareza em que tudo o que é supérfluo sai de cena e a gente só enxerga aquilo que existe de verdade. Ele se viu com Martha. Teve uma sensação de paz. Depois, o telefone começou a perder o sinal e os olhos de Danny captaram algo que

de início ele não compreendeu, mas depois compreendeu — ah, cacete, compreendeu, sim. A antena parabólica dentro da piscina preta, afundando.

Danny (berrando): Não!

Ele ficou de pé num salto, arremetendo em direção à antena. Metade dela já estava debaixo d'água. De algum jeito, ele devia ter chutado a antena na hora em que tropeçou, ou quem sabe foi *nisso* que tropeçou? Ela estava muito longe da borda da piscina para que ele conseguisse segurá-la e içá-la de volta para fora da água, então ele se esticou todo, de barriga para baixo, sobre o mármore, e espichou o tronco para a frente o mais que pôde, acima da piscina, contraiu a bunda, e conseguiu agarrar a pontinha da antena com dois dedos de cada mão, e tentou trazê-la de volta sem curvar a cintura e sem afundar a cabeça, e foi então que o cheiro o atingiu — ah, meu Deus, que cheiro: não de podre, mas de alguma coisa para além do podre, de um vazio mofado, o cheiro de pólen bolorento, de mau hálito, de geladeiras velhas que passaram anos sem serem abertas, de ovos podres e de certas lãs quando ficam molhadas, da placenta de sua gata Polly quando Danny tinha seis anos, de seu dente doído quando o dentista o abriu com a broca, do asilo onde sua tia-avó Bertie babava o patê de fígado pelo queixo, daquele lugar embaixo da ponte perto da escola onde os montes de merda eram supostamente humanos, da cesta de lixo que ficava embaixo da pia do banheiro de sua mãe, do refeitório da escola na primeira vez em que a gente entrava nele — todos os cheiros que tinham feito Danny sentir ainda que fosse só um pequeno enjoo bateram em cheio na sua cara quando se debruçou sobre a piscina, cheiros que alguma vez o fizeram pensar apenas por um segundo (mas depois esquecer) que a vida normal era fina, era frágil: uma película tênue esticada por cima de uma outra coisa que nada tinha a ver com ela, uma coisa grande, estranha e escura.

Danny fechou os olhos e tentou respirar pela boca. Tensionou todos os músculos das costas até tremer, transformando seu tronco numa vara, de modo que pudesse usar os dedos compridos como pauzinhos com que os japoneses comem, a fim de tentar tirar a antena da água, mas a piscina agora já havia se acomodado em volta da antena e não queria devolvê-la — Danny teria de enfiar a

mão debaixo d'água, as duas mãos, a cabeça, o corpo todo, mergulhar e dragar aquele trambolho de volta, e Danny não podia fazer isso. O cheiro lhe dizia para não fazer: *Não*, dizia, *fique longe daí, porque uma coisa que tem um cheiro desses vai matar você*.

Então Danny não esticou o braço por baixo da água. Ele não tocou na água. E depois a antena sumiu.

Danny moveu-se de volta para o mármore, trêmulo e com o nariz escorrendo. Achou o telefone e o catou do chão, achando que talvez, por algum milagre, por um acaso feliz ou, quem sabe, devido a uma espécie de período de carência, como as empresas concedem antes de cortarem a linha da gente por falta de pagamento, Martha ainda estaria na linha. Nada. Estava mudo, e não era aquela mudez de túnel que se ouve quando a linha continua aberta — isso seria o som de anjos cantando no céu em comparação com aquilo, que era o som de som nenhum —; um objeto que apenas *era o que era* e não levava a nada nem a lugar nenhum, nem a ninguém.

Danny: Ah, meu Deus! Não! Eu não posso... *Não!* Que tipo de... *Não!*... Me dê uma... *Não!*

Fez todas as coisas inúteis que as pessoas fazem quando não aceitam algo que acabou de acontecer: agachou, pulou, andou em círculos e bateu com os punhos contra a cabeça; esmagou ervas daninhas com suas botas e atirou seu telefone nos ciprestes com um movimento de arremesso a distância que não usava havia anos. Cada movimento era uma resposta de Danny a um novo pensamento que irrompia em seu cérebro: seu depósito de mil e quinhentos dólares que tinha ido para o espaço; seu crédito massacrado; Martha Mueller fora de alcance; seu correio de voz em Nova York encaminhando recados para uma linha muda; seu e-mail inalcançável; ele mesmo encalhado no meio daquele fim de mundo, extirpado do fluxo de comunicação de que Danny precisava da mesma forma que a maioria das pessoas precisa respirar ou se mexer, e talvez você esteja dizendo, Mas *por que* ele precisava disso tanto assim? Não é como se o cara estivesse administrando a General Motors, o que é verdade: não tinha nada de mais acontecendo com Danny, nem havia nenhuma perspectiva de algo concreto no horizonte, mas e quanto a todas as outras

possibilidades que flutuavam a um ou dois centímetros *além* do horizonte? Era nelas que Danny estava pensando.

Por fim, Danny se acalmou o suficiente para começar a procurar seu telefone. Quanto mais tateava no meio dos ciprestes, puxando fios de seu casaco e espantando pássaros pequenos e gorduchos que voavam guinchando, mais preciosa se tornava em sua cabeça aquela coisa de plástico esquisita. Feito uma relíquia. Só para ter. E lá estava, afinal, preso entre dois galhos. Danny teve vontade de chorar. Não conseguiu resistir à tentação de encostar o fone na orelha mais uma vez.

Uma voz disse: Desista. Estamos fora de área.

Era Nora, a babá, que vinha andando na direção da piscina através da abertura no muro de ciprestes. Danny não tinha certeza se era Nora ou se tinha ficado tão feliz apenas por ver algum ser humano, qualquer que fosse. Enfiou o telefone no bolso.

Nora: Eu não queria assustar você.

Pareço assustado?

Parece.

Ela foi até a beirada da piscina e sentou-se no banco de mármore de frente para a cabeça de Medusa. Danny foi atrás dela e Nora lhe ofereceu um cigarro Camel, que ele recusou. Sentia-se fraco, mas não havia como Nora perceber isso. E o fato de Nora não poder perceber isso fez Danny, depois de um ou dois minutos, começar a se sentir como se não estivesse totalmente fraco e, depois de mais um ou dois minutos, sentir que não estava totalmente fraco começou a fazer Danny se sentir mais forte. Estou falando em minutos, mas não foram minutos, foram segundos. Talvez só um segundo. Tão curto que tudo o que Danny notou foi que de repente se sentia um pouco melhor.

Nora: Como está o *jet lag*?

Danny: Vai e vem.

Ela deu uma tragada profunda. Era uma dessas pessoas que faz do ato de fumar algo parecido com comer. As mãos tinham parado de tremer — talvez tivesse tomado seus remédios. Talvez cigarros *fossem* remédio. Usava calças cargo camufladas, botas pretas de cadarços e uma blusa branca com muitas pregas, que oferecia a

Danny uma visão bastante decente de seus peitos, de tamanho médio.

Danny: Tenho de dizer uma coisa: você não parece uma babá.

Nora: Por favor. Especialista em Cuidados com Criança.

Isso é um curso de mestrado?

Ela riu: É um ph.D. Escrevi minha tese sobre Mary Poppins.

Danny: As implicações fálicas do guarda-chuva? Ele não tinha a menor ideia de onde tirava essas coisas, simplesmente saíam de sua boca. E arrancar um sorriso de Nora fez Danny sentir-se um pouquinho melhor do que já estava começando a se sentir, até um ponto em que seu estado mental tocou na extremidade inferior do bem-estar.

Nora: As implicações feministas da cuidadora solteira.

Danny: Estou quase acreditando em você.

Não se empolgue.

Por quê? Você é uma mentirosa?

Ela jogou o cigarro fumado até a metade dentro da piscina. Ele boiou por um segundo, depois afundou. Ela disse, Não gosto de fatos.

Danny: Eu não gosto de substantivos. Nem de verbos. E os piores são os adjetivos.

Nora: Não, os piores são os advérbios. Ele falou animadamente. Ela pensou esperançosamente.

Danny: Ela gemeu desesperadamente.

Nora: Ele correu desajeitadamente.

Danny: É por isso que você está aqui? Para fugir dos advérbios lá de Nova York?

Quem disse que sou de Nova York?

Não é?

Nora inclinou a cabeça. Problemas de memória recente?

Ah, sim. Fatos.

Nora: De qualquer forma, não há como fugir dos advérbios. Eles são avassaladores.

Danny: Ela confessou ansiosamente.

Nora: Eles estão dentro de nossa cabeça.

Ela chorou desesperadamente.

Nora: Espero que você não escreva realmente desse jeito.

Danny: Eu escrevo que nem um merda.

Nora: Pois eu sou uma escritora excelente.

Ela falou presunçosamente.

Nora: Presunçosamente, não. Factualmente.

Danny: Ah, então faz uma exceção para se gabar.

Nora acendeu mais um cigarro. Danny teve a sensação de que tinha vencido. Conversa, gracejo, como quer que chamassem aquilo que estava fazendo com Nora — para Danny era como uma injeção intravenosa de alegria. Sentiu-se ligado a ela, o que fazia com que seus problemas também parecessem dela, o que significava que, se *ela* não estava se desesperando com o fato de sua antena parabólica ter acabado de afundar numa piscina cheia de água podre, então talvez aquilo não fosse tão importante assim. Talvez aquilo *nem mesmo tivesse acontecido*. Danny não pensava em tudo isso, apenas se sentia melhor, e assim, se já alcançara o grau um de felicidade, agora pulou para o grau três. E como tinha se sentido mal pouco antes — na verdade, tinha se sentido na maior merda —, passar do grau um para o grau três de felicidade era como subir num desses elevadores que passam direto por uma porção de andares a caminho do topo e fazem o estômago da gente bater nos pulmões.

Danny: E então? Gosta de trabalhar para Howard?

Howard é um gênio.

Ela falou... ironicamente?

Howard está além da ironia. Essa é uma das coisas extraordinárias que há nele.

Diga que está brincando.

Nora: Eu não brincaria a respeito de Howard. Digo isso seriamente.

Danny fitou-a, ainda sem acreditar. Você caiu mesmo nesse papo furado sobre imaginação? A Piscina da Imaginação?

Quanto ele disse para você?

Danny: O bastante para eu sacar que vai dar errado. *Sem telefones?* Ora, francamente.

Nora olhou bem para o rosto de Danny, talvez pela primeira vez. Você sempre teve ciúme dele?

Danny ficou sem voz.

Não estou criticando você por isso.

Danny: Epa, espere aí. Vamos só... voltar para trás um segundo. De repente, Danny teve dificuldade para falar. Eu... eu gostaria que você o tivesse visto no colégio.

Nora: *No colégio?* Isso não foi há muito tempo atrás para vocês?

Danny queria mandar ela se foder. Em vez disso, respirou bem fundo. Quer dizer que isso aqui é como um culto? Howard é o seu guru, ou alguma coisa do tipo?

Vá se foder.

Eu queria dizer isso para você, mas não disse.

Viva perigosamente, Danny.

Danny: Vá se foder.

Muito bem.

Isto é uma briga? Estamos brigando?

Nora: Não podemos. Nem nos conhecemos.

Então como você definiria esta conversa?

Nora se levantou. É uma constatação do abismo que existe entre nós.

Danny: Não tem abismo nenhum. Somos a mesma pessoa, quase.

Agora você está me deixando assustada.

Tenho a sensação de que sempre conheci você.

Nora: Sei o que você quer dizer, mas isso é uma ilusão.

Ela avançou na direção dos ciprestes como se quisesse ir embora, e Danny sentiu uma pontada forte nas entranhas, como se tivesse engolido um grampo. Ele não queria ficar sozinho.

Danny: Isso é uma ilusão, disse ela timidamente?

Nora: Disse ela francamente.

É o cacete. Ameaçadoramente.

Você é paranoico. Indiferentemente.

Danny: Friamente?

Não friamente.

Bem, não calorosamente.

Nora: Simpaticamente. Realmente.

Seramente?

Nora: Tenho de ir. Então foi embora.

Uns cinco minutos depois que Nora foi embora, o sol também se foi. Baixou por trás das árvores e, no segundo em que baixou, a piscina e tudo o mais ao redor ficaram escuros. A mudança foi enorme, como um eclipse. E não foi só a luz que mudou, foi o clima do lugar: o clima ficou melancólico. Não apenas porque tudo de repente ficou coberto de sombras, não porque o azul do céu parecia pequeno e distante, não porque a piscina ficou ainda mais preta e os insetos ficaram em silêncio e não havia mais nenhuma sensação de calor na pele ou nos cabelos de Danny — por causa da atmosfera do lugar, que era... melancólica. Danny sentou-se no banco onde Nora estivera sentada pouco antes, apoiou os cotovelos nos joelhos, o queixo nos punhos e olhou para cima. Lá estava o torreão, acima das árvores, coberto de sol laranja. Danny quis estar lá em cima, olhando do alto, de um lugar que era luz.

E numa das janelas... era isso? Danny parou e esfregou os olhos, achando que tinha visto a garota de novo. Sim! Mal conseguia distinguir sua forma daquela distância, mas lá estava ela, o sol no rosto, o cabelo dourado brilhando. Depois ela recuou e sumiu.

O *jet lag* estava tendo um efeito muito forte, ou então era assim que Danny explicava aquilo. Só que não era só o *jet lag*, era o fato de que, na última meia hora, ele havia perdido:

1. Sua antena parabólica
2. Sua namorada
3. Seu contato com qualquer pessoa fora do castelo
4. Seu grau três de felicidade
5. Sua ligação com Nora
6. A chance de ter alguma ínfima possibilidade de sentir-se em casa naquele lugar esquisito

7. Seu crédito

8. O sol

Tudo isso fez Danny ter a sensação de que suas pernas tinham sido decepadas, a tal ponto que ele não tinha sequer o ânimo necessário para se sentar num banco sem encosto, ou pura e simplesmente para se sentar. Ficou deitado de bruços sobre o mármore, a cabeça apoiada nos braços, e olhou para a água. Onde não estava coberta de espuma, tinha uma imagem escura e molhada de árvores e de céu. Insetos zuniam por cima da água com suas pernas peludas. Danny ficou ali deitado, o pensamento distante, flutuando rumo a uma soneca, quando a piscina ondulou como se alguma coisa tivesse caído dentro dela, e Danny percebeu o reflexo de um movimento sobre a água. Ficou deitado, esperando que o motivo se manifestasse sozinho, sem que ele tivesse de se mexer, mas como ninguém surgiu no seu raio de visão nem falou oi nem nada, ele ergueu o corpo com dificuldade até ficar sentado. Olhou para o outro lado da piscina, onde o movimento tinha ocorrido, perto da cabeça de Medusa, mas não havia ninguém. Nada. Danny correu os olhos lentamente pelo muro de ciprestes, esperando ver alguém escondido ali atrás, ou no meio, e, na hora em que estava olhando para o outro lado, aconteceu de novo — um rápido movimento, bem em frente ao lugar em que estava sentado, do lado oposto da piscina. E então a água se mexeu, como se uma grande massa tivesse caído dentro dela ou estivesse subindo, do fundo para a superfície.

Que porra é essa?

Em algum lugar das entranhas de Danny, o verme acordou e se espreguiçou. Quem estava de sacanagem com ele? Danny levantou-se e girou bem devagar, trezentos e sessenta graus, olhando mais uma vez para o anel negro de ciprestes em torno dele, e, sobretudo, escutando com atenção: um estalido, um chiado, um passo. O vento estava aumentando e folhas secas rolavam sobre o mármore e caíam dentro da piscina, ficavam boiando na espuma por

um tempo, antes de começarem a afundar. Mas não havia nenhum barulho de gente.

E então, quando seus olhos estavam voltados para um ponto próximo da cabeça de Medusa, mas não diretamente para ela, Danny viu de novo, pelo canto do olho: duas formas que podiam ser pessoas ou sombras de pessoas, bem perto da beira da piscina. A princípio estavam separadas, e depois se fundiram numa só. Ou então uma delas sumiu. Não eram pessoas de verdade; eram uma ilusão da mente, uma ilusão de ótica, como os traços que seus dedos faziam no ar quando ele estava sob o efeito do ecstasy.

Danny contornou a piscina até a cabeça de Medusa e ficou parado, escutando com atenção, mas sabia que não tinha ninguém de sacanagem com ele. Era ele que estava se sacaneando. A semelhança entre a falta de sono e a embriaguez sempre impressionou Danny, com a grande diferença de que estar cansado nunca era divertido. Danny se sentia péssimo, com os joelhos fracos, suado, mas também estava com frio. E outra coisa: formigamento. Nos braços, na nuca, até no couro cabeludo, de modo que sentia o cabelo arrepiado. Nas ruas de Nova York, aquele formigamento faria Danny se empoleirar numa mureta ou se encostar num muro e abrir seu laptop, porque nove em dez vezes — não, dezenove em vinte vezes, noventa e nove em cem vezes — era um sinal de internet sem fio que ele estava captando. Tratava-se de uma consciência no ar, uma possibilidade. Danny sentia aquilo agora. Com muito cuidado, sem querer perturbar o sinal nem sair do seu raio de alcance, ele pegou o telefone que estava no bolso. Discou o número de Martha, com algumas palavras na cabeça que eram como uma prece. Ele sentia o mundo exterior como se sente um desses membros-fantasmas — formigava, coçava, doía para se religar a Danny. Mas o telefone limitou-se a procurar o sinal. Procurou, procurou e Danny esperou, pensando (rezando) que talvez toda aquela busca fosse levar a alguma coisa, alguma brecha naquele vazio. Esperou, atento ao telefone, até que sua esperança murchou. A perda atingiu Danny por completo novamente, só que dessa vez não veio acompanhada de berros e chutes — só daquela sensação de querer tanto, tanto alguma coisa, que a gente nem

consegue acreditar que a força da nossa vontade não vá fazer com que a coisa apareça, ou volte.

A morte é isso, pensou Danny: querer falar com alguém e não conseguir.

Pôs o telefone de lado. Esfregou o rosto, esfregou os olhos e correu os dedos por entre os cabelos. Queria fugir — da piscina escura, do formigamento, de tudo.

Danny subiu o caminho no meio dos ciprestes de volta para o jardim, que se fechou sobre ele como uma tampa. Parecia noite ali debaixo, e ele tropeçou numa raiz, e por pouco conseguiu evitar um tombo. Deixou os olhos se adaptarem e continuou a andar, mas não na direção do castelo. Dirigia-se para o torreão.

CAPÍTULO SEIS

Quando Danny chegou perto, avistou a garota de novo. Faltava pouco para o pôr do sol, e a luz no topo da comprida torre de pedra estava ficando cor-de-rosa. Ela estava numa das janelas pontudas e era deslumbrante, como são todas as louras quando a gente olha para elas bem de longe.

Essa era a baronesa a quinze metros.

Mais de perto, Danny percebeu que a garota não era garota nenhuma: era uma mulher, o que não significava uma pessoa da idade de Danny (essas eram as garotas) — significava alguém que parecia com as mães de seus amigos no tempo em que ele era criança (em outras palavras, da sua própria idade). Ela usava um vestido verde-azulado sem mangas, tinha os braços compridos, brancos e macios na altura dos ombros, e seu cabelo louro caía oscilante de um jeito que parecia ter sido muito penteado por um cabeleireiro. E ela estava acenando, essa era a melhor parte. Estava chamando Danny.

Essa era a baronesa a nove metros.

Entrar no torreão não era nada óbvio. Embaixo, não havia porta nenhuma — só uma estreita escada de pedra que envolvia a edificação pelo lado de fora, sem corrimão, e o vento aumentava enquanto Danny abria caminho para sair do meio das árvores. Aconteceu depressa, como um avião que ultrapassa as nuvens e passa a voar acima delas. E lá estava o pôr do sol, cor-de-rosa e turvo no horizonte.

A escada continuava a girar em torno da parte externa do torreão, mas por fim Danny chegou a uma porta entalhada que dava para um pequeno espaço escuro com degraus de pedra estreitos que levavam tanto para cima quanto para baixo. Tinha cheiro de

poeira e água parada. Havia outra porta bem na frente, grossa e pesada como se fosse um resquício de séculos passados. Danny a empurrou e abriu e viu que a porta dava para um cômodo quadrado, cheio de drapejamentos pesados nas paredes, velas acesas e uma porção de coisas de cor dourada — tinha dourado para todo lado, e assim o cômodo parecia uma fantástica câmara real. Ao entrar ali, Danny sentiu uma onda de empolgação que quase fez seus pés saírem do chão.

Havia quatro janelas, uma no meio de cada parede. Na frente de uma delas, a mulher estava de pé em cima de uma cadeira. O pôr do sol a envolvia, o que tornava difícil distingui-la. Mas Danny pôde perceber que era mais velha do que ele tinha pensado — uma parte do que ele havia tomado por suas feições era na verdade uma maquiagem aplicada de maneira a lhe dar a aparência que deveria ter, e que talvez de fato tivesse tido algum dia, muito tempo antes, quando a mulher tinha uma das idades que Danny havia imaginado, quando olhou de fora.

Ela disse: Tenho dificuldades com esta janela. A voz dela parecia a de um homem — um homem que fumava demais, gritava muito e vinha de um país estrangeiro, talvez a Alemanha, embora Danny nunca tivesse possuído bom ouvido para sotaques.

Essa era a baronesa a quatro metros.

A cada passo que Danny dava, a senhora envelhecia — o cabelo louro embranquecia, sua pele meio que se liquefazia e o vestido ficava bojudo e caído, como uma sequência de fotografias de uma flor que está morrendo. Quando Danny chegou do lado dela, já não conseguia acreditar que ela pudesse estar de pé. Mas estava, de salto alto, lutando com a haste da cortina.

Essa era a baronesa a meio metro.

Danny: Ei, cuidado! Se a janela abrisse, ela cairia que nem um vaso de plantas.

Baronesa (com uma risadinha): Sou mais forte do que você pensa. Você é muito alto. Acho que consegue consertar isto aqui até sem subir na cadeira.

Danny ajudou-a a descer. O toque da mão dela fez Danny estremecer: gravetos e arame flutuando em volta da bolsinha de pele mais macia que ele já havia tocado — feito a orelha de um

coelho ou a barriga de um coelho ou algum outro lugar ainda mais macio de um coelho. A velha tinha olhos zangados e pretos e uma boca comprida e carnuda, incomum para uma velha senhora. Tinha uma testa alta, um queixo com uma covinha, e um pouco de amarelo-claro ainda remanescente no cabelo grosso e branco. Seu jeito de se mover era brusco, impaciente, como se quisesse desvencilhar-se de uma pessoa que ela não aguentava mais. As mangas eram compridas, ele constatou em seguida — tudo o que ele podia ver eram as mãos.

Danny não precisava da cadeira. Olhou para a haste da cortina e viu que os suportes que a sustentavam mal estavam presos à parede, os parafusos velhos estavam bambos em seus orifícios. Danny não tinha nenhum talento para reparos domésticos, mas até ele sabia resolver aquilo.

Danny: A senhora tem uma chave de fenda? E um martelo?

Baronesa: É claro que não. Você devia ter trazido as ferramentas de que ia precisar.

Danny virou-se para ela. *Que sacanagem é essa?*, ele quase falou.

Baronesa: Que tipo de faz-tudo não traz suas ferramentas?

Danny era trinta centímetros mais alto do que ela, talvez mais. Empertigou-se e olhou para baixo. Os olhos dela cravaram-se nele como um par de dardos.

Danny: A senhora acha que eu tenho cara de faz-tudo?

Baronesa: Para mim, todo mundo tem cara de faz-tudo. E depois riu, uma dessas risadas densas que podia continuar como um riso ou virar uma crise de tosse. E Danny sacou: ela estava representando a si mesma. Uma *personagem*. Ele gostava desse tipo de pessoas porque elas praticamente avisavam que reações queriam que o outro tivesse, e essas pessoas também gostavam de Danny, porque ele ia em frente e as tinha.

Danny: Se existe no mundo o exato oposto de um faz-tudo, sou eu.

A baronesa estendeu sua mão terna e ossuda. Danny ficou nervoso diante da ideia de tocar de novo naquela mão. Não a apertou nem a sacudiu, limitou-se a segurá-la por um segundo, como se fosse uma coisa frágil que tinha encontrado e que mal

estava viva. Ele se perguntou se toda a extensão da pele da velha era tão macia. A ideia lhe deu certo enjoo.

Baronesa: Sou a baronesa Von Ausblinker. Este castelo é meu, assim como toda a terra em torno, até onde a vista alcança. Ela olhou pela janela, o pôr do sol se estendia por cima de quilômetros de árvores negras.

Danny: Inclusive a cidade? Ele levou adiante a encenação.

Claro que a cidade também. A cidade e o castelo serviram-se mutuamente durante centenas de anos. E o seu nome?

Danny: Danny King. Primo de Howard King, que enfiou na cabeça a ideia doida de que *ele* é o dono do castelo.

Bem, ele pagou pelo castelo. E agora mora em minha casa. É o jeito americano.

Danny: O que a senhora sabe sobre isso?

A baronesa semicerrou os olhos. Fui casada com um americano durante quarenta e três anos: *Al Chandler* — ela guinchou o nome de tal forma que acabou tossindo, e depois engasgou no meio das tosses —, ele era campeão de golfe.

Al Chandler, Al Chandler... Danny murmurou o nome como se estivesse tentando localizá-lo na memória, mas era puro teatro. Sabia num segundo se já tinha ouvido um nome antes. Nunca ouvira falar de Al Chandler.

Durante todo esse tempo, os dois estavam de pé junto à janela. Danny podia ver as beiradas das edificações do castelo à esquerda, as luzes que se acendiam nas janelas.

Danny: A senhora e Al Chandler moraram nos Estados Unidos?

Com certeza. Lá e aqui durante quarenta e três anos, enquanto meu marido era vivo. Meus filhos vivem lá hoje: Tucson, Gainesville e Atlanta. São mais americanos do que você. Meus filhos usam short no verão. Você nunca verá um europeu de short... nunca! As pernas de um homem à mostra desse jeito são... são uma coisa de classe miseravelmente baixa.

Danny: Já vi um monte de europeus de short.

Não homens de verdade, obviamente.

Que diabo isso quer dizer?

A baronesa sorriu. Aqui, sente-se. Apontou com o dedo para um par de cadeiras estofadas perto de uma lareira de canto que

ocupava boa parte do pequeno cômodo. Dois pedaços de lenha ardiam lá dentro. Danny sentou-se, e a poeira e algum velho cheiro corporal pairaram à sua volta. A baronesa inclinou-se, os cotovelos apoiados nos joelhos pontudos, e cravou os olhos no rosto de Danny. Falou: Você é homossexual. Pronunciou *homosex-sual*.

Sou?

Está usando maquiagem.

Ah. Ele riu. É só para fazer um estilo.

As pessoas não presumem que você é homossexual se você usa maquiagem?

Algumas, eu acho.

Nenhum homem normal aceitaria isso.

Um homem normal sendo Al Chandler? Por algum motivo, ele gostava de pronunciar aquele nome.

Al não gostava de homossexuais, mas ele escondia isso perfeitamente. Era um cavalheiro. Não que você saiba o que isso significa.

Você tem razão, não tenho a menor ideia.

Isso não existe nos Estados Unidos.

Na verdade, acho que os homossexuais são os cavalheiros nos Estados Unidos.

A baronesa sorriu, aquela linda boca se abrindo de um modo que devia nocautear as pessoas quando ela era jovem. Isso causou um estremecimento engraçado em Danny, porque imaginar aquilo era como vê-lo, de certa maneira.

Baronesa: Você é seguro. Logo, deve ser bem-sucedido em alguma coisa.

Estou trabalhando para isso.

Hmmm. Então talvez você seja burro.

Você e meu pai teriam muito que conversar.

Duvido.

Danny olhou para seu relógio de pulso. Continuava com a sensação de que devia ir embora, mas então lembrava que não tinha lugar nenhum para ir, exceto de volta para o castelo, e isso lhe dava a impressão de ter levado um chute. Então era um alívio ver a velha senhora sentada ao seu lado. Ela estava sentada perfeitamente ereta, a coluna igual a um poste, olhando para ele.

Danny: O que a senhora quer dizer quando afirma que o castelo é seu?

Quero dizer que nasci aqui. Conheço cada armário, gaveta e pedra, cada corredor e cada porta. Quero dizer que antes de meu tempo houve oito gerações de Von Ausblinker cujo sangue agora corre em minhas veias, e eles construíram este castelo, moraram, lutaram e morreram aqui. Agora seus corpos viraram pó — são parte do solo e das árvores e até do ar que estamos respirando neste exato minuto, e eu *sou* toda essa gente. Eles estão dentro de mim. Eles *são* eu. Não há separação entre nós.

Danny: A senhora nasceu aqui?

Falei isso com toda a clareza, não foi?

Falou, sim, eu só... Ele ficou surpreso de Howard não ter mencionado aquela parte da história. Portanto, a senhora sabe como era tudo isto... antes.

Bem diferente da ruína infeliz que é hoje, posso garantir. Era lindo. Era perfeito.

E então a senhora voltou depois de todos esses anos.

Naturalmente voltei. Era a coisa óbvia a fazer depois que Al Chandler faleceu.

A senhora... então... simplesmente apareceu, um dia?

Com os operários, sim. O castelo estava abandonado. Gastei uma tremenda bolada para me instalar aqui. E alguns anos depois, os alemães chegaram para fazer o hotel e pediram que eu fosse embora. Falei para eles, Eu nunca vou sair deste lugar. Eu *sou* este lugar. Eu sou todas as pessoas que viveram aqui por novecentos anos. É uma questão que está além da mera propriedade. Simplesmente está.

A ideia grudou em Danny, todas aquelas gerações. Às vezes, ele tinha dificuldade até para acreditar que uma sequência de dias ligava seu primeiro dia em Nova York com esse dia, esse momento — que tantos anos pudessem ter passado por um riacho tão estreito, dia após dia após dia. E aquela quantidade de tempo não era nada comparada àquilo que a baronesa estava se referindo. Séculos! Ele se empolgava só de pensar.

Danny: Então, o que os alemães fizeram?

Bem, é claro que tentaram me obrigar a ir embora. Mandaram intimações e todo tipo de absurdo semelhante, chamaram a polícia. Parei de permitir que entrassem. Tinha medo de que me arrastassem para a floresta e cortassem minha garganta. Mas falava com eles pela janela, aquela janela bem ali.

Ela cambaleou para fora do sofá e Danny a seguiu até outra janela. A baronesa correu o ferrolho e abriu a janela com um empurrão.

Olhe lá para fora, disse ela, e Danny inclinou-se. O pôr do sol extinto havia deixado um borrão alaranjado, bem baixo no céu. O jardim parecia um oceano negro se agitando ao redor da base do torreão. Tinha um cheiro podre e doce, mas ele vinha misturado com o frescor que o vento trazia de algum lugar. Perto da janela, na parede externa do torreão, uma corda branca estava enlaçada num gancho. Ela descia por todo o comprimento da torre e desaparecia no meio das árvores.

Danny (falando para trás): Para que serve essa corda?

Baronesa: Está amarrada a um cesto. As pessoas da cidade vêm e me trazem comida e outras coisas de que preciso. As pessoas mais velhas ainda se lembram de minha família. Se eu deixo um pedido no cesto, na vez seguinte eles trazem.

Quando voltou para dentro, Danny teve a sensação de que tinha lavado o rosto. Então a senhora falava com os alemães daqui de cima?

Baronesa: Eles ficavam parados num grupo, embaixo daquelas árvores. Eu dizia para eles — enfiou a cabeça na janela para o lado de fora, e depois o tronco inteiro, e, antes que Danny se desse conta, ela estava grasnando para a noite — *Ainda sou uma baronesa. Isso pode ser insignificante para vocês, mas é real. O título é real. Ele sobrevive há centenas de anos de história.*

Os pés da baronesa não tinham nenhum contato com o chão: suas pernas estavam curvadas devido ao esforço de gritar e seus sapatos balançavam soltos de seus calcanhares ossudos. Danny chegou perto, pronto para agarrar o quadril dela, caso começasse a tombar para a frente.

Baronesa (rouca): Falei para eles, *Vocês não estão lidando com uma velha dama, estão lidando com todas as pessoas que me*

fizeram, reis e condes, Carlos Magno e Guilherme, o Conquistador, o rei Ferdinando e Luís XIV — girou o corpo a fim de olhar para Danny e ele recuou com um pulo, não querendo que ela percebesse quão próximo dela ele havia estado — É claro que isso não significa nada para você. Não existe nada parecido com sangue nobre nos Estados Unidos, vocês são todos vira-latas. A coisa mais antiga no armário de sua família é uma raquete de tênis de 1955, ao passo que eu tenho um sarcófago do século XIII no meu porão. Mas um europeu compreende essas coisas. Meu argumento foi simplesmente que eu sou hierarquicamente superior a eles.

Danny não conseguia tirar o sorriso da cara. Não só porque a baronesa era excêntrica e ele gostava de excêntricos, mas porque o que ela estava dizendo tinha um efeito sobre ele, enchia seu cérebro de reis e cavaleiros e caras que travavam batalhas a cavalos. Aquilo sempre pareceu irreal para Danny, como se só existissem em livros ou em jogos, mas ali estava uma senhora ligada a tudo aquilo por uma fina cadeia de anos e dias e horas e minutos. Aquilo empolgou Danny de um jeito que parecia fome. Era uma coisa *física*. Ele precisava saber mais, tinha de fazer com que ela continuasse falando.

E aí, o que os alemães fizeram? Ficaram parados lá embaixo enquanto a senhora gritava?

A baronesa se içou de volta para dentro, as veias latejavam no pescoço. Uma dama nunca grita. Falei de modo calmo e claro.

Danny: E funcionou?

Bah. Eles começaram sua reforma idiota e torceram para eu morrer antes de terminarem o trabalho. Mas sobrevivi a eles. Aquela risada molhada gotejou de novo de algum ponto tão profundo dentro da baronesa que parecia não vir de dentro dela, mas de debaixo dela, do próprio torreão. Ela refez o caminho de volta para a lareira e sentou-se. Toda aquela gritaria a deixara trêmula. Danny ficou de pé ao lado da cadeira dela.

Danny: É de admirar que eles não tenham simplesmente entrado aqui e retirado a senhora.

Retirado? O rosto da baronesa se contorceu com choque e com raiva, a tal ponto que Danny se perguntou se ela não estaria tendo um derrame. Ela cambaleou e se pôs de pé outra vez. Sua garganta

estava ferida por causa da gritaria toda na janela, então ela falou para ele com a voz rouca: O torreão é a parte mais alta e mais forte do castelo, para onde todos fugiam quando os muros eram rompidos. Este torreão não se rendeu durante novecentos anos e você agora vem me perguntar por que eles não *me retiraram daqui*?

Danny: Está bem. Está bem.

Se eles fossem burros o suficiente para tentar uma coisa dessas, eu teria derramado óleo fervente em suas cabeças quando subissem a escada. Tenho sempre à mão um tonel cheio de óleo exatamente para esse fim. E tenho os ingredientes necessários para o fogo-grego também, que queima e mutila todos os que nele tocam. Os historiadores até hoje discutem para saber como era feito o fogo-grego, mas eu tenho a receita, que meu pai me deixou, que por sua vez a recebeu de meu tataravô, que a recebeu de seu tio-avô. E assim sucessivamente.

Saquei.

Também tenho armas. Isso é evidente. Espadas, um arco longo, uma besta, até um carneiro, que na linguagem dos leigos é um aríete. E revólveres, é claro. Pode avisar seu primo.

Meu primo? Danny ficou espantado — esquecera-se completamente de Howard. Então se fez de bobo. Ele também quer que a senhora vá embora daqui?

Deve querer, não é? Ela deu um sorriso astuto. Mas seu primo é mais esperto do que aqueles alemães. Ele sabe que posso ser útil. Baixou o corpo até sentar-se de volta na cadeira.

Danny: Útil como?

Bem, a masmorra original do castelo fica embaixo deste torreão. Há uma sala inteira repleta de instrumentos de tortura — imagine se ele puder mostrar isso aos turistas! Só que ele não tem a menor ideia de como encontrar a masmorra. E existem outras mil coisas semelhantes: túneis, passagens — toda uma cidade embaixo deste castelo e ao seu redor, coisas que seu primo não conseguiria encontrar mesmo que passasse cem anos procurando. Se eu for embora, ele perde tudo isso — gerações de sabedoria, segredos, vão desaparecer. Não haveria como recuperá-los.

A voz dela tinha mudado. Estava mais alta, chamava e se dirigia a outra pessoa. Estava falando com Howard, não com Danny. Deu a

Danny a sensação de que seu primo estava no cômodo, encostado na parede sombreada perto das antigas pinturas e da mobília coberta de panos.

Danny: Parece que a senhora e Howard precisam entrar numa espécie de negociação.

Não foi por isso que você veio aqui?

Eu? Não, eu... eu estava só passando e a senhora estava...

Mas Danny já não tinha certeza. *Por que* ele tinha ido ao torreão?

A baronesa inclinou-se de modo que seu rosto ficou a poucos centímetros do de Danny. Ela estava balançando o corpo apoiado nos calcanhares. Danny tinha medo do cheiro do hálito da velha, mas percebeu que era seco e um pouco doce.

Ela disse: Seu primo e eu nada temos para negociar. Eu tenho todas as cartas. Pode dizer isso a ele.

Sorriu para Danny, uma velha coroca, sozinha e fraca, maluca a ponto de acreditar que podia manobrar um aríete sozinha. Ela era totalmente impotente, de todos os pontos de vista, mas achava que era forte, e isso, de certa maneira, transformava a força dela em realidade. Isso impressionava Danny. Ele nunca tinha visto aquilo antes.

Danny: A senhora deve querer alguma coisa. Todo mundo quer.

Nada que seu primo possa me dar. Do contrário, eu exigiria essa coisa dele, pode ter certeza. Agora, que tal deixar o trabalho de lado e tomar uma taça de vinho comigo?

Excelente ideia. Danny estava se divertindo bastante. Parecia ser a primeira vez em um bom tempo.

Ofereceu-se para ajudar a baronesa a buscar o vinho, mas ela descartou sua ajuda. Danny ouviu os saltos altos estalando nos degraus de pedra. Ele acrescentou um pedaço de lenha na lareira e esperou. Uma ideia sobre Howard e a baronesa estava se formando em sua cabeça, mas ele ainda demorou a saber do que se tratava. E então entendeu: Será que seu trabalho, a razão por que Howard o trouxera de tão longe, era tirar a baronesa dali? Assim que fez a pergunta, Danny teve certeza de que a resposta era sim.

A sineta para o jantar devia ter tocado, mas ele não tinha ouvido. Lá fora, o céu havia ficado preto. A baronesa estava demorando

uma eternidade. Passou pela cabeça de Danny que talvez ela nunca mais voltasse, e até aquilo não lhe pareceria especialmente estranho.

Inquieto, saiu de sua cadeira e começou a espiar embaixo dos panos que recobriam os móveis nos cantos do cômodo. Uma espineta antiga. Uma coisa volumosa com umas cem gavetas de marfim embutidas. Um espelho com moldura dourada. Uma pintura que ele não conseguia enxergar muito bem. Danny fisgou sua lanterna do bolso e apontou o fecho de luz para a tela: um menino e uma menina, pele clara, olhos castanhos, rostos tão idênticos que pareciam uma só criança com roupas diferentes. Cabelos escuros cacheados ao redor dos lóbulos das orelhas. O menino estava encostado no tronco de uma árvore, de calça curta e casaco de veludo roxo, e a menina estava perto dele, num vestido feito do mesmo veludo roxo. O braço dela pendia por trás do pescoço do menino. A baronesa veio e parou ao lado de Danny, ofegante.

Baronesa: No início nós achamos que eles tinham fugido. Mas depois a piscina foi esvaziada e eles estavam no fundo. Agarrados um ao outro, foi assim que contaram.

Tudo aquilo soava familiar, mas de onde? Então Danny lembrou: os gêmeos que tinham se afogado na piscina. *Nós*, ela disse. Danny virou-se para a baronesa e viu que sua boca era igual à dos gêmeos: lábios compridos e carnudos, uma boca que parecia tão inesperada em seus rostos pequenos quanto era no rosto velho da baronesa. A irmã deles, tinha de ser.

Danny: Eram mais velhos do que a senhora?

Baronesa: Quatro anos. Ela parecia cansada. Era uma guerreira, pensou Danny, mas, quando não havia nada contra o que lutar, ela ficava fraca.

Danny observou o quadro. A posição exata das crianças era uma coisa difícil de definir, como se estivessem se movendo bem devagar — devagar demais para ver, mas o suficiente para ele perceber que, quando desviava o fecho da lanterna e depois voltava à posição anterior, eles tinham se mexido.

Baronesa: Venha. Já servi o vinho. Lá estava ele, na mesa esmaltada em frente à lareira, uma garrafa que parecia ter sido retirada de um túmulo. Da adega subterrânea do papai, disse a

baronesa. O porão continua intacto, exatamente como era, e só eu sei onde fica.

Vou transmitir essa informação.

Faça isso, disse ela, e riu.

Danny riu também — ao ver a garrafa. Um borgonha de 1898! Ele não era nenhum especialista em vinhos, mas tinha estado com muitos deles para saber que um borgonha de 1898 era como um bife que estava guardado desde 1960. Pútrido seria uma lembrança distante. Inexistente estaria mais próximo da realidade.

Mas havia alguma coisa naquela taça que parecia vinho. Danny levantou-a e cheirou: mofo, madeira molhada. A taça era fina e moldada à mão, bolhas coloridas ao redor da base. Danny bebericou. O sabor era absolutamente bizarro: um fedor de decadência misturado com algo doce, fresco, que a decadência não tocara. Ele bebeu depressa, afobado para ingerir aquele frescor antes que a decadência o varresse. Um minuto depois, estava servindo-se de mais vinho, e para a baronesa também. Bebeu outra vez, pensando que o gosto bom devia ter desaparecido, mas lá estava ele, ainda. Danny teve de se conter para não beber tudo em um gole só.

Danny: Alguém já atacou este torreão, tipo, com armas e tudo?

Baronesa: Com certeza, muitas vezes. O mais espetacular foi o ataque dos tártaros — os historiadores dizem que eles nunca atravessaram o Vístula, mas isso é uma ilusão. Um bando de tártaros cercou nosso castelo em seus cavalos brancos, os sapadores puseram abaixo o muro leste com um fogo subterrâneo e, enquanto os tártaros entravam aos montes através dos muros, nós nos trancamos no interior deste torreão com provisões suficientes para durar oito meses. Meu ancestral Batiste von Hagedorn trouxe cavaleiros de uma guarnição secreta através de um túnel subterrâneo que saía na parte interna dos muros e assim cortou a linha de suprimentos dos tártaros e os encurralou dentro do castelo. Em vinte e quatro dias, eles estavam liquidados.

A baronesa olhou para Danny com olhos cintilantes. O vinho tinha acabado — tinham bebido tudo. A baronesa recostou-se em sua cadeira estofada, o cabelo branco e dourado se espalhando

sobre o estofamento de veludo. É por isso que me sinto tão segura no interior de meu torreão. Entende?

Entendo. E ele entendia mesmo: a baronesa era como um campo magnético, dobrando os pensamentos de Danny na direção dela.

Foi só quando Danny ficou de pé que o vinho bateu. Ele sentiu-se estranho. E, veja, tenho aqui um problema, porque fico dizendo, *Danny sentiu-se estranho*. E *Danny sentiu-se estranho*. Pois então o que essa estranheza tem de diferente de todas as outras sensações estranhas que ele já teve? Bem, é o seguinte: as outras estranhezas eram o contrário de calmo e de bem, e essa estranheza agora *era* calmo e bem. Danny sentia-se calmo e bem, mas também parecia que estava dormindo. Ou ao menos que não estava acordado. Seu cérebro estava separado do corpo, que havia levantado da cadeira e seguia a baronesa rumo à porta.

Danny: Aonde estamos indo? Ele ouviu a própria voz, mas não sabia que tinha falado as palavras.

Baronesa: Você me pediu para ver o telhado, não foi?

Danny tinha querido ir àquele telhado desde o instante em que o avistara, à noite, quando estava sobre os muros do castelo. Será que falara aquilo para a baronesa? Danny a seguiu através da porta pesada. A baronesa começou a subir o estreito lance de escadas que ele tinha visto assim que chegara ao torreão, e Danny foi atrás. Passaram por portas e mais portas, até que pareceu que tinham ido mais alto do que o torreão podia chegar. Quanto mais subiam, mais estreita ficava a escada, até que os ombros de Danny começaram a tocar nas paredes dos dois lados. Por fim, ele teve de virar-se de lado para conseguir passar. Era como se espremer entre músculo e pele. A baronesa ficava parando para recuperar o fôlego, e Danny ouvia o ar chacoalhando pelas cavernas molhadas do peito dela.

Finalmente, subiram por um alçapão e saíram no telhado do torreão: uma plataforma de pedra do mesmo tamanho e com o mesmo formato do cômodo onde haviam estado sentados pouco antes. Nas beiradas em volta do telhado havia aquelas denteações quadradas que Danny avistara do alto dos muros do castelo. Em toda parte ao redor estava o céu, um céu gigantesco, abarrotado de

mais estrelas do que ele jamais tinha visto — um esguicho bagunçado de estrelas, um depósito de lixo. Era quase obsceno.

Danny fitou o céu. Sentiu alguma coisa dentro de um de seus bolsos e puxou. Seu telefone. Tinha se esquecido dele. Olhou fixamente para o aparelho, admirado de pensar que já tinha pressionado aqueles botões e falado com pessoas em países a milhares de quilômetros. Parecia um milagre, como falar com uma daqueles trilhões de estrelas e ouvir uma resposta.

Danny segurou o telefone e sabia que estava acabado, tudo aquilo. Ele estava em outro lugar.

Atirou o telefone longe com toda a força, de modo que o ombro e o cotovelo estalaram. O aparelho saiu voando para dentro da escuridão. Danny não o ouviu aterrissar.

Baronesa: Você fez um pedido?

Ela estava parada do outro lado do torreão, observando-o. Sua voz era a mesma voz áspera de homem, mas, quando Danny se virou para olhar, ela havia retrocedido trinta anos, talvez mais, seus peitos firmes dentro do vestido, os braços pálidos visíveis outra vez. Danny se deu conta de que ele estava esperando aquilo, ver a baronesa desse jeito de novo. Sabia que ia acontecer.

Ela ficava mais jovem a cada passo que ele dava, até o cabelo dela ficar espesso e dourado em volta do pescoço comprido e branco. Danny segurou as mãos dela, sentiu os ossos salientes dentro da pele macia, muito macia. Ele apertou seu corpo contra o dela, deitando-a lentamente sobre as pedras, que eram lisas e planas, pelas centenas de anos em que as pessoas haviam pisado ali. Quando se beijaram, o sabor da boca da baronesa era como o do vinho. Isso o fez beber desvairadamente, em busca daquela última coisa doce.

CAPÍTULO SETE

Tenho um sonho em que estou preso numa torre em chamas. Quando abro os olhos, tem uma lanterna acesa tão perto do meu rosto que chego a sentir o calor da lâmpada miúda. Ela ofusca demais para que eu possa ver quem está por trás da luz, mas quando ouço a voz lembro onde estou. É Davis.

Já saquei qual é a sua, meu chapa, diz ele. Pois é, agora eu saquei.

Ele já usou essa antes, *Saquei qual é a sua*. Eu já anotei essa.

Você sabe qual é a minha desde o primeiro dia, respondo.

Davis afasta um pouco a lanterna, mas a luz continua nos meus olhos. Ele olha para mim como se houvesse algo escondido em minha pele que ele quisesse ver.

Não, eu não saquei nada no primeiro dia, diz ele. Nem ontem. Mas agora que eu saquei, essa encenação para se camuflar, fingindo que teve morte cerebral, passou da validade.

Não tenho a menor ideia do que Davis está falando, mas já estou acostumado com isso. Eu digo, O que aconteceu de ontem para hoje?

Ele se abaixa e a luz finalmente sai de mim. Deixa um borrão verde na frente dos meus olhos. Olho pela beirada de meu beliche e vejo Davis curvado para baixo, fuçando sob a toalha de mesa que cobre o que quer que ele tenha escondido ali embaixo da cama. Quando se levanta de novo, está com um bolo de páginas datilografadas na mão. Elas começam a deslizar e a escorrer para o chão, e eu bruscamente me ergo com o cotovelo e enfio depressa a mão embaixo do colchão para ver se meu manuscrito continua no lugar onde eu o coloquei. Um erro. Davis larga a lanterna e me agarra pelo pescoço e me dá uma gravata.

São as minhas folhas?, eu consigo grasnar para ele.

Tem seu nome na frente, diz ele. E já está relaxando um pouco. As gravatas são um reflexo de Davis, não é nada pessoal. Assim que consigo me mexer, enfio minha mão sob o colchão, bem embaixo da minha cabeça. Não tem página nenhuma. Fico perturbado, mas não demonstro.

Você leu tudo?, pergunto.

Não fique tão espantado. Já li livros inteiros no meu beliche, enquanto você desperdiça sua noite dormindo. Eu *uso* meu tempo. E estou admirado — estou em estado de choque, meu irmão, essa é a pura verdade — por descobrir que você também tem usado o seu.

Irmão?

Ele me solta e então eu puxo com força um pouco de ar para dentro dos pulmões. As mãos suadas de Davis molharam meu cabelo.

Essa merda não é minha, não, eu lhe digo, por duas razões: a primeira, porque não quero que Davis saiba que dou importância àqueles papéis, a segunda, porque eu quero que ele pegue esse olhar que está apontando na minha direção e vire para outro lugar.

Não tente tirar o corpo fora agora, diz Davis. Assuma a responsabilidade pelos seus atos! Mas Davis não consegue falar *responsabilidade* com uma voz normal: ele precisa berrar.

Cale a merda dessa boca!, grita Luis na cela ao lado.

Estou dizendo que não inventei isso, respondo para Davis com voz mansa.

Davis bufa. É óbvio que você não inventou isso.

Minhas páginas estão todas espalhadas pelo chão e meu tempo no computador está esgotado até a semana que vem. Se estiver faltando alguma coisa da parte nova que digitei, amanhã não vou poder levar para Holly. Isso começou na semana seguinte à briga: Allan Barba consumiu uma aula inteira lendo um troço muito longo sobre mudança climática, e, quando a aula terminou e Holly estava indo embora, ela parou junto da minha mesinha e disse, Ray. Ela não estava olhando para mim — ainda não olha, desde o dia da briga, mas agora é diferente. Agora é como se eu e ela tivéssemos concordado em não olhar, porque cruzar nossos olhares parece uma coisa íntima demais. Só quero que isso aconteça se estivermos

sozinhos numa sala, o que, neste lugar, é uma coisa quase impossível. No intervalo, quando os outros caras ficam todos em volta de Holly, cada um querendo tirar uma casquinha, eu saio para o corredor.

Holly olhou para minhas páginas e disse Me dê isso aí.

Entreguei. Ela enfiou tudo dentro da bolsa e na semana seguinte me devolveu (ainda sem olhar para mim) com aquelas lindas marquinhas verdes nas margens de cada página, *Bom! E Cortar? E Mais disse aqui? E Cuidado e Mão pesada? E Estranho e Boa tensão e Mais? E Mais? E Mais disse aqui? E Sim e Ou! E Sim e Muito bom!* E isso é o mais próximo de falar pornografia a que eu já cheguei por aqui, logo, podem ter certeza de que eu curto bastante. Nunca olho para a minha parte da história, o assunto do qual ela está falando — quem liga para isso? O que eu quero é mais, e o único jeito de obter mais é escrever mais, e toda semana eu me empenho mais, de modo que eu possa receber todos esses *sins* e *bons* e *ônus*. Não fico de papo furado, enchendo linguiça, tento realmente fazer a coisa para valer.

O que eu quero mesmo — chego até a sonhar com isso — é segurar a mão dela. Lembro-me da sensação daquela mão na minha testa logo depois da briga, aqueles dedos frios e secos, e quando paro e me concentro consigo até senti-los ali, como se tivessem deixado uma marca. Quando Holly me devolve minhas páginas, tento pegá-las de sua mão de um jeito que meus dedos deslizem sobre os dela, ou simplesmente esbarrem nos dela por um segundo, porque aí vou sentir seu corpo ali, como senti quando ela tocou na minha cabeça. Não dou sorte. Acho que segurar a mão dela aqui dentro seria igual a ter relações sexuais com ela lá fora.

Saio de meu beliche lentamente, tentando evitar mais uma gravata do Davis. Agacho-me e começo a catar minhas páginas do chão. Nossas cabeças suadas molharam uma delas, borrando a tinta verde da caneta de Holly. Enxugo o borrão com papel higiênico. Tudo isso enquanto estou no chão, perto do beliche do Davis, que ele em geral vigia feito um cachorro bravo, por causa das tralhas que guarda enfiadas ali embaixo. Mas agora ele olha para mim como se eu fosse um mágico preparando um truque.

Olhe só para você, diz ele. E pensar que você passou todos esses meses fingindo que estava cagando para tudo.

Quando consigo juntar todas as folhas que encontrei, ponho tudo em ordem e conto. Meu coração martela com força porque, se o número de páginas não estiver certo, sei que vou ter de consertar, vou ter de resolver o problema, ou não vou conseguir fazer mais nada.

Está faltando a quarenta e cinco, digo para ele.

Davis finge que não está me ouvindo, então me meto bem na frente da cara dele. Quatro-cinco, Davis. Página quarenta e cinco. Preciso dela.

Olhe só para você, diz ele. Parece que ele está apaixonado. Seu rosto feroz parece manso feito o de um filhotinho de cachorro, ele não para de balançar a cabeça e seus olhos ficam brilhando para mim.

Pare de ficar me encarando, digo para ele, porque Davis apaixonado não é uma visão que a pessoa queira ter.

Relaxe, diz ele. Vamos deixar sua história de fantasma do jeito que estava.

História de fantasma?, digo. De que merda você está falando?

Não adianta se fingir de desentendido comigo, diz ele, e eu escuto, *se fingir de desentendido*, mas a página que falta me deixou perturbado demais para dar importância àquilo.

Deixo as folhas que juntei em cima do meu beliche e me agacho no chão e começo a procurar a quarenta e cinco. Não há muitos lugares em que uma folha de papel possa parar numa cela deste tamanho, mas tato embaixo da cabeceira da cama e embaixo da pia e perto da janela. Não tem nenhum fantasma nessa história, digo para Davis.

Ah, é? Então me mostre onde estão as pessoas.

Olho para ele. Que pessoas?

Davis sacode as folhas de papel que deixei no meu beliche, de modo que elas farfalham no ar. *Essas* pessoas, diz ele. Posso ver essas pessoas, posso ouvi-las, eu as *conheço*, mas não estão aqui nesta cela. Não estão aqui neste pavilhão. Não estão nesta prisão nem nesta cidade nem neste país e nem mesmo neste mundo em que estamos, você e eu. Elas estão em algum outro lugar.

Eu penso: Se cair mais uma página daquele bolo, vou espremer a cabeça do Davis entre as minhas mãos até ela estourar. Mas tudo o que digo é, Que isso, cara. São só palavras.

Davis segura a lanterna embaixo do rosto: ângulos, suor, olhos e a visão dele iluminado daquele jeito me dá um tremor que vai da bunda até o pescoço. Eles são fantasmas, irmão, diz ele. Não estão vivos, não estão mortos. São uma coisa que fica no meio do caminho.

Não consigo olhar para Davis desse jeito que estou, de quatro, no chão. Levanto-me de novo. Você podia dizer isso de qualquer outra história no mundo, digo para ele.

Agora você está falando a minha língua, irmão.

E que papo é esse de ficar me chamando de irmão? Desde quando você e eu somos irmãos?

Mais do que irmãos, diz Davis. Somos uma única mente.

É o maior elogio que ele tem a oferecer. Vou lhe mostrar uma coisa ultrassecreta, diz ele. Porque você é irmão. Eu guardo bem aqui.

Ele se abaixa e levanta a beirada da toalha de mesa xadrez vermelha e branca que cobre o espaço embaixo de seu beliche. Davis aponta a lanterna lá para baixo e eu tenho uma visão bastante boa de um monte de porcarias: xícaras. Garfos de plástico. Um chuveiro. Sachês de mostarda. Jornais, uma escovinha de limpar unhas, tampinhas de garrafa, elásticos, sacos plásticos, uma lista telefônica toda ferrada, latas de refrigerante. Parece um desses ninhos que os hamsters fazem, só que Davis tem um metro e oitenta e oito e consegue levantar cento e cinquenta quilos no supino, e está nesta cela há pouco mais de um ano e o ninho mais parece ter sido feito por dez mil hamsters. Por cima de tudo, há uma folha de papel branco. Pego a folha de papel e puxo: quarenta e cinco.

As coisas se acalmam dentro da minha cabeça. Levanto-me e ponho a quarenta e cinco de volta no seu lugar, e bato as folhas no meu colchão até que as beiradas fiquem todas alinhadas, depois enfio tudo embaixo do lugar onde deito a cabeça.

Davis está fuçando no ninho. Saem de lá duas rodinhas de skate e uns chapeuzinhos de festa feitos de papel, para crianças, e um monte de formulários de prisão: ordens de serviço, notas de

dispensa — tudo contrabando. Vejo bolas de algodão e uma espécie de manual de observador de pássaros. Por fim, ele puxa uma caixa de papelão pintada de laranja. É mais ou menos do tamanho de uma caixa de sapatos — na verdade, é uma caixa de sapatos, dá para ver a logomarca da Adidas sob a tinta. Ele ergue a tampa, eu olho dentro da caixa e vejo poeira. Fiapos, cabelos, pelos. Poeiras de todas as cores e espessuras. Uma porção de bolas de poeira acumuladas num único e grande bolo. Davis segura a caixa bem na frente do meu rosto.

Escute com atenção, sussurra ele.

Acho que estou à espera de que Davis me diga alguma coisa, mas ele fecha os olhos como se estivesse escutando também. Neste momento, está tudo tão silencioso quanto o castelo é capaz de ficar. Ouço o silêncio, mas, quanto mais escuto, mais o silêncio se dissolve, e eu ouço todos os pequenos ruídos de quatrocentos e doze homens respirando em seus beliches de metal. E há também um barulho ao fundo, um som tilintante que quase não dá para ouvir, mas que está lá, talvez uma vibração remanescente de tantos portões e trancas que se fecham com um estrépito ao longo do dia.

Não é um rádio qualquer, diz Davis baixinho.

Olho bem para ele. Rádio?

Veja a face de uma revolução, diz Davis.

Há botões de controle num lado da caixa. Sim, Davis juntou botões quebrados de outras máquinas e os enfiou no papelão. Agora ele começa a girar os botões, com os olhos meio fechados e virados para cima, como se estivesse se concentrando. Pronto, sussurra. Espere... é isso! Está ouvindo isso? Muito bem, deixe-me sintonizar melhor... agora ela está chegando. Escute só isso... claro feito o dia. Está ouvindo? Ele está sendo tão desgraçadamente convincente que sou obrigado a ficar olhando para as pequenas protuberâncias daqueles botões quebrados que ele está girando para lembrar que estamos lidando, na verdade, com uma caixa de sapatos cheia de poeira.

O que estamos ouvindo neste seu rádio?, pergunto.

Davis me lança um olhar. Você sabe muito bem, meu irmão. Não fique de fingimento para cima de mim.

Tudo bem, eu sei. Mas me diga mesmo assim.

São as vozes dos mortos, responde Davis. Ele parece amável, como se a ideia o magoasse de alguma forma. Ele diz: Todo aquele amor, todo aquele sofrimento, tudo aquilo que as pessoas sentem — não só eu e você, irmão, mas todo mundo, todo mundo que algum dia já pisou neste lindo planeta verde — como é que tudo isso pode desaparecer quando uma pessoa morre? Não pode desaparecer, é grande demais. Forte demais, também... permanente. Então passam para outra frequência, que o ouvido humano não consegue captar. Em tantos e tantos milhares de anos, nenhum homem descobriu uma tecnologia capaz de sintonizar essa frequência, a não ser muito de vez em quando... sabe, por engano. Uns estalos e uns chiados aqui e ali, mas nada constante, nada regular.

Até chegar você.

Até chegar isto aqui, diz ele, e ergue sua caixa cheia de poeira. Aqui está o que eu andei fazendo durante todo esse tempo, irmão: inventando esta máquina! Fazendo o desenho, arranjando as partes necessárias. Montando, testando, revisando e testando mais um pouco, até que finalmente consegui ter nas mãos um protótipo que, é só olhar e ver, funciona de verdade!

Seus olhos brilham feito os de um menino. Eu chamo o Davis de maluco desde o primeiro dia em que o conheci, mas durante todo esse tempo não reparei no fato de que ele é maluco *de verdade*, doido varrido. Um biruta autêntico. Um biruta que acredita que construiu uma máquina capaz de falar com fantasmas.

Conheço essa sua cara, diz Davis. Você está pensando, De que o velho Davis está brincando agora? Será que está querendo se fazer passar por uma espécie de feiticeiro? Mas pense bem, irmão: novas tecnologias sempre parecem magia. Quando Tom Edison ligou aquele fonógrafo de estanho que inventou em 1877, você acha que as pessoas acreditaram que era real? Claro que não. Ventriloquismo, disseram. Vodú. Achavam que máquina nenhuma era capaz de fazer uma coisa dessas. Ou Marconi, com seu rádio: vozes flutuando de um lugar para outro — você acha mesmo que as pessoas acreditaram naquela merda? Pois bem, isto aqui não tem nada de diferente. Parece misterioso quando a gente não compreende a *tecnologia*. Mas se você é o engenheiro, se você montou o negócio a partir do zero, não tem mistério nenhum.

Ele ergue a caixa, eu abro a tampa e olho dentro dela outra vez. Depois de todo aquele papo dele, não sei o que estou esperando — alguma coisa diferente. Mas está tudo exatamente como antes, só que agora consigo enxergar algumas coisas no meio da poeira: um fósforo queimado. Um pedaço de invólucro de canudo. Uma aranha morta. Metade de um botão azul. Um pedacinho, talvez, de um ovo mexido. Um caco de ladrilho, um alfinete. Pedacos de filtro de cigarro. Uma tonelada de cabelo: da cabeça, do peito, do púbis, a maioria de cor escura, mas há alguns claros também. Alguns grisalhos. E no meio de tudo aquilo, em volta, *poeira*: saibro, areia, pó, detritos, parte cintilante, como areia ou vidro, parte em pedaços feito gesso, parte em fibras miúdas, mais finas do que linhas de costura. Certa vez alguém me disse que noventa por cento de toda a poeira era feita de células mortas da pele. Parece que daria para fazer um ser humano inteiro com aquilo que Davis juntou dentro daquela caixa.

Com toda a gente que já morreu no mundo, digo eu — continuando a brincadeira, afinal, por que não, o que tenho a perder? —, como você sabe de quem são as vozes que está ouvindo?

Essa é uma excelente pergunta, diz Davis, e ele me dá até um tapinha nas costas. O fato é, diz ele, que neste momento não tenho nenhum controle. É como um velho aparelho de radioamador, capta tudo o que estiver no ar num determinado momento. São necessários anos de refinamento, como acontece com qualquer invenção — poxa, quando Alexander Graham Bell ligou seus telefones pela primeira vez, toda linha era compartilhada. Era impossível ter uma conversa particular! O que temos aqui é só um começo, mas já é um belo começo. Mais cedo ou mais tarde, outros inventores também vão se envolver no projeto, farão seus próprios aprimoramentos e modificações. E daqui a cem anos um bando de crianças numa dessas excursões escolares, hein? Elas vão olhar para este velho protótipo na vitrine de algum museu e vão rir de como era tosca aquela velharia.

Eu não tinha a menor ideia de que você era engenheiro, digo para Davis. Minha intenção é ser irônico, mas minha voz acaba saindo completamente séria.

Davis dá uma gargalhada. Nós nos enganamos um ao outro que é uma beleza! A gente estava aqui achando que não tinha nada em comum além do lugar em que a gente veio parar e, durante todo o tempo, estávamos fazendo a mesma coisa: captando sinais de fantasmas. Estamos andando no mesmo passo, irmão. Somos como gêmeos.

Não se empolgue.

E nós estamos apenas começando. Você não vai acreditar nas coisas que a gente pode captar com esta máquina aqui. Vai ouvir coisas que vão fazer seus olhos saltarem das órbitas.

Ele sorri para mim, e que eu vá para o inferno se os dentes dele não são os mais brancos que já vi numa cabeça humana. Nós. *Nós*: é uma oferta, um convite para acreditar no seu absurdo. Observo Davis encostar a orelha no seu “rádio” e acenar afirmativamente com a cabeça, de olhos fechados, e de repente penso: Como sei que não é real? Tudo bem, é uma caixa de sapatos cheia de poeira com botões enfiados no papelão, mas e se o troço funcionar mesmo? E se fizer de fato o que o Davis está dizendo? E naquela fração de segundo eu passo do fingimento direto para a crença — é como se tanto fingimento tivesse me *levado* a acreditar, só que não faz sentido nenhum, porque fingir e acreditar são coisas opostas. Não sei o que acontece. Talvez seja este lugar. Talvez, se uma fruta velha pode ser o vinho da semana que vem, se uma escova de dentes pode servir para cortar a garganta de alguém, se segurar a mão de uma garota é o mesmo que trepar com ela, então talvez uma caixa com fios de cabelo possa ser um rádio. Talvez aqui dentro isso seja verdade.

Ou talvez tudo isso tenha a ver com Holly. Talvez, se você acreditar que uma palavra — *porta* — é uma coisa que você pode atravessar, e aí você vai em frente e atravessa, como eu fiz, então não tem mais nada neste mundo que você não engula.

Você vai me ensinar como fazer um negócio desses, Davis?

Ah, Ray, não, diz ele, desculpando-se. Estou esperando minha patente e, até ela sair, o protótipo é um segredo de Estado. Mas você não precisa de uma máquina dessas, irmão! Pode usar a minha sempre que quiser.

Valeu, digo.

O importante é isso: vamos trabalhar! Vamos fazer um bom uso do nosso tempo!

Trabalhar! Uso! Tempo! Ele grita todas essas palavras. Os caras do pavilhão estão começando a bater nas coisas e berrar. Acho que Davis nem ouve.

Que tipo de trabalho você tem em mente?, pergunto.

Davis olha para mim por um momento. É o mesmo olhar que me dirigiu a noite toda, como se eu estivesse na frente de alguma outra coisa que ele espera ver. Já estou começando a me acostumar com isso.

Quanto tempo falta para você sair daqui, Ray?, ele me pergunta.

Isto é só o começo, respondo. A parte divertida. Quando terminar de cumprir a pena aqui, vou a julgamento em outro lugar.

Quando eu sair, diz Davis, batucando em seu rádio, você vai precisar de um destes para entrar em contato comigo. Mas eu não posso esperar, Ray, *não posso esperar*.

Ele agarra sua caixa cheia de poeira. Seu rosto louco e exausto está repleto de vida.

Estou dentro, eu digo. E nem sei o que isso significa.

Você já estava dentro, diz Davis. Desde o início. Essa é a razão pela qual tivemos esta conversa.

CAPÍTULO OITO

Quando Danny acordou, não tinha a menor ideia de onde estava. O quarto parecia abandonado, pilhas de coisas velhas e quebradas por todo lado, teias de aranha, feito um sótão onde ninguém punha os pés havia uns cinquenta anos. Estava numa cama, entre lençóis que talvez fossem os lençóis mais macios que já sentira na pele, porque eram velhos, estamos falando de *velhos*, a tal ponto que estavam se desmanchando em volta de seus pés. Ele estava nu. E suas roupas não estavam visíveis em parte alguma.

Danny sentia-se um lixo. Na verdade sentia-se tão mal e de tantas maneiras diferentes que dizer que *tinha dor de cabeça* ou *tinha dor de barriga* seria errado, porque ia dar a ideia de que a sensação ruim vinha só de sua cabeça ou de sua barriga quando na verdade vinha de todas as partes dele ao mesmo tempo: cabeça, barriga, peito, mãos, pescoço, rosto, joelhos, olhos, pés. *Ressaca* não chega nem perto. Cada pedacinho dele doía ou tinha uma sensação ruim de todas as formas possíveis, a tal ponto que ele não conseguia fazer o que normalmente faria em dez segundos quando acordava nu em uma cama desconhecida em um quarto desconhecido (e isso já tinha acontecido com Danny antes, mais de uma vez): levante daí, cacete. Ele se sentia mal demais para conseguir se levantar.

O quarto estava escuro, mas o sol parecia radiante lá fora, do outro lado das pequenas janelas. Pássaros estavam piando e tagarelando, e tudo aquilo dava a Danny a sensação de que tinha perdido alguma coisa, de que estava atrasado — havia algum lugar onde ele tinha que estar, pessoas para quem ele precisava ligar, um evento que ele tinha esquecido e onde esperavam por ele. Normalmente esse tipo de sensação faria Danny pular da cama e

tentar retomar o controle da situação, mas a sensação ruim o mantinha paralisado. E então se lembrou da antena parabólica: ninguém, nenhum evento. E nada no horizonte.

Tudo aquilo era a parte boa. Ou ao menos parecia bastante boa comparada à parte ruim, que eram as cenas que passavam dentro da cabeça de Danny: a sensação de tocar as mãos da baronesa, sua risada molhada, sua boca, os gêmeos que olhavam para ele da pintura, e nada disso era tão horrível assim, ou nem era horrível propriamente, mas agora tudo parecia bastante horrível por causa do que viera depois. Quando Danny pensava naquela parte — o que viera depois —, era como pensar numa comida que envenenou a gente. Será que tinha mesmo trepado com a baronesa? Com base nas cenas que via em sua cabeça, parecia que a resposta era sim. Na hora, ele achou que estivesse sonhando — uma camada de neblina se estendia entre Danny e tudo o que estava acontecendo. Mas agora a neblina tinha se dissipado e as cenas dentro de sua cabeça eram brutalmente reais, asquerosamente reais. E as cenas o incluíam. Danny estava recordando coisas que ele nem tinha vivido realmente, para começo de conversa!

Danny fechou os olhos. Ficou parado e escutou com os dois ouvidos, com toda sua cabeça, tentando saber se estava sozinho no quarto e sobretudo na cama. Como não ouviu ruídos nem sentiu vibrações de mais ninguém, Danny entreabriu os olhos e virou-se para olhar para o outro lado... devagar, muito devagar... preparado para, no caso de ver ou sentir uma pessoa ali, parar antes de ter de ficar cara a cara com ela.

Estava sozinho na cama. Danny sentiu uma onda de alívio quando percebeu isso. Não havia ninguém lá, graças a Deus! Conseguiu se erguer sobre um cotovelo. Mas alguém tinha estado ali. Havia um afundamento no travesseiro amarelo e os lençóis estavam rasgados daquele lado da cama, esfarrapados, como os panos antigos que a gente vê nos museus. Ao longo das bordas havia flores costuradas, com hastes compridas e verdes, que se desprendiam quando Danny as tocava. Havia uma coberta de veludo verde desbotado e alguma coisa fez Danny empurrar para trás aquela coberta e também o lençol por baixo para olhar o lugar ao lado do dele. Achou uma espécie de resíduo no lençol de baixo:

um risco de uns treze centímetros de comprimento feito de um pó bruto e cinzento parecido com poeira ou cinzas ou corpos de traças esmagados.

Aquilo fez Danny levantar da cama — bum! —, apesar de estar se sentindo um lixo. *Porque* ele estava se sentindo um lixo. Precisava vomitar, foi isso que fez Danny se levantar, e tratou de vomitar pela janela pontuda mais próxima da cama. Não havia muito que vomitar; sua última refeição sólida tinha sido o almoço do dia anterior. Quando voltou para o meio do quarto, estava tremendo.

Precisava desesperadamente mijar, mas a logística de tentar fazer aquilo por uma janela que batia no seu peito, quando suas pernas e seus braços tremiam com espasmos convulsivos, deixou Danny um tanto desesperado por outras opções. Havia uma porta estreita à sua direita e, atrás dela, um buraco aberto numa laje de pedra, com um cheiro inconfundível que vinha dali debaixo. Que sorte. Tinha até uma pia de pedra bruta com o que ele descobriu ser água corrente. Danny mijou, lavou as mãos e a cabeça na pia, onde a água estava um ou dois graus acima do ponto de congelamento, e aquilo o fez sentir-se melhor do que em qualquer outro momento daquela manhã, ou seja, mais ou menos na parte superior do espectro do muito muito muito mal, então ele foi em frente e lavou todo seu corpo nu até ficar com calafrios por cima da tremedeira.

Quando voltou para o quarto, mancando por causa do joelho machucado, Danny avistou sua calça pendurada na lateral de um antigo biombo. Parecia que tinha sido jogada ali, o que fez Danny falar em voz alta, Não pense nisso, referindo-se à cena exata ou ao momento em que tinha atirado sua calça voando a uns dois metros de altura no ar. *Não pense nisso. Só vista a calça e pronto.* Danny colocou a calça por cima das pernas molhadas. Achou sua camisa, a jaqueta, a cueca e as meias em partes diferentes da mesma área geral — tudo jogado ali, pelo visto. *Não pense nisso. Só vista a roupa e pronto* (exceto a cueca, que enfiou no bolso da jaqueta). Danny possuía uma habilidade extraordinária quando se tratava de não pensar: ele se imaginava deletando as coisas, desconectando-as de seu cérebro, e assim elas sumiam do mesmo jeito que as coisas digitais somem — sem deixar memória. Mas às vezes ele

ainda as sentia, as coisas desaparecidas, pairando à sua volta que nem sombras.

Em questão de minutos, Danny estava vestido, exceto pelas botas. Não conseguiu encontrá-las perto da cama, e, quando se afastou dela, olhando embaixo dos móveis, pensando que talvez as botas tivessem sido empurradas, roladas ou jogadas (não pense nisso), não achou nada, senão bolos de poeira do tamanho de laranjas. Quanto mais olhava, maior o aperto que sentia no coração. Eram suas botas da sorte, as únicas botas que ele tinha, embora ao longo dos anos, para fazer reparos e trocar a sola, tivesse desembolsado o suficiente para comprar cinco ou seis pares novos, fácil. Tinha comprado as botas logo depois de chegar a Nova York, assim que entendera quem ele *não* era (Danny King, *ummeninotãobom*) e estava ardendo com entusiasmo para descobrir quem ele era. Tinha esbarrado nas botas no Lower Broadway, não conseguia lembrar em que loja, a essa altura na certa já tinha fechado havia muito tempo. Estavam muito além do que o seu bolso podia pagar, mas aquela era a época em que Danny ainda podia contar com seu pai para cobrir os buracos em suas contas. A loja tinha uma música com uma batida superdançante que vinha do equipamento de som, uma batida que Danny vivia ouvindo desde então, por dezoito anos, em lojas, boates, restaurantes — agora ele mal reparava nela. Mas naquele dia, na sapataria, Danny teve a impressão de que encontrara a pulsação secreta do mundo. Colocara as botas nos pés e levantara-se na frente de um espelho comprido, observando a si mesmo movendo-se no ritmo daquela batida, e teve uma visão repentina de como seria sua vida — sua vida nova. Selvagem, misteriosa. Danny rangeu os dentes de tanto entusiasmo. Pensou: *Sou um cara que usa botas feito essas*. Foi a primeira coisa que soube a respeito de si mesmo.

Uma parte de Danny queria sair: deixar para trás o torreão, a baronesa e toda aquela merda em que não estava pensando, com ou sem suas botas da sorte. Mas ele sabia que, se corresse descalço lá fora, seria só uma questão de tempo até que sentisse falta das botas e as quisesse de volta, ainda mais porque, além das botas, o único calçado que ele tinha trazido para o castelo eram

sandálias. E isso significaria que teria de voltar ali — uma ideia ainda pior do que ficar para procurar as botas agora. Então Danny ficou e procurou, primeiro despreocupadamente, levantando panos e encontrando embaixo deles cadeiras viradas de pernas para o ar, uma escrivaninha de pés palito atulhada de papéis, livros de contabilidade e cartas amarradas com fitas amarelas esfiapadas. Por fim, ele se organizou, procurando numa determinada área de tralha antes de passar para a área seguinte. Procurava com uma horrível sensação de receio por dentro, porque volta e meia levava uma alfinetada da baronesa: dois anéis com pedras preciosas num suporte de prata. Um pente de marfim cheio de cabelos brancos amarelados. Dentes em um copo de água. E toda vez Danny sentia uma onda de náusea e um ímpeto de sair correndo dali e, como ele não corria, sentia dentro da cabeça uma pressão que vinha de todas as coisas em que não estava pensando.

Depois dos dentes, Danny saiu do quarto. Uma nuvem de dor de cabeça estava descendo sobre ele. A escada estreita ficava logo depois da porta, havia uma janela na curva, Danny empurrou e abriu a janela e enfiou a cabeça para fora. Estava no alto da torre; as árvores pareciam a uma grande distância abaixo dele. Aquela face do torreão estava virada para o lado contrário ao do castelo, de modo que tudo o que Danny via era a muralha externa e depois uma encosta coberta de vegetação, que devia ser a que Danny tinha galgado a duras penas com sua mala, na primeira noite. Ao pé do morro ele avistou uma parte da cidade, onde tinha esperado o ônibus. Danny ficou surpreso ao ver como o lugar parecia bonito — telhados vermelhos, o campanário de uma igreja —, porque a cidade onde ele tinha esperado o ônibus era feia e escura. Talvez fosse a luz do dia que fizesse a diferença.

Danny ouvia sons que vinham da cidade, gritos, talvez de crianças, aquele rumor agitado de gente, que escutamos tão constantemente em Nova York que até parecia silêncio. Aquilo agia em Danny como uma sucção, o puxava para fora, na direção do mundo, aquele pedaço de mundo que ele conseguia alcançar. Tinha de haver um cibercafé lá embaixo, naquela cidadezinha, ou pelo menos uma loja de telefone celular, e pensar naquelas coisas era como uma onda de cafeína atingindo o cérebro de Danny — ele

tinha de ir, tinha de descer até lá, tinha de descobrir onde estavam suas malditas botas para que ele pudesse escapar do desespero sinistro que sentia à sua volta — não *nele*, não inteiramente. Mas muito perto.

Quando Danny se virou para voltar ao quarto, viu suas botas alinhadas do lado de fora da porta. Devia ter descalçado as botas na noite anterior, depois de descer do telhado (não pense nisso). Os olhos de Danny se encheram de lágrimas ao vê-las; ele estava abalado a esse ponto. Chegou até a apertá-las contra o rosto por um segundo. Depois enfiou os pés dentro das botas e se dirigiu para baixo.

Um andar abaixo, havia outra janela. Danny não conseguia mais ver a cidade, porém as vozes — eram vozes que estava ouvindo — estavam mais altas. Então os sons não vinham da cidade, afinal, havia pessoas ali perto, do lado de fora do torreão. O que significava que Danny não podia sair, porque ele não ia arriscar que ninguém o visse sair dali, nem a pau. Preferia encarar a baronesa outra vez a correr o risco de Howard descobrir que havia trepado com ela.

Desceu mais um andar pela escada, mas não parou, porque aquele era o local por onde ele havia entrado, o que significava que a baronesa provavelmente estaria no cômodo seguinte, onde eles tinham bebido o vinho (não pense nisso). Um andar abaixo havia a última janela e, depois, a escada se curvava para dentro das trevas. Danny acendeu sua lanterna e apontou-a para baixo, mas a escuridão engoliu seu fecho de luz. Ele sentiu um impulso de continuar descendo na escuridão, um ímpeto que vinha de dentro dele, tão profundo e tão forte como o impulso de querer chegar à cidade, mas era diferente. O oposto.

Havia marcas do tamanho de pés nos degraus. Danny encaixou seus pés naquelas marcas e começou a descer. O ar tinha cheiro de barro e seu peito parecia pesado e frio, como se o barro estivesse dentro dele e o empurrasse cada vez mais fundo no torreão. Ele estava bem na curva da escada quando ouviu as vozes outra vez, agora mais claras, flutuando através da janela acima dele. As vozes tiraram a concentração de Danny e ele subiu de volta para ver quem era.

A janela ficava a uns quatro metros e meio acima do topo das árvores, perto o suficiente para que Danny pudesse enxergar através dos galhos em certos pontos. Mick e dois estudantes de pós-graduação estavam lá embaixo, máscaras contra poeira penduradas nos pescoços. Fragmentos de conversa subiam até Danny.

Mick: ... podia começar lá em cima...

Uma jovem estudante: ... bloqueando o...

Um jovem estudante: ... não que haja muito...

Todos riram. Mick continuava olhando para o torreão, não para o local onde Danny estava, mas para a parte abaixo dele, abaixo das árvores. Outra pessoa devia estar ali: Howard? Danny recolheu a cabeça para dentro de novo. Mas então a pessoa lá embaixo moveu-se para a luz e ele viu que era Ann. Com o bebê numa espécie de bolsa pendurada no peito dela.

Todos estavam rindo outra vez.

Ann: Por que a gente não coloca um toldo, simplesmente?

Ela tinha o tipo de voz que dá para ouvir, clara, aguda e um pouco estridente, como é a voz das crianças. Danny inclinou-se de novo para fora da janela.

Mick: ... contratar um atirador de elite.

Mais risadas. Mick estava virando uma espécie de comediante. Mesmo no calor, usava mangas compridas. Seu cabelo escuro estava puxado para trás e preso com uma tira de couro, e havia suor em seu rosto. No chão, havia uma pilha de tábuas. Os estudantes de pós-graduação pareciam estar indo embora.

Garota: ... até o almoço?

Ann: Quarenta e cinco minutos.

Rapaz: Então a gente vai...

Mick: Não deixem...

Mais risos. Agora Danny sabia que horas eram: meio-dia e quinze. Não admirava que o sol estivesse abrindo um buraco em sua cabeça. Danny gostaria que eles saíssem dali de uma vez, para que *e/e* pudesse sair dali a tempo de ainda pegar o almoço. Ele estava tonto por muitas razões, mas a fome com certeza era uma delas.

Mick: Espere.

Aquilo soou bem nítido. Estava falando com Ann, que tinha começado a se afastar, seguindo os estudantes de pós-graduação. O bebê estava dormindo, a cabeça tombada para o lado. Ann virou-se. Estava com uma blusa amarela de manga curta. Suas bochechas pareciam bronzeadas, ou talvez fosse só o calor. Seu cabelo escuro devia absorver aquele sol.

Ann: O que foi?

Mick: ... falar com você...

Estavam parados. Nenhum dos dois parecia estar falando.

Mick: ... nunca consigo...

Ann riu. E de quem é a culpa? Você some toda vez que eu apareço.

Mick falou alguma coisa que Danny não conseguiu ouvir. O sorriso dele tinha sumido. Ann também estava séria.

Ann: Você parece tão infeliz.

Mick: ... vivo tendo...

Ann: Sim, acho que eu já sabia disso.

Mick: ... me pergunto... me deixando...

Ann deu um pequeno passo atrás. Mick, você precisa controlar isso. Você sabe disso, não é?

Alguma coisa travou dentro de Danny pela primeira vez. Até então, ele estivera entreouvindo, esperando que Mick e Ann fossem embora logo, pronto para, a qualquer minuto, ouvir a baronesa descendo trôpega a escada atrás dele. Agora Danny pensou: *Espera, o que é isso que estou ouvindo?* Não eram tanto as palavras, mas o que ele *via*: como os dois estavam parados bem perto um do outro. Como Ann não ia embora. A infelicidade no rosto de Mick.

Ann: Estou falando sério. Você precisa superar isso. Senão, vamos ter muitos problemas.

Mick: ... ainda pensa nisso?

Ann: Eu não! Faço um esforço consciente para não pensar!

Mick: (inaudível).

Ann: Tudo bem, nas *não foi* ontem. Seis anos é muito tempo, aqui, no mundo real. Eu ainda nem tinha filho!

Mick: ... exatamente... cada um...

Ann: Eu não quero ouvir isso.

Mick pôs as mãos nos bolsos e olhou para o chão. Danny achou que Ann ia se afastar, mas ela não fez isso. Ela segurou a cabeça do bebê em suas mãos em concha e cobriu seus olhos. Danny sabia o que Ann tinha na cabeça, sabia como se ele estivesse interceptando seus pensamentos: ela queria dar no pé, mas não conseguia, tinha de dar um jeito naquela situação, tinha de deixar aquilo sob controle, porque, se não o fizesse, aquilo ia acabar explodindo. E aí Howard ia ficar sabendo... bem, ele ia ficar sabendo que Ann e Mick tinham trepado seis anos antes, era o que estava começando a parecer.

Ann aproximou-se de Mick. Olhou bem para o rosto dele por cima da cabeça do bebê adormecido e disse: Vamos contar para ele.

Mick levou um segundo para reagir. Depois disse: O que você está dizendo? Foi a primeira frase completa que Danny conseguiu ouvir do cara. Os lábios de Mick estavam brancos.

Ann: Ele é forte, ele aguenta. Vai ser difícil num primeiro momento, mas no final eu acho que vai dar tudo certo.

Mick: Não. Não. Não. Não. Não. Está ouvindo?

Está bem!

Mick estava andando de um lado para outro, nervoso: ... cortar meu pescoço... acha que estou brincando?

Ann: Está bem, relaxe. Foi só uma ideia.

Mick: Nunca... a última coisa que eu... não consigo acreditar que você...

Ah, vá à merda, Mick.

Mick ficou calado e olhou para ela.

Ann: Então você me diz o que fazer. O que quer que eu faça? Se você continuar agindo desse jeito e criando confusão toda hora, ele vai acabar descobrindo tudo. E eu garanto a você, isso vai ser pior.

Mick: Não conte para ele.

Você acha que eu quero contar? Francamente! É a última coisa que eu quero fazer. Olhe só, estou com um bebê adormecido no meu peito e estou tendo esta conversa com você. Meu Deus!

Mick: ... baixe a voz.

Ann começou a chorar. Danny observava em estado de choque. Não conseguia acreditar no que estava vendo e ouvindo — não

conseguia acreditar que *podia* ver e ouvir aquilo. Provocava em Danny uma confusão de reações que ele não conseguia filtrar. Ele sentia:

1. Pena de Howard, que não tinha a menor ideia de que tinha sido traído pela mulher e pelo melhor amigo.
2. Alegria por ver que a vida perfeita de Howard não era tão perfeita quanto ele tinha imaginado.
3. Mais pena ainda de Howard porque é mais fácil sentir pena dos outros quando a vida deles não é perfeita.
4. Empolgação por ser o único que estava vendo, ouvindo e sabendo daquela história toda.

E esse último sentimento — essa emoção de estar por dentro — fez alguma coisa voltar à vida em Danny, uma coisa que estava congelada desde a hora em que chegara ao castelo: o pensamento, a parte ativa de Danny que passava seu tempo tentando entender o que acontecia em volta, para que ele soubesse onde se encaixar. A parte que tinha conseguido manter Danny vivo ao longo de todos aqueles anos. O mundo se movimentava e se reorganizava ao seu redor e Danny era ele mesmo outra vez, o que significava não só saber das coisas, mas saber *mais* coisas do que as outras pessoas, ver todos os elos, quando as outras pessoas só conseguiam enxergar alguns poucos. *Informação*. Aquilo tinha funcionado para Danny, tinha mesmo! Durante anos e anos tinha funcionado. Não porque ele usava a informação — isso seria perigoso, o mais provável era que ela explodisse bem na cara da pessoa que tentasse fazer aquilo, em vez de explodir na cara de qualquer outra. Mas havia poder no simples fato de deter a informação, de saber qual era a situação de todo mundo. E Danny tinha uma palavra que era capaz de exprimir tudo aquilo. Uma palavra: *alto*.

Mick segurou a mão de Ann. É agora, pensou Danny.

Mick: (inaudível).

Ann (soluçando): É só que... Eu esperei tão ansiosamente a hora de vir para cá, e por tanto tempo, e agora é... Mal consigo dormir.

Ela ficou parada, chorando, Mick segurando sua mão, e então Ann parou de chorar e enxugou o rosto. Beijou a cabeça do bebê e olhou o relógio de pulso.

Mick: ... mais fácil se eu...

Ann: Sim, mas você não pode ir embora, então não adianta nada falar sobre isso.

Peraí, pensou Danny. *Você não pode ir embora?*

Mick: (inaudível).

Ann: Eu concordo. Tendo em vista o que está acontecendo agora, foi uma ideia horrível. Mas você está aqui e não há como voltar atrás.

A mente de Danny estava agitadaíssima. Por que Mick não podia ir embora? Qual poderia ser a razão?

Mick: (inaudível).

Ann: Esqueça as desculpas. Sou bem grandinha, eu mesma me meti nisso. Eu só... não consigo encontrar uma saída.

Ela havia soltado a mão de Mick.

O sol se moveu e Danny perdeu de vista o rosto dos dois. Mick estava tentando explicar alguma coisa para Ann, mas havia baixado o tom de voz para um murmúrio. Danny não conseguia ouvir nada. Ann estava calada, escutando. Danny esticou-se um pouco mais para fora da janela, ponto em que seu ouvido conseguiu captar *dentro e tempo para pensar e padrões*, mas não conseguiu extrair nenhum sentido daquilo. O sentido estava um passo à frente dele. Os pés de Danny estavam fora do chão e ele estava se equilibrando apoiado na barriga, os braços e as pernas flutuavam à frente e atrás dele. Danny se arrastou mais alguns centímetros para fora. E isso foi demais.

Danny compreendeu na mesma hora: tinha ignorado o grande mestre do mundo físico, a gravidade, e inclinou a maior parte do peso do corpo para fora da janela. Agora, a gravidade estava empurrando Danny para baixo, e assim apenas o atrito de sua calça na pedra do parapeito da janela o mantinha onde estava. Danny quase gritou, mas conseguiu sufocar o grito. Raspou e arranhou as mãos em volta da janela em busca de um ponto de apoio para os dedos, enquanto sacudia e rebolava a bunda, tentando empurrar uma parte suficiente do corpo para trás, por cima do parapeito de

pedra, de modo que a gravidade voltasse a ficar a seu favor. Por um ou dois segundos, pareceu que poderia dar certo, ele estava começando a ir para trás, mas o atrito estragou seus planos — a pedra ofereceu resistência à calça e então o suor começou a escorrer pelas pernas e a encharcar o pano, o que o deixou escorregadio. Ou quem sabe era *ele mesmo* que estava ficando escorregadio por dentro da calça. De um jeito ou de outro, Danny se soltou — bum, ele não podia fazer mais nada —, ele estava escorregando, caindo, berrando, porque afinal de contas quem não berraria se caísse de cabeça para fora de uma janela?

Ele se agarrou pelos pés, flexionou-os com força, de maneira que os dedos dos pés se engancharam por cima do parapeito de pedra e detiveram sua queda — e o seguraram ali, ao menos por enquanto. Mick e Ann estavam gritando.

Mick: Quem diabo é aquele?

Ann: Eu não sei. Eu acho... não é o primo do Howard? Danny, é você?

Danny tentou responder, mas tensionar os músculos da barriga para responder mesmo que com uma só palavra já seria o suficiente para drenar uma energia vital de seus pés.

Mick: Meu Deus, ele está... uau. Muito bem, vou subir até lá. Agente firme, Danny, vou chegar aí num... Sua voz sumiu pela lateral do torreão.

Ann: Agente firme, Danny! Ele vai chegar aí num segundo. Agente firme.

Todas as gotas da energia de Danny estavam sendo direcionadas para seus pés. Seu corpo inteiro se sacudia com o esforço de manter os pés flexionados, mas ele podia continuar assim, sem nenhuma dúvida, ele podia flexionar os pés com aquela intensidade por até uma hora, se fosse necessário. O problema eram as botas, que pareciam não conseguir *segurar* seus pés. Em pequeninas e desesperadoras escorregadelas, seus pés estavam saindo, o que indicava que as botas estavam grandes demais. Talvez tivessem ficado folgadas ao longo de tantos anos de uso, ou quem sabe Danny tinha encolhido, ou talvez suas meias fossem finas demais, ou talvez as botas sempre tivessem sido grandes mesmo e Danny nunca tivesse reparado, até aquele momento. Mas

Danny achava que não. Quando comprou as botas, elas couberam perfeitamente em seus pés. Foi um dos motivos pelos quais ele as comprou, porque parecia destino: ele iria encontrar seu futuro calçando aquelas botas, que pareciam ter sido feitas especialmente para ele. Agora a cabeça de Danny era um peso morto que puxava o resto do corpo para baixo e seus pés estavam saindo, escapando, primeiro em solavancos suados e depois num último e medonho escorregão que o separou de suas botas para sempre.

PARTE DOIS

CAPÍTULO NOVE

Nora: Então. Será que se trata de um desejo de morte ou você é mesmo um sujeito com tendência para sofrer acidentes?

Ela estava sentada perto de Danny, que abriu os olhos para descobrir que estava estirado de costas num lugar que não reconheceu. Aquilo já estava virando um hábito.

Danny: Onde eu vim parar?

Nora: No seu quarto.

Aquilo o perturbou. Seu quarto? A visão enevoada de Danny tornava difícil olhar em volta, mas depois de alguns segundos ele reconheceu o dossel de madeira da cama em que tinha dormido assim que chegara ao castelo. E as paredes altas de pedra e a lareira, um borrão alaranjado para além de seus pés. E a janela — preta: logo, devia ser noite. A menos que seus olhos não estivessem funcionando bem.

Mas não eram seus olhos, era seu cérebro. O aspecto líquido e derretido que as coisas apresentavam fazia Danny lembrar-se dos analgésicos fortes que havia tomado ao longo dos anos. Mas por que estaria sob o efeito de um analgésico agora? E no exato instante em que fazia a pergunta Danny percebeu uma coisa que já estava ali desde o momento em que abrira os olhos, mas meio que abafada, então levou um tempo para conseguir abrir caminho em seus pensamentos: dor. Não uma dor de cabeça — dor de cabeça era uma punheta comparada com aquilo. Tratava-se de uma dor de *ferimento* na cabeça. Quando tocou a cabeça, no ponto onde a dor começava, encontrou um monte de ataduras.

E então tudo voltou à lembrança, uma avalanche de recordações que dava uma sensação muito parecida com a que tivera ao escorregar para fora de suas botas. Cacete, ele estava doidão.

Danny: Que porra é essa que me deram?

Nora deu de ombros. Algum tipo de injeção.

Cada coisinha que ela dizia tinha de percorrer uma longa trajetória através de um tubo sinuoso antes de chegar ao cérebro de Danny. E então sua resposta tinha de percorrer um longo caminho de volta por outro tubo comprido que saía do seu cérebro, antes de poder chegar à sua boca. Quando a palavra *injeção* finalmente percorreu todo o trajeto ao longo do tubo, Danny pulou. Disse (após um longo intervalo): Que tipo de injeção?

Nora: Não sei direito. O médico fala essa língua bizarra que todo mundo fala por aqui.

Danny: E Howard o compreende?

Nada. Ninguém consegue.

Danny deu um jeito de se erguer um pouco, apoiado nos cotovelos. Você está me dizendo que um cara qualquer que fala coisas que ninguém entende está me dando injeções?

Relaxe. Aquela velha senhora que mora na torre, a baronesa. Ela está traduzindo.

Aqui? Neste quarto? A ideia deixou Danny transtornado.

Não, não, ela não sai nunca daquela torre — nem abre a porta. Então o Howard e o médico ficam do lado de fora e o médico berra para a janela lá em cima e aí a baronesa berra o significado de volta para Howard.

Danny deitou-se de novo e fechou os olhos. Era coisa demais para ele compreender. De repente, Nora começou a se mexer para lá e para cá, ficou puxando seu cobertor.

Nora: Não durma, não durma! Não durma! Você está adormecendo outra vez? Não durma!

Danny abriu os olhos. O que há com você?

Nora olhou para seu relógio de pulso. As mãos dela estavam tremendo de novo. Ela soltou alguma coisa de seu cinto e Danny ouviu um barulho de estática.

Nora (para a máquina): Ele está acordado. Câmbio.

Voz com estática: Há quanto tempo? Câmbio.

Nora: Dez minutos. Câmbio.

Voz com estática: ... estou chegando.

Nora sorriu. Era o sorriso que Danny estava esperando, o sorriso que atravessava sua atitude, os dreadlocks, o olhar ruim, o ódio aos fatos, e a transformava de novo na bonita garota do subúrbio que era seu estado original. Mas Danny não viu o sorriso. Seus olhos estavam... eu quero dizer grudados, mas era mais do que grudados: seus olhos estavam *fundidos* naquele walkie-talkie nas mãos de Nora. Como posso explicar o que Danny sentiu ao ver o aparelho? Como um cara em greve de fome que vê um rosbife passando numa bandeja. Como um condenado à prisão perpétua que vive a seco e vê uma foto de página inteira da revista de mulher pelada *Hustler* em que uma garota se enrosca num poste. Mas esses exemplos não bastam, então em vez disso vou contar para vocês o que aconteceu *dentro* de Danny: a boca ficou cheia de água, a barriga roncou, formou-se um bolo na garganta, o nariz coçou, os olhos ficaram cheios de lágrimas e ele deu um gemido comprido.

Nora: O que foi? O que foi? Seus dreadlocks sacudiram quando ela se debruçou, nervosa, sobre ele.

Isso é um... O que é isso? Sua cabeça começava a latejar.

É um walkie-talkie. Será que eu devo... acho que Howard já está...

Dentro da cabeça de Danny, algum maluco tinha começado a espancar uma porta que não era forte o bastante para contê-lo.

Danny: Como você conseguiu esse aparelho? Ele estava tendo uma recordação ou talvez fosse um sonho: segurar aquele aparelho, falar nele, ouvir uma voz que respondia. Suas entranhas ficaram cheias de água só de pensar naquilo.

E então a força com que Danny queria se apossar daquele aparelho começou a brigar com o fato de que ele não possuía o aparelho.

Nora: Todos nós temos um desses. É o único modo de encontrar alguém aqui neste...

O maluco esmurrou a porta com mais força, ela começou a ceder.

Nora: Estou admirado que Howard não tenha dado um para você...

Pam, pam, pam. A porta cedeu e Danny desmaiou.

* * *

Está me ouvindo? Danny. Danny?

Danny abriu os olhos. Primeiro viu o teto: muito alto, com vigas pretas atravessadas. Depois viu Howard perto da cama.

Howard: Ótimo, excelente, você está acordado. Olhou para o relógio de pulso. Muito bem, nove e quarenta e oito. E quanto tempo durou o último? Ele estava falando com alguém, que depois ele descobriu que era Nora. Ela estava de pé atrás dele.

Nora: Treze minutos.

Ainda está acordado, companheiro?

Danny: Estou.

Howard parecia diferente, mas, qualquer que fosse a diferença, ela fazia com que ele parecesse mais familiar para Danny, mais semelhante ao que era antes. Ou quem sabe Danny estava finalmente se acostumando àquela cara nova.

Howard (para Nora): Você tentou prender a atenção dele?

Nora: Sim. Quer dizer, nós conversamos.

Howard: Mas você não causou nenhum estresse nele.

Nora: Acho que não. Ela dava essas respostas de modo completamente franco — sem nenhuma ironia, nenhum sarcasmo, nenhuma ambiguidade. Era como ver um retrato colorido virar preto e branco.

Danny: Que diabo está acontecendo?

Howard: Boa pergunta. Excelente pergunta, Danny. Você lembra que caiu de uma janela?

Danny confirmou com um aceno de cabeça.

Howard: Pois é, uma árvore amorteceu sua queda. Graças a Deus, companheiro. Não vale a pena a gente se deter nesse assunto, mas, meu Deus, você entende o que estou querendo dizer? Mesmo assim, você bateu na árvore com muita força e sofreu alguns cortes no topo da cabeça, que tiveram de levar pontos. Quanto a lesões internas, quero dizer, dentro da cabeça, o médico está convencido de que se trata apenas de uma concussão braba.

Danny: É o tal médico que não fala inglês?

Howard fez uma careta. É, sim. Ele é o melhor, pelo que dizem, estudou em Paris e tudo, mas a questão da língua é um pesadelo,

sem dúvida. De qualquer forma, a gente está dando um jeito. Ele deu umas injeções em você para impedir que seu cérebro inchasse, o que acho que é importante nas primeiras vinte e quatro horas. E enquanto isso a gente precisa acordar você de trinta em trinta minutos para evitar que você descaíbe para uma coisa chamada “sono intenso” ou “sono aprisionador”... Talvez haja algum problema de tradução nesse ponto, mas tenho noventa por cento de certeza de que ele não está falando de um estado de coma, só de uma espécie de sono profundo do qual é difícil sair.

Nora: Não se esqueça dos sonhos.

Howard: Sim. Obrigado. O médico queria que eu perguntasse para você se tem tido muitos sonhos.

Danny: Acho que não.

Howard: Veja, isso é muito bom. Porque, pelo visto, esse tal sono intenso ou sono aprisionador está associado a uma porção de sonhos muito esquisitos, sonhos que parecem reais, nos quais não dá para saber se você está acordado ou dormindo. Portanto eu... eu estou incrivelmente contente de saber que você não tem sonhado.

Howard inclinou-se para perto outra vez, seus olhos esquadriharam o rosto de Danny. Seu hálito tinha um forte cheiro de menta, como se tivesse acabado de escovar os dentes. Danny percebeu gotinhas de suor na testa de Howard, onde começava o cabelo, e se deu conta de que a coisa nova que havia notado no rosto do primo era medo. Howard estava apavorado.

Howard: Enfim, quando você conseguir ficar acordado por duas horas seguidas, podemos parar de acordar você de trinta em trinta minutos. E contanto que você chegue lá antes que tenham se passado quinze horas desde o acidente, que foi — ele conferiu no relógio de pulso — umas nove horas atrás, não precisamos mais continuar.

Danny: Continuar o quê?

Howard: Bem, o passo seguinte seria levar você de helicóptero para um hospital a fim de fazer uma tomografia do seu cérebro.

Falou aquilo casualmente, como se não fosse nada de mais, e isso o entregou. Howard estava morrendo de medo de que Danny estivesse realmente fodido — fodido o bastante para morrer. Mas Danny não ficou com medo ao ver aquilo. Quase o contrário. Como

se o medo de Howard fosse protegê-lo — como se a tarefa de sentir medo já estivesse sendo cumprida por outra pessoa. Ou talvez ele estivesse apenas drogado demais.

Howard: Mas eu não estou esperando isso, e o médico também não. Quer dizer, você já está acordado — mais uma olhada no relógio de pulso — há quase dez minutos. E parece bem alerta.

Danny: Eu me sinto bem alerta.

Howard: Ótimo, ótimo.

Houve uma pausa. Danny sentia uma exaustão se mover de novo à sua volta, como uma maré. Tentou não fechar os olhos.

Howard: Então, ah... olhe. Tem uma coisa que eu quero perguntar para você, Danny. É uma coisa delicada. Olhou de relance para Nora e ela se afastou, indo até a janela. Howard inclinou-se bem perto de Danny, apoiou os cotovelos no colchão, o hálito de menta enchendo as narinas de Danny a tal ponto que elas comicharam por dentro.

Howard: Eu... eu nem queria levantar esse assunto, mas o médico diz que temos de manter você acordado e conversando, contanto que não o estressemos. Portanto você tem de avisar se começar a ficar estressado. Pode fazer isso, Danny?

Claro.

Não está se sentindo estressado agora?

Danny pensou bem no assunto. Sentia-se como se alguém tivesse aberto seu crânio com um golpe de machado, mas isso não era exatamente a mesma coisa que estar estressado. Não.

Howard: Então minha pergunta é a seguinte. No que diz respeito à sua queda, foi... Presumo que tenha sido um acidente, não?

O tubo dentro do cérebro de Danny pareceu especialmente comprido naquela hora. Ele olhou para Nora debruçada na janela e se perguntou se ela estava fumando. Percebeu que tinha uma bunda decente. Quando a pergunta de Howard afinal alcançou seu cérebro, Danny riu.

Danny: Se eu quisesse me matar, você não acha que eu teria subido mais alguns lances de escada? Ou, melhor ainda, não acha que eu teria pulado do terraço de um prédio em Nova York e me poupado do *jet lag*?

Ótimo. Ótimo. Fico feliz de ouvir isso. Embora... isso não seja exatamente o que eu quis dizer.

Danny balançou a cabeça.

Bem, acho que você já me respondeu, de forma geral. Porém você não foi... ninguém ajudou você a cair da janela, em nenhum momento?

Você quer saber se alguém me *empurrou*?

Ou, sabe, esbarrou em você.

Danny: A baronesa?

Parece despropositado, eu sei, mas... Você esteve com ela, não é?

A pergunta pegou Danny desprevenido. Olhou para o formato de seus joelhos por baixo das cobertas, de veludo roxo, semelhantes à roupa de cama verde da baronesa, só que novas. Danny se sentiu como se alguma coisa quente tivesse sido jogada na sua cara. Howard pareceu interpretar aquilo como um sim.

Então você já sabe. Ela é uma alucinada. Não tenho a menor ideia de quais sejam seus limites.

Danny começou a rir, um riso nervoso que adejava em seu peito como se não fosse mais parar. Então parou. E parou quando ele se perguntou se a baronesa o *tinha* empurrado para fora da janela. Será que ela podia ter feito aquilo tão delicadamente que Danny nem sentira — será que tinha dado só um empurrãozinho de leve, com aquelas mãozinhas de dedos finos e longos, só o bastante para que a gravidade se voltasse contra ele? Será que ele não tinha até sentido aquilo, talvez, uma pressão muito, muito suave em seus pés?

Era bobagem. As drogas estavam bagunçando suas ideias.

Danny: Ela faria isso... porque você está tentando tirá-la do torreão?

Howard: Sim, estou tentando. Ela não vai sair de jeito nenhum, nem por cinco minutos. Diz que tem medo que eu a tranque do lado de fora e corte seu pescoço — diz isso na minha cara. Mas não tenho a impressão de que esteja de fato assustada. Tudo isso faz parte de uma estratégia: quer que eu faça alguma coisa para que ela possa fazer alguma coisa. Só que eu não sei que coisas são essas.

Danny: Ela tem armas lá dentro.

Howard estivera olhando para o fogo. Agora sua cabeça virou-se automaticamente para Danny. Armas?

Danny: Um arco longo, uma besta. Um aríete. Óleo para despejar na cabeça das pessoas. Danny tinha pretendido manter aquilo em segredo, guardar essas informações para uma situação em que pudesse usá-las de alguma forma, mas foi difícil resistir ao solavanco de surpresa no rosto de Howard. E o fato de seu primo ainda não ter adivinhado o que tinha acontecido entre a baronesa e Danny o fez compreender que Howard não ia adivinhar; era uma coisa que nunca ia passar pela sua cabeça. E estar a meio metro de distância de alguém que não conseguia imaginar uma coisa como Danny trepar com a baronesa fazia Danny ter a sensação de que talvez não o tivesse feito realmente.

Howard: Você viu essas armas?

Danny: Não. Mas bebi um vinho muito estranho que ela trouxe do seu porão.

Howard recostou-se em sua cadeira e olhou para Danny de um jeito novo, e Danny sentiu que esse olhar vinha da sua vida de homem de negócios. Estou muito admirado, Danny. Falando sério, você está aqui há menos de quarenta e oito horas e está me contando coisas que eu mesmo não sabia. É... impressionante. Nora, como estamos na contagem do tempo?

Nora continuava na janela. Olhou para o relógio de pulso. Quase quarenta e cinco minutos.

Howard cantarolou de sua cadeira: Isso é fantástico! É formidável, Danny, o melhor que você conseguiu até agora. Vamos tentar continuar, está bem? Vamos continuar com essa conversa o máximo que pudermos.

Ei, espere aí um instante, alguém deve estar dizendo agora. Três páginas atrás, Danny estava acordado fazia dez minutos e agora você vem nos dizer que são quarenta e cinco minutos? Está brincando com a minha cara? Sou capaz de repetir tudo o que eles falaram nessas três páginas em cinco minutos, no máximo, o que significa que deveria fazer no máximo dezessete minutos que Danny estava acordado. Mas espere aí, amigão, você está esquecendo duas coisas: (1) tudo o que todo mundo falou teve de percorrer um

tubo muito comprido até chegar ao cérebro de Danny, e o mesmo acontecia com suas respostas antes de chegarem à sua boca, e (2) houve outras coisas que aconteceram no quarto que eu não escrevi, porque precisaria de muitas e muitas páginas, o que eu não tenho, sem falar que seria um troço chato para cacete. Coisas como: Howard se levantou e remexeu a lenha na lareira. Nora fechou a janela. Howard coçou a cabeça e assoou o nariz com um lenço branco. Nora foi ao corredor para falar com alguém e depois voltou. O walkie-talkie de Howard emitiu um barulho de estática, então ele teve de mexer nos botões para silenciar o aparelho. Cada uma dessas coisas aumenta o tempo, assim, mesmo que eu tivesse dito uma hora em vez de quarenta e cinco minutos, *ainda* seria realista.

Howard: Danny? Está me ouvindo?

Danny fechou os olhos. O cansaço estava se derramando por dentro dele, quente, doce, enjoativo, uma coisa que a gente sabe que faz mal, mas só serve para a gente querer mais ainda.

Uma rajada de menta — Howard estava debruçado sobre ele, agora. Não faça isso. Não feche os olhos, Danny. Pelo seu próprio bem... Nora, poderia pôr mais lenha na lareira? Danny, abra os olhos.

Danny ouviu o som de estática no walkie-talkie de Howard. Queria segurá-lo. Tentou abrir os olhos. Será que eu posso segurar o...

Howard: Droga! Ele apagou de novo.

Danny: Posso...

* * *

Quando Danny acordou de novo, seus olhos continuaram fechados. Mas ele ouvia vozes e outros sons também, como quando alguém liga para a gente sem querer e se ouve ao longe o estalido da pessoa andando, e vozes que a gente quase reconhece, e aí a gente grita o nome deles algumas vezes, até ficar de saco cheio, e desliga o telefone. Só que Danny não podia desligar o telefone. Então ficou ali deitado ouvindo coisas que não faziam sentido como *seubalo*, *trendo* e *esdremido* e então sentiu uma punhalada no

pescoço, logo abaixo da orelha. Os olhos se abriram, arregalados. Tudo estava turvo, mas Danny percebeu um cara de barba grisalha que se afastava com uma seringa na mão.

Depois tudo ficou calmo. Danny achou que estava sozinho, mas, quando virou a cabeça, lá estava o filho de Howard, Benjy, na cadeira em que Howard estivera sentado. A criança estava de pijama de manga comprida, estampado com peixes vermelhos. Seu cabelo escuro estava emaranhado, como se tivesse acabado de acordar.

Benjy: Doeu?

Danny olhou para ele, esperando que os olhos se adaptassem à luz. O pijama do menino o confundiu — eram peixes vermelhos grandes comendo os peixes vermelhos menores ou será que todos os peixes eram iguais?

Danny: Doeu o quê? Cair da janela?

Benjy: Não. A injeção.

Que nada. Foi até bom.

Benjy franziu a testa, como se não conseguisse saber se Danny estava brincando. Por fim, disse: Na verdade, não me deixam subir no parapeito das janelas porque é perigoso.

Vou anotar isso.

Benjy: Sua mãe já disse isso para você?

Provavelmente.

Agora você vai ter de ir para casa?

Por que eu iria para casa? Acabei de chegar.

Benjy: Sua casa é um apartamento?

É. Quer dizer, em geral, sim, mas neste momento eu não tenho casa. Estou numa fase de transição.

Por que diabo ele estava explicando tudo aquilo? Danny se revirou na cama, em busca de alguém que o resgatasse daquele pirralho. Mas, até onde podia ver, não tinha mais ninguém no quarto. O vento soprava pela janela e balançava as tapeçarias penduradas nas paredes de pedra.

Benjy: Você tem uma esposa?

Não.

Minha mãe é a esposa do meu pai.

É, eu percebi isso.

Você tem um cachorro?

Não.

Você tem um gato?

Não tenho nenhum animal de estimação, ok?

Nem um porquinho-da-índia?

Minha nossa! Sua voz soou muito alta e Benjy pareceu assustado. Danny torceu para que aquilo fizesse o garoto calar a boca.

Benjy: Você tem filhos?

Danny rangeu os dentes e cravou os olhos nas vigas do teto. Não, eu não tenho filho nenhum. Graças a Deus.

O garoto ficou calado por muito tempo. Afinal, disse: O que você *tem*?

Danny abriu a boca para responder. O que ele tinha?

Benjy: Eu perguntei o que você...

Já ouvi, já ouvi.

O que você tem?

Não tenho nada, ok? Nada. E agora eu gostaria de fechar os olhos.

Benjy inclinou-se mais perto dele. Em seu rosto, Danny viu compaixão misturada com uma espécie de curiosidade fria, que nunca se vê em adultos. Eles já aprenderam como disfarçar isso.

Benjy: Você fica triste por não ter nada?

Não, não fico.

Só que ele estava triste. A tristeza baixou sobre Danny de repente e o soterrou. Ele viu a si mesmo: estirado de costas no meio do nada, naquele fim de mundo, com a cabeça esmagada. Um cara que não tinha nada.

Benjy: Está chorando?

Danny: Você deve estar de brincadeira com a minha cara.

Estou vendo lágrimas.

É só por causa do... minha cabeça está doendo. Você está fazendo ela doer.

Os adultos às vezes choram. Vi mamãe chorar.

Preciso dormir.

Benjy olhou bem para ele. Danny fechou os olhos. Ouviu a criança respirando bem perto de seu ouvido.

Benjy: Você é um adulto?

Pam. Pam. Pam.

* * *

Danny. Danny. Danny. Danny. Danny.

Era o Howard outra vez. Danny abriu os olhos. O menino continuava ali, no colo de Howard.

Howard: Muito bem. Estamos de volta à luta. Você está... hã, fora do ar já faz bastante tempo, Danny.

Benjy: Ele estava acordado.

Howard: Benjy diz que você acordou enquanto fui conversar com o médico lá fora. Mas Nora estava aqui e ela diz que não.

Danny olhou para Nora, que observava uma das tapeçarias na parede. Então ela havia saído da sala quando não deveria e não queria que Howard soubesse. Em condições normais, Danny encontraria um meio de ela ficar sabendo não só que tinha sido pega na sua mentira como também que tinha uma dívida com Danny por ter guardado seu segredo. Mas Danny não conseguia pensar num jeito de fazer isso, agora.

Danny: Pensei que o médico não falasse inglês.

Howard revirou os olhos. Nós temos um tradutor por aqui. Adivinha quem é? A operação envolve uma bela gritaria. Mas o principal é que o médico disse, e dessa vez ele enfatizou bem isso, que é muito importante que você *fique acordado*. Danny percebeu a tensão no sorriso de Howard.

Os olhos do garoto estavam cravados em Danny e a tristeza voltou a descer sobre ele. Como ele tinha acabado ficando sem nada? Será que ele nunca tivera nada? Será que não tinha nada mesmo, ou era só o ferimento em sua cabeça que o fazia pensar que não tinha nada?

O walkie-talkie estalou no cinto de Howard.

Danny: Pode me dar isso aí, Howard? O... hã... Ele estava apontando.

Howard: Isto? Claro. Mostrou-se surpreso, curioso. Colocou o walkie-talkie na mão de Danny. A sensação era a mesma que

segurar um telefone ou um BlackBerry ou um aparelho desses: compacto, com um teclado emborrachado, um núcleo consistente para seu peso pequeno, que é onde se percebe seu alcance.

Danny pressionou um botão. Estática. Que som lindo! Aquilo fez a sua tristeza encolher em questão de segundos, secou-a tão depressa que Danny compreendeu que ela nunca tinha sido real — nada que fosse real poderia desaparecer tão depressa. De início, tudo o que Danny sentiu foi um alívio por estar livre da tristeza, mas um ou dois minutos depois aquele alívio tinha se transformado em alegria: não é que ele não tivesse nada, ele tinha *tudo*. Ele só precisava restabelecer contato com tudo o que ele tinha.

Howard: O que está ouvindo?

Danny sorriu. Só estática.

Howard: Tenha mais fé no seu cérebro do que nessa máquina.

Danny olhou de relance para ele. A criança no colo de Howard estava ficando com sono, a cabeça apoiada num dos braços estofados da cadeira.

Howard: Isso quase podia *ser* o seu cérebro, você sabe? As máquinas são tão pequenas hoje em dia e usá-las é tão fácil... estamos a meio passo da telepatia.

Danny: Só que estamos falando com pessoas que *estão lá*. A gente pode ouvir essas pessoas.

Howard riu. Elas não estão *lá*, Danny. Onde fica esse *lá*? Você não tem a menor ideia de onde elas estão.

Danny virou-se para ele. O que você está dizendo?

Estou dizendo o seguinte: fodam-se as máquinas. Que joguem todas elas fora. Deposite alguma fé nesse seu cérebro.

Meu cérebro não pode dar um telefonema.

Claro que pode. Você pode falar com quem quiser.

Será que aquele cara estava falando sério? Não podia ser. Danny forçou o corpo até ficar sentado, já bem desperto. Você está me dizendo que eu devia falar com pessoas que não existem? Feito esses doidos que andam na rua falando sozinhos?

Howard inclinou-se e chegou bem perto. Falou em voz baixa, como se estivesse contando um segredo a Danny. Não existe ninguém, Danny. Você está sozinho. Essa é a realidade.

Eu sou exatamente o contrário de sozinho. Conheço gente para caralho no mundo inteiro.

Benjy se sacudiu no colo de Howard. Ele falou uma palavra feia, papai.

Mas os olhos de Howard estavam cravados em Danny. Ele parecia bem desperto também. O que elas, as máquinas, estão dando para você? Sombras, vozes desencarnadas. Palavras digitadas e imagens, se você estiver conectado. Só isso, Danny. Se você acha que está rodeado de gente, você está inventando todas essas pessoas.

Isso é pura estupidez.

Eu estou dizendo que você é quem está no comando! Tenha um pouco de fé no poder da sua mente. Ela está trabalhando mais do que você imagina. E ela é capaz de fazer muito mais do que isso!

Danny sabia o que estava ouvindo: um Discurso Motivacional. Antes de seu pai desistir dele completamente, Danny ouvia um discurso desses quase todo mês. A mensagem de um Discurso Motivacional era sempre a mesma: sua vida é ridícula, é uma merda, mas ainda há um meio de dar a volta por cima — se você fizer o que estou dizendo.

Danny inclinou-se na direção do primo. Falou bem na cara dele. Howard, escute bem o que vou dizer. Eu gosto de máquinas. Eu amo máquinas. Não posso viver sem elas e não quero tentar viver sem elas. Para ser franco, prefiro cortar fora minhas bolas do que ficar num hotel feito o seu por um minuto sequer.

Howard: Incrível! Melhor ainda!

Por quê?

Porque isso quer dizer que, quando você entender do que se trata, vai ter uma importância ainda maior!

Vá à merda, Howard.

Papai...

Danny: Você está me deixando puto da vida. Está fazendo isso por algum motivo especial?

Howard: Estou tentando manter você acordado. Este é o período mais longo que você conseguiu até agora.

Danny sentiu um acesso de raiva. Ela agarrou-o por baixo, em algum ponto nas proximidades da virilha, que de fato ele sentia

palpitante por baixo dos lençóis. Sua voz veio da parte de cima da garganta: Não estou interessado no meu cérebro nem na minha imaginação. Gosto de *coisas reais*, ok? Coisas que estão acontecendo de verdade.

O que é real, Danny? Os programas de *reality show* são reais? As confissões que a gente lê na internet são reais? As palavras são reais, *alguém* as escreveu, mas além daí a pergunta não faz nem sentido. Quem está falando com você no celular? No final das contas, a gente não tem a mínima ideia. Estamos vivendo num mundo sobrenatural, Danny. Estamos rodeados por fantasmas.

Fale por você.

Estou falando por nós dois. A antiquada “realidade” é coisa do passado. Acabou, *c’est fini*... toda essa tecnologia pela qual você é tão apaixonado varreu tudo isso do mundo. E eu digo, já vai tarde.

A raiva jorrava dentro de Danny. Que filho da puta. Ele ia tirar de Danny tudo o que ele tinha, mas isso não era o bastante — agora, ainda por cima, queria convencer Danny de que aquilo nem existia, de que ele estava inventando tudo! E fazia tudo com um sorriso na cara, como se estivesse se divertindo. *Que filho da puta!*

Danny não aguentava mais ficar deitado, tinha de se levantar. Baixou um pé no chão pela borda da cama e estava quase de pé quando Howard se deu conta do que estava acontecendo. Ele pôs a mão no peito de Danny e o impediu. Howard falou com uma voz bem mansa. Espere, espere, não, meu amigo. Você está se deixando levar. O menino ainda estava em seu colo.

Danny tentou ir em frente, contra a pressão da mão de Howard, mas só de estar a meio caminho da posição vertical, sua cabeça começou a girar. Foi quase um alívio quando Howard segurou os ombros de Danny, cada um com uma mão, e obrigou-o delicadamente a deitar na cama de novo.

Howard: Você não pode ficar de pé, meu amigo, não, não. Não está pronto para isso. E eu... eu fui longe demais. Desculpe, Danny. Eu estava tentando envolver você na conversa para mantê-lo acordado, mas acho que passei do limite.

Danny achou que fosse vomitar. Respirava fundo, seu peito tremia. O quarto estava num silêncio mortal.

Howard: Você está bem? Está aguentando o tranco? Apertou dois dedos no pulso de Danny como se quisesse verificar sua pulsação.

Howard? Benjy?

Era Ann. Estava parada na porta, com um roupão azul, e parecia confusa. Tinha a voz sonolenta. Fui olhar no quarto de Benjy, vi que ele não estava lá e então fiquei meio apavorada.

Howard foi na direção dela, levando Benjy no braço. O menino se agarrou à mãe como um macaco se segura em um tronco de árvore. Danny ficou contente de se ver livre do garoto.

Howard: Ele estava me fazendo companhia. Não é mesmo, garotão?

Ann: É... mas já não é de madrugada?

É, sim, estamos tentando manter Danny acordado. Em seguida falou com Ann em voz baixa para que Danny não conseguisse ouvir.

Os olhos de Ann voltaram a se focar. Devolveu o garoto para Howard e se aproximou de onde Danny estava deitado. Tinha o mesmo aspecto ao sair da cama do que tinha quando Danny a viu à luz do sol, explicando como um mergulho numa piscina ia transformar completamente a vida de uma mulher deprimida.

Ann: Oh, Danny. Como vai?

Danny: Driblando o coma. Até agora.

Howard: Coma não, por favor, não diga essa palavra. Sono intenso, ou... sono aprisionador.

Danny e Ann se entreolharam. Ela também estava apavorada, mas não da mesma maneira que Howard. Ann não estava apavorada com a possibilidade de Danny morrer, estava apavorada com a possibilidade de ele contar.

E então tudo voltou à memória: a razão por que ele havia caído da janela, para começo de conversa. Danny não havia propriamente esquecido, mas até então estivera pensando de modo retroativo, tortuoso, talvez por causa dos remédios. Durante todo aquele tempo, dentro de sua cabeça estivera guardado um fato que podia lançar um golpe certo bem no centro da vida de Howard. E estar de posse daquele fato deixava Danny no comando da situação.

A raiva que sentia de Howard minguou instantaneamente, assim como sua tristeza. Danny flutuava num estranho estado de alívio.

Howard: Nora, que horas são?

Nora: Uma e cinquenta e quatro.

Howard: Espere... como é? Virou-se para olhar para ela.

Nora: Mais de duas horas. Quase duas horas e meia.

Howard deu um grito: Sim, sim! Danny, você conseguiu! Você conseguiu, meu amigo!

Quase caiu em cima de Danny, e o abraçou — o abraço mais quente e envolvente de que Danny conseguia se lembrar em toda a vida. O tronco de Howard cobria todo o seu, e o calor que vinha dele mergulhava entre as costelas de Danny e abria caminho até envolver seu coração. Confuso, Danny estendeu os braços e agarrou-se ao primo.

Quando Howard ficou de pé outra vez, seus olhos estavam molhados. Ele enxugou-os com o braço. Puta merda, eu estava preocupado. Agora posso confessar isso, Danny. Estava preocupado para caralho com você.

Benjy: Você falou caralho! Caralho!

Ann: Benjy! Howard!

Mas ela estava rindo. Todos estavam rindo, até alguns estudantes de pós-graduação que deviam ter vindo do corredor. Houve gritos de alegria, aplausos e tudo mais. Só Ann continuava com medo. Danny via aquilo nos olhos dela: estavam semicerrados, como se o sol estivesse batendo ali.

Danny estava cansado, muito cansado. A antiga exaustão voltou correndo e encheu o espaço onde antes estivera a raiva. Sentiu a exaustão envolver seus globos oculares, rolando-os para dentro da cabeça. Danny fechou os olhos e apagou.

CAPÍTULO DEZ

Eu e minha turma estamos escavando uma vala para instalar uma tubulação a uns seis metros da cerca, na parte interna, quando percebo um pequeno Subaru bege que vem vindo pela estrada. Essa estrada liga a rodovia interestadual à prisão. Ela segue paralela à cerca externa, mas a certa distância, e com o alambrado duplo no meio e mais todo o arame farpado, é claro que não dá para ter a mínima ideia de quem está dirigindo. Nem sei o que me faz olhar para lá. Mas isso é papo furado. A gente sempre olha mesmo.

Não há visitas às quintas-feiras, por isso o estacionamento fica vazio, exceto pelas pessoas que trabalham aqui. O Subaru entra e estaciona. Não tenho nenhuma razão para estar pensando na Holly — quinta-feira não é dia dela. E não estou pensando nela, mas, sei lá por que motivo, na hora em que a porta daquele Subaru se abre, estou esperando que ela saia do carro. E então ela sai.

Holly está fumando. É o primeiro choque que tenho. Em geral consigo perceber pelo cheiro da mulher se ela fuma, sinto nas mãos, no cabelo, no hálito, mas no caso de Holly nunca notei nada. É um hábito nojento, ainda mais em uma mulher — dane-se que isso seja sexista. Mas ao ver Holly dar uma tragada profunda, do lado de fora do seu carro, protegendo os olhos do sol com a mão, não sinto nojo. Fico impressionado. Com o fato de ela ter fumado esse tempo todo e eu não ter percebido nada.

O segundo choque é a roupa dela. Em vez das roupas folgadas que em geral veste, está com uma saia comprida e escura com uma espécie de estampa e uma blusa azul-clara do tipo que se usa para ir trabalhar num escritório. Os sapatos têm um salto pequeno o bastante para ela ficar um pouquinho inclinada para a frente e apoiada nos dedos dos pés. E o cabelo está solto, balançando na

brisa quente. Ela dá uma última tragada e esmaga a guimba embaixo do sapato.

Nesta altura meus olhos chegam a doer por causa do brilho de todo aquele arame através do qual tenho de olhar para vê-la, sem falar da brita branca que usam para preencher o espaço morto entre a cerca interna e a externa. É branca para destacar qualquer objeto estranho que por acaso apareça ali. Por exemplo, se algum de nós conseguir, sei lá como, vencer a primeira cerca, que tem nove metros de altura, sem cortar alguma artéria em todo aquele arame farpado que forma espirais no alto das cercas. A cerca externa tem um muro por baixo da terra, que alcança seis metros de profundidade. Nada passa por ali, a não ser as tubulações.

É alguém que você conhece, Ray?, pergunta o guarda.

É alguém que ele *quer* conhecer, diz Angel.

Ela é minha prima, respondo, e por um minuto todos eles olham para mim como se aquilo talvez fosse verdade e em seguida todos riem, menos o guarda.

Vamos, mexa-se, senão vou multar você, diz ele, e está falando sério. Jenkins dá mais multas do que qualquer outro guarda neste lugar, isso é um fato incontestável. A gente o chama de Guarda de Trânsito.

Estamos cavando uma tubulação podre, deixando à mostra uma rede esburacada e enferrujada que cheira a cadáver. Mais adiante, nesta mesma semana, vamos substituir todos os canos. Fico de olho no prédio da entrada porque, com as visitas suspensas, sei que Holly vai passar depressa por lá. Depois vai sair do outro lado e andar mais ou menos uns nove metros até o prédio da prisão, onde eu a verei de novo, sem nenhuma cerca entre nós.

E de fato ela sai dois minutos depois. O caminho do prédio da entrada até o saguão da prisão tem canteiros de flores de um lado, do programa de horticultura, e elas estão florindo loucamente. Talvez seja por isso que Holly reduz o passo, para olhar aquelas flores. Mas isso não pode ser verdade — afinal, fora da prisão deve haver flores para todo lado. Ela provavelmente reduz o passo porque não quer respirar o cheiro que sempre sufoca quando a gente entra no prédio da prisão. Se eu soubesse como transmitir esse cheiro para vocês por meio de palavras, não precisaria

frequentar as aulas da oficina de textos. Só o que posso fazer é dar o nome de algumas coisas que estão misturadas nesse cheiro — cigarros, desinfetante, suor, comida, mijo —, mas a mistura é tão pior do que todos esses cheiros combinados poderiam ser, mas tão pior, que no início a gente até prefere parar de respirar a trazer esse cheiro para dentro do corpo. E depois de uma hora a gente nem consegue mais sentir o cheiro, o que eu acho que é ainda pior. Então Holly passa devagar por aqueles canteiros de flores e, por um minuto ou dois, fico pasmo com a minha sorte por estar neste local no exato segundo em que ela passa, num dia de folga. Qual é a probabilidade? É como estar drogado, é como se eu estivesse em algum outro lugar, é como se o negócio, seja lá o que for, que começou dentro de mim tantas semanas atrás, na aula de Holly, estivesse me conduzindo justamente para isto aqui: observá-la caminhando por aquela trilha num dia ensolarado. Não sei como dizer isso.

Os caras estão murmurando *gostosa e doce e bem que eu gostaria de cair naquelas carnes*, mas tão baixinho que parece mais um farfalhar de folhas do que palavras. Nem mesmo Jenkins consegue ouvir. Red e Pablo, os estupradores, não falam nada, apenas seguem Holly com os olhos. Ela olha de relance na nossa direção, e assim que faz isso começa a acelerar o passo e depois bum — ela se foi, entrou no saguão. E quando tento repetir aquela cena na cabeça, ver Holly passar por aqueles canteiros de flores de novo, o que vejo é só a gente: sete prisioneiros em roupas cáqui e verde, com botas de trabalho de um fornecedor autorizado, escavando um buraco fedorento. Homens sem rosto, a não ser Red, talvez, que é trinta centímetros mais alto do que todos nós. E a sensação boa escorre para fora de mim tão depressa que fico meio zozinho, como se eu tivesse rompido uma artéria. Sento na beirada do buraco que acabamos de cavar.

De pé, diz o Guarda de Trânsito. Que merda deu em você agora?

Fico de pé.

Pegue essa pá e cave. É uma ordem. Ele fala de um jeito que indica que, se eu não me mexer, é capaz de fazer uma queixa formal. Mas não vou dar essa satisfação a ele.

Minha pá entra e sai outra vez. Preciso pensar. Se eu pensar, consigo me livrar dessa sensação. Mas não consigo pensar.

Você está doente?, pergunta Jenkins, e eu leio seu pensamento: ele está se lembrando de Corvis, no mês passado. Corvis bateu as botas em cima de sua máquina laminadora depois que o guarda não deixou ele parar para descansar. Morreu na hora, de ataque cardíaco.

Pois é, guarda, eu digo. Estou doente.

Eu também, diz Red.

Todos nós estamos doentes, guarda, diz Angel. Doentes demais para cavar.

Mas a gente continua a cavar.

Vocês são um bando de malucos, é isso que vocês são, diz Jenkins, e ri loucamente do que ele mesmo disse.

* * *

Na aula seguinte, Holly está com a mesma aparência de sempre: roupas folgadas, cabelo preso. No intervalo, tem o habitual bando de caras tentando chamar sua atenção. Normalmente, vou direto para o corredor, mas hoje fico ali perto. Espero.

No final, ficamos só Hamsam e eu esperando e, quando Hamsam vê que estou atrás dele, desiste, me dá seu lugar e vai embora. Hamsam e eu fomos irmãos numa vida passada.

Holly sorri para mim. É a primeira vez que nós nos olhamos de verdade, desde que Mel me derrubou no chão algumas semanas atrás. Tenho uma sensação esquisita, parece que estou nu.

Então, qual é o assunto, Ray?, pergunta ela.

Agora que estou aqui, com ela olhando direto para mim, não sei o que dizer. Por fim, digo a ela: Vi você. Na quinta-feira. Entrando.

Também vi você, diz ela.

Mentirosa, eu digo.

Você estava cavando alguma coisa.

Aquilo me deixa espantado, me atordoa. E embora eu esteja parado bem na frente de Holly, tão perto que se eu estender a mão

posso tocá-la, ainda assim não consigo sentir o cheiro de fumaça de cigarro. Nenhum vestígio.

Eu digo, Como você sabia que era eu?

Seu rosto, diz ela, e nós dois começamos a rir, e, quanto mais rimos, mais engraçado fica.

Vem um barulho do corredor, alguém está levantando a voz e isso faz esta sala, onde estamos só nós dois, parecer ainda mais silenciosa. Cada minuto que passa sem que a porta se abra com um tranco é mais um milagre.

Eu quero conversar com você, digo.

E já não estamos conversando?

Quero dizer que eu quero conhecer você melhor. Quero saber a sua história.

Por um segundo, a dor que já vi outra vez desliza por baixo do rosto de Holly. Não, você não quer, diz ela.

Por quê?

Ela pensa um pouco. Porque é uma história complicada sem ser interessante.

Eu quero complicá-la ainda mais.

Eu tenho essa impressão, diz ela. Você quer que eu seja demitida.

Você tem outro emprego. E para esse emprego você vai *bem*-vestida.

Sem comentários, diz ela, mas o sorriso voltou.

Você é casada?, pergunto, e como ela não responde na mesma hora eu digo, Divorciada. Ou separada. E “complicada” quer dizer filhos — pelo menos dois, mas eu diria três.

Alguma coisa se desprende de seu rosto e, por um segundo, ela parece desprotegida, quase assustada.

Você é um vigarista, não é?, diz ela. É por isso que está aqui, por passar as pessoas para trás?

Vigaristas não vêm parar aqui, respondo. Vão para lugares mais agradáveis.

E você?

Estou aqui por assassinato.

Mentiroso.

Estou falando sério.

Holly fica calada. Quando afinal responde, seu sorriso sumiu faz tempo. Se você achou que isso ia me impressionar, se enganou.

Eu estava só respondendo à pergunta, digo. Mas sinto um forte aperto no peito. Será que eu achei que aquilo ia impressionar Holly? Nem sei.

Holly abre uma pasta e olha dentro dela. Holly, digo, mas ela fica com o rosto abaixado. E então a porta se abre com um estrondo, como deveria ter feito durante todos aqueles segundos em que eu e ela conversávamos. O intervalo tinha terminado.

Vou para minha mesa e me sento. Sinto um aperto no peito.

Pela primeira vez, Tom-Tom trouxe algo para ler. Está escrito à mão e parece ter umas oitenta páginas. Holly diz logo de cara que não há como ler tudo e Tom-Tom parece murchar. Então ele começa, numa voz nasalada e queixosa, como a voz de quem está apresentando longas desculpas por alguma coisa. A voz é tão ruim, a maneira como ele lê é tão nervosa e tensa, e ele tem de parar tantas vezes porque não consegue entender a própria letra, que é gigantesca a ponto de ele ter de virar a página a cada duas ou três frases, que no início eu nem consigo prestar atenção. Nenhum de nós consegue. Mas afinal alguma coisa começa a sair dali. Verão no extremo sul do país. Família pobre. Filhos demais. A mãe deixa cair uma panela de água fervente em cima do filho de três anos e o braço do menino para de crescer. Abatido com o fracasso da conversa com Holly, como ela deu errado, eu perco a noção de onde estou. O menino cresce e começa a usar metanfetamina. O final é logo depois do primeiro assalto que ele comete, quando torce o braço de um velho e o quebra em três lugares.

Tom-Tom para. Acabou lendo a coisa toda. Ninguém diz nada e por fim Tom-Tom ri de um jeito nervoso e diz, Aposto que vocês ficaram entediados demais para me interromper, não foi?

Holly olha para o relógio na parede, depois para seu relógio de pulso. Seus olhos estão com uma aparência engraçada, parece que ela esteve dormindo. Muito bem, diz ela. Vamos falar sobre isso.

Allan Barba começa logo com o mesmo comentário que sempre faz: quer mais contexto. Barba é um maníaco por contexto, não se cansa dele. Ou talvez só queira que Holly saiba que ele sabe o que significa contexto.

Cherry diz, É triste, Tom-Tom. Fiquei triste, mas triste mesmo.

Mel diz, Você tem de meter algum humor nesse troço, T-T. É uma coisa urgente, cara, talvez só uma ou duas piadas, mas tem de ter algo engraçado.

E por aí vai, enquanto Holly os provoca com perguntas como: Contexto para quê? E, Será que “deixar a gente para baixo” é uma coisa necessariamente ruim? E, Isso tem muito a ver com o motivo pelo qual a gente lê. E, olhando para ela, me dou conta de que Tom-Tom conseguiu fazer aquilo que eu queria ter feito, deveria ter feito, *precisava* ter feito durante aquele intervalo prolongado e maravilhoso em que me foi concedido ficar com Holly: ele a alcançou.

Por fim, Holly diz, Eu desisto, e todos nós olhamos para ela. Holly chega bem perto da primeira fileira de mesas.

Se eu não ensinei a vocês o suficiente para saberem que o que acabamos de ouvir é bom — forte, sincero, comovente, tudo o que a gente espera alcançar quando senta para escrever —, devo ser a pior professora do mundo. Falando sério, não sei o que estamos fazendo aqui, se vocês não conseguem perceber isso.

Fica parada, esperando. Ninguém diz nada. E a gente podia imaginar que ao menos uma pessoa devia ficar contente de ouvir aquilo, ou seja, Tom-Tom, mas só quem não entende Tom-Tom pensaria isso. Quando Holly termina de falar, Tom-Tom se vira e olha para mim. Por que está tão calado, Ray?

Não sei, digo. Preciso de um motivo?

Eu pus a porra do meu coração e da minha alma neste papel aqui. Você bem que podia imaginar que eu gostaria de ouvir uma merda de um comentário da sua parte.

Sinto os olhos de Holly em mim. E sei que, se eu for em frente e disser o que mais ninguém aqui parece perceber, que Tom-Tom é um puta gênio e que escreveu um troço incrível — *incrível* —, então a coisa ruim que aconteceu entre mim e Holly vai desaparecer. E eu tenho as palavras, as palavras exatas, bem aqui dentro da minha garganta. Mas elas estão muito lá no fundo.

Tom-Tom também está olhando para mim. Tem mais ou menos trinta anos, calculo, mas, como todos os viciados em metanfetamina, ele não tem metade dos dentes, então seu rosto é

encovado. Mesmo assim, neste instante ele parece ter uns oito anos, os olhos saltados, cheios de esperança. Qualquer coisa boa que eu disser vai fazer o cara se derreter, não sei por quê. Não sei por que eu tenho esse poder sobre Tom-Tom. Eu nem quero ter. Mas não consigo abrir mão dele.

Os segundos passam. Sei o que está acontecendo porque é a mesma coisa que sempre acontece: me dê alguma coisa boa, uma coisa que eu amo, quero ou preciso, que eu logo vou achar um jeito de transformar isso em poeira.

Os olhos de Tom-Tom ficam sem brilho. Vá à merda, Ray, diz ele, e dá meia-volta. Vejo sua espinha curvada através da camisa. Holly abaixa os olhos.

E eu estou fodido. Já sei disso.

Naquela noite, deito no meu beliche e tento escrever. Holly saiu da sala de aula sem pegar minhas páginas, mas espero que na semana que vem ela recomece. E quem sabe desse jeito eu consiga remediar as coisas. Talvez eu consiga alcançá-la como Tom-Tom fez.

O que mais faço é ficar ali deitado.

Davis está no beliche de baixo, murmurando e rindo baixinho como se estivesse vendo televisão. Só que não tem televisor nenhum aqui, só o “rádio”.

De vez em quando, ele coloca a cabeça para fora e diz, Qual é o problema com você, hein?

Não tem problema nenhum comigo, respondo.

Então por que está estatelado aí como se um vulcão tivesse cuspidido você?

Por nada.

Tem de haver um motivo. Sempre há um motivo.

As palavras que eu não disse para Tom-Tom continuam dentro de mim, agarradas no meu pescoço feito um gancho. Tenho a impressão de que vou morrer se não colocar essas palavras para fora.

Davis fica de pé e olha bem para meu rosto. Você está doente? É isso?, pergunta, e tenho a sensação de que está tentando ser gentil. Mas qualquer sinal de fraqueza deixa Davis enfurecido.

É isso mesmo, respondo. Estou doente.

Sei, tudo bem. Vamos torcer para que você fique bom depressa.

* * *

Às seis horas da manhã do dia seguinte vamos para a gororoba. Em geral, Davis nem chega perto da boia da prisão — sobrevive com um macarrão japonês de frutos do mar que ele pega na despensa e vai estocando. Mas até Davis levanta a bunda do beliche e vai para o refeitório nos dias em que tem panqueca. Quero dizer, afinal, quem não gosta de panqueca?

O refeitório é que nem o galpão de uma grande fábrica, tem janelas compridas no alto, voltadas para o céu, que ficam vermelhas quando o sol está subindo. O lugar tem seu cheiro desagradável peculiar: vapor das estufas que mantêm a comida quente misturado com legumes cozidos e com a amônia do chão, e hoje, junto com tudo isso, tem também o cheiro doce do xarope de bordo vagabundo.

A cada mesa sentam-se quatro pessoas, acho que a ideia é que com grupos menores há menos probabilidade de sair briga. Davis e eu sentamos sozinhos. O corredor está cheio de homens, mas o que mais se ouve são os sons arranhados e ecoantes de gente comendo. Davis e eu comemos sem falar. Terminamos em menos de cinco minutos.

Estou na fila para devolver minha bandeja quando vejo Tom-Tom esperando as panquecas. Ele tem um lagarto em cada ombro e mais uma subindo entre os botões da camisa. Aquelas carinhas brilhantes perto da cabeça seca e desdentada de Tom-Tom me dão uma dor bem no meio do peito. Eu me pergunto se é melhor eu ir até lá e falar logo de uma vez, dizer que gostei do que ele escreveu. Mesmo que seja tarde demais. Mesmo que Holly nunca venha a saber.

Antes que eu possa fazer qualquer coisa, Tom-Tom começa a vir na minha direção. Ele está andando depressa, mas estou muito distraído para perceber isso. Fico parado com a bandeja na mão e só quando as pessoas começam a abrir caminho e a se afastar me dou conta do que está prestes a acontecer. E então o tempo se

alonga, se abre, e eu olho dentro dos olhos vazios de Tom-Tom e penso *Como não percebi? Será que os lagartos me atrapalharam?* E então alguma coisa muda e sinto que é como se eu já soubesse, como se tudo aquilo já tivesse acontecido antes. Como se eu estivesse esperando por isso.

Tom-Tom lança um braço em volta do meu pescoço e enfia uma faca na minha barriga tão depressa que eu continuo segurando a bandeja quando ele já terminou. Davis se joga em cima dele um segundo depois, feito um selvagem, um homem que faz setecentas flexões de braço todo dia. Levanta Tom-Tom no ar e atira seu corpo em cima de uma mesa que está a três metros. Mas Tom-Tom tem uma retaguarda: três caras da sua cela, que esmurram os braços e a cabeça de Davis até que os guardas os afastam. Assisto a tudo isso com uma dor quente na barriga. A faca continua enfiada em mim, e, quando tento puxar, ela resiste, então deixo ela ali. Sinto o sangue jorrando de mim em jatos e aperto as mãos ali, tentando retê-lo. Então deito no chão porque estou cansado e as palavras estão começando a subir e eu quero ouvi-las, quero pegá-las. Fecho os olhos: *caipira e miolo mole e cagão e cagada e cabeça quente*, palavras que flutuam ao meu redor como folhas que caem de uma árvore, como se eu fosse uma criança deitada de costas sobre a grama e olhasse para as folhas que caem: *ginga e joystick e calhambeque e buraco e sagrado e Feliz Natal e De quem é a vez de colocar a estrela no alto da árvore de Natal? Este ano é a vez de Paulie. Não, Paulie foi para casa, os pais dele vieram e levaram Paulie para casa, que filho da puta sortudo, só que não foi sorte nenhuma, ele tomou jeito, foi isso que aconteceu, ele fez o que devia fazer e eu não sei por que isso é tão difícil para você, Ray, por que você não consegue fazer isso, quem sabe você é ruim mesmo e ponto? Sim, talvez eu seja ruim mesmo ou talvez eu simplesmente não queira ir para casa, talvez em casa seja pior do que aqui...* Vozes, estou ouvindo aquelas vozes antigas e me pergunto de onde estão vindo, porque não pode ser daqui, não podem vir deste lugar. E aí vejo Davis segurando seu rádio no alto da janela, virando os botões, tentando melhorar a recepção, e penso: É verdade! Ele tem razão! A tecnologia funciona! Davis pisca para mim e eu pisco para ele, porque escuto mesmo as vozes, escuto de verdade, já faz um

tempo enorme, mas eu poderia reconhecer essas vozes em qualquer lugar.

CAPÍTULO ONZE

Danny acordou em algum momento no meio da noite. Estava sozinho em seu quarto e o castelo estava em silêncio. Não tinha a menor ideia de que horas eram nem de quanto tempo havia dormido.

Saiu da cama e foi até a janela. Nuvens grandes passavam no céu, mas a intervalos de alguns minutos deixavam a lua à mostra, brilhante e redonda feito um holofote. Abaixo dele, o jardim estava negro.

Ficou parado junto à janela por um tempo e então se deu conta de que a dor na cabeça tinha sumido. Sumido como se ele a tivesse tirado dali e deixado na cama junto com os lençóis suados. Tocou na cabeça pensando que talvez as ataduras também tivessem sumido, mas elas continuavam ali, enroladas na metade superior do seu crânio, e um pouco molhadas. Mesmo assim, Danny sentia-se bem. Mais do que bem — sentia-se forte, lúcido e totalmente desperto pela primeira vez desde que chegara ao castelo. Como podia sentir-se tão bem? Será que todo aquele sono tinha afinal eliminado o mal-estar causado pelo *jet lag*?

A verdade é que Danny se sentia bem até demais para ficar naquele quarto. Precisava sair, andar ao ar livre sob a luz do luar.

Ficou algum tempo procurando suas botas antes de lembrar que as tinha perdido. Elas estavam lá no torreão, provavelmente embaixo da janela de onde ele tinha caído. Então, calçou as sandálias. O ar até que dava uma sensação agradável nos dedos dos pés nus.

Olhou ao redor da cama em busca do walkie-talkie, mas ele tinha sumido. Na certa, Howard tinha pegado de volta.

As lâmpadas em forma de vela continuavam acesas no corredor. Danny não tinha a menor ideia de quem eram os quartos para onde davam aquelas portas nem de onde ficava a saída, mas resolveu tomar a esquerda e, no ponto em que o corredor fazia uma curva, encontrou uma escada redonda que era muito parecida com a que tinha descido junto com Howard no primeiro dia. Havia uma lâmpada fluorescente no alto, mas a curva da escada encobriu a luz da lâmpada quando ele desceu. Por sorte, Danny estava com sua lanterna.

Descobriu depois que não era a mesma escada. A que Howard tinha descido com ele antes havia sido meio reformada na parte de baixo, ao passo que essa escada agora levava a alguns metros quadrados cheios de lixo: sacos de dormir apodrecidos, montes de cinzas de fogueiras, latas amassadas, guimbas de cigarro. Aquilo fez Danny pensar nos antros de crack de onde ele teve de tirar seu amigo Angus algumas vezes. Foi abrindo caminho no meio dos detritos rumo à porta, que devia levar para o lado de fora, estava quase certo. Sentiu alguma coisa rastejando sobre seus pés descalços e viu de relance o brilho oleoso de cascas de insetos. Merda! Danny deu chutes que dispararam pelo ar uns insetos pesados, enquanto abria caminho pela porta e saía para o jardim.

O ar fresco do jardim o envolveu. Ele inspirou de maneira profunda e demorada várias vezes, enchendo os pulmões com o ar que tinha cheiro de flores. O vento estava aumentando, dando a impressão de que estava chovendo, e as nuvens passavam ligeiro na frente da lua radiante. Ele havia estado dentro de uma torre: Danny inclinou a cabeça para trás e viu o topo curvado da torre contra o fundo do céu, com aquelas denteações quadradas no alto.

Quando olhou para baixo de novo, seus pés eram dois fantasmas brancos. Danny precisava de suas botas, não havia a menor dúvida. E precisava delas já.

Acima do dossel de ramos e folhas sobre sua cabeça, o torreão traçava um retângulo comprido contra o céu. Havia uma trêmula luz alaranjada numa janela perto do topo, uma lareira. Danny usou aquilo como referência para se deslocar, mas toda hora alguma coisa entrava em seu caminho: arbustos, galhos, pedras, trepadeiras. As sandálias o faziam mancar ainda mais e as coisas

que toda hora tocavam seus pés o deixavam meio maluco. Como foi capaz de usar sandálias alguma vez na vida? Era a mesma coisa que andar por aí pelado.

Mas Danny se sentia bem. Quase bem demais. Não porque não gostasse de se sentir bem — quem não gosta de se sentir bem? Mas porque uma parte dele não acreditava que ele *pudesse* se sentir tão bem assim. Parecia fácil demais. E por causa disso havia uma sensação de angústia nas entranhas de Danny, uma sensação vacilante, do tipo que faz a gente se preocupar (ainda que a gente se sinta *bem!*), achando que uma coisa ruim talvez esteja prestes a acontecer.

Quando chegou afinal ao torreão, Danny pôs as mãos na pedra e tateou, procurando o caminho até a face oposta ao castelo, onde Mick e Ann tinham estado. E não é que uma de suas botas da sorte estava caída bem ali no chão, como se estivesse só esperando por ele? Fácil demais! Danny pegou a bota, enfiou o nariz dentro dela e inalou seu cheiro doce de couro. Na época em que comprara as botas, tantos anos antes, as mantinha sempre do lado da cama, e assim o último cheiro que sentia antes de dormir e o primeiro cheiro que sentia quando acordava era o do couro delas. Danny achou que o cheiro ia sumir, mas não sumia. Mesmo depois de dezoito anos, aquele cheiro de couro ainda estava forte, o que surpreendia Danny a tal ponto que às vezes ele se perguntava se não estava imaginando aquilo.

Descalçou a sandália esquerda e enfiou o pé descalço na bota. Isso significava que agora sua perna direita ferida estava uns quatro centímetros mais curta do que a perna esquerda, calçada na bota, o que o forçava a capengar enquanto olhava em volta e procurava o outro pé. Danny procurou em cada centímetro do terreno, entre a base do torreão e a árvore em que Mick e Ann tinham ficado conversando. Chegou a tatear pelos cantinhos do torreão, apontando a lanterna para locais onde não havia como a bota ter caído. Nada. Toda hora olhava para cima, na direção da janela de onde havia despencado, tentando imaginar onde mais a bota podia ter aterrissado e, na quinta ou sexta vez que olhou para cima, percebeu uma coisa: uma forma escura, feito um gancho, pendendo

do parapeito da janela. Apontou a lanterna de bolso para o alto e estreitou as pálpebras, tentando enxergar no escuro.

Inacreditável. O pé direito da bota continuava pendurado lá no alto.

Danny jogou uma pedra na bota, mas errou a pontaria. Tentou de novo, depois arremessou uma pedra maior e dessa vez ela fez um barulho meio oco, como se tivesse de fato batido no couro, mas a bota continuou presa. Pegou um pedaço de pau e tacou lá em cima, o pau bateu no vidro e Danny congelou, esperando ouvir os cacos caindo, o berro furioso da baronesa. Mas não aconteceu nada. Na certa ela fechou a janela e deixou a bota de Danny pendurada ali fora de propósito. Ou talvez ela fosse baixa demais para enxergar a bota. De todo modo, uma pedra grande o bastante para fazer a bota cair poderia facilmente quebrar o vidro da janela e isso acabaria acordando a baronesa. Não, muito obrigado. Danny tinha de voltar ali à luz do dia, com uma escada e uma vara comprida.

Danny ficou com a bota esquerda no pé e se afastou do torreão, levando um pé de sandália na mão. Mancar e ainda por cima ter um desnível na altura das pernas não tinha graça nenhuma, mas quando Danny desistiu de tentar andar normalmente e se resignou a capengar, a coisa ficou mais ou menos administrável. No entanto, ele nunca faria aquilo na frente dos outros.

Voltou para o jardim malcuidado. A lua estava toda encoberta e o ar tinha o cheiro pesado de uma tempestade. A terra estava fofa. Quando Danny acendeu a lanterna, os ramos formaram um túnel em volta do fecho de luz. Ele sentiu o peso e a massa do jardim ao seu redor, repleto de tantas coisas vivas, mas ao mesmo tempo vazio, morto.

Após alguns minutos capengando, Danny reduziu o passo. Ele estava voltando para o castelo? Teve a impressão de que estava ali fazia meses. Para o torreão? Não com a baronesa enfurnada lá dentro. Para um muro externo? Mas todos eles pareciam tão distantes, inacessíveis, e como ia conseguir escalar um daqueles muros calçando uma bota num pé e uma sandália no outro, sem falar de seu joelho fodido?

Danny parou de andar. Não havia nenhum lugar onde ele quisesse estar. E se dar conta daquilo fez seu bem-estar começar a

vazar.

No silêncio repentino que surgiu por não estar mais andando, Danny ouviu um estalido nos arbustos próximos. Ficou imóvel e escutou: o vento estalava os galhos e havia uns sons miúdos que podiam ser pássaros ou camundongos. E atrás de tudo isso, em torno disso, mais alguma coisa. Quando Danny voltou a se mexer, ouviu aquilo se mover também. Alguma coisa no jardim.

Sentiu um frio no peito, como uma condensação. Medo.

O coração de Danny martelou forte e a adrenalina desentupiu seu nariz. Ele recomeçou a andar, mancando o mais depressa que podia, enquanto se perguntava se devia tirar o pé esquerdo da bota e calçar de novo a sandália. Mas Danny não queria parar. Não queria separar-se de sua bota da sorte.

Pensou na piscina. O espaço ao redor dela era aberto e naquela clareira ele poderia ver o que estava perto dele, *quem* estava perto dele. Poderia olhar de frente. E outra coisa também fez Danny querer chegar à piscina: a antena parabólica estava em algum lugar lá dentro, no fundo. Ele queria ficar por perto.

O simples fato de ter um destino ajudou Danny a se controlar. Mancou no que supunha ser mais ou menos a direção da piscina. Tentava fazer barulho enquanto andava a fim de encobrir o som da outra coisa, mas mesmo assim podia ouvi-la, senti-la se movimentar pelo jardim atrás dele. Danny teve a sensação assustadora de estar se observando: um cara com a cabeça ferida, mancando, com o pé direito cheio de dedos brancos e grandes que qualquer um podia alcançar e agarrar, avançando aos tropeções no meio de um jardim apodrecido na parte de fora de um castelo cheio de estranhos e num país cujo nome ele nem sabia. Um cara no fim da linha, era isso que Danny via, um cara a quem não restava nenhuma opção. Um cara que não tinha nada, do contrário por que ele estaria ali?

Outra rajada de frio. Danny falou para si: Controle-se. Controle-se.

Era assim que o verme entrava. Você se abria para aquele tipo de pensamento e o verme rastejava para dentro, começava a comer e só parava quando não sobrava mais nada. Você se via como um cara fraco e impotente e era só uma questão de tempo até todo mundo concordar que você *era* mesmo esse cara. Danny tinha visto

aquilo acontecer. O verme devorava as pessoas do mesmo jeito que os anos tinham devorado aquele castelo: roendo os tetos, mastigando as paredes, abrindo túneis por baixo das tábuas do assoalho, até que mesmo um corredor reformado com todo o esmero, com portas envernizadas e velas falsas nas paredes, tivesse mil insetos rastejando para todos os lados alguns andares abaixo.

Danny sentiu o cheiro da piscina antes de chegar lá. Um vento levou seu odor infecto até a muralha de ciprestes, fazendo cócegas na cara de Danny, bagunçando seu cabelo, e ele parou de andar, foi automático. Parou e sentiu aquele vento imundo no rosto e ouviu alguma coisa que se movia dentro dos ciprestes, um som áspero de couro que fez a pele de sua cabeça se encolher a ponto de repuxar com força por baixo das ataduras, no lugar onde o couro cabeludo estava dormente. O coração de Danny martelava de encontro às costelas. Ele ficou parado, o couro cabeludo se contraindo e formigando. Só seus olhos se mexiam. Ele não ia correr. *Tudo isso está acontecendo dentro da minha cabeça. Tudo isso é só o verme tentando penetrar.*

Danny enfiou a mão no bolso procurando o telefone. A necessidade de estabelecer contato era tão grande que ela passava por cima dos fatos (tais como: ele *não tinha* um telefone). Era uma necessidade cerebral, um movimento para fora que vinha de dentro do crânio de Danny, mas que não tinha para onde ir, não tinha nada em que se prender. Danny enfiou os dedos no bolso com tanta força que eles atravessaram o tecido. Mas não havia telefone nenhum. E assim o desejo intenso de alcançar algo fez o caminho inverso e adentrou Danny. Despertou a dor em sua cabeça.

Danny encontrou uma abertura nos ciprestes e abriu caminho por ali. Lá estava a piscina: redonda, silenciosa, preta. A Piscina da Imaginação. No escuro, não dava para saber que seu negror vinha de dentro dela. O vento soprava com força, folhas davam piruetas sobre o piso de mármore. Aquele mármore branco segurava a luz de algum lugar, talvez do céu, e assim havia um brilho em torno da piscina, como acontece logo depois que neva. Danny virou-se com cuidado no espaço aberto, olhando em todas as direções. Não havia ninguém mais ali. Ele sentiu o coração se acalmar.

O sangue correndo mais devagar fez Danny ficar meio tonto, e também o alívio de não estar com medo e, mais que isso, de saber que havia sentido medo à toa. Não que Danny estivesse a salvo — o verme tentava penetrar nele, disso não havia dúvida. Ele conhecia os sinais. Quando a pessoa ficava vulnerável ao verme, ela tinha que tomar certas precauções, pôr alguns fatos importantes num lugar fortificado onde o verme não pudesse alcançá-los, caso viesse de algum jeito a penetrar. Danny achava que seu coração era esse local fortificado, mas agora ele tinha uma palavra melhor: o torreão. O próprio torreão, dentro dele, onde seus tesouros ficariam guardados e ocultos, caso o castelo fosse invadido. O que deveria entrar no torreão de Danny? Uma porção de coisas passou pela cabeça dele, toda uma tempestade de coisas oriundas de dezoito anos de amizades, namoradas, momentos de triunfo, gente poderosa de quem ele tinha sido o braço direito, mas, quando se tratava daquilo sem o que ele não poderia viver, só havia uma coisa: Martha Mueller. Que ela o amava. Danny se imaginou segurando aquele fato nas mãos como se fosse algo vivo, colocando aquilo numa caixa dentro de suas costelas e lacrando a caixa. E então o medo o deixou. Ele sentiu-se seguro. Fraco, esgotado, mas seguro. Contanto que Martha estivesse no torreão, o verme não podia vencer.

Danny precisava se sentar. Não era mais o *jet lag*, era... o quê? O ferimento na cabeça, talvez. O andar manco. Foi até a piscina e meio que desabou em cima do banco onde já havia sentado antes. Olhou para a água. As partes claras tinham uma luz prateada que vinha do céu ou das pedras, e as partes imundas também tinham uma cor prateada, mas de uma textura igual à de um tapete gordurento. Danny observou a água, respirando fundo. Houve uma pulsação da luz no céu, um trovão distante. E então a água se mexeu.

Ela ondulou, não uma ondulação que podia ser causada por uma pedra que cai ou por um peixe que nada perto da superfície — uma ondulação causada por algo grande.

Uma onda passou por baixo do lodo e rolou por cima da beirada de mármore branco da piscina com uma pequena lambada que lançou uma lufada de cheiro ruim no ar. O couro cabeludo de Danny

se contraiu, repuxou a sutura, ou seus grampos, o que quer que fosse. Ele sentiu o cabelo ficar arrepiado no alto da cabeça.

O lugar tinha ficado silencioso. Nenhum inseto, nenhum vento, nenhum farfalhar de folhas. Silencioso feito uma pausa entre duas coisas. Como alguém que prende a respiração.

Então, Danny viu as formas. Talvez estivessem lá o tempo todo, mas ficara muito distraído com a água para notar. Duas. Era difícil dizer se eram claras ou escuras; pareciam ser as duas coisas, como se ele estivesse olhando para um negativo. Começaram separadas, depois se juntaram na beirada da piscina e se fundiram, de tal modo que não era mais possível separá-las. E então a água se encrespou numa onda comprida e fétida.

Danny quis se levantar, ficar de pé. Chegou a dizer isso em voz alta: Fique de pé, porra. Mas não conseguiu se mexer. Seu coração batia com tanta força que ele achou que ia vomitar.

Será que estava vendo os gêmeos? Estava vendo os gêmeos morrerem? Parecia uma coisa violenta, o que quer que fosse, como uma pessoa empurrando outra. Ou alguém empurrando os dois.

Separados. Juntos. Empurrão. Uma longa ondulação embaixo da água e depois a água batendo de encontro ao mármore. Cada onda era um pouco maior do que a anterior.

Corra, disse uma voz dentro de Danny. *Saia logo daqui!*

Danny: Eu não corro. Não corro nunca. Não estou com medo. Mas seu coração estava se despedaçando e havia gelo dentro do seu peito.

A água na piscina estava começando a se agitar. Tremia, vibrava em pequenas ondulações, como se algo enorme estivesse subindo lá do fundo.

Danny ficou de pé. *Isso não pode ser real. Isso não é real. Não acredito que isso esteja acontecendo.* O que viu foi a água se abrindo, um buraco se formando no meio da água, feito uma boca ou um túnel ou uma cova, algum tipo de cavidade escura que fez um pequeno fio de vômito subir na garganta de Danny. *Isso não é real, estou tendo uma alucinação. Tudo isso está dentro de minha cabeça, portanto não há nada a temer.* E embaixo daquilo outra voz, bruta e aterrorizada: *Eu não quero ver. Corra, corra!*

O buraco na água ficou mais fundo, tornando-se cada vez maior, até que a piscina *fosse* o próprio buraco, uma abertura preta e redonda que parecia levar direto ao centro da terra, ao seu núcleo pastoso. Um som subiu do buraco — Danny mal o ouvia, de início, porque era um desses zumbidos que podem vir só dos ouvidos, mas o barulho ficava mais alto a cada segundo até que se transformou num rugido, num uivo, num grito — um barulho horrível que encheu os ouvidos de Danny e depois os obstruiu de tal maneira que tudo o que ele ouvia era um zunido. Foi então que as expressões *sono intenso* e *sono aprisionador* surgiram dentro da cabeça de Danny e, de repente, ele compreendeu, seu corpo chegou a se sacudir com o impacto de ter compreendido aquilo. *Não estou acordado! Tudo isso é um sonho; estive sonhando isso o tempo todo. O sono aprisionador tomou conta de mim e está me mostrando todo tipo de merda, que parece real, mas não passa de um sonho, tudo está dentro da minha cabeça.*

Sim, mas o que é real?, ressoou uma voz familiar perto do ouvido de Danny, mas de alguma forma fora dele, fora da piscina, de tudo. Você está tendo uma experiência, não é?, disse a voz. Você está passando por isso, não é?

Danny sentiu um cheiro de menta. O cheiro encheu o ar ao redor da piscina, pinicando e formigando nos olhos de Danny. E ele se deu conta de que a nova voz era a voz de Howard. Howard estava ali! Estava perto, a centímetros de distância, o que significava que Danny *não estava* ali — estava deitado em sua cama e Howard estava na cadeira perto dele, como antes. Danny nem sequer tinha saído do quarto, não tinha sequer se mexido. Estava sonhando.

Fechou os olhos a fim de apagar a piscina que rugia, que não era real. Concentrou-se na voz de Howard e no hálito de menta, na superfície da pele do sono aprisionador. Teve a sensação de que ia começar a chorar.

Danny: Howard, socorro. Estou completamente fodido.

Você está indo muito bem, companheiro. Aguenta, resista.

Danny: Estou com medo.

Não é vergonha nenhuma. Todos nós sentimos medo.

Por favor, me acorde. Por favor.

Não posso, Danny.

Danny ouviu alguma coisa que parecia uma risada, ou ao menos o barulho de outras pessoas. Seriam os estudantes de pós-graduação? Estavam todos juntos no quarto?

Danny: Por favor, Howard. Tem de haver um jeito. Bata em mim com um cinto, me chute pelo chão do quarto. Eu não me importo, faça qualquer coisa, mas me acorde.

Mais barulho. Não havia dúvida, eram risos, Howard também ria. Não ouvi, Danny. Fale de novo.

Os dentes de Danny estavam trincados. Por favor. Acorde-me.

Ah, não posso, companheiro. Isto é divertido demais.

O quê?

Eu estou curtindo. Conte como é, Danny. Conte tudo. Como é a sensação de ficar apavorado sem ter ninguém para ajudar.

O frio bateu no corpo de Danny com um choque, um jato de medo igual ao que ele tinha sentido no jardim — alguma coisa ruim em volta dele, perto dele. E Danny sabia o que era: Howard.

Tudo aquilo era Howard.

Por favor, sussurrou Danny, os olhos fechados com força. Me ajude.

Você quer ajuda? Mais risos. Qual é, companheiro, eu sou um cara legal, mas não tão legal assim.

Por favor.

O aroma de menta estava muito forte na cara de Danny — Howard devia estar debruçado sobre ele. Danny sentiu o calor que vinha da pele do primo. Pingos do suor de alguém caíram em suas bochechas e em suas pálpebras. A voz de Howard parecia vir de dentro do ouvido de Danny.

Você está com medo? Quer minha ajuda? Isso é pedir demais, seu babaca sacana. Seu filhodaputa perverso.

Danny deu um grito agudo e abriu os olhos. Estava de pé na frente da piscina. Era uma piscina outra vez, milhares de gotas de chuva caindo em sua superfície. A chuva escorria do cabelo para o rosto de Danny. E o fato de as coisas terem voltado ao normal trouxe a parte racional de Danny, que tinha ficado congelada por um bom tempo, apagada pelo medo dele. *Tudo aquilo era um sonho, até o Howard fazia parte do sonho. Isto é real. Esta chuva, esta piscina. Nada além disto.*

Então o trovão estourou e o relâmpago cortou o céu, e o pavor se apoderou de Danny outra vez. Ele começou a correr, disparou cegamente pelo meio dos ciprestes e mergulhou no matagal, tropeçando nos galhos que voltavam com força e batiam nele, arranhando seu rosto, esfolando sua pele. Tropeçou numa raiz e caiu de cara no chão: um gosto metálico de terra encheu sua boca. Agora a chuva martelava Danny, encharcando as ataduras, que ficaram pesadas em sua cabeça, inundando seus olhos e seu nariz, até Danny sufocar debaixo dela. Mas continuou a correr, embora correr não fizesse sentido. Isso era a única coisa sobre a qual todas as partes de Danny concordavam — correr não fazia sentido —, mas ele estava apavorado demais para parar. Havia um motim dentro da cabeça de Danny, a parte racional e a parte apavorada lutavam entre si de um jeito que a maioria de nós reconheceria, a não ser pelo fato de que não acontecia da forma como vou descrever, passo a passo, como uma conversa. Era um nó, uma confusão, um caos dentro da cabeça de Danny:

Ele me trouxe para cá a fim de me torturar. A fim de me punir.

Não acredite nisso. É o verme.

Ele sempre me odiou, durante a vida inteira.

Você está deixando o verme entrar. Não faça isso!

Ele quer que eu morra.

Livre-se dele — se você o empurrar, ainda tem chance de mantê-lo longe.

Ele quer que eu fique maluco. Tudo isto é uma arapuca para que eu fique maluco de vez.

Besteira. Besteira. Você mesmo está se confundindo, você mesmo é que está fazendo tudo isso acontecer.

Desde o início, era ele. Talvez até a queda da janela... talvez tivesse sido ele também.

Isso é babaquice, é impossível, e você sabe disso.

Agora meu cérebro está danificado, há algo de errado com o meu cérebro. É o sono aprisionador, o sono intenso.

É o verme.

Os estudantes de pós-graduação também fazem parte da trama.

O verme.

E Mick, e Ann... todos eles querem me exterminar.

Você está puxando o verme para dentro de você. Você está sugando o verme. É uma escolha. Você está fazendo isso acontecer.

Preciso cair fora daqui. Cair fora do castelo.

Isso não vai resolver nada.

Vou fugir. Vou arranjar um voo para voltar a Nova York. Tudo o que posso fazer agora é tentar escapar vivo.

Não há nenhum lugar para onde ir. O verme está dentro de você, Danny. Está *em* você.

Socorro!

Trate de socorrer a si mesmo.

Socorro! Socorro! Danny esbravejou, berrou para a noite, enquanto avançava aos tropeços rumo ao castelo pela chuva.

CAPÍTULO DOZE

Danny conseguiu sair, escalando um muro quebrado — o mesmo que escalara quando veio de fora para contemplar a paisagem em sua primeira noite. Obviamente havia maneiras melhores de sair do castelo, mas achar uma daquelas maneiras significaria perguntar a alguém e Danny não queria de jeito nenhum que Howard soubesse que ele estava indo embora.

Abandonou a maior parte de suas coisas. Carregá-las faria com que se movesse devagar, sem falar que assim estaria se entregando. Quando saiu pela porta de seu quarto no dia seguinte, suas roupas continuaram na grande cômoda medieval e a Samsonite estava vazia dentro do armário. Tudo o que Danny levou foi uma bolsa a tiracolo com três cuecas, duas camisas, desodorante, escova de dente, pasta de dente, gel para o cabelo (um gesto otimista, pois sua cabeça continuava enrolada numa atadura) e meias. No bolso do casaco, levava o passaporte, trezentos dólares e um cartão de crédito ainda com uns quinhentos dólares. De algum jeito, a combinação disso tudo teria de levá-lo de volta a Nova York.

Agora, aqui, eu devia parar e voltar um pouco, pois algumas horas se passaram desde que Danny pegou aquela chuva no jardim, e alguém aí deve estar se perguntando: (1) Em algum momento ele esteve mesmo do lado de fora, ao ar livre, ou era tudo um sonho? (2) Ele viu Howard desde que voltou (ou sonhou que voltou) ao castelo? (3) Que parte de Danny venceu a discussão, a parte que punha a culpa de tudo em Howard ou a parte que punha a culpa no verme? E eu bem que gostaria de saber como semear essas respostas pelo caminho, de tal modo que vocês captassem a

informação sem notar como captaram, mas não sei como fazer isso. Então vou apenas introduzi-las quando chegar a hora certa.

Danny avançou pelo corredor entre as fileiras de lâmpadas que imitavam velas. Tomava cuidado ao andar para não mancar [Resposta número 1: Não tinha sido tudo um sonho, pois os únicos calçados de que Danny dispunha eram uma bota no pé esquerdo e uma sandália no pé direito (devia ter deixado cair a outra sandália enquanto corria), o que significava que ele *estivera* do lado de fora, não na cama. O que também significava que Howard não estivera de fato sentado junto à cama de Danny fazendo comentários maldosos em seu ouvido. Mas, para Danny, descobrir isso não mudava muito a situação. Era como sonhar que tinha transado com alguém e não ser capaz de encarar a pessoa no dia seguinte: Danny via Howard de um jeito diferente. Aquilo o fazia entender o que já devia ter entendido desde o início: que a gentileza de Howard, seus motivos para trazer Danny ali, eram bons demais para serem verdadeiros — eram papo furado. Um disfarce para outra coisa.], para o caso de alguém o vir, embora fosse meio-dia e dali a pouco todo mundo fosse se dirigir ao salão principal para comer algum troço cheio de tomate e com um monte de alho que Howard tinha passado a manhã inteira cozinhando. Aliás, aquilo tinha um cheiro incrivelmente bom.

Danny passou por um espelho grande e dourado, mas evitou olhar seu reflexo. Estava de meia por baixo da sandália, para evitar que coisas encostassem nos seus dedos, só que Danny detestava o aspecto de sandálias com meias e tinha convicções muito fortes a respeito do tipo de perdedor que *usava* sandálias com meias, portanto ele não estava muito entusiasmado de ver que ele mesmo tinha se tornado aquele tipo de perdedor. Sem falar de como devia estar seu aspecto do pescoço para cima. Danny sabia que seu aspecto era ruim por causa da expressão que viu na cara de Howard. [Resposta número 2: Howard entrou no quarto dele naquela manhã por volta das seis horas, junto com o cara barbudo que dera uma injeção em Danny. Howard sorria para Danny (que estava deitado na cama e bem acordado) da porta e depois o sorriso se congelou em seu rosto e ele veio correndo na direção de Danny.

Howard: O que aconteceu aqui?

Danny: Não aconteceu nada.

Howard: Mas sua cara está toda cortada.

Se Danny não soubesse o que sabia — que Howard o havia levado até ali para bagunçar sua cabeça —, ele teria acreditado plenamente naquela encenação, porque era uma coisa fantástica. Uma primorosa representação teatral de alguém preocupado. (*Resposta número 3*, desculpe-me por enfiar esta informação assim, bem no meio da resposta número 2, mas é onde ela se encaixa melhor: As vozes no cérebro de Danny se alternavam, iam e vinham, e disputavam sobre a questão de quem era seu verdadeiro inimigo, Howard ou o verme. O debate resumia-se a isto:

Howard.

O verme.

Howard.

O verme.

até que Danny alcançou uma espécie de delírio e tudo começou a rodar ao mesmo tempo: Howard O verme Howard O verme Howard O verme e por fim: Howard o verme Howard o verme Howard o verme. E esse bolo de palavras deu a Danny a resposta que ele procurava. O nó se desfez: não era Howard *ou* o verme, Howard *era* o verme. Os dois não eram opostos, eram uma coisa só, uma coisa terrível e medonha que havia esperado anos para alcançá-lo. E Danny havia sentido aquilo ali. O tempo todo, tinha sentido aquilo à espera — chegou a lhe dar um nome — sem sequer saber quem era.)

Danny: Não estava conseguindo dormir e então saí para pegar um ar.

Howard: Você foi *lá para fora*? Ficou doido, Danny? Não expliquei para você que tipo de...

Parou. Respirou fundo e passou as mãos pelo cabelo. Sua voz soou baixa e irritada: Eu sabia que devia ter dormido aqui. Eu sabia. Doutor, olhe só para isso. Ele saiu na noite passada e olhe só o que aconteceu com ele.

Danny: Relaxe, Howard. São só alguns arranhões.

Howard fitou-o com um olhar desesperado. Você não entende, Danny. Acho que não expliquei direito. Você tem uma... ah, que

merda. Sentou-se pesadamente na cadeira junto à cama de Danny.

O médico se aproximou e segurou a cabeça de Danny entre as mãos frias e miúdas.

Howard: Ele veio para trocar suas ataduras. Que estão todas cagadas, aliás.

Danny: Elas pegaram chuva.

Howard balançou a cabeça. O médico pôs mãos à obra imediatamente, desenrolou as ataduras da cabeça de Danny usando um par de pinças e jogou-as longe, espalhando água, sangue e pus. Howard ficou por perto, observando cada movimento. A julgar pela expressão no rosto dele, a cena não era nada bonita.

Howard: Ele está... bem?

O médico falou alguma coisa que Danny não conseguiu compreender. Howard fez um gesto apontando para a cabeça de Danny e falou mais alto. Ele está bem, doutor? Está... está com o aspecto que deveria ter?

Médico: Tá, tá. Está bem.

O médico espremeu uma pomada de dentro de um tubo, passou no topo da cabeça de Danny e espalhou com os dedos nus. Danny sentiu a pressão dos dedos do médico no crânio, mas não no couro cabeludo. Estava dormente demais. O médico enrolou uma atadura branca e limpa na metade superior da cabeça de Danny. Por algum motivo, passou a doer menos depois daquilo.]

Um dos estudantes de pós-graduação devia trazer o almoço para Danny, o que lhe dava uma hora, talvez mais, antes que alguém percebesse que ele tinha ido embora, e pelo menos mais uma hora antes que percebessem que tinha saído do castelo. Era tempo mais do que suficiente, mas mesmo assim Danny caminhava o mais depressa que podia sem tropeçar. A única vantagem que ele tinha sobre Howard era que o primo não sabia que ele havia desmascarado sua farsa e Danny tinha de aproveitar ao máximo aquela vantagem. Foi ao jardim e seguiu a face interna do muro até a parte quebrada que havia escalado antes, se agarrou para subir, depois seguiu junto ao muro pelo lado de fora, até a frente do castelo, e virou para uma trilha que ele imaginou que devia levar à cidade. A fuga revigorou Danny. Sua mente estava aguçada e seu medo se encontrava sob controle. O verme havia penetrado nele,

não havia dúvida, mas Martha estava a salvo no torreão. Quando Danny pensava nela, sentia um brilho perto do coração.

A descida era mais longa e mais íngreme do que ele se lembrava. Danny completou-a numa espécie de transe e finalmente viu que havia paralelepípedos sob seus pés. Quando olhou para trás, para o castelo, ele estava a três ou quatro quilômetros. Danny não tinha ideia de que já havia chegado tão longe.

Lembrava-se da cidade como sendo um lugar sem cor, mas à medida que se aproximava da praça central o esplendor de tudo chegou a ofuscar sua visão: telhados vermelhos, árvores frondosas, crianças correndo com suas roupas listradas, cachorros que pareciam ter saído de um banho de espuma na banheira. Colinas viçosas, céu azul. O castelo ficava na colina mais alta, dourado à luz do sol.

Danny tinha um objetivo: conseguir uma passagem de volta para Praga no mesmo trem de montanha que havia pegado para chegar ali. E outro objetivo, secundário, opcional (caso visse uma agência de viagem): conseguir uma passagem de avião para Nova York. Tentava não pensar em como tinha sido louco ao aceitar uma passagem só de ida oferecida por Howard. Só isso já devia ter deixado Danny desconfiado.

Havia bancos vermelhos em torno da praça, e um cara velho, com um macaco nos braços, estava sentado num deles. Danny sentou-se a seu lado. O macaco era pequeno, recoberto por um pelo macio e claro. Seu rosto rosa-amarronzado tinha um aspecto a meio caminho entre um homem velho e um bebê recém-nascido. O dono do macaco ofereceu a Danny uma avelã. Danny sorriu e balançou a cabeça, mas o cara continuou sorrindo para ele e oferecendo a Danny a avelã, até que Danny entendeu que o cara queria que ele desse comida para o *macaco*. Constrangido, Danny pegou a avelã e estendeu a mão. O macaco apanhou a avelã com seus dedos compridos e secos e girou-a lentamente. Por fim inclinou a cabeça e começou a dar pequenas mordidas, mantendo os olhos redondos e escuros fixos em Danny. O rosto do macaco tinha mais emoções do que um rosto humano: curiosidade, pena, exaustão, como se já tivesse vivido coisas de mais. Danny teve de desviar o olhar.

Oito ou nove meninos estavam jogando bola na praça. Eram excelentes jogadores, mesmo os menores. Danny já não pensava muito nos seus tempos de jogador de futebol, mas de vez em quando recordava alguma coisa daquela época: o cheiro de grama pisada ou o aspecto do céu quando ele ia para casa depois do treino, uma faixa cor de ferrugem acima das casas, depois o azul neon que ia descambando para o preto. Chegar em casa quando já estava quase escuro fazia com que se sentisse adulto — o sabor da vida adulta. Pensando agora no passado, aquilo parecia uma das melhores partes de ser criança.

Danny sentiu uma espécie de peso descendo sobre ele. Disse adeus ao homem do macaco e levantou-se pesadamente do banco. Seguiu por uma das ruas estreitas que subiam a colina. Todas as lojas tinham coisas finas expostas nas vitrines: peixe, pão, vinho. Tudo aparentava estar tão limpo e tão lustrado que chegava a parecer anormal, como se hoje fosse um feriado. Danny perguntou a uma senhora que vendia flores onde ficava a estação de trem, mas ela sorriu e balançou a cabeça. Ela não compreendeu. Apontou para uma loja mais acima na rua, com um relógio de madeira pendurado num gancho do lado de fora. *Inglee, inglee*, disse ela, ainda sorrindo.

Danny sorriu também. Bom. Perfeito. Obrigado.

A loja estava fria, empoeirada e tinha cheiro de relógio. Havia um som fraco de tique-taque, não de um só tique-taque, mas de mil tique-taques diferentes que se sobrepunham. Um cara de cabelo claro coberto de gel e penteado para trás sorriu para Danny, da mesa onde estava, apinhada de peças miúdas de relógios. Danny sorriu de volta. Seu rosto estava começando a doer de tanto sorrir.

Danny: Você fala inglês?

Homem dos relógios: Um pouquinho.

Fantástico. Estou tentando achar a estação de trem.

Nenhum trem aqui. Próxima cidade. E falou um nome cheio de letras que soava alguma coisa como *Siri-chove-rum*.

Danny: Epa, espera lá. Eu peguei um trem para cá, para esta cidade, alguns dias atrás. Portanto tem de haver uma estação de trem aqui.

O homem sorriu: Nenhum trem aqui. Trem em Siri-chove-rum.

Danny encarou o sujeito. Será que essa era outra cidade diferente daquela à qual ele tinha chegado? Será que havia *duas* cidades perto do castelo?

Danny: Dá para eu ir a pé até Siri-chove-rum?

O homem olhou para Danny de cima a baixo. A pé? Longe demais, eu acho.

Está bem, disse Danny. Então ele estava numa outra cidade. O que fazia sentido, porque nada naquela cidade se *parecia* com a cidade onde ele havia esperado o ônibus. Acabou indo parar na cidade bacana, em vez de na cidade xexelenta, mas o problema era que o trem só parava na cidade xexelenta.

Danny: Ônibus? Posso pegar um ônibus para Siri-chove-rum? Ou um ônibus para Praga? Isso seria melhor ainda.

Praga, não. Ônibus para Siri-chove-rum, é claro. O homem foi para um dos cinquenta relógios presos na parede e moveu os ponteiros para as oito horas.

Danny: Hoje à noite?

Não. O homem fez um movimento giratório.

Amanhã? Um ônibus só por dia?

Um ônibus só.

Às oito horas da manhã.

Sim. Oito.

Não oito horas da noite...

Não.

Mas isso é totalmente ridículo! Qual é o problema de vocês nessa cidade? Sua voz bateu nas paredes da pequena relojoaria, e Danny calou-se. Parecia a voz de um louco. Mas o relojoeiro não teve nenhuma reação, o sorriso continuava fixo em seu rosto. No silêncio, Danny ouviu o alucinante tique-taque e aquilo o deixou desesperado, como se uma bomba estivesse prestes a detonar.

Homem: As pessoas lá em Siri-chove-rum, a gente não gosta delas. E elas não... ele apontou para o próprio peito.

Danny: Elas não gostam de vocês. As pessoas das duas cidades não gostam umas das outras?

Sim! Eh-eh! Nós não... sim!

Ok. Danny fechou os olhos. Tudo bem. E quanto a... Será que não existe uma agência de viagens por aqui? Sabe, uma agência de

viagens? *Viagens... agência!* Estava começando a falar alto outra vez, não tinha como evitar. O cara dos relógios não parava de sorrir, mas Danny sacou uma vibração de ansiedade sob o sorriso dele. O cara estava com medo de Danny. Medo de Danny! Era só o que faltava.

De repente o homem confirmou com um gesto de cabeça, como se tivesse compreendido. Levantou-se e levou Danny pelo braço até a porta, acenando para a rua. Danny partiu naquela direção, mas não havia nada parecido com uma agência de viagens. O cara devia estar tentando se livrar dele. A rua terminava numa curva, Danny fez aquela volta e se viu retornando na direção da praça. Pegou outra rua e seguiu-a na direção oposta à praça, mas alguns minutos depois — bum — ele estava de volta outra vez. Isso acontecia qualquer que fosse a direção que tomasse.

Danny viu um globo de madeira pendurado num gancho do lado de fora de uma loja e correu para lá, pensando Bingo, uma agência de viagens. Mas era um antiquário. Danny nem se deu o trabalho de entrar, apenas olhou através da janela para um enorme arco de madeira, que parecia servir para lançar flechas. E enquanto olhava, uma luz bateu na vitrine de um jeito que fez o seu reflexo saltar do vidro brilhante para cima dele: a cabeça envolta em ataduras, pés com sapatos diferentes, um rosto de quem tinha levado uma cacetada com um bastão de beisebol e que depois tinha sido todo arranhado com um garfo. Era uma visão pavorosa, dava dor só de olhar, mas Danny não conseguia desviar os olhos. Quem *era* aquele cara? Parecia um perturbado, feito uma pessoa que não deveria andar à solta pelo mundo, uma pessoa que o próprio Danny teria evitado se encontrasse na rua. Foi só quando focalizou o que estava por trás do vidro da vitrine (antigas facas de caça, grandes, com cabos de marfim) que a imagem sumiu.

Algum tipo de sesta vespertina começava e as ruas estavam ficando ermas. Danny seguiu a rua de volta para a praça. O homem do macaco tinha ido embora. Danny sentou-se no banco vazio e olhou na direção do castelo, que projetava uma sombra negra no morro logo abaixo. Sentiu-se confuso, revoltado: esperara àquela altura já estar fora da cidade, ou ao menos aguardando o trem na estação, com uma passagem na mão. Em vez disso, estava olhando

para o castelo de Howard lá longe, sem a menor ideia do que ia fazer em seguida. Lembrou-se do que a baronesa dissera: *A cidade e o castelo vêm servindo um ao outro há centenas de anos*. Enquanto Danny continuasse naquela cidade, ainda estaria sob o poder de Howard. E, estranha coincidência, ele não estava conseguindo ir embora.

Alguma coisa se mexeu dentro de Danny: o verme, comendo. Qual seria o alcance daquele telescópio do castelo que ficava na janela da cozinha? Será que Howard não o estava usando naquele exato instante para observar a luta de Danny e seu fracasso? A ideia fez seu coração palpitar. Danny olhou em volta para a praça rodeada de lojas perfeitas, salsichas penduradas nas vitrines, o café com seus guarda-sóis azuis abertos, e se perguntou se alguma coisa ali era real. Será que tudo aquilo era um cenário inventado por Howard para distraí-lo, para complicar a brincadeira que era observar Danny se debatendo, sem chegar a lugar nenhum?

E, assim que Danny teve esse pensamento, o caráter falso da cidade pareceu óbvio, estupidamente óbvio: as garrafas de refrigerante brilhantes demais no carrinho de vendedor ambulante. As flores nas caixas. A maneira como todo mundo sorria. Danny se levantou. O medo o pegava com suas pinças geladas outra vez. Mas, diferentemente da noite anterior, seu cérebro dessa vez estava calmo, estava elaborando um plano. Porque Danny era um guerreiro. Era isso que ninguém (sobretudo seu pai) jamais parecia notar. Ele não desistia sem lutar.

Danny voltou pela mesma rua de onde tinha acabado de vir. Para Danny, saber que a cidade era de mentira fez pela primeira vez com que ela parecesse ter vida. Finalmente, todos aqueles detalhes perfeitos faziam algum sentido.

Uma senhora estava baixando um toldo na frente do antiquário que tinha o globo de madeira na porta, quando Danny voltou lá.

Danny: Vocês estão fechando? Eu queria comprar uma coisa.

A senhora sorriu e abriu a porta. Era dentuça, usava batom vermelho e tinha o cabelo preto e lustroso. Danny lhe sorriu de volta. Então ela falava inglês, ou ao menos compreendia a língua. Talvez todo mundo ali compreendesse. Inferno, talvez todos eles fossem americanos falando com sotaque.

Dentro da loja, Danny contornou a besta que tinha visto através da vitrine e apontou para um mapa emoldurado, pendurado numa parede, bem no alto, alto demais para alcançar. Bingo: a senhora foi para outro cômodo e deixou Danny sozinho. Ele se esgueirou direto para a vitrine e surrupiou uma das facas de caça que tinha visto atrás do seu horrendo reflexo. Em um segundo, estava feito. Danny enfiou a faca no bolso interno do seu casaco.

Era pesada. Ele sentia a faca puxar o tecido no seu ombro esquerdo e aquilo o tranquilizou, da mesma forma que ouvir a própria pulsação o tranquilizava, às vezes. A lâmina estava bem sobre o seu coração.

A senhora voltou com uma escada e subiu até o último degrau. Suas pernas magrelas vacilaram em seus sapatos de salto alto quando ela esticou o braço para pegar o mapa. E, embora Danny soubesse que ela estava apenas representando tudo aquilo, que trabalhava para Howard, segurou a escada para ela.

A senhora ergueu o mapa emoldurado, retirou-o da parede e o entregou a Danny. Era largo demais para carregar embaixo do braço; Danny teve de abrir muito os braços só para segurar o mapa. Assim que o viu, reconheceu o torreão — era um mapa do castelo de Howard e das colinas ao redor. Havia duas cidades no mapa, uma das quais parecia ser aquela onde ele estava; ao menos a igreja parecia a mesma. A outra cidade devia ser Siri-chove-rum.

Danny pagou cem dólares em dinheiro pelo mapa. Uma passagem de avião provavelmente estava fora de questão agora. Exceto pelo fato de que sempre estivera; Danny estava encurralado ali. Era o prisioneiro de Howard. Era quase prazeroso admitir aquilo.

Quando Danny saiu da loja, a cidade estava silenciosa. Ele voltou lentamente até a praça, segurando seu mapa emoldurado na frente do corpo, como um escudo. A única pessoa que restava na praça era um dos meninos mais velhos do futebol, que continuava treinando seus chutes. O garoto relanceou Danny, depois desviou o olhar — a primeira pessoa na cidade que olhou para ele e não sorriu.

Era isso que diferenciava as crianças. Elas não conseguiam fingir.

Danny fechou os olhos, ouvindo o menino brincar com a bola. Conseguia visualizar os movimentos do menino só pelos sons que a bola fazia na praça. Aquilo mostrava o grande jogador que Danny tinha sido, em outros tempos.

* * *

Quando abriu os olhos, horas tinham se passado. Danny percebeu pela luz, pela maneira como a luz descia oblíqua pelas colinas, alaranjada e densa como em uma pintura. Agora a cidade estava ainda mais cheia de gente do que quando ele chegara. As cadeiras do café estavam ocupadas por velhas senhoras que seguravam cãezinhos no colo. Havia garotas de vestidos claros, um sujeito que vendia balões presos a varetas. Tudo tinha o mesmo aspecto colorido, como um desenho num livro infantil para o qual a mãe da gente apontaria e diria: está vendo o cachorrinho? Está vendo o guarda? Está vendo as maçãs?

Alguém dividia o banco com Danny. Ele olhou para o lado, depois teve um sobressalto. Era Mick.

Mick (sorrindo): Bom dia.

Danny: Meu Deus.

Mick: Howard me pediu para vir até aqui e procurar você.

Danny ficou surpreso por Mick admitir aquilo. Ele estava com medo de eu não conseguir achar o caminho de volta? Aquilo soou meio irônico, zombeteiro.

Mick: Acho que ele não sabe o que esperar. Você está se revelando bem imprevisível, admita. Em seguida, Mick riu. Ah, isso faz bem ao Howard. Faz com que fique alerta.

Danny: Sei, tudo bem. Ele também está me mantendo bem alerta.

Houve um silêncio. Danny não ia entregar o jogo. Mick era o braço direito de seu inimigo, o que significava que era ainda mais perigoso do que Howard. Danny que o diga.

Mick: Então, o que você acha desta cidade?

Danny: Muito bonita.

Eu sempre gosto de vir aqui. Clareia minha cabeça.

Danny esperou um minuto, depois perguntou: Há quanto tempo você conhece o meu primo?

Desde que a gente tinha catorze anos. Do tempo do reformatório.

Isso fazia tanto sentido que Danny teve a impressão de que sempre soube e tinha apenas esquecido.

Danny: Por que vocês foram parar lá?

Mick olhou para ele. Nós éramos maus. Por que outro motivo alguém vai para o reformatório?

Mas vocês melhoraram.

Mick deu um sorriso forçado. Howard melhorou. Eu fiquei mais velho. Agora, sentado ao lado de Danny naquela cidade de mentira, Mick parecia mais relaxado do que em qualquer outro momento até então. Danny se perguntou por quê.

Mick: Devo muita coisa ao seu primo, essa é a verdade.

Ele também deve ter dívidas com relação a você.

Mick: Vivo tentando equilibrar a balança, mas acabo me afundando ainda mais.

Olhou de relance para Danny e de repente todas as cartas estavam na mesa: tudo o que Danny tinha ouvido entre Ann e Mick. Por algum motivo, Mick não sentia rancor. Ao contrário.

Mick: Então... Está a fim de voltar lá para cima?

Na verdade, não.

Mick respirou fundo. Eu também não.

Ficaram sentados, olhando para a praça. Um velho tocava gaita. Crianças corriam atrás de pombos. Danny sentiu que alguma coisa estava se abrindo entre ele e Mick, mesmo que eles não falassem nada. Os dois eram parecidos: dois braços direitos.

Danny: Quero voltar para Nova York. Falou aquilo sem ter realmente decidido.

Mick: Howard não gosta de pessoas indo embora.

Pois é, já deu para perceber.

Ele fica com a impressão de que não fez um bom trabalho. De que é um mau anfitrião. Ainda mais agora que você está com a cabeça toda ferrada. Ele vai querer que você melhore antes.

Danny: Eu me sinto muito bem.

Mick virou-se para ele. Você tem se olhado no espelho?

Danny: Não quando posso evitar. Os dois começaram a rir, e então Mick olhou para Danny e riu outra vez. O que aconteceu com você?

Além de cair de cabeça do alto de uma janela?

Mais risadas. Danny teve a impressão de que talvez não conseguisse mais parar.

Mick: Para a maioria das pessoas, isso já seria o suficiente.

Não para mim. Gosto de concluir um trabalho. Danny tentava controlar a risada. Por alguma razão, ela parecia meio doentia.

Mick: Ei, não quer usar isto aqui antes de a gente voltar lá para cima?

Estava lhe estendendo alguma coisa que Danny reconheceu, mas a informação do que era aquilo pareceu levar certo tempo para chegar até ele. Danny ficou boquiaberto diante do precioso pedaço de metal que viu na mão de Mick. Um celular.

Danny: Onde... onde arranjou isso?

Mick riu. Estão por aí. Não é que *ninguém* use celular, isso é só... é só uma ideia do Howard no momento. As coisas mudam o tempo todo com ele. Enfim, vá em frente, ligue para alguém. Está programado para os Estados Unidos, portanto é só você discar o número que quiser.

Deu o celular para Danny e atravessou a praça na direção do carrinho de refrigerante. Quando voltou, Danny não tinha se mexido. Olhava fixamente para o telefone. Parecia um objeto alienígena, nada familiar. Mick ergueu uma garrafa verde e brilhante e acenou para ele.

Danny abriu o telefone. Tudo aquilo parecia um sonho. Com um dedo trêmulo, digitou o número do trabalho de Martha. Um segundo depois, ouviu a voz dela em seu ouvido.

Escritório do Sr. Jacobson.

Danny ficou surpreso demais para ter qualquer reação. Como pôde alcançar Martha tão depressa? Parecia impossível.

Martha: Alô?... Alô? Não estou ouvindo...

Danny: Martha.

A voz dela mudou. Ficou mais baixa e pareceu se aproximar ainda mais. Danny, é você? Você está... meu Deus, estava ficando louca de preocupação!

Martha?

Ah, meu bem, você está... Que diabo está acontecendo aí?

Não sei direito.

Você está com uma voz estranha.

Danny não conseguia acreditar que era mesmo Martha. Parecia repentino demais, uma negação total de quão longe ele se sentia.

Martha?

Danny, é a Martha. Por que fica perguntando?

Diga-me alguma coisa para que eu possa ter certeza.

Houve uma pausa. Isso é uma brincadeira? Você acabou de telefonar para minha mesa, e eu atendi o telefone... Quem mais eu poderia ser?

Danny queria acreditar nela, mas parecia fácil demais, um desejo impossível. Você pensa em alguém e então pronto, lá está a pessoa, falando bem no seu ouvido? Danny disse, Diga alguma coisa para provar que é mesmo você.

Houve um longo silêncio. Por fim, Martha falou, Danny?

Sim.

Você está com uma voz diferente.

Eu me sinto diferente.

Você fala de um jeito... que nem parece você.

Danny: Só preciso de uma informação que identifique você.

Martha: Informação? Quem está falando? Que tipo de informação está tentando obter?

Não era Martha, agora Danny tinha certeza. Era outra pessoa.

Danny: Qualquer coisa que você queira me dizer.

Onde está Danny? Como você conseguiu este número?

Eu sou Danny. Do que você está falando?

Martha: Eu não acredito que você seja Danny.

Danny: Eu não acredito que você seja Martha.

A pessoa do outro lado da linha parecia assustada. Mais uma prova... Martha nunca ficava assustada. Sua voz baixou até virar quase um sussurro. Vocês fizeram alguma coisa com ele, não foi?

Danny ficou só escutando. Era uma voz familiar, não havia dúvida disso. Mas não era Martha. Martha estava muito longe, lá em Nova York.

Martha: Você continua aí, seu babaca? Tudo isso é por causa daquele restaurante de merda? Ah, meu Deus, será que ele nem chegou a sair de Nova York?

Danny olhou fixamente para o telefone em sua mão. Como poderia saber de onde estava vindo aquela voz? Ergueu os olhos para o castelo. O sol tinha descido atrás dele, que já não estava mais dourado, estava quase preto. Sua sombra cobria toda a colina e estava rastejando na direção da praça. Danny se perguntou se aquela voz não estaria vindo de lá, de dentro do castelo.

Quem quer que estivesse ao telefone tinha começado a chorar, ou fingia chorar. Tudo bem, seu canalha, vou desligar. Mas se você tiver um pinga de decência em seu corpo desgraçado, diga para Danny que eu o amo. *Martha ama o Danny*, entendeu? Diga isso para ele, seu babaca. Agora, vá se foder.

A linha ficou muda. Danny estava tremendo. Olhou para o outro lado da praça sem enxergar grande coisa. Mick estava voltando.

Mick: Está tudo bem?

Danny: Sim, tudo. Quase deixou o telefone cair quando o devolveu.

Mick ficou parado na frente de Danny, com ar de preocupação. O telefone funcionou direito? Conseguiu falar com alguém?

Danny: Sim. Teve a sensação de que precisava dizer mais alguma coisa, por isso acrescentou: Problemas amorosos.

Ah. Entendi. Bem, eu sou especialista no assunto.

Mick passou para Danny uma garrafa verde de um refrigerante e Danny tomou um grande gole. A bebida era doce demais, porém era gostosa e fresca. Danny poderia ter tomado umas quarenta garrafas daquele troço. Sentiu um frescor repentino. A sombra do castelo tinha alcançado a praça e a recobria lentamente.

Danny: Nós vamos voltar?

Mick: Vamos, acho que está na hora. Não esqueça o seu... seja lá o que for. Ele estava apontando para o mapa emoldurado que estava encostado no banco. Danny tinha até esquecido.

Danny: Não estou nem aí para isso. Vou deixar aqui mesmo. Mas pôde ver pela expressão no rosto de Mick que aquilo era uma coisa estranha de se fazer e assim apanhou o mapa. Era um objeto incrivelmente complicado de se carregar.

Mick: Que treco é esse? Tomou o mapa das mãos de Danny e o examinou. Ah, caramba. Howard vai adorar isto aqui.

Danny: Nossa intenção é agradar.

Mick pareceu espantado, depois riu. Deixe que eu levo. Tinha os braços compridos o bastante para enfiar toda a moldura embaixo de um deles. Danny pôs no ombro sua bolsa a tiracolo.

Dirigiram-se para a colina. Danny mancava mais do que nunca, talvez por ter ficado tanto tempo sentado.

Mick: Aliás, tirei sua outra bota do parapeito da janela no torreão. Ela está no seu quarto.

A princípio, Danny não compreendeu o que Mick estava dizendo. Teve de parar para pensar: bota. Janela. Torreão. Então ficou perplexo demais para responder. Passou um tempo antes de dizer, Obrigado.

De nada.

Caminharam muito tempo sem se falar. Era um silêncio fácil. Aos poucos, as árvores começaram a se fechar ao redor deles, encobrindo a luz. O ar esfriou. Danny lembrou-se da faca no bolso. Ela sacudia dentro do casaco a cada passo que dava.

Danny: Você era drogado, não era?

Mick voltou-se para ele enquanto caminhava. Mostrou-se surpreso e Danny se perguntou se devia ter falado aquilo.

Mick: Sou.

Ainda?

Para sempre. Como o amor. E depois os dois riram.

Sente falta?

Sinto uma puta falta, a cada minuto.

De que parte?

Mick: É uma boa pergunta. Refletiu por um tempo. Sinto falta das... *equações*, acho que se pode dizer assim. Tantos dólares podem comprar uma quantidade tal, que lhe dá tantas horas de viagem antes de precisar de outra dose, que vai custar tanto. A contabilidade, entende? Eu gosto de fazer contas.

Danny: Você podia contar outras coisas.

Mick: Eu conto tudo. Estou contando nossas palavras. Estou contando meus passos. Estou contando as árvores.

E o que você faz com todos esses números?

Mick riu. O que faço com eles? Nada. Esqueço tudo. É só um jeito de não ficar maluco.

Danny sentiu o castelo antes mesmo de chegarem lá — um zunido baixo e vibrante que subia pelos seus pés. Depois o portão surgiu à frente deles, o mesmo portão por onde ele tinha tentado descobrir um modo de passar, naquela primeira noite. Mick deu a volta pelo lado e abriu uma porta que Danny não tinha visto. Então ali estava, finalmente. A entrada.

Antes de passar pela porta, Danny parou. Mick?

Mick deu meia-volta.

Danny: Por que você não pode ir embora daqui?

Por que eu não posso...?

Ir embora. Deixar o castelo.

Ah. Você sacou isso.

Grande coisa.

Bem. Fiquei mal.

Sei, mas então por que não pode?

Mick se afastou da porta e foi até onde Danny estava. Os galhos pairavam baixos, acima de suas cabeças, e Danny sentia o cheiro dos pinheiros.

Mick: Estou em liberdade condicional. Cumpri cinco anos de pena por tráfico e fui solto quatro meses atrás, sob a custódia de Howard, para vir trabalhar aqui. Não posso ir para lugar nenhum, a menos que Howard vá comigo. Está vendo? Mais uma dívida que tenho com ele.

Não sei, não. Tenho a impressão de que ele também deve a você.

Não. Não, não é assim. Fico mal por causa disso, portanto pode ser que eu exagere um pouco as coisas, mas quem está me fazendo um favor é Howard. É uma responsabilidade enorme. Se eu violar minha condicional, ele precisará dar um jeito de me mandar de volta e notificar o conselho penitenciário. Do meu ponto de vista, não dá para arranjar um emprego se a gente é um criminoso. Tipo, *não dá mesmo*. É... é muito mais do que eu mereço, isso que ele está fazendo por mim.

Danny: Ok.

Seguiu Mick pela porta, para um corredor sombrio, calçado com paralelepípedos. Dentro dos muros do castelo, estava quase escuro. Danny sentiu um começo de medo, aquele gelo no peito. Tocou na faca através do casaco.

No final do corredor, havia uma segunda porta que dava para o castelo propriamente dito. Mick largou o mapa no chão e escavou o bolso em busca da chave. Estava suando. Danny olhou para o seu rosto acabado e sentiu uma pontada de dor. Toda aquela luta, todo aquele fracasso. E agora Mick estava sob o poder de Howard. Pobre coitado desse merda, pensou Danny.

Mick achou a chave e abriu a porta. Houve um intervalo curto e estranho em que ele e Danny ficaram ali parados, esperando para entrar.

Mick: Muito bem. Lar doce lar.

CAPÍTULO TREZE

Tem um tubo saindo de mim, isso eu já sei. Quando pergunto por que o tubo está ali, me dizem: Complicações após a segunda cirurgia.

Segunda cirurgia? Mas e a primeira?

A primeira foi só para retirar a faca. Fizeram isso imediatamente, no mesmo dia em que você foi internado, no setor de emergência.

Quem está falando é a minha enfermeira predileta, Hannah. Existem regras sobre falar com os condenados, mas Hannah escreveu as próprias regras e são essas que ela segue. Se a gente acreditar no que ela diz, os médicos e as enfermeiras estão sob seu comando. Se por acaso ela não os conhece, é porque estão muito abaixo na escala hierárquica.

Amo você, Hannah, digo para ela. Falo isso muitas vezes, mas não tenho certeza de quanto. Minha memória está confusa por causa de todos os remédios.

Ela revira os olhos, mas dá para ver que gosta de ouvir isso. Ela me chama de BG, Bonito Gostoso. Você ama a morfina, diz ela, é isso que você ama.

Hannah tem razão. Mas eles nunca dão morfina o bastante para a gente, já Hannah está sempre aqui. Não dá para perguntar a uma dama quanto ela pesa, mas eu calculo uns cento e sessenta quilos. E toda essa gordura lhe cai muito bem, como uma espécie de roupão suntuoso que só uma rainha poderia usar.

Hannah, digo. Por que tiveram de me operar só para tirar uma faca?

E na mesma hora tenho uma sensação que experimento muitas vezes, a sensação de alguma coisa me cutucando de dentro do meu cérebro, e me pergunto se já não tivemos essa mesma conversa

antes, eu e Hannah. Talvez algumas vezes, ou mais do que isso. Mas ela nunca abre o jogo comigo.

Era uma dessas facas sacanas, diz ela, e eu entendo na hora que isso significa uma árvore de Natal. Árvores de Natal são facas que têm uns dentes angulados nas laterais, de modo que, quando a gente puxa, elas trazem junto um bom punhado das suas tripas. Mas Tom-Tom não chegou a ter a chance de arrancar a faca — Davis pegou ele primeiro. O que significa que o pirado do Davis salvou minha vida.

E então o que eles fizeram? Eles me cortaram para tirar a faca?, pergunto para Hannah.

É o que os cirurgiões fazem: cortam. Não tem nenhum mistério. Nem tem nada de complicado, como o que a gente faz aqui em cima. Mas tem de ser feito direito.

Durante todo esse tempo, ela continua trabalhando. Troca os sacos de sei lá o quê, ajusta os monitores, confere uma porção de apitos e sinais. O quarto está sombrio. As paredes são bege. Cotões de poeira se avolumam nos cantos. Mas Hannah melhora a situação um pouquinho, só por estar aqui.

E o que fizeram na segunda operação?

Eles tinham que melhorar o que a equipe da primeira operação fez. Aparar algumas arestas que foram deixadas de lado porque a situação era urgente.

Então esse tubo é para quê?

A boca de Hannah se estica. Ela está uma fera por causa daquele tubo. Dá muito trabalho para ela: limpar, monitorar, fazer tudo o que precisa ser feito com o que sai por ali, seja lá o que for. Não sei muito bem o que é, exatamente. Tem tanta coisa saindo de dentro de mim que já perdi a noção.

Digamos apenas que aquele cirurgião em particular vai se ver comigo, diz ela.

Cinco minutos depois, quando aquele cirurgião em particular entra no quarto, Hannah fica calada. É um cara jovem, com o cabelo prematuramente grisalho um pouco arrepiado, como se ele estivesse se movendo muito depressa. E a gente tem a sensação de que ele preferiria continuar em movimento a parar aqui e examinar pessoas como eu.

Ele pega o tubo entre os dedos, gira para um lado e para outro. Dá para ver que ele também não gosta daquilo. No início, eu fazia uma porção de perguntas, mas muitas vezes eu não conseguia entender as respostas que os médicos me davam, e, mesmo quando entendia, ainda assim não sabia o que queriam dizer. E depois eu me esquecia de tudo, de qualquer jeito.

O médico fala com Hannah e ela responde *Sim, doutor* e *Não, doutor*, numa voz que mais parece um sussurro. Na primeira vez em que isso aconteceu, eu estava sem graça demais para olhar para ela, mas quando afinal eu olhei a expressão no rosto de Hannah me fez sentir bem de novo: ela tinha uma expressão no rosto de quem estava testando o médico, esperando e vigiando, sem se intrometer, dando a ele uma oportunidade de provar do que era capaz ou de enfiar logo a cabeça na forca, um dos dois.

Quando o médico sai, pergunto, Vai demitir esse médico, Hannah?

Depende. Ele vai ter de fazer um trabalho melhor do que está fazendo agora, diz ela. Acredito que a gente deve dar uma chance para as pessoas darem a volta por cima.

Neste exato instante, ela começa a desaparecer. Isso acontece muitas vezes: uma névoa quase cinzenta desce e sinto que meus olhos começam a girar para trás. Fico pensando, uma árvore de Natal significa que Tom-Tom queria mesmo me matar. E eu nunca notei.

* * *

Continuo escrevendo um monte de coisas, mas não há a menor chance de eu voltar a tempo para terminar o curso. Agora já virou um hábito, eu acho. Num instante eu não sei que porra está acontecendo e, no seguinte, começo a perceber coisas, a juntá-las na minha cabeça, como uma lista. E me sinto como Hannah deve se sentir ao observar aquele médico: organizado. Volto a ter o controle da situação.

Nada de Hannah por três dias e eu estou ficando maluco. A enfermeira que me deram em seu lugar se chama Angela, só que de

anjo ela não tem nada. Odeia os presidiários, dá para perceber, ela só faz isso para ganhar o adicional de periculosidade. Essas enfermeiras costumam ser apavoradas ou malucas ou as duas coisas. Essa é só maluca.

Onde está a Hannah?, pergunto no terceiro dia. Não que eu não tenha perguntado no primeiro e no segundo dia.

Está de folga.

Por que tantos dias seguidos?

Não é da minha conta.

Isso quer dizer que você não liga ou não sabe?

Ela não responde.

Ela está doente? Tem alguma coisa errada? Ela saiu de férias?

Posso transmitir suas perguntas à supervisora.

Na mesma hora em que a enfermeira diz isso, olho para minha barriga e tenho um choque: o tubo se foi.

Cadê o tubo?, pergunto.

O Dr. Arthur o removeu hoje de manhã enquanto você dormia.

Isso quer dizer que estou melhor?

Significa que você vai voltar para a sala de cirurgia.

Quando?

Hoje, em algum horário.

Há alguma chance de Hannah voltar hoje? É loucura, mas mesmo sabendo que Hannah é uma enfermeira comum, sem nenhum poder, e que todo o restante não passa de fantasia, não quero ser operado sem ela. Nunca se sabe o que pode dar errado.

Vou dizer para o médico que você gostaria de falar com ele quando ele tiver um tempo.

Ótimo, digo. Quem sabe o presidente também aparece. Você não pode simplesmente abrir o jogo comigo de uma vez? O fato de fazerem mais uma operação significa que as coisas estão melhores ou piores? Quero dizer, é uma recompensa ou um castigo?

Ela se vira para mim e juro por Deus que parte de seus olhos salta para fora da cabeça. Você por acaso tem noção, diz ela, de que cada pergunta que me faz custa dinheiro para o contribuinte? Aqueles dois guardas do lado de fora da porta: quanto acha que eles ganham? A gente está fechando a porta na cara das pessoas porque elas não têm seguro-saúde e vocês, ladrões, estupradores e

assassinos, ficam aqui deitados, sendo tratados que nem reis. Eu não consigo entender.

Eu tento outra vez. Mas a operação...

Deviam instalar um medidor de gastos aqui do lado da sua cama, diz ela. Só para você ver o fardo que representa. Então talvez me desse um minuto de sossego para eu fazer meu trabalho em paz.

É a mesma coisa que a última oper...

Isso custou quinze dólares.

Ou é alguma outra coisa...

Mais quinze dólares. Você já chegou em trinta dólares.

Encaro-a. Minha cabeça está começando a ficar turva. Digo, Você está mesmo me pedindo dinheiro? Sério?

Angela olha para trás, de repente se dando conta de que a situação não parece muito boa. Não estou ouvindo você, diz ela, e começa a cantarolar. Fica cantarolando sem parar. Tento falar, mas tudo o que ela faz é cantarolar.

O cinza vem chegando, um belo cinza cor de morfina. É muito bem-vindo.

* * *

Nunca mais me abandone, digo para Hannah quando ela volta, finalmente.

Desculpe, BG. Tive de resolver alguns assuntos pessoais. E aí eles vieram e operaram você pelas minhas costas.

E como está a situação?, pergunto.

Ela levanta a coberta e dá uma olhada na minha barriga. Faz muito tempo desde a última vez que olhei.

Nada mau, responde ela. Nenhuma bagunça, nenhuma confusão.

Nenhum tubo.

É exatamente o que eu quero dizer, BG. Aquele tubo é sinal de encrenca, isso eu posso garantir, e agora ele está longe, para o seu bem. Se o pessoal lá de baixo fez o trabalho direito, você não vai precisar de tubo.

Minha cabeça está pesada. Mais drogas. Por quê?, eu me pergunto. Não que eu esteja reclamando.

Há quanto tempo estou aqui, Hannah? No total.

Ela pega minha ficha. Vinte e três dias.

Então o curso está quase terminando. Só faltavam quatro aulas quando me cortaram.

Tem alguma possibilidade de eu sair daqui na semana que vem?

Nenhuma chance, BG.

Então já era. Acabou-se Holly. Mas eu continuo escrevendo mesmo assim.

Ei, Hannah, digo eu. Por que você é tão gentil com criminosos?

Isso não tem nada a ver comigo, BG, diz ela. É uma questão entre você e Deus.

* * *

Tenho sonhos, que merda. Sonhos causados pelos remédios, daquele tipo em que o passado se derrama por todos os cantos, como esses vazamentos que acontecem nas casas. Às vezes estou na escola. Os outros meninos roubavam a nossa comida, se a gente não roubasse a deles primeiro. Howie não conseguia fazer isso. Logo que ele chegou, disse, Eu não quero a comida deles. Não posso comer tanto assim. Só quero minha comida. E eu digo para ele, Pegue logo, cara, senão eles vão pegar a sua e aí você vai morrer de fome. Já vi isso acontecer. As crianças entram aqui gordas que nem você e depois, quando a gente olha, estão que nem um esqueleto. Levam elas embora dentro de caixões e enterram em sepulturas sem nome nem nada. E então começo a rir. Ele é tão novato, com essa cara doce e assustada. Todo mundo é assim no início. Mas é só ficar aqui por um tempo que você aprende a rir de tudo.

Existe um espaço em branco no lugar onde devia estar minha mãe, um buraco, como quando a gente recorta uma pessoa de uma fotografia. Do meu pai eu me lembro, não do seu rosto, na verdade, mas das pernas dele. Ele era alto. Tinha coxas e panturrilhas fortes, com joelhos delicados, feito um cavalo. Eu tinha de pular para tentar

segurar a mão dele. E então minhas mãos na tela da televisão, na hora em que ele está assistindo. Eu devo ser bem pequeno mesmo, ali de pé, com as mãos na tela do televisor para poder me equilibrar. E de repente vejo que elas estão ali, rodeadas de luz: duas mãos. Mãos gordas de bebê. E esse sou eu.

* * *

Abro os olhos e Holly está do lado da minha cama. Ou, mais provável: uma pessoa está sentada ali num traje de papel amarelo e com máscara, como todos ao meu redor usam, agora, e o rosto dela é o rosto de Holly. Os remédios, deve ser isso. Fecho os olhos e tento de novo.

Olá, diz ela.

Não pode ser você.

Então eu estou em apuros, diz Holly.

Eu ria, mas para rir é preciso ter músculos que acho que perdi numa dessas cirurgias. Como entrou aqui?

Tenho minhas manhas. Ela está sorrindo, eu posso ver pelos seus olhos, apesar de a máscara cobrir sua boca. E por trás do sorriso ela está morrendo de medo.

Hannah deve ter deixado Holly entrar. Mas Hannah não é mais minha enfermeira desde que me transferiram para a UTI aqui embaixo. De todo modo, como é que ela ia fazer Holly passar pelos guardas? Então eu penso: Hannah conseguiria dar um jeito. Hannah consegue fazer qualquer coisa.

Estou contente, digo. Estou contente por você ter vindo.

Sentimos sua falta nas aulas.

Até parece.

Sério. Parece que a sala ficou... pequena.

Sei. Imagino que Tom-Tom também tenha saído.

Ouvi dizer que foi transferido para o presídio de segurança máxima.

Uma espécie de aflição ou desespero, alguma coisa assim, está querendo sair do rosto dela. Mesmo só podendo julgar pelos olhos

de Holly, eu percebo isto. *Angústia*. Não é uma palavra que eu use, mas é esse o nome.

Ray, me sinto muito mal, diz ela. Com o que aconteceu com você.

Relaxe, acontece toda hora. Você vai se acostumar.

Não vou, nada.

Ela está olhando para mim, não para o meu rosto, mas para o resto. O tubo está de volta, e foi por isso que me transferiram para cá. Dói?, ela pergunta.

Deve doer, senão eu não estaria assim tão drogado.

O quarto parece mais silencioso do que costume. Até os apitinhos dos aparelhos baixaram de volume. Estou pensando, Será que estou inventando tudo isso? É como aquele dia na aula de Holly em que fiquei sozinho com ela durante o intervalo e ninguém entrou durante um tempão. Como se Deus tivesse decidido.

Olho para Holly. Neste lugar estranho, em nossas roupas estranhas, todas as coisas que estão entre nós desaparecem. Holly T. Farrell, digo, quem é você?

Não sou ninguém especial, diz ela, e posso ver que acredita no que diz.

Acertei? Três filhos?

Só dois.

Quem foi embora, você ou ele?

Há uma pausa que me faz saber que o que ela vai dizer em seguida provavelmente não será verdade.

Eu fui embora.

Boa menina.

Ela está vestindo a roupa que usa em seu outro emprego. Alguma coisa estampada, vejo por cima do colarinho de papel amarelo. Uma corrente em volta do pescoço. Não dá para ver seu cabelo por baixo da touca.

Você está bonita, digo.

Esse é o meu trabalho, diz ela, e ri. Na verdade, não é isso. Trabalho na faculdade, no departamento de seleção. Eles me deixaram fazer o bacharelado e agora estou fazendo um mestrado em escrita criativa. Devagar.

E as crianças?

Duas meninas. Dez e treze anos.

Cada fato é como uma gulo-seima que vem pousar perto do meu coração. Eu nem me importo com quão quente eu estou. Peguei uma febre da qual eles não conseguem se livrar.

Ray, diz ela, e se inclina mais perto de mim. Eu... eu fico me perguntando o que aconteceu.

Você quer dizer com o Tom-Tom?

Não. Antes. A razão pela qual você foi preso.

Ah. Isso.

Eu quero compreender.

Eu mesmo não compreendo.

Então, os fatos, se é que você consegue falar sobre isso. Isso podia... podia me ajudar, eu acho.

Espero um pouco antes de responder. Por fim, digo: Os fatos são os seguintes, dei um tiro na cabeça de um sujeito.

Ela engole em seco. Você o conhecia?

Éramos amigos.

Ela olha para as mãos. Mantenho meus olhos nos dela, não porque eu queira ver sua reação, realmente não quero, mas quero menos ainda perder um segundo sequer do tempo dela aqui, perto de mim. Quero memorizá-lo.

Suponho que você tivesse um motivo, diz ela.

Eu tive uma porção de motivos. Motivos demais. Eu podia muito bem inventar um monte de merda para fazer o negócio soar melhor, só que estou mal demais para isso. Foi só uma coisa que fiz.

Holly fica digerindo isso por um bom tempo. Por fim, diz, Eu não gosto de pensar que as coisas podem acontecer dessa maneira. Faz o mundo parecer muito perigoso.

Ame essas crianças, digo para ela.

Ela ergue os olhos para mim. Eu a peguei de surpresa. Seu rosto se abre e, de repente, parece que a máscara de papel é transparente. Estou olhando através dela, e capto um lampejo de um tipo de vida que poderíamos ter tido — churrascos, cachorros, crianças pulando em cima de nós na cama —, isso desliza por dentro de mim depressa, mas com força e nitidez, como um desses aromas de cozinha que entram pela janela tão pungentes que é possível distinguir os ingredientes. E então, tudo some. Some, e

Holly está segurando minha mão. Finalmente, depois dessa longa, muito longa, espera, sua mão está sobre a minha outra vez. Dedos secos, frios, longos. Os anéis folgados. Fecho os olhos. Minha mão está tão quente, sinto minha pulsação em cada dedo. Fico com medo que ela solte, mas ela não solta. Continua com a mão em volta da minha e é como se ela estivesse abraçando todo o meu corpo, com sua doçura fria, apacando minha febre.

Quando abro os olhos, Holly está chorando. A máscara de papel está toda molhada. Alguma coisa ruim aconteceu com você, digo. Não foi?

Ela confirma com um gesto de cabeça. As lágrimas continuam caindo.

Para levantar um pouco a cabeça tenho de fazer um esforço tão grande quanto o que Davis faz para cumprir sua série de setecentas flexões, mas eu me obrigo a fazer isso. Quero ver nossas mãos. E lá estão elas, entrelaçadas sobre meu peito como duas pessoas deitadas juntas. Além delas, está o tubo: plástico marrom. Meu pescoço está tremendo.

Deixo a cabeça tombar para trás. O cinza está vindo — esse esforço todo para levantar a cabeça quase me fez apagar. Ouço Holly soluçar, chorando, e aperto sua mão com mais força, com medo de que ela se afaste. Mas ela usa a outra mão para enxugar o rosto. E já sei por que deixaram Holly entrar aqui.

CAPÍTULO CATORZE

Howard: Eu desisto, Danny. Qual é seu segredo?

Danny: Segredo? A faca continuava no bolso de seu casaco. Ele se controlou para não tocar nela. Do que você está falando?

Howard estava curvado sobre a mesa comprida no salão principal, usando a luz de um candelabro para examinar o mapa emoldurado que Danny trouxera da cidade. Eles tinham acabado de jantar, a primeira refeição de Danny em vinte e quatro horas: ensopado de galinha com azeitonas e sálvia, preparado por Howard. Danny tinha certeza de que era o ensopado de galinha mais saboroso que já havia comido na vida.

Howard: Você meio que... Não leve isso a mal, mas parece que você fica indo para lá e para cá e dá a impressão de que mal consegue se aguentar de pé, muito menos fazer qualquer coisa, e aí quando menos se espera você me aparece com uma coisa dessas.

Danny: Você gosta.

Howard ergueu os olhos. *Gostar* não é exatamente o verbo. É inacreditável, Danny. Isto... é a coisa que temos procurado todo santo dia durante todo o tempo que estivemos aqui. Quantos dias foram?

Quarenta. A voz de Mick. A única luz na sala vinha das velas sobre a mesa, portanto Danny não podia ver Mick.

Howard: É fantástico, Danny... é *a coisa*. A peça que faltava. E você ainda esbarra com isso quando está com a cabeça enfaixada numa atadura, caramba!

Danny sorriu da maneira mais natural que pôde, e que não era lá muito natural. Howard estava deixando Danny assustado. Danny tinha quase certeza de que o primo estava zombando dele, exagerando tudo só para fazer com que ele baixasse a guarda. Ou

então podia ser o verme, roendo para abrir seu caminho cada vez mais fundo em Danny. Mas Howard *era* o verme. Ele estava andando em círculos. E tudo se resumia à questão de Howard saber ou não da faca. Se sabia, a vantagem de Danny não existia e se tratava de uma guerra declarada. E embora Danny não parasse de dizer a si mesmo que não havia como Howard saber da faca, e de fato não havia nenhuma *razão* precisa para achar isso, ainda assim Danny tinha a sensação de que ele sabia.

Howard: Você olhou bem para este mapa, Danny?

Não por muito tempo.

Howard: Então o que levou você a comprá-lo?

Não sei bem.

Danny sentia o peso da faca no bolso e de repente a pressão de ser observado por Howard era quase física. Danny não conseguia encarar o olhar do primo.

Howard: Tente se lembrar. Estou verdadeiramente curioso. Por que comprar uma coisa para a qual você mal olhou?

Foi só um impulso.

Howard levantou-se de sua cadeira e se aproximou de Danny. *Onde* você o comprou?

Em um pequeno antiquário perto da praça.

E o que chamou sua atenção? O que fez você entrar lá?

A comida pesou no estômago de Danny. Ele se perguntou se o peso da faca não estaria puxando seu casaco para baixo de um jeito meio estranho. Teve de usar toda sua força de vontade para não apalpar o bolso.

Agora Howard estava atrás da cadeira de Danny. Estou lhe fazendo um monte de perguntas, espero que você não se importe, Danny, mas estou começando a achar que você tem um... as pessoas dão a isso nomes muito diferentes... quero dizer que você tem um faro. Para localizar coisas que as outras pessoas não conseguem enxergar.

Danny: Obrigado. Howard estava puxando os pinos da sua cadeira. Danny se perguntava se o primo ia incliná-lo para trás.

Howard: De todo modo, vamos olhar para este mapa agora. Venham todos para cá, vamos olhar para o mapa que Danny achou. Disse isso virando-se para a sala escura, onde alguns alunos de

pós-graduação continuavam a circular depois do jantar. Ninguém pareceu especialmente interessado.

Howard aproximou alguns candelabros do mapa. Alunos de pós-graduação começaram a aparecer aos poucos. O garoto, Benjy, também se aproximou.

Benjy (para Danny): Oi.

Danny: Oi.

Como vai sua cabeça?

Está legal. E a sua?

Minha cabeça está bem, é claro! Ele riu para Danny e esperou, mas Danny não sorriu. Ainda está triste?

Nunca estive triste.

Esteve sim, eu vi...

Danny se afastou.

Howard: Danny, volte aqui, venha. Vamos examinar este mapa.

Por fim, um grupo se reuniu junto à mesa. A luz das velas sibilava sobre o mapa. Olhem, disse Howard baixinho, e houve uma longa pausa enquanto todos olhavam.

Ann: Incrível.

Não é? Mick, está vendo isto aqui?

Estou.

Mick estava atrás. Danny não havia cruzado o olhar com o dele desde o momento em que tinham voltado para dentro do castelo, mas agora era diferente. Havia um acordo entre eles. E parte desse acordo consistia em escondê-lo.

Howard: Está vendo esse túnel? Por baixo do torreão?

Ann: E as conexões com todos esses outros túneis...

Era verdade. Quando Danny olhou para o mapa, na cidade, supôs que aqueles rabiscos escuros eram trilhas no alto das colinas. Mas eram túneis *no subsolo* das colinas. Começavam embaixo do torreão e se abriam em leque em todas as direções possíveis, exatamente como a baronesa dissera.

Um sussurro de entusiasmo percorreu os alunos de pós-graduação.

Howard: É incrível, não é? Quero dizer, obviamente tudo isso pode ser uma fantasia...

Danny: Acho que não. A baronesa me disse que havia túneis.

Howard virou-se para olhar para Danny. Todos os outros fizeram o mesmo.

Howard (para o grupo): Olhem só para esse cara! Danny, é disso que estou falando! O que mais você tem escondido na manga? Não esconda informações da gente!

A zombaria agora estava à mostra para quem quisesse ver: Howard sabia. Tinha de saber. O rosto de Danny ficou quente.

Danny: Você já tem tudo o que eu sei, Howard. Não sobrou nada.

Houve uma pausa. Howard e Danny se encararam.

Howard: O problema é que eu não acredito mais em você.

Ali estava, então: guerra. Danny se permitiu tocar na faca através do casaco pela primeira vez na frente de Howard. Tinha dado uma olhada nela assim que voltara para o castelo, depois que finalmente tomou um banho e o médico trocou suas ataduras. Uma faca cerimonial, ao que parecia, com um cabo de marfim entalhado com cenas de homens caçando um cervo. A lâmina era comprida, curvada e afiada. Será que Howard tinha uma arma? De camiseta e bermuda, parecia improvável. Onde poderia guardar uma arma?

Benjy: Quando vamos poder ir aos túneis, pai?

Howard: Boa pergunta. A resposta sensata provavelmente é mais tarde, depois de muito palavrório e conversa fiada. Mas por mim a gente iria lá agora mesmo.

Ann: No escuro?

Isso não faz diferença quando a gente está debaixo da terra.

Mas não com crianças, obviamente.

Com crianças, sim, mamãe! Com crianças, sim.

Benjy poderia ir, não poderia?

Eu posso ir! Posso ir sim, é claro!

Ann (baixinho): Howard, pense bem. Não temos a menor ideia do que há lá embaixo, nem sequer se os túneis estão estáveis. Olhe só como esse mapa é velho!

Mas Howard não conseguia pensar. Mal conseguia escutar, estava alucinado demais com o próprio entusiasmo. Queria ir, queria ir! Havia algo desesperado em sua ânsia, pensou Danny, como se, caso esperasse tempo demais, tudo pudesse desaparecer ou tornar-se impossível.

Howard apontou para o mapa. Falou baixinho: Não está vendo o que é isto, Ann? Não está vendo?

Ann: Estou vendo, sim, mas...

É aquilo que estávamos esperando. Você também sente isso, não sente?

Talvez, mas...

Com uma coisa assim, me dá vontade de pular lá dentro de uma vez. Não posso esperar!

Está certo. Pule. Mas deixe a criança de quatro anos fora dessa.

Benjy: Quatro anos e três meses!

Howard: Nós iremos devagar. Só para ele sentir o gostinho. Se a situação se revelar minimamente insegura, você o tira de lá na mesma hora.

Por favor mamãe por favor mamãe porfavorporfavorporfavorporfavorporfavor! Benjy jogou-se no chão e ficou estirado, imóvel. Todo mundo riu, até Mick. Danny conseguiu distinguir o riso dele do riso dos outros.

Ele sentiu a batalha que se travava no interior de Ann: como ela queria agradar Howard para encobrir o rolo com Mick e manter aquela aventura no castelo algo divertido para todo mundo, mas também como ela sabia que entrar naqueles túneis era uma ideia idiota, cretina, e não queria ir nem queria deixar que seu filho fosse. Mas, se ela se mantivesse à parte, Howard iria em frente e levaria a aventura a cabo, mesmo sem ela. E seria Ann que acabaria ficando para trás.

Ann: Tudo bem.

* * *

Já passava de meia-noite quando saíram do castelo. A maior parte dos alunos de pós-graduação levava lanternas e aqueles vinte estranhos fachos de luz eletrificavam a escuridão enquanto o grupo abria caminho pelo jardim. A cobertura das árvores se transformou num teto e coisas que Danny não tinha visto antes começaram a ressaltar da penumbra abaixo dele: sapos, coelhos e anões. Um

cavalo sobre rodas. Uma mesa posta para duas pessoas engolida por trepadeiras.

Howard não conseguia suportar a ideia de deixar alguém para trás. Tinha passado um pente fino pelos corredores e pusera para trabalhar seu walkie-talkie a fim de arrebanhar todos os alunos de pós-graduação que estivessem dispersos. Havia nele agora um entusiasmo maníaco, capaz de fazer tudo o que acontecera antes parecer um mero cochilo. Aquilo enchia Danny de pavor. Até o bebê foi preparado para o passeio para que Nora, a suposta Especialista em Cuidados com Criança, não ficasse de fora. Ann carregava o bebê numa espécie de bolsa presa ao pescoço. Ela cedera muito facilmente daquela vez — tinha atravessado uma espécie de fronteira e agora parecia quase animada com a aventura. Todos estavam assim, abafando o riso e cochichando como um bando de crianças numa excursão escolar, enquanto iluminavam seu caminho rumo ao torreão.

Todos, menos Danny. O significado do que estava fazendo — ir para um lugar subterrâneo com o primo — apertava-se nele a cada passo que dava. A cada dez passos, mais ou menos, tinha de lutar contra o ímpeto de fugir sorrateiramente do grupo, desvencilhar-se, galgar os muros do castelo e correr! Mas já tentara correr, já havia tentado tudo aquilo! Não havia como fugir. E uma parte de Danny ansiava por aquela frieza de estar num local subterrâneo. A rede de túneis secretos: de certo modo, ele queria aquilo também.

A faca batia de encontro ao peito de Danny enquanto ele caminhava. Sabia que Mick vinha logo atrás, fechando a retaguarda, com o mapa debaixo do braço, e Danny tinha a sensação de que poderia contar com Mick, se algo comesse a desandar. Graças a Mick, ele calçava botas nos dois pés e, pela primeira vez em vinte e quatro horas, tinha pernas do mesmo comprimento. Aquilo dava uma sensação tão boa que a lesão em seu joelho virou um nada. Danny andava sem mancar pela primeira vez em várias semanas.

Perto da base do torreão, eles se detiveram. Todas as janelas estavam escuras.

Howard (baixinho): Muito bem, algumas coisinhas antes de a gente entrar. Um: vamos ficar juntos. Não sei o que vamos encontrar lá embaixo, mas seja o que for vamos encontrar isso em grupo.

Nada de expedições individuais, combinado? Dois: não estamos cometendo nenhuma transgressão, é óbvio, mas tem uma pessoa lá dentro que acha que estamos. Ela deve estar dormindo, portanto vamos tentar não falar nada por um tempo, a menos que isso seja realmente necessário.

Danny ergueu os olhos para o torreão. A baronesa, dormindo? Ele não acreditava naquele papo. Era mais fácil acreditar que estava morta.

Lentamente, o grupo começou a subir a escada externa que rodeava o torreão. Howard na frente, segurando a mão de Benjy, depois Ann com o bebê, depois todos os outros. Danny estava no meio. Um a um, eles se erguiam acima das árvores, rumo à noite estrelada.

A porta estava completamente aberta quando Danny chegou lá e ele ouviu o barulho de sapatos roçando nos degraus. Ninguém falava. Vinha mais gente atrás dele e Danny tomou seu lugar no fluxo que descia a partir dali. Enquanto avançava pelos degraus gastos, descendo e descendo, sentiu o cérebro relaxar, renunciar ao trabalho de pensar por conta própria. Todos aqueles pés faziam um som igual a um sussurro, como se o torreão estivesse sussurrando nos ouvidos de Danny. Ou como se o torreão fosse uma antena gigante que captasse sussurros de outro lugar.

Passaram pela janela da qual Danny havia caído e continuaram a descer pela parte sem janelas do torreão, o lugar aonde tinha querido ir naquele dia, mas parara antes. Quanto mais Danny descia, mais alto ficava o sussurro, como palavras num idioma que ele não conseguia compreender.

Thanowa... shisela...hortenfashing...

Himmuffer... soubitane... laningshowingwisham...

A escada serpenteava através de uma porta de ferro horizontal que um gancho muito velho mantinha aberta. Danny hesitou, imaginando que aquele devia ser o ponto em que passariam para o subsolo, mas ele era um elo numa corrente cuja parte de trás se movia para a frente, atrás dele, empurrando-o por aquela porta, então Danny continuou a andar. Foi fácil.

Desceram mais um lance da escada em espiral. O ar ficou diferente; ficou denso, frio e com cheiro de barro. Danny sentiu que

alguma coisa estava acontecendo à sua frente, uma diminuição da velocidade ou uma parada. Após mais algumas voltas, como era de se esperar, a escada desembocava num corredor e Danny seguiu a corrente humana através de um arco escavado numa parede. Depois disso, havia um salão cheio de poeira. Era uma poeira fina, como a que recobre o para-brisa do carro depois que a gente passa por uma estrada de terra. Ela encheu os pulmões de Danny como pequenas garras. E, erguendo-se para fora da poeira, havia filas de estantes de madeira atulhadas com centenas de garrafas de vinho.

O grupo se dispersava, tossindo e ofegando, enquanto segurava garrafas sob o facho das lanternas. Danny se aproximou de uma estante e soprou a poeira que cobria uma garrafa. O rótulo estava escrito à mão numa espécie de caligrafia requintada. Pegou outra. Elas eram mais arredondadas do que as garrafas de vinho atuais. Algumas estavam secas por dentro, as rolhas esfareladas ou ausentes. Outras ainda continham líquido, e uma cera colorida mantinha as rolhas no gargalo.

Através do som de espirros e de narizes fungando, Danny ouvia os sussurros dos alunos de pós-graduação: *Serão reais?... não podem ser reais... parecem reais mesmo... não acredito que sejam reais...*

Howard: Ei. Ei, todo mundo.

Ele estava de pé em cima de alguma coisa para que todos pudessem vê-lo acima das estantes. Howard segurava sob o queixo uma lanterna que fazia sombras sinistras embaixo dos olhos e iluminava seu cabelo. Parecia um espírito que se erguia da poeira. O coração de Danny pulou. Ele apalpou a faca no bolso.

Howard: Só para lembrar, pessoal. Toda a missão deste hotel que estamos construindo é ajudar as pessoas a se desvencilharem do dilema real-irreal que agora se tornou tão carente de significado, com as telecomunicações blá-blá-blá. Portanto esta é nossa chance de agir. Não vamos ficar analisando nada. Vamos apenas desfrutar a experiência e ver aonde ela nos leva.

Ann estava de pé logo abaixo de Howard, segurando a mão de Benjy, e usava a manga do outro braço para cobrir a boca e o nariz do bebê e protegê-lo da poeira. Howard encontrou o olhar de Ann e

parou. Chega de discurso. Vamos continuar. E agora já podemos falar. Acho que já descemos o bastante.

Ele guiou o grupo para fora da adega e todos entraram num corredor estreito com um teto curvado, feito de tijolos amarelos e finos. A luz das lanternas deixava o teto claro e Danny viu palavras em alguma outra língua entalhadas nas paredes de estuque, e até desenhos: uma mão. Um cavalo. Um peixe. Ann e as crianças tinham ficado para trás, mais perto de Danny. Todos continuavam muito silenciosos.

Ainda estavam no corredor quando ouviram uma batida — sentiram-na também —, uma grande vibração embaixo dos pés. Todos pararam de andar, esbarrando uns nos outros no espaço estreito.

Benjy: Pai, o que foi isso? Sua voz de criança cortou o silêncio.

Howard: Não sei bem.

Ficaram parados, escutando. Não houve mais nenhum barulho. O sussurro pressionava os ouvidos de Danny — *shorahassa... wishaforshing... lashatishing* — tão perto que ele quase conseguia sentir a respiração que vinha junto com os sons.

Howard: Mick, você está aí atrás?

Mick: Estou.

Howard: Ninguém se desgarrou?

Mick: Ninguém. Eu contei.

Howard: Ahn. Muito bem, vamos em frente.

Continuaram descendo pelo corredor. Danny percebeu que começava a se desconectar, talvez por causa das vozes dentro de sua cabeça ou por ter dormido tão pouco. Fosse o que fosse, ele tinha que ficar lembrando a si mesmo de sua guerra contra Howard, da faca, porque aquilo estava escorregando para fora de sua mente, se apagando assim como a dor em sua cabeça tinha se apagado, ele nem sabia quando. Simplesmente percebeu a certa altura que a dor tinha sumido.

A parte da frente da corrente dobrou à direita. Ruídos surdos e murmúrios nervosos enxotaram os sussurros para fora dos ouvidos de Danny. Alguma coisa importante estava prestes a aparecer ali na frente.

Uma porta de madeira bem grossa aberta. O espaço lá dentro era enorme, comparado com a adega. Engolia os fachos das lanternas e assim, a princípio, Danny não sabia direito o que estava vendo: o chassi de um carro? Equipamentos de ginástica? Mas quando todos finalmente se encontraram dentro do salão, enchendo o espaço de luz, ele se deu conta de que estava olhando para instrumentos de tortura. Identificou uma mesa de tortura e uma daquelas pranchas com algemas de metal nas quais prendiam os pulsos e os tornozelos das pessoas. Depois uma roupa com o formato exato de um corpo humano, feita de tiras de metal cheias de espetos voltados para dentro. E outros objetos que não conseguia identificar, mas que fizeram sua pele doer só de olhar.

Howard: Benjy, onde está você, meu filho? Um eco deformou sua voz. O menino segurava com força a mão da mãe.

Howard: Benjy, venha cá. Olhe só para isso. É como... é que nem a história do rei Artur! Ninguém vai acreditar numa coisa dessa!

O menino queria deixar o pai contente, dava para ver. Soltou a mão de Ann e abriu caminho aos empurrões no meio da multidão. Howard ergueu-o sobre os ombros e avançou mais fundo no salão. Os fachos das lanternas despertavam o espaço ao redor à medida que andavam. Uma parede distante se tornou visível, com três aberturas curvas, fechadas por barras verticais.

Howard: O que temos aqui?

Todos se moveram na direção dos arcos, levando Danny junto. Fachos de luz se derramaram por entre as barras, para dentro de uma espécie de poço. Por um segundo, a escuridão apenas sugou as luzes. Então Benjy gritou.

E que grito. Ele rasgou o espaço, apunhalou os tímpanos de Danny. Ann teve um sobressalto tão grande que acordou o bebê, que logo começou a chorar também. Mas o menino mais velho encobria o barulho do bebê. Ele gritava do alto de seu poleiro, sobre os ombros de Howard, a cabeça pressionada de encontro às barras. Talvez fosse o fato de estar tão no alto que tivesse feito com que Benjy fosse o primeiro a ver aquilo.

E agora o grupo inteiro via o que ele estava vendo: esqueletos, uma porção de esqueletos — sobre o chão, empilhados contra as paredes, alguns com pedaços de coisas em volta, que podiam ter

sido roupas. Jaziam nas posições em que haviam morrido, braços estendidos, crânios amarelos inclinados na direção das barras como se ainda tivessem esperança de que alguém fosse aparecer para deixá-los sair. Os buracos dos olhos eram enormes, pareciam olhos de mosca, e as mandíbulas risonhas estavam repletas de dentes. Danny sabia qual era o aspecto de um esqueleto, mas não houve preparação para aquilo. Sua mente ficou entorpecida, não acreditava no que via. Tinha de ser uma farsa. Ele queria que fosse uma farsa. O sussurro em seus ouvidos alcançou uma espécie de crescendo — ele podia ouvir o sussurro mesmo através dos gritos das duas crianças.

Ann abriu caminho ao longo das barras até Howard. Com a voz impassível, falou: Tenho que tirar Benjy daqui.

Howard parecia chocado demais para falar. Ele tinha tirado Benjy dos ombros e o menino se jogou nas pernas na mãe e se agarrou a elas, soluçando. O pânico percorria o grupo como uma eletricidade, mas algo o mantinha sob controle — talvez a pressão de grupo.

Howard olhou para baixo, para dentro do poço, e engoliu em seco. Sim. Vá. Sabe o caminho? Diga ao Mick que vá com você.

Ann: Não, não. Estamos bem, Mick pode ficar. Ela não queria ficar a sós com ele.

Danny: Eu vou com ela. Estava ansioso para ir embora.

Howard: Sabe o caminho?

Mick havia se aproximado em silêncio. Danny virou-se para ele. É só seguir sempre reto de volta por aquele corredor, não é?

Mick: Sim. Estava olhando fixamente para Danny, tentando transmitir algum recado.

Danny: É melhor eu levar uma lanterna. Ann também.

Dois alunos de pós-graduação entregaram suas lanternas. Mick segurava o mapa debaixo do braço, olhando para Danny daquele jeito indagador.

Danny (em voz baixa): Eles vão ficar bem, Mick. Prometo.

Mick confirmou com um aceno de cabeça. Ann pegou a mão de Benjy e ela e Danny começaram a fazer seu caminho de volta por entre as máquinas de tortura. A cabeça do menino pendia enquanto andava. Estava gemendo, um choro baixo que não mostrava nenhum sinal de que ia cessar. O bebê continuava acordado, olhava

ao redor com os olhos arregalados, como se esperasse ver algo que pudesse reconhecer.

Saíram da sala de tortura e voltaram para o corredor. Houve um alívio só por saírem de lá, embora o corredor parecesse bem mais escuro agora, iluminado só pela luz das duas lanternas que levavam. Eles estavam dentro da terra, sem luz nenhuma, de nenhum lugar. Danny se perguntava até por que havia ar naqueles túneis — será que havia algum tipo de abertura de ventilação ali embaixo? Ou será que era preciso descer ainda mais fundo antes que o oxigênio acabasse?

Danny: Vamos sair daqui num instante.

Ann: Nunca deveríamos ter entrado.

Danny: É mesmo.

Ann: Tive um lapso.

Danny: Você foi na onda do Howard. Todos nós fomos.

Ann: Meu bom senso desapareceu.

O menino continuava a choramingar, mas movimentava as pernas. Após um tempo, passaram por uma porta curva à esquerda e a luz da lanterna de Danny iluminou as fileiras de garrafas de vinho. Estavam no caminho certo.

Seu coração bateu acelerado quando chegaram ao pé da escada. Meu Deus, como ele estava desesperado para chegar à superfície. Por um segundo, sentiu um espanto atrasado diante do fato de Howard ter deixado que ele fosse embora com tanta facilidade.

Eles mal haviam começado a subir quando as pernas do menino amoleceram. Benjy desabou sobre a pedra e ficou imóvel.

Ann: Benjy, você tem de andar. Por favor, meu bem, não posso carregar você com Sarah no meu peito.

O menino apenas ficou parado. Danny teve um impulso de pura raiva — se houvesse ali um penhasco, teria chutado Benjy para o abismo. Em vez disso, inclinou-se e tentou erguer o menino. Nunca havia segurado uma criança nos braços em toda sua vida, nem sequer um bebê. Disse para Ann: Eu carrego ele. Mas não conseguia carregá-lo — a cabeça, as pernas e os braços do menino balançavam pesadamente, soltos no ar. Danny não conseguia encontrar o jeito correto de segurar o menino e achou que assim

podia deixá-lo cair. Merda! Mas quando afinal conseguiu passar os braços por baixo da bunda magrela do garoto e ajeitar a cabeça da criança sobre seu ombro, as coisas melhoraram. Benjy se prendeu ao corpo de Danny, passou os braços em torno de seu pescoço, apertou os joelhos na sua cintura.

Recomeçaram a subir a escada, Danny na frente com o menino colado em seu peito, depois Ann com o bebê. Agora que o garoto tinha parado de choramingar, Danny percebeu o sussurro outra vez. Ele voltou como água enchendo um buraco — *herhashasha... wassafrassa...* —, quase palavras, mas não exatamente. Deram uma volta na escada, depois mais uma volta.

Danny: Estamos chegando perto, eu acho.

Ann: Vamos torcer.

Um ou dois segundos depois, alguma coisa que veio de cima bateu com toda a força na cabeça de Danny. A criança se debateu em seus braços e a lanterna de Danny caiu. Ela rolou quicando pelos degraus e Ann gritou, assustada.

O que aconteceu? Benjy está bem?

Danny ficou parado, perplexo. Sentiu gosto de sangue — tinha mordido a língua. Achou que alguém tinha lhe dado uma pancada na cabeça com algo pesado, mas, quando estendeu a mão para o alto, topou com uma superfície dura que bloqueava o caminho da escada.

Danny: Ele está bem. Tem uma... pode apontar a luz para cá?

Ann dirigiu o fecho da lanterna para cima. A porta horizontal pela qual passava a escada, rodopiando, tinha sido fechada. Danny a empurrou com os dois braços, mas ela nem se mexeu. Estava trancada.

A baronesa.

Danny engoliu em seco. Por um instante, não sentiu nada, e depois uma onda de pânico se ergueu dentro dele, um pânico como nunca havia sentido antes, nem quando corra sozinho no meio daquela mata. Aquilo nada tinha a ver com sua mente nem com o verme — era mais profundo. Esqueletos estendidos dentro de uma jaula. Danny sentiu uma necessidade física de berrar, se debater, qualquer coisa, mas estava com o menino nos braços e aquilo o

obrigava a ficar quieto. E, por algum motivo, não poder se mexer parecia refrear o pânico.

Danny olhou para Ann. Houve um *alto* absoluto entre os dois.

Ann: Temos de voltar.

Ela lhe entregou a lanterna dele, que ele pendurou nos dedos da mão. Ann começou a descer a escada, mas Danny hesitou. Por fim, ela também parou.

Danny (sussurrando): Espere.

Ficaram em silêncio e, no silêncio, Danny ouviu alguma coisa se mexer. Um barulho do outro lado daquela porta.

Ele disse: Liesl?

Até aquele segundo, Danny não tinha a menor ideia de que sabia o nome da baronesa. Ela devia ter dito seu nome para Danny naquela noite.

Um ruído por cima da porta. Ela estava lá, escutando. O corpo inteiro de Danny ficou arrepiado.

Liesl. Por favor, nos deixe sair. Sua voz soou vacilante, desesperada.

Houve uma agitação, um arranhar de saltos pontudos na superfície da porta de ferro. Não vou fazer nada do gênero. O ferro abafava a voz, atenuava sua estridência.

Danny: Temos crianças pequenas aqui embaixo. Tem uma porção de gente também. Abra a porta.

A baronesa riu. Foi um som terrível, molhado e rouco. Você acha que eu me importo com o que acontece com vocês? Com qualquer um de vocês?

Vamos, Liesl. Abra a porta.

Você não acredita em mim. Não consegue acreditar que não vou fazer o que você quer. Vocês são crianças, vocês, americanos, cada um de vocês. E o mundo é muito, muito velho.

Danny: Você tem razão, eu não acredito mesmo. Acho que você é uma pessoa melhor do que isso. Meu Deus, o que ele estava falando? *Uma pessoa melhor?* Danny nem tinha certeza de que ela era de fato uma pessoa.

A baronesa uivou uma gargalhada. Estava se divertindo como nunca em sua vida. O som do riso dela fez Danny suar.

Danny: Diga para nós o que você quer. Qualquer coisa. É seu: é dinheiro? Howard está nadando em dinheiro.

Já tenho exatamente aquilo que eu quero. Preparei uma armadilha e vocês caíram nela, como os idiotas que são. Não existe maneira de sair desses túneis, senão por este torreão. Vocês vão morrer, todos vocês, as crianças também. E enquanto seus gritos forem ficando cada vez mais fracos e débeis, eu e as oitenta gerações que me criaram, as vinte e oito Liesl von Ausblinker que viveram e morreram antes de eu nascer, vamos nos regozijar. Nós vamos rir! Os tártaros não conseguiram tomar este torreão nem os americanos vão conseguir, com todo seu poder e todo seu dinheiro.

Ela era totalmente pirada. Doente da cabeça... Como Danny não tinha percebido?

Ele já tinha dado meia-volta e começava a descer a escada. O menino se remexia em seus braços e Danny não podia deixar que ele escutasse mais nada. Quando fez a curva da escada, ouviu a risada da baronesa.

Já estão indo? Que pena! Nós nos divertimos tanto na última vez, Danny... você especialmente, eu acho!

As pernas de Danny tremiam de modo tão convulsivo que ele achou que fosse desabar enquanto tentava descer o resto da escada. Ele estava com frio e ensopado de suor. Quando voltaram para o corredor, Ann parou. Tirou o cabelo do rosto e segurou a cabeça do bebê entre as mãos. Danny viu o pavor no rosto de Ann. Ela beijou o cabelo macio na cabeça do seu bebê.

Benjy estava gemendo. As palavras da baronesa estavam presas em seus ouvidos, Danny podia ver. Ele tinha de apagar aquelas palavras, impedir que elas penetrassem nos túneis do cérebro do menino. Começou a sussurrar no cabelo de Benjy, enquanto avançavam pelo corredor interminável: Vai dar tudo certo, você vai ver, você vai crescer e depois nem vai se lembrar disso tudo, vai ter acontecido tanto tempo atrás, é só uma coisa engraçada que você vai contar para os amigos e eles vão dizer: Como é que é? Sem essa! E você vai dizer: É verdade, sim, eu juro, essa história aconteceu de verdade, mas eu fui um garoto corajoso e aguentei tudo aquilo, mantive a calma o tempo todo porque eu sou esse tipo de menino...

De onde estava vindo todo aquele papo furado? Danny não fazia a menor ideia. Sussurrava para o garoto e enquanto isso as vozes sussurrantes continuavam soprando seu idioma bizarro nos ouvidos de Danny, até que ele se perguntou se não estava traduzindo, se as vozes não estavam na verdade lhe dizendo o que ele devia falar para Benjy. E deu certo. Ou ao menos Benjy parou de choramingar. Passaram pela adega e, um pouco depois, Danny viu uma faixa de luz e ouviu a voz de Howard e as vozes dos alunos de pós-graduação, um vaivém de sons arquejantes que abalou Danny. Eles estavam contentes. Não tinham a menor ideia do que estava por vir. O pânico se ergueu de novo dentro dele, como bile.

Seguiu Ann rumo à sala de tortura. Howard estava de pé sobre uma das máquinas. Quando viu Ann e Danny, desceu com um pulo. O que houve? O que aconteceu?

Ann andou na direção dele. Danny foi logo atrás.

Ann: Não podemos sair por aquele caminho. A escada foi bloqueada.

Ela não gritava nem chorava, nenhuma das coisas que Danny teria esperado. Ann disse aquelas palavras gentilmente.

Howard: *Bloqueada?*

Ann: Lembra aquela porta? Na escada? Agora está fechada. Então temos que achar outro caminho para sair.

Ela segurou a mão de Howard. Era incrível — como se tivesse perdoado Howard por ter metido todos eles naquela encrenca, quando nem haviam ainda conseguido sair dali. E talvez nunca *saíssem*. Danny continuava segurando o menino nos braços. O peso de Benjy tinha se tornado muito sólido nos últimos minutos e Danny achou que o garoto talvez tivesse adormecido.

Howard: Eu... eu não compreendo. Repita.

Ann: A porta. Não podemos sair por aquele caminho. Temos de ir por outro caminho.

Quem disse que *existe* outro caminho?

Danny viu o pânico que ele sentira dentro de si atacar Howard e devorá-lo inteiro. O cara não tinha a mínima chance.

Howard: A porta... não! Ela tem de...

Ann: Vai ficar tudo bem, querido. É só a gente encontrar outro caminho.

Não! Não existe... não! Ah, meu Deus!

Relaxe, meu bem. Ann pôs a mão na cabeça de Howard, mas ele a afastou.

Não. Não! Nós temos que... ah, meu Deus, por favor!

Sua voz varreu as paredes. Todos olhavam para ele. Howard fechou os olhos e dobrou o corpo, de tal modo que sua cabeça ficou perto do chão. Ann debruçou-se sobre ele e tentou levantá-lo sem deixar que o bebê escorregasse da bolsa que trazia pendurada junto ao peito. Ela já devia ter previsto aquilo, já sabia como o marido reagiria. Mas não conseguiu fazer Howard se erguer. Ele tinha começado a gritar e cada grito rasgava Danny e parecia drenar uma parte de seu sangue. Danny sentiu que estava à beira de um desmaio. Aquela corrente de pânico percorreu o grupo inteiro, mais uma vez: houve gritos e facho de luz das lanternas rodaram, deixando o salão iluminado de modo feérico. Um bando de pessoas correu de volta para o corredor, rumo à escada. Danny pensou na baronesa lá, esperando.

Howard havia abandonado seu corpo por completo — estava em outro lugar. Não, não, por favor! Por favor! Ah, meu Deus, não consigo respirar. Socorro!

A sala estava começando a girar. Danny teve a impressão de que todo o oxigênio havia acabado. Quanto mais tentava respirar, mais tonto ficava. O menino se mexeu em seus braços e ele pensou: Não posso desmaiar enquanto estiver segurando esta criança.

Ann: Howard, pare. Você precisa parar. Pare! Temos crianças aqui, além de uma porção de pessoas que precisam sair.

Mas Howard não conseguia parar. Seu corpo de repente enrijeceu, os olhos ficaram arregalados e cegos. Tentou agarrar o ar e depois, com uma voz gutural, tenebrosa, berrou o nome de Danny, prolongando-o de tal modo que encheu todo o espaço da sala de tortura com um longo uivo.

Howard: Danny! Danny! Danny, me ajude, por favor, me deixe sair. Danny, por favor, farei qualquer coisa... por favor, me deixe sair. Eu lhe darei qualquer coisa que quiser. Espere, Danny, não vá embora! Não me deixe aqui!

Ele não estava olhando para Danny, mas todos os outros estavam. Mick, Ann e os alunos de pós-graduação que continuavam na sala se voltavam para Danny, boquiabertos e confusos. A cada vez que Howard gritava seu nome, parecia que seu crânio estava um passo mais perto de explodir. Inacreditavelmente, o menino em seus braços continuava dormindo. Danny percebeu que estava apertando Benjy nos braços, se agarrando ao menino como se fosse *a criança* que o estivesse segurando.

Howard: Danny! Não faça isso comigo, por favor. Por favor, volte! Por-faa-aa... Grandes soluços sufocados entrecortavam seus gritos. Howard chorava como choram as crianças pequenas, seu rosto estava pegajoso com muco e lágrimas. Era algo que ninguém deveria ver.

Os alunos de pós-graduação que haviam corrido para a porta voltaram depressa, batendo os pés no chão, frenéticos. *Está trancada, a porta está trancada, estamos presos aqui embaixo, vamos todos morrer.* Então a sala foi dominada, pela primeira vez, por uma autêntica histeria. De início, foi um terror rodopiante, sem um alvo, mas quando Howard gritou outra vez o nome de Danny, o grupo se aproximou em desespero. Uma massa de pessoas em pânico fechou o cerco ao redor de Danny, e todos gemiam enlouquecidos: *Danny, socorro!*

Se eu desmaiar, vou deixar o menino cair.

Danny, Danny, por favor deixe-nos sair por favor nos ajude por favor...

Danny: Está bem, está bem!

Mas ninguém ouviu. Nem ele conseguia ouvir a própria voz. Os gritos das pessoas ricocheteavam nas paredes de pedra: Danny, por favor. Por favor nos ajude, por favor nos ajude por favor...

Danny: Está bem, *calem a boca.*

Disse isso bem alto e as pessoas que estavam mais perto se calaram. Dali a pouco os outros também foram ficando quietos. Estavam todos ali parados, esperando que Danny fizesse alguma coisa. E o que ele devia fazer? Não tinha a menor ideia do que fazer. Howard tinha se encolhido no chão e continuava curvado ali, soluçando. Ann se ajoelhou ao seu lado, pôs os braços ao redor do

pescoço do marido, o bebê adormecido ainda pendurado junto a seu peito.

Danny: Está bem. Eu... hã... Nora, cadê você? Ele estava ganhando tempo.

Nora se adiantou, com os olhos molhados e esbugalhados.

Danny: Pegue este menino aqui. Como Nora não se mexeu, ele disse: Faça seu trabalho ao menos desta vez, cacete, e segure este menino logo.

Nora deu um pulo, como se tivesse levado um tapa. Vá à merda. Vá à merda você também.

Delicadamente, ela tomou Benjy dos braços de Danny, e depois levou-o embora, abrindo caminho entre as pessoas.

Danny: Mick, cadê você? Mick? Ele estava querendo ganhar tempo, tentando afastar a sensação de medo que o dominava. Danny era um seguidor, não um líder. Era possível até dizer que, como seguidor, Danny era um líder. Mas não um líder em si.

Mick se adiantou. Ainda segurava o mapa. Danny estendeu a mão para pegar o mapa agora, adiando por um ou dois minutos o momento em que todos iriam descobrir que ele não tinha plano algum, nenhuma solução, de espécie alguma.

Danny: Vamos examinar este mapa.

Mick ergueu o mapa e Danny apontou a lanterna para ele, mas o vidro refletiu a luz direto em seus olhos. Mick quebrou o mapa sobre o joelho e o vidro caiu. Ele estava segurando o pergaminho. Danny observou o mapa, seus olhos nem conseguiam focar direito. Ele estava só enrolando... surrupiava um segundo aqui, outro ali, depois mais um segundo, antes que a gritaria recomeçasse.

Mick: Parece que...

Danny: Se a gente descer...

Mick: Ou quem sabe por este caminho aqui?

Ao fundo, Howard soluçou: o som mais triste, mais desesperançado que Danny já ouvira. Ele nunca tinha chorado daquele jeito, nunca na vida.

Danny: Muito bem, vamos lá então. A gente vai dar um jeito.

Esperou enquanto Ann ajudava Howard a se levantar do chão. O cara estava tremendo, o rosto molhado e coberto de poeira.

Danny: Mick, você pode ir atrás e garantir que ninguém se desgarre do grupo?

Mick: Claro. Ele pareceu contente de poder se afastar.

Danny conduziu-os para fora da sala de tortura, seguindo o fecho de sua lanterna para dentro da escuridão. Era como caminhar no fundo do mar. Danny não tinha nenhum impulso, nenhum palpite sobre o que estava prestes a fazer. Tinha um objetivo: proteger aquelas pessoas do fato de que ele não podia ajudá-las, fingir que as conduzia para que elas acreditassem que estavam indo para algum lugar e não ficassem gritando seu nome. Danny não conseguiria mais suportar. Achava que aquilo o mataria.

Então ele guiava o grupo rumo a lugar nenhum, rumo ao nada, agradecido pelo silêncio, pelos barulhos que faziam todos aqueles sapatos atrás dele. Guiou-os para baixo, em ângulo, cada vez mais fundo na terra. Depois à esquerda, depois um pouco para cima, depois para baixo de novo. Danny se movia depressa — o fato de estar fingindo, guiando-os para lugar nenhum, estava à espreita, pronto para pular em cima dele, se hesitasse. À medida que todos iam cada vez mais fundo, uma espécie de ritmo se estabeleceu. Eles estavam em movimento e, depois de estarem em movimento por um tempo longo o bastante, formou-se a sensação de que deviam estar se movendo *rumo* a alguma coisa. Danny também tinha essa sensação. Como se fingir aquilo durante tempo suficiente o tivesse tornado realidade.

Ninguém tinha falado nada desde que haviam saído da sala de tortura. Até Howard estava em silêncio afinal e o som só dos passos de todos eles nos túneis trouxe as vozes sussurrantes de volta para Danny. Ele se perguntou se as vozes não estariam lhe dizendo para onde devia ir. Às vezes Danny se apanhava murmurando: Direita ou esquerda, eu não sei. Para baixo, eu acho. Para lá parece melhor do que seguir em linha reta. Não, não estou gostando disso... é melhor voltar. Os túneis eram intermináveis, um mundo de túneis embaixo da terra. O ar passou de poeirento para úmido. Por fim veio um ruído de água gotejando. Danny não tinha a menor ideia de quanto tempo havia se passado.

Chegaram a uma escadaria. Tinham passado por outras escadas no caminho, mas todas aquelas levavam para baixo. Essa escada

agora ia direto para cima e os degraus eram minúsculos, pequenos demais para comportar metade de uma das botas de Danny. Pequenos e molhados — impossível subir! Mas era uma coisa para se tentar, a fim de manter o grupo distraído. O túnel ia em frente depois da escada, mas Danny parou.

O som de uma voz — a própria voz — era estranho, depois de tanto tempo caminhando em silêncio.

Danny: Muito bem, olhem só. Vou subir esta escada e ver aonde vai dar. Não me sigam, porque se eu escorregar e cair vou derrubar quem estiver atrás. Apontem as lanternas para cima para que eu consiga enxergar o caminho.

Sentiu a esperança deles se acender, o pânico quase controlado. Porém Danny estava calmo. Estranhamente calmo, como se aquilo fosse um sonho.

Lentamente, cuidadosamente, começou a subir. Havia argolas de ferro presas a pequenos intervalos nas laterais da escadaria que tornavam a subida possível. Danny segurava uma lanterna na boca, quase entalada na garganta, agarrava uma argola de ferro com uma das mãos e, com a outra, se agarrava aos degraus escorregadios. Era o lance de escadas mais longo que já havia subido. A certa altura os degraus mudavam de direção, e aí Danny ficou fora do alcance da luz das outras lanternas. Estava começando a sentir cheiro de terra, não o cheiro das profundezas onde eles estavam, mas o cheiro da parte que toca no ar: árvores, grama, todos aqueles cheiros da vida. E aqueles cheiros despertaram alguma vida dentro de Danny — desejo, apetite. Começou a se movimentar como uma aranha, inclinava a cabeça para trás a cada poucos passos a fim de apontar a lanterna para cima e enxergar o que havia acima dele. Mais degraus. Mais degraus. E por fim viu alguma coisa lisa: a parte de baixo de uma porta. Os braços e as pernas de Danny estavam tremendo quando chegou lá. Empurrou a porta com a mão: trancada, é claro. Danny ficou ali encolhido, a lanterna na boca, arquejando e suando, achando que talvez fosse vomitar.

Danny berrou lá para baixo, mesmo com a lanterna na boca: Tem uma porta aqui, está bem? Vou tentar abrir e vou fazer um pouco de barulho. Fiquem afastados, para o caso de eu cair.

Um som fraco veio lá de baixo.

Tinha uma argola de ferro de cada lado da porta. Danny agarrou uma argola em cada mão e ergueu os pés acima da cabeça, até ficarem encostados e firmes na parte de baixo da porta. Danny estava de cabeça para baixo, encolhido, do tamanho de um pneu de carro, sua cabeça cheia de sangue. Bateu na porta com o salto da bota: pedra, parecia.

E então começou a chutar. Chutou e empurrou feito um louco, como se fosse para aquilo que ele havia nascido e vindo ao mundo. Chutou até não restar mais nada dentro dele, até ficar ofegante, sufocado, as veias latejando nas têmporas e no pescoço. Mas a porta nem se mexeu.

Ele gritou: *Mick!* e a lanterna escorregou da boca e rolou escada abaixo. Cuidado, gritou Danny. Recuem, tem uma coisa caindo. Ele nem conseguiu ouvir o barulho da coisa batendo no chão. Então gritou: Mick, você pode subir aqui? Estava absolutamente esgotado. Agarrou-se nas argolas e ficou ali pendurado, respirando com dificuldade na escuridão total.

Não passou muito tempo e ele avistou uma luz. Antes que Mick ficasse inteiramente visível, com a lanterna entre os dentes, Danny já tinha se recuperado um pouco. Mick estava sem camisa e o suor escorria pelo seu tronco e pelos seus braços musculosos, com aquele emaranhado de antigas marcas de injeção.

Danny: A gente tem de abrir esta porta a chutes.

Mick: Vamos lá.

Os dois se encolheram lado a lado, como Danny tinha feito antes, cada um segurando uma argola de ferro e passando o braço livre pelo pescoço do outro. Começaram a chutar. Fazia um bocado de barulho, mas só.

Mick: Espere, espere. Temos de contar. Um, dois... *três*.

Empurraram juntos e gemeram.

Mick: De novo. Um, dois... *três!*

Empurraram juntos. De novo. De novo. De novo. Danny achou que a porta tinha cedido só um pouquinho. De novo. Não, nada. De novo. De novo. E então Danny sentiu um solavanco na sola dos pés. A porta estava começando a se mexer. Está mexendo, os dois murmuraram. De novo. De novo. E mesmo depois de ficar tanto tempo de cabeça para baixo, com as veias saltadas, os olhos

lacrimejantes, os lábios meio abertos, o suor deixando as mãos escorregadias nas argolas, Danny sentia um ímpeto de vigor se consolidar dentro dele, da cabeça até as botas. Suas botas da sorte.

Mick estava quase ofegante demais para conseguir falar: Mais uma vez. É agora, *um, dois, três!* Empurraram, gemendo, e a porta cedeu — deslizou só um pouquinho. *Um, dois, três!* Danny atacou a porta com suas botas, empurrou, golpeou, espancou. Mick fez o mesmo, até que a porta se ergueu, como a tampa de uma sepultura.

Os dois rastejaram através da abertura e desabaram. Passou um tempo antes que Danny olhasse para cima e visse estrelas. Árvores. Ele sabia onde estava: perto da piscina. Podia sentir o cheiro. E o cheiro foi tão bem-vindo para Danny que quase parecia doce.

Tinham conseguido arrancar uma das lajes de mármore em volta da piscina. Um quadrilátero perfeito. Pesado como o diabo. Quem sabe quando aquilo tinha sido movido pela última vez?

Quando conseguiu respirar de novo, Danny inclinou-se sobre o buraco e berrou para baixo: Tudo bem, saímos. Agora vou voltar aí para baixo. Vai demorar um tempo, mas conseguimos. Está tudo bem.

Houve um segundo de silêncio. Depois veio um barulho de comemoração.

CAPÍTULO QUINZE

Danny ajudou Ann a subir aquele comprido lance de escada com o bebê junto ao peito. Ela enganchou um braço em torno do pescoço de Danny de modo que, caso escorregasse (o que aconteceu, por duas vezes), ele a estaria segurando, e o bebê ficaria a salvo.

Danny levou Benjy num braço, subindo a escada apoiado nos pés e numa mão. Até onde Danny sabia, o garoto tinha dormido durante todo o percurso.

Ele e Mick içaram Howard, um de cada lado, cada braço de Howard apoiado no pescoço de um deles. Perto do fim, Howard começou a se recompor um pouco. No final, já estava quase subindo sozinho.

Cada uma daquelas escaladas levava pelo menos quinze minutos, portanto retirar todo mundo lá debaixo era um projeto de várias horas. Quando finalmente acabou e todos estavam do lado de fora, todos os alunos de pós-graduação estirados sobre o mármore ao redor da piscina, sugando o ar fresco, o sol já tinha saído.

Isso foi a Fase Um.

A Fase Dois consistiu em muitos abraços. Todo mundo começou a abraçar Danny, às vezes mais de uma pessoa ao mesmo tempo, a maioria rindo ou chorando, ou então rindo e chorando. A única coisa semelhante àquilo de que Danny conseguia se lembrar era a formatura no colégio. Ele já tinha quase se esquecido daquele episódio, mas a sensação voltou: *Passamos por algo importantíssimo e agora nossas vidas vão tomar um novo rumo, mas não queremos deixar isso para trás, não podemos, é grande demais.*

Ann abraçou Danny com tanta força que o bebê em seu peito soltou um grito. Danny sentiu como Ann era forte fisicamente e aquilo lhe deu uma ideia do que Mick devia sentir por ela — de como, depois de ter toda aquela força envolvendo a gente, ainda que só uma vez, a pessoa se sentiria totalmente esvaziada, nua, sem ela.

Nora abraçou Danny de leve, depois lhe deu um beijo na bochecha. E como Nora não era do tipo beijoqueira, além de seus lábios serem incrivelmente macios, aquilo foi um lance sensual. Danny sentiu seu cheiro pela primeira vez e ficou surpreso: não era cheiro de cigarro nem de patchuli nem de cê-cê, que era o que ele esperava de uma garota cheia de piercings e com dreadlocks no cabelo. Nora tinha cheiro de... de quê? Danny se perguntou aquilo enquanto Nora se afastava. E então ela se virou para trás, e Danny viu seu sorriso pela primeira vez, viu a garota bonita que Nora não queria ser nunca mais. E então soube qual era o cheiro dela — aquele cheiro fresco, delicado e complexo: cheiro de grama.

Nora: Obrigada.

Danny: Disse ela...

De início, Nora não entendeu. Depois riu: Na verdade, essa frase não tinha advérbio.

Danny: Só *obrigada*?

Nora: Isso mesmo. Obrigada. Ou talvez: Obrigada, Danny. Está decepcionado?

Danny: Nem um pouco. De nada.

Entreolharam-se e começaram a rir.

Benjy passou os braços em torno das pernas de Danny. E foi esse abraço que acabou com Danny, porque os braços do garoto eram tão pequenos e ele era tão baixo que Danny nem podia realmente abraçá-lo de volta. Por isso limitou-se a pôr as mãos sobre a cabeça do menino e sentiu o crânio quente e arredondado por baixo do cabelo espesso. O filho de Howard.

Os alunos de pós-graduação abraçaram Danny com braços trêmulos e faces molhadas, às vezes vários ao mesmo tempo, formando um montinho de abraço com Danny no meio, como uma espécie de herói. Algumas vezes chegaram quase a jogar Danny no chão, todo mundo gritando *Eeeeepa, epa, epa, epa*, enquanto

tentavam se equilibrar. E Danny achou que aqueles abraços seriam os seus favoritos, porque o faziam lembrar-se de quando marcava um gol nos segundos finais de um jogo, e todo mundo saía correndo pelo campo. Mas na verdade aqueles abraços o deixaram meio inseguro, culpado. Como se estivesse levando o crédito por algo que não tinha feito.

Na Fase Três, tudo ficou em silêncio. Ann e Nora voltaram para o castelo com as crianças, que estavam com fome. Acenaram para ele com a mão, depois foram embora entre os ciprestes. Todos os demais ficaram ali, continuaram perto da piscina como se estivessem esperando alguma coisa. Danny também sentia aquilo, uma vontade de se manter perto da experiência e das pessoas com quem tinha passado por ela. Porque, quanto mais perto estivesse da hora em que achara que ia morrer, mais incrivelmente doce era a sensação de estar livre, ali, respirando o ar puro, sentindo o sol no rosto, todas essas coisas em que a gente nunca pensa de verdade.

Howard estava sentado no chão, encostado na torneira da cabeça de Medusa onde Danny tinha visto as figuras em movimento naquele momento meio pirado. Seus cotovelos estavam apoiados nos joelhos e a cabeça, apoiada nos punhos. Alguma coisa tinha saído de Howard. Talvez Howard tivesse saído de Howard.

Mick estava parado junto a ele. Danny não conseguia estabelecer contato visual com ele.

A Fase Quatro foi quando Danny se deu conta de que o poder estava com ele. Howard estava liquidado, Mick estava fora de combate, o que deixava Danny na posição pela qual vinha aguardando havia dezesseis anos, desejando, planejando, admirando, agarrando, e até mesmo (quando estava de fato desesperado) rezando. De início, o vigor de receber tal recompensa após tanto tempo tomou conta de Danny: a pura emoção. Isso durou talvez uns trinta segundos, depois a emoção serenou e Danny se deu conta de uma coisa para a qual não sabia de jeito nenhum que nome dar. Não era que ele não *quisesse* o poder de Howard — era, antes, que todo aquele papo de poder parecia falso, fora de propósito, ou talvez só velho, como se fosse uma coisa que não podia ajudar Danny a enxergar o mundo que ele tinha diante dos olhos.

Um relógio invisível começara seu tique-taque. Danny não sabia nada do relógio, mas sabia que algum instante crucial tinha passado quando, de repente, as pessoas começaram a se dispersar, como se alguém tivesse cortado a corda que as mantinha presas num só lugar. Elas flutuaram para longe, algumas de volta para o castelo, algumas para dentro do bosque, algumas para cima daquele muro quebrado que Danny e Howard tinham escalado, e um casal (inacreditavelmente) voltou pela escada para dentro do túnel. E enquanto todos tomavam seu caminho, sozinhos, em duplas ou em pequenos grupos, a luz branca da manhã se derramava do céu e dava início ao seu trabalho de varrer e apagar o que havia acontecido no subsolo, de modo que, para Danny, já parecia incrível que algum daqueles alunos de pós-graduação tivesse entrado em pânico ou gritado seu nome, ou que Howard tivesse soluçado de tanto chorar: uma brincadeira, uma fantasia exagerada demais para ser verdade.

Isso foi a Fase Cinco.

Danny se sentou ao lado de Howard. Não tinha sequer olhado para a cara do primo desde o instante em que saíram dos túneis. Mick, ele podia ver, sim, e o cara parecia destruído. A euforia, o alívio que Ann, Nora e os alunos de pós-graduação sentiram — e Danny também —, nada daquilo havia afetado Mick.

O relógio continuava tiquetaqueando, mas Danny não conseguia ouvir.

Por fim, Howard levantou a cabeça. Seu rosto estava cinza, velho. A voz estava apagada: Você agiu bem, Danny. Lá embaixo.

Respostas engraçadas, respostas tolas, respostas que são um jeito de não responder — todas elas passaram pela cabeça de Danny: *Ei, eu precisava me exercitar*, ou *Cair de uma janela é um ato difícil de superar, mas eu fiz o que pude*, ou *Deve ter sido o efeito daquelas injeções que o médico me deu*, ou *Graças a Deus por aquela trilha de migalhas de pão*, ou *Você não quer contar essa história pro meu pai?*

Mas o que Danny acabou dizendo foi: Eu deixei você lá para morrer.

Howard ergueu o olhar, franzindo os olhos na direção de Danny, sob o sol. Só que eu não morri. Eu saí.

Danny: Eles encontraram você.

Antes disso. Eu escapei com a minha mente. Saí de lá porque de outro modo eu não iria sobreviver.

Como?

Não sei. Eu saí. Entrei numa espécie de jogo. Cômodos dentro da minha cabeça. Todo mundo pode fazer isso, sabe? Só que estamos sem prática.

Era estranhamente fácil travar aquela conversa, como se os dois já tivessem falado sobre aquilo tudo antes. Como se fosse uma coisa sobre a qual os dois já estivessem de acordo.

Danny: Que diabo eu estou fazendo aqui, Howard?

Não sei, meu caro. Diga-me você.

Danny virou o rosto para o sol. Era um sol fraco, da manhã, mas já bem radiante. Danny disse: Eu não sei. Pensei que sabia, mas havia outra camada.

Howard: Idem. Eu queria... não sei o quê. Impressionar você, talvez.

Bem, você conseguiu.

Howard: Sentia uma conexão. Não consigo explicar.

Danny: Não era vingança?

Howard olhou para ele, surpreso. Como assim?

Fiquei meio pirado nos últimos dois dias. Talvez o *jet lag*. Comecei a pensar que você queria me ferrar, por rancor.

Howard: Ora, vamos lá, já é tarde para isso. O que passou, passou, não é? Seja como for, agora *eu* tenho uma dívida com *você*.

Ah, por favor. Não diga isso.

Os pássaros de repente ficaram barulhentos, num tremendo falatório em cima das árvores. Sol, pássaros, céu — era como uma banda começando a tocar.

Howard: Sabe, Danny, aquilo que eu disse antes. Estava falando sério.

O quê?

A sua ajuda. Como você resolve as coisas. Para ser franco, eu não estava esperando grande coisa.

Minha reputação chegou antes de mim.

Pois é, um pouco.

Danny riu. Você teve sorte, eu acho.

Howard: Mas tenho a sensação de que... nós dois podíamos trabalhar juntos em alguma coisa.

Danny: Eu adoraria.

Aquilo veio automaticamente. Trabalhar com Howard? Quanto mais a ideia se consolidava dentro da cabeça de Danny, mais forte era a sensação de que era algo que ele vinha esperando fazer havia muito tempo. Vinha querendo fazer. Você quer dizer... trabalhar *para* você?

Não, não. Sócios. Fazer a coisa de verdade. Howard estava sentado com as costas eretas. Ele estava com uma aparência melhor agora, mais parecido com ele mesmo. Havia vida em seu rosto. Faz anos que tenho a ideia de abrir um restaurante.

Danny: Você é um cozinheiro incrível.

Howard: Eu digo restaurante, mas se trata de um conjunto de coisas... tenho uma teoria sobre comida. Sobre dieta, na verdade. Essa é uma conversa mais longa.

Danny: Há anos eu trabalho em restaurantes.

Howard: Está de sacanagem.

Não, é o que eu faço! Estou no ramo há... Meu Deus, parece uma eternidade.

Não sei patavina sobre administração de restaurantes.

Bem, eles quase nunca dão dinheiro.

Howard sorriu meio de lado. Vamos lá, Danny, a questão não é dinheiro. A esta altura você já me conhece o bastante para saber disso.

Danny: Pois é, acho que sim.

Isso foi a Fase Seis.

Alguma coisa fez Danny erguer os olhos para Mick. Tinha se esquecido dele completamente, enquanto conversava com Howard, como se estivessem só os dois ali perto da piscina. E Howard fazia o mesmo. Só que Mick não tinha ido a lugar algum — na verdade, não tinha se mexido. Parecia congelado, a alguns centímetros de Howard, escutando. Quando Danny ergueu os olhos, o olhar dos dois se encontrou (Fase Sete) e ele ficou chocado com a frieza absoluta no rosto de Mick — um vazio, feito uma máquina. E naquele exato instante, o *alto* encheu a mente de Danny como se ele estivesse de pé no topo do torreão, observando lá de cima todos

os detalhes da paisagem: Howard era tudo o que Mick tinha. Mick era o braço direito de Howard. E um braço direito é capaz de fazer qualquer coisa.

Mick deu um passo na direção de Danny. Só um passo, mas Danny sentiu um tranco de adrenalina. E todo aquele medo, o verme devorador, o sentimento aprisionado, perseguido, que ele havia tido — o sentimento pulou em cima de Danny, como se nunca tivesse passado. Danny estava de pé um segundo depois, a faca na mão. A lâmina longa e curva brilhava sob o sol.

Mick: Largue a faca, Danny.

Howard: Mas o que...

Howard ficou de pé, meio cambaleante, perplexo e confuso como se tivesse acabado de acordar, ou como se ainda estivesse dormindo. Eles estavam de pé no lugar onde as formas que se moviam haviam estado antes, razão pela qual, talvez, tudo parecesse tão familiar para Danny. Como se aquilo já tivesse acontecido. Ou talvez aquilo fosse o *alto*. Porque Danny via tudo, agora, e via seu lugar naquilo.

Mick: Cuidado, Howard!

A arma surgiu de algum ponto do tornozelo de Mick. Ele era incrivelmente rápido.

Danny tentou uma investida com sua faca, mas ele agiu tarde demais. Mal tinha conseguido se mover quando eu atirei na sua testa. Ele estava olhando para mim quando a bala entrou rasgando, e eu vi a luz se apagar.

Por quê? Essa é uma pergunta sensata. Você dá um tiro na cabeça de alguém, você tem que ter um motivo. E o que eu gostaria de fazer neste exato instante é preparar uma lista, empilhar as provas uma a uma (coisas como: *Na verdade eu pensei por um segundo que ele ia atacar Howard com a faca e Eu sabia que mais cedo ou mais tarde ele ia acabar contando para Howard sobre o caso entre mim e Ann e Depois de ter sacaneado Howard como fez quando os dois eram crianças, eu achei que ele não devia se safar assim tão facilmente*), para que no final da lista você dissesse: Bem, é claro que ele atirou naquele babaca, e foi bem-feito — olhe só quantos motivos ele tinha! Mas eu não tenho uma lista. Eu gostava de Danny. Ele fazia com que eu me lembrasse de mim mesmo.

Mas eu estava sendo eliminado. Com Danny lá, tudo iria acabar, aquele pouquinho de nada que eu tinha: Howard, Benjy e Ann. Como se, durante todos aqueles anos, eu tivesse ficado apenas guardando o lugar de Danny.

E é claro que depois que atirei nele aquilo acabou de qualquer jeito.

Danny tombou para trás (Fase Oito), braços estendidos, como se estivesse tentando apanhar alguma coisa enorme que estava caindo do céu. Ele caiu dentro da piscina negra, que se fechou em volta dele. Howard mergulhou também, tateando à procura de Danny dentro da água espessa. Mas coisas mortas são mais pesadas do que qualquer coisa viva, e Danny afundou. Por um tempo, os dois desceram juntos, Howard segurando Danny com os dois braços, tentando içá-lo de volta, mas no final Howard teve de escolher entre deixá-lo ir, ou ir com ele.

Os olhos de Danny ainda estavam abertos. No começo, ele não conseguiu enxergar nada. Estava escuro, denso, e ele estava caindo, afundando, mas então sentiu uma coisa debaixo dos pés e se deu conta de que havia degraus de uma escada que começava na borda interna da piscina e conduzia para baixo. Ele encontrou apoio para os pés e começou a andar, e talvez a água tenha ficado mais clara, ou quem sabe seus olhos se adaptaram à medida que ia descendo mais fundo, porque ele começou a enxergar coisas de que se lembrava: a mangueira azul com que ajudava o pai a regar as plantas que ladeavam a entrada da garagem em sua casa, o cantinho perto da janela da sala onde ele lia suas histórias em quadrinhos, seus desenhos colados com fita adesiva na parede da cozinha, o lavatório com o sabonete cor-de-rosa numa saboneteira em forma de concha, a cortina do chuveiro com o desenho de uma abelha, o técnico de futebol que assoava o nariz sem lenço de papel, a salada de camarão com maçã que a tia Corkie costumava fazer, o apartamento sublocado da Elizabeth Street repleto de tapetes persas e de pelos de gatos persas, uma garota de patins que ele tinha perseguido pelo Lower East Side, ver um cara pôr manteiga de mentira num balde cheio de pipoca de cinema, Nova York macia, toda coberta de neve, um pombo que fez um ninho no seu aparelho de ar-condicionado, cortar o cabelo, assobiar para

chamar um táxi, observar o pôr do sol entre dois edifícios — e assim por diante, sem parar, um túnel de memórias, coisas, informações, e Danny estava ligado a tudo aquilo, estava planando através daquilo, tocando naquilo. Tudo aquilo continuava a existir. *Nada desaparece*. E Danny viu a si mesmo também, de um jeito que só podemos ver quando estamos mortos, ou quando estamos tão doidões que conseguimos deixar nosso corpo para trás: um homem adulto, afundando numa água preta.

A escada continuava mais e mais. A água pressionava e entrava nos ouvidos de Danny, nos olhos, nos pulmões. Mas, por fim, perto do núcleo pastoso da terra, a escada cessava. Quando Danny olhou para cima, o topo da piscina estava do tamanho de uma moeda, uma moeda de céu azul. E então Danny viu uma porta (Fase Nove) e a abriu. Agora ele estava num corredor branco. A água tinha sumido. As paredes eram lisas, sem janelas nem portas nem decorações. Tudo o que Danny via era uma extremidade cinza-azulada que parecia outra porta, e ele caminhou pelo corredor rumo àquilo. Foi uma caminhada longa, mas, quando afinal chegou perto da porta, se deu conta de que não era uma porta, era uma janela. Danny não conseguia enxergar através dela — o vidro estava embaçado ou cheio de poeira, ou talvez só deformado. Mas quando chegou junto à janela e pôs a mão sobre ela, o vidro de repente ficou claro (Fase Dez). Eu o vi lá parado. E ele me viu.

De onde você veio?, perguntei.

Danny sorriu. Ele disse: Você não achou realmente que eu fosse deixar você em paz, não é?

Ele disse: Você ainda não aprendeu que aquilo que a pessoa mais deseja esquecer é precisamente aquilo que nunca a abandona?

Ele disse: Que comecem as assombrações. E então ele riu.

Ele disse: Somos gêmeos. Não há como nos separar.

Ele disse: Espero que você goste de escrever.

E então começou a falar, sussurrando em meu ouvido.

Embaixo de mim, Davis estava deitado em seu leito do beliche, com o rádio de cor laranja apertado de encontro à cabeça. Seus olhos estavam fechados. Ele girava os botões, escutando com atenção.

PARTE TRÊS

CAPÍTULO DEZESSEIS

O manuscrito de Ray chega para mim num envelope grande de papel pardo com um carimbo de uma agência de correios local, mas sem endereço de remetente. Dentro do envelope, encontro a história do castelo, da qual já li uma parte, e depois mais ou menos quarenta páginas manuscritas com um diário que nunca vi antes. Ler isso me toma a noite inteira. Ouço o barulho do trânsito ao fundo. Aqui, a gente ouve esse barulho em qualquer lugar, mais alto à noite porque é nesse horário que os caminhões grandes transportam sua carga. É um barulho ecoante, que nem o mar, ou como eu acho que o mar soaria, se houvesse mar aqui por perto, e eu bem que gostaria que houvesse.

Se eu fosse do tipo que chora, ia chorar lendo tudo isso, mas não sou. Houve um tempo em que eu não fazia outra coisa senão chorar, mas de lá para cá não choro quase nada. Estou seca.

Quando termino de ler, o céu está ficando claro. A casa está em silêncio. As garotas ainda estão dormindo e só Deus sabe onde anda Seth.

Aí eu tenho uma ideia. Vou até a cozinha e pego um grande saco de lixo verde e uma colher de metal. Saio da casa sorrateiramente e, sem fazer barulho, bato de leve o maço de papel sobre os nossos dois degraus de concreto para alinhar as folhas. Enfio o maço de papel dentro do saco de lixo, torço a boca do saco, enrolo em volta das folhas, e torço e amarro de novo e de novo, até que não há mais saco para torcer. Depois conto os passos ao me afastar da casa, como o Ray faria: trinta e cinco para a esquerda. Começo a cavar com a colher. Por cima, a terra está bastante compactada, mas por baixo está mais solta, esfarelada. Trabalho depressa, porque sei que a qualquer minuto as garotas vão acordar. Cavo um

buraco, ponho o saco lá dentro e depois cubro com terra. Nem toda a terra cabe de volta no buraco. Bato a terra com a sola dos pés. Pelo aspecto das minhas mãos, parece que estive cavando sepulturas. E aí está pronto, e o sol está subindo por trás do morro e, ah, me sinto tão aliviada em saber que isso está a salvo, que tudo está a salvo, a história inteira e eu dentro da história, aquela professora que largou o marido, aquela bela princesa — ela está enterrada lá embaixo, como um tesouro.

Também enterrei a prova. Sei que é ilegal a gente esconder uma coisa enviada por um detento que fugiu da prisão.

Eu deixo os cães saírem do seu cercado. Ficam pisoteando bem em cima das páginas enterradas. Jogo a bola vermelha longe e isso os faz cães correrem ainda mais rápido.

Volto para a casa e me sento na escada de entrada para fumar um cigarro e curtir o nascer do sol. Percebo alguma coisa se mexendo na estrada. Meus olhos veem o objeto antes do meu cérebro, e então me dou conta de que é Seth e fico com um nó no estômago, porque: onde está o caminhão? O que ele fez com o caminhão?

Seth chega à porta e posso ver que ainda está com sintomas de abstinência, mas que está passando. Faz dois dias que não aparece em casa, que é o que acontece em geral depois que ele termina um trabalho. Para um operário da construção civil, ele é muito magro e, sem a dentadura, não tem um dente sequer na boca. E isso porque um dia ele foi um astro do rock, e não só um astro local, mas famoso em outros estados também. No palco, ele tirava a camisa e as garotas jogavam cerveja em cima dele só para ver o líquido escorrer pelo seu peito.

Ele olha para mim com olhos vazios.

— Cadê o caminhão? — pergunto.

— Furou um pneu na Oitenta e Cinco. — Ele parece à beira de desabar, o que parece muito com alguém que está à beira de morrer.

— Elas estão dormindo, vá lá para dentro — digo, e ele entende, porque a única coisa que temos, eu e Seth, a única coisa, é que nós dois amamos essas garotas. Não é a mesma coisa que amar um ao outro, mas já é melhor do que nada.

* * *

Naquela mesma tarde, dois policiais vão me visitar na faculdade. Um deles é Pete Konig. Eu o conheço desde a quarta série, mas ele engordou desde que dei um beijo na boca dele, no baile de formatura do ensino médio, e ele está suando por dentro de seu uniforme pesado. O outro cara, o sargento Rufus, parece que está precisando de um antiácido. Todo mundo no escritório me encara quando eu saio para falar com eles.

— Pete — digo. — Vou almoçar daqui a vinte minutos, vocês não podem esperar?

— Se podemos esperar? — pergunta o outro cara como se eu tivesse pedido para ele lavar minhas roupas.

Mas Pete diz que tudo bem, eles vão esperar na cafeteria.

Eu os encontro lá fora, na minha mesa de piquenique predileta. É um bonito dia de primavera, tudo de uma cor verde densa e clara. Dá para ouvir as pancadas do trânsito ao fundo. Alguém com um bom braço para ser arremessador de beisebol poderia lançar a bola lá na rodovia interestadual.

— Não quer almoçar? — pergunta-me Pete.

— Não gosto de ser a única a comer.

Sento e acendo um cigarro. Pete diz:

— Fiquei sabendo que você conhecia um dos detentos que fugiu. Raymond Michael Dobbs.

— Ele frequentava a minha oficina de textos.

— Foi o que me disseram. Ele foi apunhalado por outro que também frequentava sua aula.

— Sim. Thomas Harrington. Acho que foi transferido para o presídio de segurança máxima.

Há um silêncio, mas, com todo aquele trânsito, a gente sempre tem um barulho para ouvir.

— Você teve notícias dele, Holly? — pergunta Pete. — Do Dobbs.

— Não — respondo. — Nada. — E bem na hora em que digo isso, me dou conta de que estou violando a lei, e sinto o suor abrindo os meus poros.

— Alguma possibilidade de ele saber onde você mora?

— Espero que não.

Pete me viu no meu auge: a garota que ganhou o concurso de redação do colégio e que escreveu uma peça de teatro que a turma inteira representou na oitava série. E me viu também no meu pior momento: minha cara toda ferida, eu esperando no hospital, enquanto meu filho bebê, Corey, lutava para continuar vivo. Há tanta compaixão nos olhos dele que tenho de desviar o olhar.

Agora o outro cara toma a frente, o sargento Rufus.

— A gente soube que você teve um relacionamento pessoal com o detento Dobbs — diz ele.

— O que você quer dizer com isso?

— Você foi visitá-lo no hospital.

— É verdade — respondo. — Disseram que ele ia morrer.

— E qual foi a natureza dessa visita?

— Na maior parte do tempo, fiquei sentada e mais nada. Ele estava praticamente inconsciente.

— Ou talvez ele estivesse fingindo muito bem.

— Não vejo como alguém poderia fingir uma infecção intestinal devastadora — digo, e recebo um olhar de advertência de Pete.

— Você foi visitar Dobbs de novo — diz Rufus —, depois que ele voltou para a prisão.

— Sim.

— Foi lá como uma visitante qualquer.

— Sim, eu fui.

— E qual foi o motivo dessa visita?

— Eu queria ver se ele estava melhor mesmo.

— Como assim?

— Eu só... não conseguia acreditar. Eu não conseguia acreditar que ele tinha se recuperado.

Essa resposta não deixa ninguém satisfeito. Pete ajeita melhor o peso do corpo sobre o banco de piquenique.

— Nessa segunda visita, o que se passou entre você e o detento? — pergunta Rufus.

— Conversamos, só isso.

— Conversaram sobre o *quê*?

— Não consigo lembrar. Não fiquei lá muito tempo.

— Você ficou lá durante uma hora e quinze minutos, senhora.

— É feio, eu sei. Parece bem feio. Não sei o que mais posso dizer.

— Ele por acaso mencionou algum plano de fuga ou pediu sua ajuda?

— Não, de forma alguma — respondo, e acho que o volume de minha voz pega os dois de surpresa. — Nada. Nada desse tipo. Eu teria comunicado imediatamente.

Isso faz Rufus se calar — estou falando a língua dele agora. Mas para Pete isso pode ter produzido o efeito inverso.

— A fuga foi uma total surpresa para você, Holly? — pergunta Pete, inclinando a cabeça a fim de me observar.

— Total.

— Não teve nenhuma notícia desse cara? Nem um sussurro?

Aqueles olhos doces em cima de mim. Pete tem quatro filhos, a menina mais velha tem só um ano a mais do que Megan. Olho bem para ele.

— Nada.

— Está bem, Holly — diz ele. — Porque... bem, você sabe disso. É crime federal ajudar um fugitivo.

— Sim, eu sei.

— E também... não valeria a pena.

— De jeito nenhum.

— Não depois de tudo o que você já passou. Não quando você está de volta aos trilhos e está indo tão bem.

* * *

Foram Ray e seu colega de cela, Davis, que fugiram. Ray desviou a água de uma tubulação central e ele e Davis cavaram a terra até chegar ao cano, abriram o cano com um maçarico, entraram nele, rastejaram por baixo das duas cercas externas, abriram mais um buraco e cavaram o caminho até sair.

Dito assim, pode parecer fácil, mas era quase impossível. Implicou cavar o primeiro buraco debaixo de uma torre que tinha no alto um atirador de elite e, o que é mais inacreditável ainda, implicou ninguém notar a falta dos dois até fazerem a contagem das quatro

da tarde. O pessoal todo ficou muito chocado com isso. *Não notaram a falta deles até a hora da contagem?* Como é possível? A resposta estava bem ali no jornal: falsas ordens de serviço, permissões e licenças, tudo feito pelo Davis, que, além de assassino, era um falsário. Havia anos que ele era pacífico e meio doido, então tinham parado de prestar atenção nele. Lá no presídio, cabeças começaram a rolar.

A última fuga ocorrera dezessete anos antes, quando eu estava no último ano do ensino médio. As pessoas ainda comentam aquela fuga: três caras usaram pernas de pau feitas à mão para passar por cima das duas cercas, depois se esconderam na casa de uma família que estava fora da cidade. Suturaram seus ferimentos usando agulhas de costura e linha azul. Sempre me lembrava disso, de como a linha era azul. Na hora em que foram pegos, já tinham feito dois reféns, matado um cavalo e incendiado um estábulo inteiro.

Na noite em que eu soube do caso do Ray, me mudei para o quarto de minhas filhas: arrastei o colchonete para lá e o estendi entre as camas das duas. Megan estava fora de casa, numa partida de futebol, mas Gabrielle, a minha caçula, foi minha cúmplice. Festa do pijama com a mamãe! Estávamos fazendo pipoca quando Megan chegou em casa. Ao saber do nosso plano, descalçou as chuteiras com um gesto brusco e as arremessou pela porta da frente e então elas sumiram na escuridão. Megan é arrumadinha demais para sujar de lama o piso da casa, mesmo num acesso de raiva. E berrou: “Não tenho nenhuma privacidade nesta casa! Nunca. Nunca. Nunca. Nunca. Nunca.” Ela tem treze anos.

— Eu entendo — falei para ela, uma das coisas que o Dr. Riordan, o psicólogo com o qual tenho me comunicado pela internet, me orientou a dizer.

— Você não entende nada — berrou Megan —, senão não teria estendido esse colchonete bem do lado da minha cama!

— Megan, dois presidiários fugiram...

— Ah, então tá. Quer dizer que *você* vai nos proteger?

Ficou parada na minha frente com a mão no quadril magrelo e era meu rosto olhando para mim, meu rosto jovem, bonito e de olhos verdes. O veneno e o ódio que vi ali eram assustadores, mas

não reagi. Dr. Riordan diz que preciso deixar que Megan exprima sua raiva e mostrar que eu aguento.

Quando ouvi Gabby soluçando, estourei.

— Está vendo só? Você assustou sua irmã, sua vagabundinha — falei para Megan, e depois me senti mal ao me ouvir falar aquilo.

Inclinei-me sobre Gabby e encostei meu rosto em seu cabelo comprido e grosso, que é muito preto e tem cheiro de maçã. Ainda há em Gabby uma doçura que Megan já perdeu há anos. Todo dia tenho a sensação de que estou me agarrando a essa doçura, tentando protegê-la.

— Eu achei que ia ser divertido — soluçou ela.

— Vai ser divertido — falei.

Megan entrou correndo no quarto delas. Através das paredes eu ouvi Megan se enfiando no seu canto privado, formado por um biombo dobrável que ela comprou e colocou na frente de uma janela. Por fora, o biombo é branco, sem nada, mas por dentro contém uma colagem que representa a vida dela inteira: fotos dos amigos, invólucros de canudo entrelaçados para formar uma trança, uma pena roxa, um gnomo com o cabelo verde, uma máscara brilhante, algumas margaridas secas. Gabby recebe ordens rigorosas de nunca entrar no canto de Megan, mas a pessoa que Megan quer manter longe dali, de fato, sou eu; ela está blindando sua vida contra mim porque acha que se eu tocar em sua vida ela vai murchar e morrer, como aconteceu com a minha.

Megan continuava em seu canto, os cotovelos no parapeito da janela, quando Gabby e eu fomos para a cama. Gabby dorme com o Sarampo, o urso que Seth lhe deu quando ela teve sarampo, há muito tempo. A gente se esqueceu de levar Gabby para tomar vacina.

Fiquei muito tempo acordada na cama. Afinal, Seth chegou em casa. Ele estava trabalhando em jornada dupla, o que significava que por enquanto ele andava limpo. Ouvi o barulho de uma cerveja sendo aberta, a TV foi ligada. Megan se esgueirou para fora do quarto escuro e foi até ele. Ouvi os dois conversando e a raiva surgiu dentro de mim. Por que ele? O que ele já fez por ela? E então pensei no Dr. Riordan, cujos e-mails eu já li tantas vezes que cheguei a memorizá-los: “Megan tem muitas razões para sentir

raiva. Pode parecer injusto que ela se sinta mais próxima do pai, mas a traição que ela sentiu em resultado do fato de você usar drogas foi provavelmente muito maior.” E isso era verdade. Ali deitada, eu disse para mim mesma: o que eu sinto é insignificante. Meu trabalho, meu único trabalho, é manter essas meninas em segurança e com saúde para que a vida delas possa significar alguma coisa. Pensar desse jeito me ajudava. Eu me imaginava me dissolvendo até virar nada, ou se não era nada, ao menos uma espécie de seiva líquida que iria encher minhas meninas e dar a elas uma chance, um foco, e também a autoconfiança para aproveitar essa chance, diferentemente do que aconteceu comigo. Se eu conseguir fazer isso, se fizer isso de fato, eu dizia para mim mesma, posso morrer sem remorsos. Tenho trinta e três anos.

* * *

Nosso bebê, Corey, era vermelho e muito pequeno, mais ou menos do tamanho de uma mão. Parecia ter sido escaldado. Dava para ver que não devia ter vindo ao mundo. Não podemos colocá-lo de volta? Fiz essa pergunta várias vezes. Não há nenhum jeito de colocá-lo de volta? Ninguém nem me respondeu.

Ele tinha um rostinho espremido, encolhido, feito uma múmia retirada da terra depois de séculos. A dor de milhares de anos estava naquele rosto.

Eu ficava ali sentada, olhando para ele através do vidro. Ele se mexia como uma mão fervendo, se abrindo e fechando fracamente. “Temos de virá-lo”, as enfermeiras me diziam, e eu me afastava.

Eu só cheirava uma carreira quando não conseguia me mexer nem cuidar das outras duas sem isso. Eu pensava: Só umazinha, só o suficiente para levá-las para a escola, e cheirava a carreira e sentia o bebê se contrair dentro de mim.

Depois que Corey morreu, fiquei num hospital psiquiátrico durante meses. Eu só quero morrer, eu dizia, e eles me respondiam: Você tem duas filhas que precisam de você. E você está limpa, já se livrou do seu vício e você tem a vida inteira pela frente.

Eu disse para minha mãe: “Os médicos dizem que eu tenho de perdoar a mim mesma, senão eu não vou conseguir tocar adiante a minha vida. Então é isso que estou tentando fazer.” E minha mãe respondeu: “Perdoar a si mesma é uma coisa. Conseguir fazer com que Deus perdoe você é outra coisa muito diferente.”

* * *

O bico de professora na prisão chegou a mim pela faculdade. Era uma ótima oportunidade, porque eu tinha acabado de começar meu mestrado e ainda não estava qualificada para lecionar, mas eles falsificaram um documento qualquer para me dar a chance, porque precisavam de alguém. O dinheiro era ótimo — tinha um adicional por periculosidade, era assim que chamavam. E pensei: Se eu conseguir ensinar alguém a escrever, talvez isso signifique que eu mesma sou capaz de fazê-lo.

Quando recebi minha lista de alunos, mostrei para meu primo Calgary, que era guarda da prisão havia anos. Começou a me falar sobre os detentos. Melvin Williams: “Um cara grandalhão e burro”, disse ele. “Descobriu a religião e todo esse papo furado.” Thomas Harrington: “Esperto. Trabalha com répteis. Viciado em metanfetamina, que nem você.” Hamas Samid: “Fique de olho nesse cara. É muçulmano.” Samuel Lawd: “Virou gay na prisão. Os pretos grandalhões se revezam com ele.” Allan Barba: “Ah, sim, o professor. Pegaram o sujeito com um hangar de avião cheio de maconha.” Mas então eu o interrompi. Não queria saber sobre seus crimes. Aquilo ia me deixar com preconceitos em relação a eles.

Quando chegou a vez de Raymond Michal Dobbs, Cal disse:

— Ele não é nada. Lixo.

— Como assim, lixo?

— Ele é só... lixo. É só isso que ele é.

Aquilo me deixou irritada, não sei por quê.

— Lixo é aquilo que fica dentro de uma lixeira — falei.

— Pois é lá mesmo que você vai dar aula, querida. Dentro de uma grande lixeira.

E talvez Cal estivesse pensando isso, ou talvez fosse só eu:
Então eu vou me sentir em casa.

* * *

Fui dar minha aula na primeira noite e lá estavam eles: o lixo. Pareciam enormes em suas carteiras escolares. Na maioria, pareciam nervosos, curiosos, mas não Ray Dobbs. Ele era magro, com cabelo escuro e grosso. Bonito. Mas os olhos azuis estavam mortos.

Passei um trabalho para ele: escrever um conto de três páginas. Na semana seguinte ele voltou e leu a merda mais perversa do mundo sobre trepar com a professora. Todos eles uivavam e eu fiquei apavorada de verdade, sabendo que, se eu perdesse o controle da turma, não haveria como recuperá-lo. E aquilo provocou em mim uma descarga de adrenalina que me lembrou muito de leve da sensação de estar doidona.

E então comecei a falar. E enquanto Ray Dobbs me escutava, vi que alguma coisa se abria por trás de seus olhos, feito o obturador de uma câmera na hora em que se tira uma foto. Aquilo fez o meu corpo todo se arrepiar, porque *eu* era a causa daquilo; eu tinha feito aquilo acontecer só falando e mais nada. Deu uma sensação de intimidade, como alguma coisa física entre nós dois.

Depois disso, eu sentia Ray me observando. Aquilo me deixava alerta, como se alguém tivesse esfregado menta pelo meu corpo inteiro. Eu entrava naquela prisão fedorenta e desgraçada e, durante três horas, uma mulher linda e sensata emergia da ruína que era minha vida, e as palavras, os pensamentos e os menores movimentos daquela mulher eram preciosos.

Eu tentava não olhar para ele, tinha medo de que ele visse que eu não era nem professora nem escritora; eu não tinha as credenciais necessárias para estar ali. E eu não queria que ele soubesse. Estragaria tudo.

Comprei roupas novas. As pessoas notaram no trabalho. Antes de eu começar a trabalhar na prisão, Calgary me explicou com toda a clareza: “Só um conselho. Não entre lá toda embonecada. Não é

tanto por causa dos detentos, eles não ousariam fazer nada. Mas é que se você chegar lá toda arrumada o pessoal que trabalha no presídio vai odiar você.” Então nunca usei nenhuma das roupas que comprei para dar aula. Mas eu estava fazendo isso por ele.

Certo dia, inventei um motivo para me encontrar com Calgary no final do seu turno e levá-lo para a Home Depot, uma loja de materiais de construção e decoração, para me ajudar a comprar umas estantes. Foi uma loucura — cheguei a tirar meio dia de folga no trabalho só para fazer aquilo, ciente de que a chance de ver Ray era mínima e que, ainda que de algum jeito eu conseguisse vê-lo de relance, não íamos poder conversar.

E quando o dia chegou, lá estava Ray, bem na entrada. Meses de planejamento não conseguiriam alcançar um resultado melhor. E, embora eu não tenha olhado diretamente para ele nem uma vez, e apenas tenha caminhado sob o sol para dentro do presídio a fim de me encontrar com Calgary, aquele encontro foi o equivalente, no mundo real, a ir ao cinema, ficar de mãos dadas durante o jantar, ir para casa, fazer amor, acordar e fazer tudo isso de novo. Eu já tinha esquecido como era sentir esse tipo de amor. Foi então que me dei conta de como aquela história com Ray tinha ido longe, e de que não havia mais como voltar.

* * *

Gabby e eu estamos jantando, e ela está me falando da porquinha-da-índia grávida da aula de ciências, quando olho para a janela e vejo o carro da polícia vir pela estrada. Gabby escuta o barulho do carro, pula da cadeira e corre para a porta telada, e então, na mesma hora, sua alegria desaparece.

— Mamãe — diz.

Pete alcança a porta primeiro.

— Não quisemos incomodar você no trabalho de novo — diz ele.

Está agindo de maneira formal, de um jeito que me diz que algo de que eu não vou gostar está prestes a acontecer. Gabby fica tão perto de mim que chego a ouvir a respiração dela. Felizmente, Megan está no treino de futebol.

Eles entram, rangendo nos seus uniformes ou botas, ou sei lá o que sempre range nos guardas.

— O sargento Rufus tem umas informações que gostaríamos de checar com você — anuncia Pete.

— Está bem.

A cafeteira chia e espirra atrás de mim. Sinto a bochecha de Gabby no meu braço e meu coração acelera, mas do que tenho medo? Nem eu sei.

Rufus começa, parado bem no meio da sala.

— O registro das visitas indica que você fez uma visita à prisão num dia em que não estava lecionando, num dia em que nem são permitidas visitas.

— Não foi uma visita. Fui buscar meu primo Calgary de carro. Ele trabalha como guarda lá.

— Ele tem um veículo próprio, não tem? — diz Rufus.

— Tem, e daí?

— Então por que ir buscá-lo de carro?

— Porque foi isso que nós combinamos, ok? Isso por acaso é contra a lei?

A pele cor-de-rosa de Pete está se contraindo em redor dos olhos. Gabby aperta meu braço.

— Você viu o detento Dobbs em algum momento durante sua visita?

Eu hesito. E, logo que faço isso, me dou conta de que tenho de responder que sim.

— Ele estava trabalhando do lado de fora com outros detentos quando eu entrei.

Acho que Rufus fica decepcionado por eu ter respondido com honestidade, e isso me acalma. Não perca o controle. Eles não sabem de nada — nem há nada para saber! Toda hora tenho vontade de olhar para a janela, na direção do lugar em que o manuscrito de Ray está enterrado, mas me seguro. Não é isso que eles estão procurando, mas, se acharem, vão levar.

— Você cumprimentou o detento? — pergunta Rufus.

— Não.

— Em algum outro momento, depois disso, você confirmou que tinha visto o detento?

— Sim. Falei para ele que o tinha visto.

— Ele contou que tipo de trabalho estava fazendo lá?

— Não.

— Bem, pois vou lhe dizer agora mesmo: ele estava trabalhando exatamente *no cano por onde ele e Davis iriam fugir mais tarde* — diz Rufus. — Era isso que ele estava fazendo. — Ele mata o café que servi para ele e pousa a xícara.

— Eu não sabia disso.

— Entre tantos dias para você escolher ir à prisão fora do horário de trabalho — continua Rufus —, aconteceu de ir lá justamente nesse dia, quando ele estava preparando sua rota de fuga. E você ainda foi à prisão por um motivo que não me parece nada razoável.

— Eu disse a você por que fui lá. — Minha boca está seca. Olho para Pete. — Por favor, digam o que querem de mim.

— A gente gostaria de dar uma olhada na casa — diz Pete. — Com sua permissão. Não temos mandado de busca...

— Mas podemos obter um — intervém Rufus. — Temos um motivo plausível.

— Nós somos capazes de obter um mandado. E você sabe, Holly, esses tipos de busca não são muito respeitosos com os objetos pessoais.

Ah, eu sei. É assim: quebrar, espatifar, abrir o forro de travesseiros e de colchões. E depois a casa da gente nunca mais é a mesma.

— Tudo bem — respondo. — Mas, por favor, tomem cuidado com o quarto das meninas.

Rufus logo passa voando pelo corredor rumo ao nosso quarto, mas a porta está fechada. Só então me dou conta de que eles acham que Ray está na minha casa. O que faz aquilo parecer uma coisa possível, por um segundo, e só de pensar nisso fico cheia de desejo. Abraço Gabby e a aperto junto a mim.

Quando eles entram no quarto das meninas, precipito-me atrás deles.

— Aquele biombo junto à janela — digo. — Tomem cuidado com ele, está certo? — Olho para o meu relógio de pulso. Megan estará de volta em quarenta e cinco minutos.

Na sala, Gabby está de joelhos no sofá, olhando para fora da janela. Eu me sento perto dela e digo:

— Ei.

Ela não responde. Há um vazio em seu rosto que me lembra Megan.

Rufus põe a cabeça para fora da porta do quarto das meninas.

— O que é essa cama no meio das outras camas?

— É onde eu durmo — respondo. Quase acrescento: *desde a fuga da prisão*, mas me detenho antes, graças a Deus.

Eles voltam e começam a procurar no lugar onde eu e Gabby estamos sentadas. Passamos para os bancos perto da bancada onde comemos. Os pratos do nosso jantar continuam lá, o jantar parcialmente comido. Eu me pergunto se entregar o manuscrito enterrado para Rufus e Pete vai acabar com aquilo, mas concluo que não. Acho que só vai piorar a situação.

Gabby se inclina e repousa a cabeça sobre a mesinha, entre os dois pratos. Eu esfrego suas costas. Rufus vasculha a caixa de ferramentas de Seth, que ele guarda numa prateleira em cima da TV. Puxa alguma coisa de lá e diz: “Pete.” Só o tom de sua voz me faz virar a cabeça e olhar para ele. E mesmo quando vejo o que Rufus encontrou — um saco de metanfetamina —, mesmo quando sinto o pavor doentio do que está prestes a acontecer porque Seth violou nossa regra de ouro: nunca dentro de casa, guarde no corpo, mas nunca na casa, senão todos seremos responsáveis (mas de que valem regras para os drogados?), mesmo com tudo isso rolando dentro da minha cabeça, continuo esfregando as costas de Gabby, porque ela está em paz, tranquila, e, quanto mais essa paz durar dentro dela, melhor. Mesmo que tudo o que eu possa conseguir para Gabby seja só mais um minuto.

Olho para Pete, meu barômetro de como anda a situação. Parece que ele está prestes a vomitar. Rufus se aproxima de mim, segurando o saco.

— Você sabe o que é isto? — exclama ele.

Gabby se levanta com um tranco, apavorada.

— Parece um saco de metanfetamina — respondo.

— Parece? Está dizendo que isso aqui não é seu?

— É do meu marido, eu acho. Ele ainda é viciado.

— Vamos ter de levar você para a delegacia.

— Peraí, peraí — intervém Pete. — Não há nenhum motivo para levarmos *ela*.

Rufus olha para Pete com ar de incredulidade.

— A gente acabou de achar um saco de metanfetamina no local e você não quer fazer a prisão?

— Não é dela — diz Pete. — É do Seth. Eu conheço essas pessoas.

— Pois é, sei que você conhece. Você está quebrando as regras desde o primeiro minuto tentando proteger essa senhora. Mas nós somos agentes da lei, Pete. Não podemos desviar os olhos quando achamos um saco de metanfetamina só porque você é amigo da senhora que mora no local, a menos que você esteja querendo se meter em confusão. Coisa que eu não quero.

— Por favor — digo. — Por favor.

Pete está com uma cara de quem quer morrer ali mesmo. E então eu sei que vai acontecer, porque Pete tem quatro filhos e ele não pode se permitir entrar em nenhum tipo de confusão.

Gabby se agarra a mim, implorando:

— Não vá, mamãe, por favor, não vá.

Mas alguma coisa morreu dentro de mim.

— Vai ficar tudo bem, meu anjo — digo, e tiro seus braços de mim. — Tenho de telefonar para a vovó.

Pego o telefone e disco o número da minha mãe, rezando para ela estar em casa. Faz muito tempo que não preciso dar um telefonema como esse.

O telefone chama. Gabby começa a chorar. Pete olha para Rufus e diz:

— Você acha esse tipo de coisa divertida?

Rufus olha para seus sapatos. Não parece estar se divertindo nem um pouco.

Minha mãe atende.

* * *

Enquanto saímos no carro para a rua, vejo Megan vindo do lugar onde o ônibus do futebol a deixou. Está magra e estreita em seu uniforme vermelho. A luz dos faróis bate nela e Megan cobre os olhos, dá um passo para a beira da estrada e eu vejo tudo isto passar pelo seu rosto: curiosidade sobre aquele carro que está saindo de sua casa, ansiedade quando percebe que é um carro de polícia. Pete baixa o vidro da janela.

— Oi, Meggie — diz ele.

— Oi, Sr. Konig.

— Como você e Amy se saíram no jogo de hoje?

— Não estou jogando no time da Amy. Ela é do time da universidade.

— Escute, sua mãe está indo com a gente para nos ajudar com uma coisa. Só deve levar uma ou duas horas.

— E Gabby?

— Olhe, fale com sua mãe.

Ele baixa o vidro da minha janela, Megan se aproxima e coloca a cabeça para dentro. Eu escondo as algemas entre as pernas.

— Querida, não é nada — digo. — Tenho de ir lá e conversar com eles, só isso. — É estranho não poder estender a mão para ela, mas não posso deixar que veja as algemas.

— Ok. — Quando não está sendo sarcástica, Megan soa muito jovem.

— A vovó está lá. Você pode ir falar com ela?

— Ok. — Megan se vira e continua a andar.

* * *

Pete e Rufus me levam para a cadeia municipal e me entregam aos cuidados do sistema correcional. A essa altura estou oficialmente fora de suas mãos. É o início da noite e não há nenhum juiz de serviço, portanto terei de passar a noite na cadeia e ir a julgamento de manhã. Vou chegar atrasada ao trabalho, se é que vou trabalhar.

Já estive nessa prisão antes, mas sempre drogada, então tenho a sensação de que é a primeira vez. Uma policial me leva para um quartinho e deixa a porta aberta. Ela pede para eu me despir e pôr

as roupas sobre um banco. Nua, tenho de me curvar e separar as nádegas. Nesse momento eu meio que abandono meu corpo, como fiz na cozinha com Gabby; eu penso: isso não sou eu. Essa bunda não é minha e todas essas partes expostas na frente dessa mulher não me pertencem. Ouço um som novo e quando baixo a cabeça e olho por entre as pernas vejo dois homens, dois guardas, parados atrás da mulher, apreciando a vista. Isso não sou eu, eu penso. Estamos só olhando uns para os outros através de uma janela.

— Agora fique de cócoras e pule — ordena a senhora.

— O quê?

— Você me ouviu. Pedi para ficar de cócoras e pular.

— Por quê?

— Está se recusando?

— Estou perguntando por quê.

— Não estou aqui para responder a suas perguntas.

Na hora em que começo a pular de cócoras, entendo por quê: para que qualquer contrabando que eu tenha escondido no corpo caia de dentro de mim. Meus peitos balançam e sinto o suor escorrer embaixo dos braços e cair no chão. Estou apavorada com a ideia de que alguma coisa ruim possa sair de dentro de mim, alguma coisa terrível que eu nem sei que está lá dentro. Quero parar a fim de que essa coisa não caia, mas a mulher continua dizendo para eu pular, talvez porque ela sinta minha preocupação, talvez para me castigar por ter feito uma pergunta, talvez para entreter os dois caras que estão atrás dela. Então continuo pulando.

* * *

Quando eu era criança, inventava histórias; elas borbulhavam dentro de mim, como uma coisa que era impossível interromper. Uma voz falava dentro da minha cabeça o tempo todo, sussurrava. Tínhamos um segredo, eu e a voz: eu era uma das pessoas que iria embora de lá, e faria coisas de que todo mundo um dia lá na nossa terra iria ouvir falar. Não havia muitas dessas pessoas por lá, mas havia algumas — uma patinadora no gelo, um comediante —, e, quando vinham fazer uma visita, todo mundo se aglomerava no bar

ou na festa da igreja para onde essas pessoas estavam supostamente indo. Meus professores achavam que eu era especial. E minha mãe também. Minha menina dos olhos verdes, ela me chamava.

Meu primeiro erro foi ter pressa. Eu me agarrava a tudo o que aparecesse na minha frente: casar com Seth, o astro do rock, ter um filho — eu sempre tinha sido especial e achava que essa característica sempre estaria ali, independentemente de tudo, mas essas outras coisas talvez não.

E quando finalmente vi como a situação estava ruim de verdade — Seth brigando com sua banda, sumindo durante dias enquanto eu me virava para cuidar de duas crianças —, na hora em que me dei conta do buraco em que eu havia me metido, já era tarde demais. Tinha duas filhas pequenas, um marido que usava metanfetamina e apenas um ano de faculdade comunitária. Eu ainda vivia a vinte minutos do lugar onde tinha crescido.

Fumei meu primeiro cachimbo com Seth. Eu sabia que o negócio fazia mal, mas estava cansada de fazer o papel de polícia, cansada de ficar implorando e brigando com ele, de jogar fraldas na cara dele toda vez que ele entrava em casa. Então fumei com Seth, uma tarde, quando as meninas estavam cochilando, e, ah, meu Deus, só posso pensar nisso durante um minuto senão cada parte do meu corpo se transforma numa boca que quer mais e mais: a sensualidade da coisa, trepar com Seth loucamente pela primeira vez em meses e continuar transando, mesmo quando as meninas começaram a choramingar e a esmurrar a porta. Depois olhar pela janela e ver o mundo se sacudir, ganhar vida: as árvores pesadas, o céu. E eu estava no topo outra vez. Nós íamos dar certo, eu e Seth. A voz dentro da minha cabeça estava de volta, me contando histórias, histórias de mais para que eu conseguisse escrevê-las ou sequer distingui-las umas das outras.

E depois de todos os horrores, das buscas e das prisões, depois de perder Corey e depois daqueles meses sombrios e vazios no hospital, depois de tudo isso, fiquei apenas aliviada de estar viva e limpa e de ter minhas filhas de volta, as duas que me restaram. Eu me movia com cuidado, como se o mundo fosse feito de vidro. Arranjei o emprego na faculdade, terminei meu bacharelado e

comecei o mestrado em escrita criativa. Mas mesmo com tudo isso, pelo que fui muito grata, sabendo muito bem que não o merecia, não posso dizer que eu estava propriamente feliz. Aliviada, sim. Que eu tinha tido sorte, sim, e como! Tudo isso. Mas pensava que a felicidade só vinha quando ficava doidona, e eu nunca mais ia fazer aquilo, nunca, mesmo que isso significasse que eu não ia ser feliz nem mais um dia da minha vida.

E então Ray trouxe isso de volta. O entusiasmo que sacode nosso corpo inteiro quando a gente é criança, como o desejo que sentimos quando a gente é adulto: o puro entusiasmo — pelo Natal, pelo refresco de uva em pó, por brincar numa casinha na árvore — que eu sentia durante a semana à medida que o dia da minha aula se aproximava. Voltei a ler outra vez, terminava um romance atrás do outro, em intervalos de poucos dias. No intervalo do almoço, eu sentava ao ar livre em meu banco de piquenique e ficava ouvindo o barulho do trânsito, aqueles grandes arcos de som, e por trás disso eu ouvia outra coisa, quase imperceptível, tão vaga que eu tentava não prestar muita atenção, com medo de assustá-la, mas eu sabia que a voz tinha voltado.

* * *

Na manhã seguinte, estou diante do juiz, com meu advogado indicado pela justiça. Pete está presente. Ele diz ao promotor que a metanfetamina não é minha, que a encontraram na caixa de ferramentas de Seth e que não passa de quatro gramas. O juiz rejeita a acusação, eu vou para casa e tomo banho antes de ir para o trabalho.

Naquela noite, enrolo o colchonete e o tiro do quarto das meninas. Já faz um mês que Ray fugiu e eu sei que ele foi embora. Se ainda estivesse por perto, já o teriam capturado.

Uma depressão cai sobre mim de repente, como um cobertor de baixo do qual não consigo sair. Agora é verão e mal consigo levar as meninas para o acampamento da colônia de férias. No trabalho, quando não tem ninguém por perto, deito a cabeça na escrivaninha. Ouço meu computador estalar, os gritos dos estudantes do curso de

verão, telefones tocando ao longe. Fico deitada, imóvel, e observo as cores por trás de meus olhos. Quando sons de passos se aproximam de meu cubículo, ergo a cabeça e os ombros e ponho as mãos no teclado.

Nos fins de semana, não consigo sair da cama. Meu rosto fica inchado e as meninas ficam apavoradas só de olhar para mim. Deito no colchonete no quarto que divido com Seth. Às vezes Gabby entra e deita perto de mim. Sei que estou fazendo um mal danado só de ficar deitada ali, trazendo mais infelicidade para ela. Mas não consigo me mexer.

— Quero que você melhore — diz Gabby.

Eu a abraço. O esforço me faz ofegar. Quero pedir desculpas a ela, mas sei que isso é puro egoísmo — pedir que ela me perdoe.

— Eu amo tanto você, minha menininha — digo. — Você sabe, não é?

Ela confirma com um aceno de cabeça.

— Você sabe de verdade, não é?

— Sei, sim.

Já é alguma coisa, eu acho. Megan não entra nunca e eu não a culpo por isso.

Por fim, minha mãe aparece — as meninas devem ter ligado para ela. Tenho medo do que ela vai dizer, mas ela põe a mão na minha testa e deixa a mão ali. Seus dedos frios dão uma sensação boa, e eu fecho os olhos.

— Você precisa viajar — diz minha mãe.

— Viajar?

Ela tira a mão da minha testa a fim de ajeitar um dos prendedores de cabelo feitos de marfim que sempre usa no seu cabelo grisalho e rebelde.

— Para repor suas energias por alguns dias — diz ela. — Não me incomode nem um pouco de ficar com as meninas, se você encontrar um lugar para onde gostaria de ir.

— Não posso deixar as meninas — digo. — Já fiz isso demais.

* * *

Um dia, no trabalho, enquanto estou almoçando na minha escrivaninha (nenhuma energia para ir lá fora, no calor), procuro na internet *hotel* e *castelo* e *Europa* e começo a olhar para as pequenas fotos que surgem no monitor. Um site leva a outro site, que leva a outro, como se eu estivesse caindo de um alçapão para o seguinte. Eu penso: Como podem existir tantos castelos assim? Vivem dizendo que a Europa é pequena, portanto na minha cabeça tenho a impressão de que não devia haver espaço suficiente para todos esses castelos.

A certa altura, percebo um hotel chamado O Torreão. A foto mostra um castelo com torres. Eu clico no site do hotel e tem início a exibição de uma pequena sequência de fotos: um castelo iluminado pela luz dourada do sol, depois uma torre comprida e quadrada, depois um mapa com cara de coisa muito antiga e que mostra um emaranhado de túneis subterrâneos. Depois uma grande piscina redonda.

Empurro a cadeira para trás, para longe de minha escrivaninha, e coloco a cabeça entre os joelhos. Tenho medo de ter ficado doidona sem me dar conta. Recapitulo o meu dia a fim de ter certeza de que não fumei nada.

Quando volto ao meu lugar, a sequência de fotos continua passando: castelo, torre, mapa, piscina. É o castelo de Howard — o castelo de Ray. O mesmo lugar. E então começo a rir. É um riso fraco, cheio de alívio. Porque o tempo todo que fiquei lendo a história de Ray, semana após semana, nunca acreditei que o castelo existisse.

Mapa, piscina, castelo, torre.

Eu o encontrei. Ou ele me encontrou.

* * *

Eu não pensava que um hotel pudesse ser tão caro — para pagar por duas noites de hospedagem, mais passagens aéreas, tenho de retirar uma parte dos fundos da minha aposentadoria. Faço todos os preparativos sem sequer acreditar que vou de fato. Tenho alguns dias de férias sobrando para tirar no trabalho e minha mãe cumpre a

promessa de ficar com as meninas. Quando os planos estão todos acertados e falta uma semana para eu partir, a verdade me atinge em cheio. A coisa toda parece uma loucura, uma autoindulgência, algo proibido. Ainda posso recuperar o depósito que fiz para o hotel, embora a passagem de avião não seja reembolsável. Quando telefono para minha mãe, ela nem quer saber de me ouvir.

— Você vai, sim, senhora — diz ela. — Está resolvido. Agora vá.

Fico com a sensação de que viagens transoceânicas rumo a terras estrangeiras são o tipo de vida que ela imaginava para mim.

Quando deixo as meninas na casa de minha mãe, Gabby me abraça e me beija e Megan sai do carro sem dizer uma palavra. Depois, quando estou saindo com o carro, ela vem correndo da casa. Eu paro, mas Megan já reduziu sua velocidade e leva algum tempo para chegar até onde está o carro.

— Você esqueceu alguma coisa? — pergunto.

Ela não responde. Há um minúsculo medalhão dourado pendurado em seu pescoço, mas ninguém sabe quem deu isso para ela. Agora é o auge do verão, as cigarras estão cantando nas árvores. Por fim, Megan diz:

— Você vai voltar, não vai?

— Megan! — exclamo.

Ela começa a chorar. Faz muito tempo que não a vejo chorar. Nisso, ela é como eu: seca.

Ergo os braços e lhe dou um beijo pela janela do carro.

* * *

Pego uma ponte aérea para Nova York e lá embarco num voo noturno para Paris. Uma sensação de irrealidade se instala em mim no aeroporto John F. Kennedy. Faz anos que não viajo de avião. Tive de comprar uma mala; tudo o que tínhamos em casa eram as velhas sacolas de lona que usávamos para amontoar tudo quando Seth viajava com a banda.

Meu assento fica na janela. Quando decolamos, as luzes da cidade parecem brasas. Tenho uma sensação de choque; se ao menos eu tivesse me dado conta de que tudo isso estava

acontecendo — aviões decolando e aterrissando, cidades parecendo brasas —, eu nunca teria caído tão fundo dentro da minha vida.

O hotel me enviou um pacote com coisas que não tive tempo de abrir na correria da partida. Ou talvez eu estivesse mesmo guardando para depois. Na verdade, o envelope é uma caixa rasa e reta, feita de papel cor de creme. Quando rompo o lacre, sinto um cheiro de baunilha, de especiarias. Dentro da caixa estão alguns cartões quadrados, impressos em tinta marrom sobre o mesmo papel cor de creme. O primeiro diz:

Expectativa: Você está quase aqui. O que significa que você está à beira de uma experiência que a mandará de volta para casa como uma pessoa ligeiramente diferente da que é neste exato instante.

Eu dou uma gargalhada, mas estou intrigada. Que diabo eles querem dizer com isso? Outro cartão:

O Torreão é um ambiente livre de eletrônicos e de telecomunicação. Feche os olhos, respire fundo: você consegue. Temos um cofre-forte onde todos os seus aparelhos podem ser guardados em segurança quando você chegar. Esse ritual de renúncia é importante. Se você sentir uma forte necessidade de se opor a isso, preste atenção. Talvez você não esteja preparada.

E outro cartão:

Além da música medieval na hora do jantar, no Salão Principal, não proporcionamos mais nenhum tipo de entretenimento formal no Torreão. Isso é tarefa sua. Confiamos em você. Agora, confie em si mesma.

De repente me apanho virando-me para o sujeito ao meu lado, que já está no casulo formado por seu cobertor azul fornecido pela companhia aérea e por uma máscara de dormir colocada sobre os olhos. Tem de haver alguém com quem eu possa compartilhar essa piada! Meu olhar varre o avião, fileira após fileira, e espero que um par de olhos se volte para mim com algum sinal de compreensão. Porque não estou sozinha. Sei disso. Sinto isso desde que vi o Torreão na tela de meu computador.

* * *

Aterrissamos às cinco e meia, num nascer do sol enevoadado. Não dormi. Minha imagem de Paris é formada sobretudo por funcionários do aeroporto que puxam as malas para fora do nosso avião e tagarelam em sua língua maravilhosa.

Outro avião, para Praga, depois um trem. Atravessamos uma parte pobre da cidade, crianças acenam para nós quando o trem passa. Por fim, caio no sono.

Acordo num mundo diferente. Montanhas, árvores. Pequenos chalés com vigas de madeira do lado de fora. Onde estou? Onde estão minhas filhas? Parece que congelo no assento, com a sensação de que fiz alguma coisa terrível, errada, que eu as abandonei, pus em risco a vida delas. Levo alguns minutos para me acalmar. E então me vem um pensamento estranho: de que nada daquilo é real, de que continuo em casa, com minhas filhas. Tudo continua exatamente do mesmo jeito, como sempre, mas numa outra dimensão uma parte de mim se desgarrou e está tendo este sonho.

Mais tarde, o condutor cutuca o meu ombro. Peguei no sono outra vez. O trem geme e suspira, entrando na estação. Quando desembarco, me espanto ao ver como o ar está frio. Um cara magro e louro chamado Jasper está à minha espera, e ele pega minha mala. Saímos da estação ferroviária rumo a um vale rodeado por colinas estreitas e pontudas. O castelo nos contempla do alto de uma colina situada bem na nossa frente, majestoso e marrom-dourado sob a luz do sol, e talvez ele seja exatamente do jeito que

eu imaginei, ou talvez ele tenha apagado o que quer que houvesse em minha mente antes de vê-lo. Mas ao erguer os olhos para o castelo, penso: *sim!*

Embarcamos na cabine de um teleférico que sobe a partir do vale. Enquanto deslizamos, sustentados por cabos grossos, olho para baixo e vejo que uma porção de árvores já estão nuas. Quando olho para cima, estamos voando depressa na direção da montanha e parece que vamos nos chocar em cheio de encontro a ela. Fecho os olhos.

Jasper diz:

— Medo, né?

— Dá, sim — respondo.

Um grande portão de ferro, duas torres. Uma porta lateral que leva para dentro. Tudo isso é tão familiar que parece que é a segunda vez que venho. Será que Ray descreveu isso tudo tão perfeitamente bem? Não tenho certeza. Eu adorava o que ele escrevia porque era ele quem escrevia, porque ele havia tocado nas páginas, porque aquilo nos proporcionava um meio de conversar. Eu tentava não questionar se era bom ou não.

O saguão é extravagante, silencioso, a pedra bruta das paredes é realçada por pequenas luzes brilhantes apontadas para cima, a partir do chão. O casal à minha frente é rico; até a pele deles parece cara. A mulher me olha de relance por um segundo, e fico aliviada quando ela desvia os olhos.

Ponho meus aparelhos eletrônicos dentro de uma caixa prateada, que eu tranco com uma chave que fica comigo. No meu caso, era só um secador de cabelo.

Jasper sobe comigo por uma escada de caracol, rumo ao meu quarto. Ele me fala sobre o castelo: o torreão foi construído primeiro, no século XII. Depois, nos séculos XIII e XIV, o restante do castelo foi construído. No século XVIII, ele foi convertido em propriedade de família.

Uma leve agitação dentro do meu peito. Parecem bolhas de sabão. Não consigo me concentrar.

Meu quarto poderia muito bem ser o quarto de Danny: teto alto, uma cama com cortina de veludo, a lareira com um pedaço de lenha

queimando, janelas pequenas e pontudas. Lá fora, vejo o torreão, quadrado e estreito, erguendo-se acima das árvores.

Deito-me e sinto o colchão ceder sob mim. Abro um segundo envelope, que me deram lá embaixo, onde encontro mais alguns daqueles cartões cremosos de baunilha.

Não pense nas roupas que vai usar. Fornecemos roupas folgadas e confortáveis que têm o mesmo aspecto, chova ou faça sol, de dia ou de noite, não importa quem as vista, para que você possa olhar para outras coisas.

Nossas instalações são absolutamente seguras. Você pode ir aonde bem entender, de dia ou de noite. Se precisar de luz (especialmente importante nos túneis), é só pedir. Nossa equipe é numerosa e, esperamos, discreta.

Tenha em mente o fato de que outros hóspedes podem estar usando um determinado espaço ao mesmo tempo que você. Lembre-se — você está aqui para falar consigo mesma, não com os outros. Não há nenhuma necessidade de trocar cumprimentos e nem mesmo de contato visual. Você tem o resto da vida para fazer isso.

Pego no sono. Quando acordo, o fogo na lareira se apagou, deixando o quarto frio, e minhas roupas estão suadas e sujas.

Tomo um banho quente demorado. Penteio o cabelo e o deixo solto. Visto a roupa que deixaram para mim, que parece uma roupa de fazer ginástica, só que é de caxemira, o que significa que é incrivelmente macia. Tem também um par de botas forradas e com sola de borracha. Percebo que meu peito está agitado de novo. As bolhas de sabão. Eu as imagino transbordando do pequeno bule do meu coração.

Tem que haver uma palavra para o sentimento que nasce de ver um lugar que a gente imaginou e constatar que ele corresponde exatamente às nossas expectativas. Mas eu não conheço essa palavra. Caminho por um corredor ladeado por lâmpadas em forma

de vela até uma escada de caracol que desce até um conjunto de portas de vidro que dão para o jardim. Trilhas de conchas brancas brilham no meio da densa vegetação. Há pequenas placas que indicam a direção de vários locais, mas na verdade eu não preciso delas. O torreão está bem na minha frente.

Em torno da base do torreão, os arbustos e as árvores foram podados. Uma mulher está sentada, de pernas cruzadas, sobre a grama verde e brilhante, e um homem está de pé a seu lado, protegendo os olhos da luz do sol. Nenhum dos dois olha para mim e, por um segundo, me sinto ofendida, invisível. Depois a sensação passa. Os dois estão vestidos exatamente como eu.

Ao subir a escada externa, sinto de novo o impulso de usar aquela palavra desconhecida. As solas de borracha das minhas botas aderem à pedra como uma ventosa e subo além do topo das árvores.

A porta do torreão é pesada. Meu coração bate com força quando eu a empurro e abro. Há uma segunda porta, exatamente como eu esperava, e além dela fica o quarto onde Danny conheceu a baronesa: dourado, radiante, cortinas pesadas junto a janelas pequeninas, um pôr do sol roxo-alaranjado se derramando de fora para dentro. A falta de uma palavra para definir a coincidência desse lugar com as minhas expectativas está começando a doer. Então escolho uma palavra. Escolho a palavra de Danny, *alto*, e lhe dou minha própria definição. *Alto*: quando as coisas são exatamente do jeito como a gente imaginou que seriam.

Há uma lareira com lenha acesa, um sofá forrado com brocados, uma mesa de madeira lustrosa de formato oval. *Alto, alto, alto*. Vou até as janelas e olho para fora, de costas para a porta. Minhas mãos tremem no parapeito da janela. Não digo a mim mesma o que estou esperando, mas é claro que eu sei.

Fico parada e espero. A expectativa é tão forte que tenho a impressão de que não vou aguentar. Ela vai acabar me derrubando. *Agora e agora e agora*.

Agora!

Ouçó um barulho e me viro. O quarto está vazio, mas o ar vibra de encontro a meus braços. Como se um fantasma tivesse entrado.

— Ray — sussurro.

Nenhum som. A lenha se mexe dentro da lareira.

— Ray.

Ando até a porta e abro, depois a segunda porta. Olho para baixo, para a escada externa, para a parte de cima das árvores e para o horizonte. “Ray”, chamo, mas o vento aumentou e desfaz minha voz em pedaços.

— Ray! Ray! Ray!

De repente estou gritando, porque ele tem de estar aqui. Deve estar; do contrário, gastei todo esse dinheiro, deixei minhas filhas e vim até aqui à toa, para nada.

Chamo seu nome até minha voz ficar fraca. Volto para dentro do torreão e me deito no sofá forrado com brocados. Estou tomada pela mais pura tristeza de que consigo me lembrar em toda minha vida — não é como na morte de Corey, quando a tristeza se misturava com a culpa, com a responsabilidade —, isto agora é só perda. Pura perda. Sei que Ray se foi e que nunca mais o verei.

Começo a chorar. Fico deitada, soluçando nas almofadas. Por duas vezes, ouço a porta se abrir, mas não ergo os olhos. Sei que não é Ray. São outras pessoas em roupas de ginástica feitas de caxemira, que saem assim que me veem ali.

Por fim, eu paro. Fico deitada enquanto a escuridão vai tomando conta do quarto. A única luz vem da lareira. E então ouço o toque de um sino. O som ondula para dentro das janelas, um som lindo e claro. Toca cinco vezes, cada toque é uma onda prateada que rola e quebra numa praia escura.

Quando o sino para de bater, ouço um movimento, como se o torreão repentinamente estivesse vivo. Chego até a senti-lo: um rumor por trás das paredes, portas que se abrem, o som sussurrante de pés, enquanto as pessoas descem do topo do torreão, passando por todas aquelas escadas internas, e começam a sair pelas portas no piso onde estou.

Hora do jantar.

Fico deitada, vazia de tanto chorar, e ouço os movimentos das pessoas que caminham. E, embora eu não queira comer nem ouvir música medieval ao vivo, eu me vejo levantando do sofá e saindo do quarto. Eu me junto ao fluxo de pessoas em trajes de ginástica

feitos de caxemira bege e, com elas, desço de volta pela escada externa.

Na base do torreão, o grupo segue por uma trilha branca de conchinhas rumo ao castelo. Tomo outro caminho. O ar bate frio e cortante em minhas mãos e em meu rosto, mas a caxemira mantém o restante do meu corpo aquecido. O pôr do sol é um rasgo alaranjado na base de um céu cinzento e sólido.

Funcionários do hotel estão acendendo velas ao longo das trilhas, cada uma dentro de um globo de vidro. *Alto*. Sei aonde estou indo, como se eu lembrasse.

O muro de ciprestes. Uma abertura iluminada por uma lanterna. Eu me espremo para passar e a beleza da piscina balança por dentro de mim, assim como o sino tinha feito — é enorme e redonda, iluminada por debaixo da superfície. A água é verde-clara. O mármore branco em volta da piscina deixa toda a área em torno bem clara, como se ainda fosse de tarde. Algumas pessoas estão sentadas em torno da beira da piscina, vestidas em grossos roupões bege. Algumas estão na água. Parei de olhar para os rostos, portanto não sei qual é a idade das pessoas, se são homens ou mulheres. De um lado, um pouco afastada, está uma tenda de pano.

O ar fere meus dedos e puxo as mãos para dentro das mangas do meu suéter. O frio faz subir um vapor da superfície da piscina, e a fumaça rodopia e se dissolve como uma porção de minirrodamosinhos. A cada segundo que passa vai ficando mais escuro, mas aquele globo de luz ao redor da piscina perdura, como uma bolha que a gente sabe que vai estourar, não consegue acreditar que ainda não estourou, mas lá está ela, intacta.

* * *

A última vez que vi Ray foi numa visita formal ao presídio. Eu não estava mais dando aula, o que facilitou a operação de ir até lá de carro, estacionar, entrar e dar meu nome. O guarda já me conhecia.

Como eu não estava na lista dos visitantes pré-aprovados para Ray, tive de tomar providências antecipadamente por intermédio de Calgary, ouvindo uma bronca a cada etapa do caminho: “Escute

aqui, Holly, eu não sei e nem quero saber, entende o que estou falando?” E: “Eu não tenho nada a ver com esse assunto, mas as pessoas estão comentando, ok?”

Eu dizia para ele:

— Ele quase morreu. Quero vê-lo de novo.

— É o que eu estou dizendo, a vida é sua, entende?

E assim por diante.

Sentei numa cadeira amarela e esperei na ruidosa sala de visitas, que estava cheia de crianças muito arrumadas e cansadas, e com cheiro de nachos vendidos em máquinas e aquecidos em fornos de micro-ondas. Vinte minutos depois, Ray entrou. O cabelo estava mais comprido e ele parecia bronzeado, mas talvez isso fosse só comparado com o quão pálido ele estivera no hospital. Eu o vi e tudo continuava igual entre nós, sem que nenhuma palavra fosse dita.

— Você está linda.

— Não consigo acreditar que você está vivo — falei.

— Nem eu — disse ele, e riu. — Não era minha vez, eu acho.

— Fico feliz — digo. — Fico muito feliz.

Ficamos calados. Não era exatamente desconfortável. Parecia que estávamos no mundo real, lá fora, ou mais próximos disso do que jamais estivéramos. Eu podia nos imaginar levantando e saindo juntos dali.

Ray se moveu e sentou-se a meu lado.

— Você se arriscou — disse ele —, vindo aqui desse jeito.

— Eu precisava vir.

E continuou assim, pequenos comentários separados por muitos silêncios, e o silêncio parecia mais poderoso do que todo o resto.

Meia hora, eu tinha dito para mim mesma. Deixei que aquilo se arrastasse por quarenta e cinco minutos.

— É melhor eu ir embora — falei.

— Só uma coisa.

Eu me recostei na cadeira.

— Aquele troço que eu escrevi — disse Ray. — Sei que era uma merda.

E quando tentei protestar que não era uma merda, estava apenas mal-acabado, precisava ser mais trabalhado, como tudo, era

o início, *blá-blá-blá*, ele colocou um dedo sobre meus lábios. Era a primeira vez que me tocava.

— Eu quero dar aquilo para você — disse ele. — Não que seja bom, a gente já acertou essa questão. Mas talvez você consiga transformar aquilo em alguma coisa decente.

Em seus olhos e em seu rosto, vi aquela esperança, aquela crença em mim que havia enchido minha vida durante tantos meses. Mas agora as aulas tinham terminado.

Ele estava observando meu rosto.

— Ou não. Não tem importância. Mas eu escrevi aquilo para você.

— Guarde com você — falei.

Ele se mostrou perplexo.

— Por quê?

— Não sei escrever — disse eu. — Vai ser melhor para você guardar a história.

— Não acredito em você.

— Desculpe — falei, porque a necessidade de confessar estava me inundando, eu não conseguia mais contê-la. — Não tenho nem qualificações.

— Mentira. — Ele parecia irritado.

— Estou lhe dizendo isso para que não faça nenhuma tolice — afirmei. — Eu não sou escritora. Nem professora.

— Eu sei quem você é — disse Ray.

Olhei para baixo, para minhas mãos. Estavam tremendo e as unhas estavam roídas. Eu devia ter ido a uma manicure. Houve uma pausa demorada e então Ray segurou as minhas mãos de unhas roídas nas suas. Era difícil acreditar que eram as mesmas mãos que eu havia segurado no hospital — aquelas haviam estado quentes, úmidas e inchadas. Agora, suas mãos estavam fortes, frias. Mãos saudáveis. Ele se recuperou bem, pensei.

— Holly — disse ele, e quando ergui os olhos Ray estava sorrindo de novo. Ele está feliz, pensei. Eu nunca o tinha visto feliz. — Você não entende? — perguntou. — Você é livre.

Entreolhamo-nos. Pensei: Parece que ele está se despedindo. Por quê, quando sou eu quem vai partir?

* * *

No vestiário de banhistas, uma senhora mais velha me entrega um maiô e um roupão grosso e atoalhado. Há cubículos privativos, com paredes de lona e espelhos de corpo inteiro, para trocar de roupa. Eu me observo enquanto visto o maiô. Trinta e três anos de vida dura, mas aqui estou eu.

Quando volto, está escuro, a não ser pelo grande círculo verde da piscina. O frio bate cortante nos meus dedos, nas panturrilhas e nos pés. Fico parada, escutando com atenção, porque um som novo começou, semelhante a milhares de pequeninos pedaços de vidro se quebrando em cima de mim, embaixo e à minha volta. Viro o rosto para o céu e então sinto aquilo, pitadas de frio sobre meu rosto: neve. No silêncio total daquele espaço, consigo ouvir a neve caindo pelo ar e pousando no mármore. Um trilhão de estalidos invisíveis.

Agora o vapor na piscina está mais denso, como rodopiantes fardos de feno branco. Mal consigo ver as pessoas por baixo do vapor.

E não sei se é a neve, ou a noite, ou aquela água verde-clara, ou alguma outra coisa separada de tudo aquilo, mas, à medida que ando até a borda da piscina, encho-me de um entusiasmo antigo, infantil. Espero, deixando a neve cair e bater em meu cabelo, em meu rosto, em meus pés. Deixo que o entusiasmo aumente até inundar meu peito.

Fecho os olhos e mergulho.

Sobre a autora

© Pieter M. Van Hattem



JENNIFER EGAN nasceu em Chicago e cresceu em São Francisco. É autora do premiado *A visita cruel do tempo*, que venceu o Pulitzer de Ficção 2011, o National Book Critics Circle Award e o Los Angeles Times Book Prize. Publicou trabalhos em revistas como *New Yorker*, *Harper's Magazine*, *Granta* e *GQ*. Por seus artigos de não ficção escritos para a *The New York Times Magazine* recebeu diversos prêmios jornalísticos. Vencedora do Galaxy National Book Awards 2011 na categoria Autor Internacional do Ano, Egan foi eleita uma das 100 pessoas mais influentes do ano de 2011 pela revista *Time*. A autora vive no Brooklyn com o marido e os filhos.

Conheça os livros da autora



A visita cruel do tempo



O torreão

Sumário

[Capa](#)

[Abertura](#)

[Elogios](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[PARTE UM](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[PARTE DOIS](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[PARTE TRÊS](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os livros da autora](#)